"*Maestra* apresenta uma heroína corajosa, complexa e perigosa. Irá agradar aos fãs de *Os homens que não amavam as mulheres* e *Garota Exemplar*."

– The New York Times

MAESTRA



L.S. HILTON

FÁBRICA231

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



L. S. HILTON

MAESTRA

Tradução de Júlio de Andrade Filho

FÁBRICA231

Para o Deus nórdico de tudo,
com gratidão.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo

PARTE UM: DO LADO DE FORA

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

PARTE DOIS: DENTRO

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

PARTE TRÊS: LÁ FORA

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

PARTE QUATRO: DO LADO DE FORA

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Epílogo

Créditos

A Autora

Prólogo

BAINHAS PESADAS E SALTOS ALTOS batiam e soavam no assoalho. Atravessamos o corredor para um conjunto de portas duplas, o murmúrio vindo lá de dentro indicando que os homens já tinham chegado. O quarto estava iluminado com velas, havia pequenas mesas posicionadas entre sofás e cadeiras baixas. Os homens que esperavam estavam vestidos com grossos pijamas de cetim preto e casacos com botões e laços, o brilho do tecido combinando com suas camisas engomadas. Uma pesada abotoadura ocasional ou um elegante relógio de ouro brilhavam à luz das velas, um monograma bordado ondulava sob um lenço de seda extravagante. Aquilo tudo teria parecido bobo, teatral demais, se os detalhes não fossem tão perfeitos, mas eu me sentia hipnotizada, minha pulsação lenta e intensa. Yvette estava sendo levada por um homem com uma pena de pavão presa no punho. Olhei para cima e vi outro homem se aproximando de mim, uma gardênia igual à minha na lapela.

— Então, é assim que são as coisas?

— Enquanto estivermos comendo, sim. Depois você pode escolher. *Bonsoir*.

— *Bonsoir*.

Ele era alto e magro, embora o o corpo fosse mais jovem que o rosto, bastante severo e vincado, com cabelos grisalhos penteados para trás sobre uma testa alta e grandes olhos ligeiramente encapsulados como um santo bizantino. Ele me levou para um sofá, esperou enquanto eu me sentava e me entregou uma taça de cristal de vinho branco, claro e translúcido. A formalidade era arcaica, mas eu gostei da coreografia. Julien certamente apreciava o prazer da antecipação. As garçonetes, em sua maioria desnudas, reapareceram com pequenos pratos de minúsculos pastéis de lagosta, e, depois, peito de pato desfiado sobre um molho de mel e gengibre, e doces crocantes de framboesa e morango. Eram apenas sugestões de comida, nada para saciar a fome.

— As frutas vermelhas deixam o sabor da vagina de uma mulher muito mais delicioso — comentou meu companheiro.

— Eu sei.

As conversas eram tranquilas, mas as pessoas sobretudo observavam e bebiam, olhando umas para as outras e para os movimentos rápidos das garçonetes, que tinham corpos de bailarinas; eram magras, mas com musculatura forte, as panturrilhas apertadas nas botas de cano alto. Um trabalho paralelo das meninas da companhia de balé? Vi Yvette ao longe, do outro lado da sala, sendo alimentada com um garfo de prata que espetava figos recheados de amêndoas; seu corpo deitado como o de uma serpente, uma parte da coxa escura apenas sugerida sob a seda vermelha. Solenemente, as garçonetes circularam pelo salão com apagadores de velas, diminuindo o brilho das luzes em uma nuvem de cera de abelha e, enquanto faziam isso, senti a mão do homem na minha coxa, circulando e acariciando, totalmente sem pressa, e uma resposta veio tensa entre as minhas pernas. As meninas arrumavam bandejas rasas contendo preservativos, pequenas garrafas de cristal de óleo de monoï lubrificante, servidos em pratos de bombons. Alguns dos casais se beijavam, felizes com os seus parceiros, outros se levantavam educadamente e atravessavam a sala para encontrar a presa que tinham escolhido anteriormente. A túnica de Yvette pendia sobre as pernas abertas, e a cabeça de um homem estava mergulhada ali. Cruzei meu olhar com o dela e ela sorriu, sensualmente, antes de deixar a cabeça cair entre as almofadas com o movimento de êxtase de um viciado.

PARTE UM

DO LADO DE FORA

Capítulo um

SE VOCÊ ME PERGUNTASSE como tudo começou, eu poderia lhe responder a sério que, na primeira vez, foi apenas um acidente. Devia ser mais ou menos seis da tarde, aquela hora em que a cidade se agita novamente sobre seu eixo, e, embora as ruas lá em cima estivessem sendo varridas pelo vento cortante de outro mês de maio desolador, a estação de metrô estava úmida e abafada, sórdida até, com jornais descartados e guardanapos de fast-food largados no chão, turistas irritados em suas roupas berrantes amontoados com os passageiros pálidos e resignados. Eu esperava na plataforma da linha de metrô de Piccadilly no Green Park após outro fabuloso começo de outra fabulosa semana em que eu seria intimidada e tratada como idiota naquele meu emprego superfabuloso. Quando o trem ao lado oposto se afastou, um gemido coletivo baixo percorreu a multidão. O luminoso mostrava que o próximo trem estava preso em Holborn. Alguém nos trilhos, provavelmente. Típico, você podia ver as pessoas pensando isso. Por que eles sempre acham que devem se atirar nos trilhos bem no horário de pico? Os passageiros por toda a fila estavam se afastando, e entre eles uma garota em saltos altíssimos e um vestido superjusto, um azul berrante. *Era um Alaïa da estação passada da Zara*, pensei. Provavelmente ela ia a caminho da Leicester Square com os outros babacas idiotas. Seu cabelo era extraordinário, uma grande cascata cor de ameixa com apliques de algum tipo de fio de ouro que absorvia e refletia a luz de néon.

— Judeee! Judy! É você?

Ela começou a acenar para mim com entusiasmo. Eu fingia não ouvir.

— Judy! Aqui!

As pessoas estavam começando a olhar. A garota vinha mancando precariamente perto da faixa de segurança amarela.

— Sou eu! Leanne!

— Sua amiga está chamando — disse a mulher ao meu lado, solícita.

— Falo com você lá em cima em um minuto!

Eu não ouvia mais vozes como a dela. E nunca esperaria ouvir a dela novamente. Ela obviamente não ia sumir, e o trem, por sua vez, não mostrava nenhum sinal de aparecer, então ajeitei minha pesada pasta de couro no ombro e abri caminho através da multidão. Ela estava esperando no corredor entre as plataformas.

— Oi! Achei mesmo que era você!

— Oi, Leanne — respondi cautelosamente.

Ela tropeçou os últimos passos em minha direção e jogou os braços em volta de mim como se eu fosse sua irmã há muito perdida.

— Quem diria! Trabalhando num escritório? Eu não sabia que você estava aqui em Londres.

Não ressaltei que isso se devia, provavelmente, ao fato de não termos nos falado em uma década. Amizade no Facebook não era uma coisa realmente do meu estilo, e eu não precisava ser lembrada, não mesmo, de onde eu tinha vindo.

Mas aí, eu me senti uma vaca por agir assim e falei:

— Você está ótima, Leanne. Eu amo seu cabelo.

— Não uso mais Leanne, na verdade. Agora sou Mercedes.

— Mercedes? Isso é... Hã... Legal. Eu agora uso Judith, na maioria das vezes. Parece mais adulto.

— Isso mesmo, olhe só pra nós, hein? Somos adultas.

Eu não acho que soubesse, então, como me sentia quanto a isso. E acho que nem ela.

— Escute, tenho uma hora vaga antes do trabalho. Topa um drinque rápido, pra gente colocar o papo em dia?

Eu poderia ter dito que estava ocupada, que estava com pressa, ter anotado o telefone dela como se eu fosse realmente ligar algum dia. Mas para onde eu tinha que ir? E havia algo naquela voz estranhamente bem-vinda em sua familiaridade que me fez sentir solitária e tranquilizada ao mesmo tempo. Eu tinha apenas duas notas de vinte libras, essa era toda a minha fortuna, e faltavam quatro dias para o meu pagamento. Ainda assim, algo poderia acontecer, então...

— Claro — respondi. — Deixe-me lhe pagar uma bebida. Vamos para o Ritz.

Dois coquetéis de champanhe no bar do Rivoli, 38 libras. Eu tinha 12 no meu cartão do vale-transporte e duas na mão. Não me sobraria muito para comer até

o fim da semana. Foi estúpido, talvez, querer me exibir assim, mas, às vezes, você precisa mostrar ao mundo um pouco de coragem. Leanne — Mercedes — pescou entusiasticamente a cereja marasquino que balançava no fundo da taça, usando uma unha postiça cor fúcsia, e depois tomou um gole alegremente.

— Isso estava bom demais, obrigada. Embora hoje em dia eu prefira uma taça de Roederer.

Bem, ninguém mandou "eu" querer ser espalhafatosa.

— Trabalho aqui perto — comentei. — Com arte. Em uma casa de leilões. Sou responsável pelos Velhos Mestres — Isso não era verdade, mas eu apostava que Leanne não saberia distinguir um Rubens de um Rembrandt.

— Que chique... — respondeu ela.

Mas parecia entediada agora, brincando com o misturador do drinque. Eu me perguntei se estaria arrependida de ter me chamado, mas, em vez de me sentir irritada, tive um sentimento patético de querer agradá-la.

— É sim — respondi confiante, sentindo o álcool e o açúcar me acalmando enquanto navegavam pelo sangue. — Mas o salário é uma porcaria. Normalmente, acabo o mês sem um centavo.

"Mercedes" me contou que estava morando em Londres já fazia um ano. E trabalhava em uma champanheria em St. James.

— Tenho que reconhecer que é um lugar elegante, mas vive cheio daqueles mesmos velhos safados. Nada desonesto — ela acrescentou rapidamente. — É apenas um bar. E as gorjetas são incríveis.

Ela alegou que estava conseguindo ganhar 2 mil por semana.

— Mas você ganha peso, infelizmente — disse ela com tristeza, cutucando a barriga minúscula. — Toda aquela bebida. Pelo menos, a gente não tem que pagar. E "derrame tudo nas plantas, se tiver que fazer isso", Olly costuma dizer.

— Quem é Olly?

— O proprietário. Ei, você devia aparecer por lá qualquer hora, Judy. Fazer um bico, se estiver limpa... Olly está sempre procurando por meninas. Quer tomar mais um?

Um casal mais velho, provavelmente indo para a ópera, ocupou a mesa à nossa frente. A mulher correu os olhos criticamente pelas pernas de Mercedes, com seu bronzeamento artificial, e pelo seu decote ousado. Mercedes girou na cadeira, olhando diretamente nos olhos da senhora, e, lenta e deliberadamente,

descruzou as pernas e depois as cruzou de novo, dando a mim e ao pobre bode velho que acompanhava a mulher um vislumbre de sua calcinha de renda preta. Não houve necessidade de perguntar se alguém tinha algum problema por ali.

— Como eu estava dizendo — disse ela, quando a mulher se virou para o cardápio de bebidas, roxa como uma beterraba —, é muito legal. As meninas são de todos os cantos. Você ficaria demais se se arrumasse um pouco. Vamos.

Olhei para meu terninho preto de tweed. O paletó meio puído pelo uso, a saia plissada um tanto esvoaçante. Era para parecer provocante, digamos assim, com um ligeiro toque intelectual — ou, pelo menos, era isso o que dizia a mim mesma quando desajeitadamente remendava as bainhas pela enésima vez —, mas ao lado de Mercedes eu parecia mais um corvo deprimido.

— Agora?

— Sim, por que não? Eu tenho um monte de coisas na minha mochila.

— Eu não sei, Leanne.

— Mercedes.

— Desculpa.

— Vamos lá, você pode usar meu corpete de renda. Vai ficar demais com seus peitos. A menos que você tenha um encontro.

— Não — retruquei, inclinando a cabeça de novo para pegar as últimas gotas de angostura com as bolhas de champanhe. — Não tenho um encontro.

Capítulo dois

EU LI EM ALGUM LUGAR que causa e efeito são prevenções contra o acaso, contra a mutabilidade terrivelmente imprecisa do destino. Por que fui com Leanne naquele dia? Não tinha sido um dia pior do que qualquer outro. Mas as escolhas são feitas antes das explicações, quer a gente se importe ou não em conhecê-las. No mundo da arte, existem apenas duas casas de leilões que você precisa realmente conhecer. São aquelas que realizam negócios de 100 milhões de libras, que lidam com as coleções de duques desesperados e oligarcas socialmente ansiosos, que encaminham mil anos de beleza e de trabalhos manuais através de seus quartos silenciosos como museus, transformando tudo isso em dinheiro, o sensual dinheiro. Quando consegui o emprego na British Pictures, três anos antes, senti que finalmente tinha conseguido. Por um dia ou dois, pelo menos. Logo percebi que os carregadores, os caras que realmente carregavam peso, eram as únicas pessoas por ali que se importavam com as telas. O resto delas ficava lá realmente coçando o saco. Apesar de eu ter conseguido o emprego por mérito, apesar de trabalhar duro, de ser diligente e de meu quase sempre impressionante conhecimento da arte, fui obrigada a admitir que, naquilo que dizia respeito aos padrões da Casa, eu não era nitidamente impressionante. Depois de duas semanas no departamento, tinha concluído que ninguém, de fato, se importava se você era capaz de distinguir um Bruegel de um Bonnard, porque lá havia outros códigos mais vitais para se quebrar.

Mas existiam algumas poucas coisas de que eu ainda gostava em relação ao meu trabalho naquela casa de leilões, mesmo depois de três anos. Eu gostava de passar em frente ao porteiro uniformizado e entrar no saguão perfumado com o aroma das orquídeas. Gostava também da satisfação que sentia com os olhares reverentes dos clientes, olhares que eram reservados aos "especialistas", enquanto eu subia a imponente escadaria de carvalho, porque, naturalmente, tudo ali parecia ter três séculos de imponência. Também gostava de ficar bisbilhotando as conversas das secretárias trilíngues, suas vogais francesas e italianas revoando

tão impecavelmente quanto o cabelo. E gostava que, ao contrário delas, não precisava ficar me contorcendo para apanhar uma mecha rebelde escapando de minha chapinha. Eu me sentia orgulhosa daquilo que havia conseguido, atingindo a posição de assistente depois de um ano trabalhando como estagiária. Não que eu pretendesse permanecer no departamento por muito tempo. Eu não passaria o resto da minha vida olhando pinturas de cães e cavalos.

Aquele dia, o dia em que esbarrei em Leanne, tinha começado com um e-mail de Laura Belvoir, a chefe adjunta do departamento. Foi intitulado "Ação Imediata!", e não trazia nenhum texto no corpo. Atravessei o escritório para perguntar o que ela queria. Os chefes tinham estado recentemente em um curso de gestão, e Laura realmente gostara do conceito de comunicação digital entre chefe e subordinados, embora ainda não tivesse, infelizmente, dominado totalmente a capacidade de escrever o que queria.

— Quero que você faça as localizações para os Longhi.

Estávamos preparando uma série de imagens de grupos do artista veneziano para a próxima venda italiana.

— Você quer que eu vá checar os títulos no depósito?

— Não, Judith. Esse é o trabalho de Rupert. Vá para a Heinz e veja se você pode identificar as telas.

Rupert era o chefe do departamento, que raramente aparecia antes das onze.

O arquivo Heinz tem um enorme catálogo de pinturas identificadas, e eu deveria procurar quais fidalgos britânicos poderiam ter posado para Longhi em seus coquetéis durante o século XVIII, pois a identificação de indivíduos em particular poderia torná-los mais interessantes para os compradores.

— Tudo bem. Você teria algumas fotografias, por favor?

Laura suspirou.

— No arquivo. Elas estão marcadas como Longhi/Primavera.

Como a casa ocupava um quarteirão inteiro, isso representava uma caminhada de cerca de quatro minutos entre o departamento e a biblioteca e o arquivo, coisa que eu fazia muitas vezes durante o dia. Apesar dos rumores de que era o século XXI lá fora, a casa de leilões continuava sendo gerida, em grande parte, como um velho banco vitoriano. Muitos dos funcionários passavam seus dias se arrastando pelos corredores entregando sacolas cheias de papel para os outros. O arquivo e a biblioteca não eram sequer informatizados; muitas vezes

eu me deparei com um dos fantasmas das obras de Dickens desanimadamente entalado em cubículos escuros, entre montes de recibos e cópias triplicadas em xerox. Peguei o envelope com as fotos e voltei à minha mesa para apanhar a minha bolsa. O telefone tocou.

— Alô? É a Serena, estou com as calças de Rupert aqui.

Fui até a recepção, peguei o pesado pacote do alfaiate de Rupert, carreguei-o por aqueles quase quinhentos metros desde a Savile Row e levei-o de volta para o departamento. Laura ergueu os olhos.

— Você não foi ainda, Judith? Que diabos andou fazendo? Bem, já que está aqui, por favor, poderia me trazer um cappuccino? Não vá à cantina, vá até aquele lugar simpático em Crown Passage. Peça recibo.

Café entregue, parti a pé até o Heinz. Eu tinha cinco fotografias na bolsa, cenas no teatro Fenice, do Zattere e de um café no Rialto, e, após vasculhar as caixas por algumas horas, fiz uma lista de doze identificações positivas de fidalgos que estavam na Itália nas mesmas datas em que os retratos tinham sido feitos. Fiz uma checagem adicional, cruzando o inventário de Heinz com os retratos, de forma que a identificação pudesse ser indexada ao catálogo, e levei de volta para Laura.

— O que é isso?

— Os Longhi que me pediu para fazer.

— Mas esses são da venda efetuada há seis anos. Sério, Judith. As fotos estavam no meu e-mail de hoje de manhã.

Deve ter sido o e-mail que não tinha nada escrito.

— Mas, Laura, você disse que elas estavam no arquivo.

— Eu quis dizer no arquivo eletrônico.

Eu não disse nada. Fiz meu login no catálogo online, encontrei as fotos corretas (arquivadas como "Lunghi"), fiz o download delas para o meu celular e voltei para o Heinz com vontade de mandar Laura para aquele lugar por ter me feito perder tanto tempo. Eu tinha terminado a segunda série de atribuições no mesmo momento em que ela estava voltando do almoço no Caprice, e comecei a telefonar para os convidados que ainda não tinham confirmado a presença na venda particular do acervo. Depois, escrevi as biografias e enviei por e-mail a Laura e Rupert; mostrei a Laura como abrir o anexo, tomei o metrô para o depósito da Applied Arts perto do Chelsea Harbour para verificar uma amostra de

seda que Rupert achava que poderia combinar com as telas de Longhi, descobri sem nenhuma surpresa que não combinava, caminhei de volta a maior parte do caminho porque a linha circular estava parada na Edgware Road e fiz um desvio na Lillywhite, em Piccadilly, para pegar um saco de dormir para o acampamento do filho de Laura, reaparecendo exausta e encardida às 5:30, para receber outra bronca por faltar à visualização do departamento das pinturas nas quais tinha passado a manhã toda trabalhando.

— Honestamente, Judith — Laura comentou —, você nunca vai progredir se ficar passeando pela cidade quando deveria cuidar de suas obrigações aqui.

Deixando de lado minhas contorções para me livrar desses fios invisíveis que me atormentavam, talvez não fosse tão surpreendente que, quando me deparei com Leanne na estação do metrô, um pouco mais tarde, eu realmente sentia que precisava de uma bebida.

Capítulo três

MINHA ENTREVISTA NA GSTAAD CLUB, naquela noite, consistiu em Olly, o enorme e rabugento finlandês que era o dono, o *maître* e o leão de chácara da boate, me olhando por cima da blusa rendada cor da pele que eu havia vestido rapidamente nos banheiros do Ritz.

— Você pode beber? — perguntou ele.

— Ela é de Liverpool — riu "Mercedes", e isso foi tudo.

E assim, durante as oito semanas seguintes, trabalhei naquela boate nas noites de quintas e sextas-feiras. Não era um horário em que a maioria das pessoas da minha idade aceitaria trabalhar, mas fazer uma happy hour com a equipe da casa de leilões não era realmente um grande atributo da minha carreira. O nome, assim como tudo o mais relativo àquele lugar, era datado e pretensamente classudo; a única coisa que se mostrava verdadeira ali era o estupendo e inflacionado preço do champanhe. Na verdade, a boate não parecia muito diferente da Annabel's, a boate a algumas ruas de distância, na Berkeley Square. As mesmas paredes amarelas que encantavam patricinhas e mauricinhos, os mesmos quadros bons-ruins, a mesma trágica coleção de homens maduros e barrigudos, o mesmo bando de garotas que não eram, necessariamente, meninas de programa, mas que sempre precisavam de um pouco de ajuda com o aluguel. O trabalho era simples. Cerca de dez garotas se reuniam meia hora antes da boate abrir, às nove da noite, para uma "injeção de ânimo" providenciada pelo barman Carlo, em seu casaco branco passado de maneira impecável, mas que tinha um odor ligeiramente desagradável. O restante da equipe consistia de uma velha *babushka* que ficava na chapelaria e Olly. Pontualmente às nove, ele destrancava a porta e fazia sempre a mesma piada.

— Muito bem, meninas, tirem suas calcinhas.

Depois que ele abria a casa, nós nos sentávamos e ficávamos conversando, folheando revistas de celebridades e mandando mensagens de texto até que os

clientes começassem a chegar. Quase sempre sozinhos. A ideia era que o cliente selecionava a garota que mais gostasse e ia com ela até uma daquelas alcovas decoradas de veludo rosa, o que era conhecido de forma bastante direta como "estar reservada". Quando você estava "reservada", seu objetivo era fazer com que seu parceiro pedisse o maior número possível de garrafas de champanhe com um preço ridiculamente alto. A gente não recebia salário, apenas 10% em cada garrafa e em tudo o que o cliente pedisse. Na minha primeira noite, cambaleei para longe da mesa no meio da terceira garrafa e tive de pedir à *babushka* para segurar meu cabelo enquanto vomitava.

— Garota estúpida — disse ela, com uma sombria satisfação. — Não era para você beber.

Então, eu aprendi. Carlo servia o champanhe, em taças enormes como aquários, e nós as esvaziaríamos no balde de gelo ou nos vasos de flores assim que o cliente se levantasse. Outra estratégia era convencer o cliente a convidar uma "amiga" para partilhar uma taça. As meninas usavam *scarpins*, nunca sandálias de dedo, porque outro artifício era convencê-lo a saborear a bebida em seu sapato. Você pode servir uma quantidade surpreendente de champanhe em um Louboutin tamanho 39. Se tudo mais falhasse, nós esvaziaríamos a bebida no chão, mesmo.

No começo, parecia algo realmente milagroso que o lugar continuasse aberto. Todo aquele flerte com a mão pesada e o custo exorbitante pela nossa companhia era positivamente exagerado. Por que algum homem se importaria em vir a este lugar se ele poderia chamar qualquer mulher usando um aplicativo de celular? Era tudo tão dolorosamente antiquado. Mas aos poucos fui percebendo que era exatamente por esse motivo que eles continuavam voltando. Nem todos vinham atrás de sexo, embora muitos deles ficassem um tanto brincalhões depois de verter algumas taças. Eles não eram do tipo garanhão, esses homens, nem mesmo em seus sonhos. Eram caras comuns de meia-idade, que queriam fingir por algumas horas que estavam num encontro com uma mulher, uma garota bonita, bem-vestida e de maneiras decentes, e que na verdade desejavam *conversar* com eles. Mercedes, com suas unhas compridas e cabelo espalhafatoso, era a irreverente oficial para os clientes que queriam algo um pouco mais atrevido, mas Olly preferia que as outras de nós usássemos roupas simples, de bom corte, não muita maquiagem, cabelos limpos, joias discretas. Os clientes não queriam

confusão, nem correr riscos, nem mesmo o constrangimento de ter uma ereção. E também não queriam suas esposas descobrindo tudo. Por mais inacreditavelmente patético que fosse, eles só queriam sentir-se queridos.

Olly conhecia seu mercado, e ele o servia perfeitamente. A boate tinha uma pequena pista de dança, com Carlo fazendo as vezes de DJ, para dar a ideia de que, a qualquer momento, o nosso camarada poderia nos puxar pela mão e fazer-nos girar na discoteca, embora nós nunca devêssemos incentivar tal coisa. No cardápio, a casa oferecia carnes e vieiras bem aceitáveis, e sundaes — os homens de meia-idade gostam de assistir às meninas comendo doces engordativos. Obviamente, o sundae ficava parado pelo tempo necessário para uma discreta visita ao banheiro. As garotas que tomavam drogas ou que eram muito chegadas em sacanagem não duravam uma noite — um polido aviso do proprietário dizia que era estritamente proibido oferecer-se para acompanhar para fora das dependências da boate qualquer uma das jovens da casa. Os clientes deviam somente nos desejar.

Eu me vi ansiando pelas noites de quinta e de sexta. Com a exceção de Leanne (eu realmente não conseguia pensar nela como Mercedes ainda), as meninas não foram nem amigáveis nem hostis; agradáveis, mas indiferentes. Elas não pareciam interessadas em minha vida, talvez porque nenhum dos detalhes já revelados sobre suas próprias vidas fossem reais. Na primeira noite, enquanto nós duas avançávamos meio cambaleantes pela rua Albemarle, Leanne sugeriu que eu escolhesse um nome para usar na boate. Meu nome do meio era Lauren; neutro, poderoso.

Eu disse que estava estudando história da arte em tempo parcial. Todas as garotas pareciam estudar alguma coisa, principalmente administração de empresas, e talvez fosse verdade para algumas delas. E nenhuma era inglesa; era evidente que a ideia de que elas estavam trabalhando no bar para tentar melhorar de vida deve ter tocado alguma corda do tipo Eliza Doolittle nos parceiros. Leanne estava aprimorando seu estridente sotaque de Liverpool — "mother" soa como "mudder". Eu modifiquei o meu próprio sotaque, o que eu usava no trabalho, que se tornara a voz que eu sonhara, para torná-lo um pouco menos o padrão formal das famílias aristocráticas do sul. Para a evidente satisfação de Olly, eu ainda soava relativamente "luxuosa".

No meu emprego diurno, na rua Prince, havia aqueles pequenos milhares de

códigos. O lugar de qualquer pessoa na escala social poderia ser calibrado à enésima potência com um simples olhar, e aprender as regras era muito mais difícil do que identificar pinturas, porque todo o sentido dessa regulamentação era que, desde que você estivesse do lado de dentro, ninguém lhe ensinava mais nada. Todas aquelas horas que passei treinando cuidadosamente como falar e como andar poderiam ter feito passar no teste com a maioria as pessoas — Leanne, por exemplo, pareceu confusa e impressionada com a minha transformação —, mas em algum lugar dentro da casa de leilões havia uma caixa com as chaves de *Alice no País das Maravilhas* que eu nunca possuiria, chaves que destrancariam até mesmo os menores jardins cujas paredes eram ainda mais inexpugnáveis, porque eram invisíveis. Na Gstaad, porém, eu era o símbolo de uma pessoa respeitável da alta classe e as garotas, caso pensassem sobre isso, não eram capazes de perceber a diferença entre esposas, namoradas e debutantes aposentadas que ocupavam as páginas secundárias das revistas de fofocas. Claro que, em um sentido mais profundo, elas estavam certas.

As conversas na boate eram principalmente sobre roupas, sobre comprar sapatos e bolsas de marca, e os homens. Algumas das meninas afirmavam ter namorados firmes, muitos deles casados, o que, nesse caso dava o motivo perfeito para reclamarem incessantemente; outras estavam namorando, o que também era o mote para reclamarem incessantemente desses namorados. Para Natalia e Anastasia e Martina e Karolina parecia uma verdade evidente que os homens eram um mal necessário, a ser suportado por uma questão de sapatos, bolsas e jantares no sábado à noite nos restaurantes japoneses em Knightsbridge. Elas falavam muito sobre as mensagens de texto, sobre a frequência e quantidade de afeto que recebiam, mas a verdadeira emoção era reservada para a possibilidade de que os homens estivessem vendo outras mulheres, ou deixando de oferecer presentes suficientes. Planos e contraplanos se seguiam, com elaborados artifícios nos celulares, havia conversas de homens com lanchas, até mesmo homens com aviões, mas eu nunca tive a sensação de que alguma dessas coisas envolvesse prazer. O amor não era uma linguagem com a qual alguma de nós soubesse lidar; peles macias e coxas apertadas eram a nossa moeda, moeda que só tinha valor para aqueles que fossem velhos demais para se incomodar com aquilo. Os homens mais velhos, e isso foi acordado de um modo geral, eram menos incômodos, embora eles recebessem uma boa dose de gritos estridentes sobre suas

deficiências físicas. A calvície, a halitose e o uso de Viagra eram a realidade, embora ninguém pudesse imaginar que isto fosse possível ao ler as mensagens provocantes que formavam a comunicação entre as garotas e os seus homens. Era assim que funcionava seu mundo, e elas compartilhavam suas lágrimas ocasionais e seu desprezo com as outras meninas.

Pela primeira vez, na Gstaad, eu tinha o que pareciam ser amigas, e me sentia um pouco envergonhada pela maneira como ficara feliz com isso. Nunca tive amigas na escola. Ao contrário, eventualmente aparecia com o olho roxo, uma atitude agressiva altiva, um problema sério em sempre matar as aulas e uma apreciação saudável da alegria de fazer sexo, mas não tinha tempo para amigos. Além da explicação de que tínhamos nos conhecido no norte, Leanne e eu fizemos um acordo tácito não dito de que fôramos amigas íntimas na adolescência (caso pudesse ser considerada amiga íntima uma pessoa que não teve a cabeça enfiada na privada por você) e nunca nos referíamos a este acordo. Além de Frankie, a secretária do departamento na casa de leilões, a única presença feminina constante na minha vida eram as minhas colegas de quarto, duas meninas coreanas honestas que estudavam medicina no Imperial College. Nós usávamos uma escala de serviços de limpeza fixada no banheiro, e todas cumpríamos educadamente o que estava listado, mas, além disso, quase não havia necessidade de conversa. Com exceção das mulheres que conheci no tipo especial de festa que eu gostava de ir, só esperei encontrar hostilidade e desprezo vindo da parte de meu próprio sexo. Nunca aprendi como fazer fofoca, ou dar conselhos, ou a ouvir as intermináveis lamentações de desejos frustrados. Mas, aqui, descobri que eu poderia participar. No metrô, deixei de ler o *Burligton Magazine* e o *The Economist* e os substituí por *Heat* e *Closer*, de modo que, quando a conversa sobre homens enjoasse, eu poderia também participar das conversas intermináveis sobre telenovelas e artistas de cinema. Inventei um coração partido (e a sugestão de um aborto) para explicar a minha falta de encontros. Não "estava pronta", e gostei de ser aconselhada sobre ser a hora de "virar a página e seguir em frente".

Mantive essa minha estranha incursão noturna exclusivamente para mim. Era algo que me parecia adequado, percebi, esse estranho e pequeno universo concentrado, onde o mundo lá fora parecia muito longe, onde nada era absolutamente verdade. Isso me fazia sentir segura.



Leanne não tinha mentido sobre o dinheiro. Exagerou, talvez, mas, ainda assim, era bastante extraordinário. Contando meu percentual sobre as garrafas, apesar da tarifa de táxi para casa, eu ganhava cerca de 600 por semana, limpos, em gorjetas, em notas amassadas de vinte e cinquenta, às vezes até mais. Em duas semanas, eu tinha coberto meu cheque especial e, algumas semanas depois, peguei o trem no domingo até um outlet perto de Oxford e fiz alguns investimentos. Uma saia preta Moschino para substituir minha pobre e velha saia Sandro, um vestido de noite Balenciaga dolorosamente branco, sapatilhas Lanvin e um vestido floral DVF. Finalmente tratei meus dentes pelo Sistema Nacional de Saúde na rua Harley, marquei hora no Richard Ward e cortei meu cabelo, tão sutilmente que parecia o mesmo, mas cinco vezes mais caro. Nada disso era para a boate. Para o trabalho noturno, comprei alguns vestidos numa rua acima e completei o visual com alguns *scarpins* Loubie. Limpei uma prateleira no meu guarda-roupa e coloquei com cuidado a maioria de minhas aquisições, todas embrulhadas naqueles plásticos de lavanderia. Eu gostava de olhar para elas, admirando-as como se estivesse no modo avarento. Quando eu era criança, devorava livros de Enid Blyton, como *The Twins at St. Clare's* ou *First Term at Malory Towers*. Aquelas roupas novas eram meu uniforme, o uniforme de quem eu ia ser.

Ele começou a vir depois de eu estrar trabalhando na boate há um mês. As quintas-feiras costumavam ser a noite mais movimentada, sempre antes que os homens dos escritórios voltassem para casa, mas estava chovendo forte lá fora e só havia dois clientes no bar. As revistas e os celulares não eram permitidos assim que os clientes chegavam, então as meninas estavam lá, todas apáticas, se apertando agachadas sob o toldo e fumando cigarros, tentando desajeitadamente proteger seus cabelos da chuva. O sino tocou e Olly entrou.

— Sentem-se direito, garotas! É a sua noite de sorte!

Poucos minutos depois, um dos homens mais grosseiros que eu já tinha visto balançou a vasta barriga no salão. Ele nem sequer tentou sentar-se em um dos bancos do bar, mas seguiu diretamente para a banqueta mais próxima, acenando irritado para que Carlo se afastasse enquanto afrouxava a gravata e

enxugava o rosto com o lenço. O homem tinha um jeito tão desleixado que só um alfaiate extraordinariamente competente poderia resolver, e seu alfaiate tinha estado claramente sobrecarregado. O paletó aberto revelou uma camisa creme esticada ao longo da barriga que repousava sobre os joelhos abertos, as dobras do pescoço se esparramando pelo colarinho, e até os sapatos pareciam estar estufados. Ele pediu um copo de água gelada.

— Faz tempo que não via o Fatty por aqui — assobiou alguém.

Foi o sinal para que as garotas passassem a conversar animadamente, jogando os cabelos para trás e olhando por baixo de seus longos cílios, tentando fazer parecer como se estivéssemos lá por um simples acaso, sem acompanhantes e apertadas em nossos vestidos, até que o cliente fizesse a sua escolha. E o gordão era um homem que escolhia rápido. Ele acenou com a cabeça para mim, as cortinas flácidas e manchadas de seu rosto se abriam em um sorriso. Enquanto eu cruzava o salão, notei as listras na gravata descartada e o anel de sinete na dobra de seu dedo mindinho. Uau...

— Sou Lauren — sorri, com a voz entrecortada. — Gostaria que eu o acompanhasse?

— James — disse ele.

Sentei-me cuidadosamente, as pernas cruzadas na altura do tornozelo, e olhei para ele, em uma expectativa trêmula. Não fale até que eles queiram.

— Suponho que você queira que eu lhe pague uma bebida — disse James meio a contragosto, como se ele soubesse como a casa trabalhava, mas que, ainda assim, sentia que isso era uma imposição.

— Obrigada. Isso seria ótimo.

Ele nem olhou para o cardápio.

— Qual é a bebida mais cara?

— Bem, eu acho que... — hesitei.

— Vamos, menina, vamos logo com isso.

— Bem, James, a mais cara seria a Cristal de 2005. Gostaria dessa?

— Pode pedir. Eu não bebo.

Fiz um sinal com a cabeça para Carlo, antes que ele mudasse de ideia. Aquela safra de 2005 estava na casa dos 3 mil. Para mim, já seriam mais trezentos. Valeu, gordo mão-aberta.

Carlo trouxe a garrafa com todo o cuidado como se fosse seu primeiro filho,

mas James logo acenou, mandando-o embora, desarrolhou e encheu as enormes taças com cuidado.

— Você gosta de champanhe, Lauren? — perguntou ele.

Eu me permiti um sorriso um pouco irônico.

— Bem, a bebida pode ficar um pouco monótona...

— Bem, então, por que você não dá essa garrafa a suas amigas e pede alguma coisa de que goste?

Ei, isso foi legal da parte dele, gostei. James era fisicamente repelente, é verdade, mas havia algo encorajador no fato de que não me obrigava a fingir. Pedi um Hennessey e bebi devagar, enquanto ele me falava mais sobre a sua profissão, que era ligada ao dinheiro, é claro. Então ele ficou em pé e cambaleou para fora da boate, deixando quinhentas libras em notas novinhas de cinquenta em cima da mesa. Na noite seguinte, James voltou e fez exatamente o mesmo. Leanne me mandou uma mensagem na quarta-feira de manhã para dizer que o homem tinha aparecido e perguntara pela Lauren na terça, e na quinta ele reapareceu, um pouco antes da hora de abrirmos. Várias das meninas tinham clientes "regulares", mas nenhum tão generoso, e isso me deu um novo status entre elas. E, surpreendentemente, não havia ciúme. Mas, afinal de contas, negócios são negócios.

Capítulo quatro

DESDE QUE COMECEI A TRABALHAR na boate, as humilhações diárias de minha vida na casa de leilões passaram a ter um alívio gritante. Na Gstaad, havia, pelo menos, a ilusão de que era eu quem dava as cartas. Tentei dizer a mim mesma que era *interessante* o fato de que minha vida correta, minha vida "real", separada de Olly e das meninas por apenas algumas ruas londrinas, era onde eu não tinha qualquer valor ou poder. Na boate, eu me sentia valorizada cada vez que cruzava as pernas, enquanto que no meu trabalho atual, que supostamente devia ser a minha carreira, eu era pouco mais do que um burro de carga. Na verdade, a Gstaad e a loja de arte mais elitista do mundo tinham a ver, para mim, com o poder.

Trabalhar na Casa podia ser decepcionante, mas eu ainda me lembrava da primeira vez que eu tinha realmente *visto* uma pintura, e essa lembrança ainda brilhava dentro de mim. A *Alegoria do Triunfo de Vênus*, de Agnolo Bronzino, na National Gallery, na Trafalgar Square. Eu continuo a achar a imagem reconfortante, não só pela elegância misteriosa de sua composição — erótica de uma forma inocente e brincalhona, ou mesmo lembrando, de forma sombria, a mortalidade —, mas também porque nenhum estudioso, até agora, apresentara uma teoria aceita sobre seu significado. Sua beleza está em algum lugar dentro da frustração que provoca.

Era uma viagem escolar para Londres, durante horas abafadas em um ônibus com o cheiro de enroladinhos de salsicha e batatas fritas de queijo, as garotas populares tagarelando e discutindo nos bancos do fundo, nossos professores parecendo estranhamente vulneráveis em suas roupas casuais, com as quais pareciam não estar mais acostumados. Tínhamos olhado de boca aberta os portões do Palácio de Buckingham, e em seguida fomos desembarcados na National Gallery, em nossos uniformes azul-marinho — e bastava colocar o crachá com o nome e estava tudo pronto. Os meninos derrapavam no soalho encerado, enquanto as meninas faziam comentários altos e grosseiros a cada nu

que víamos. Eu tentava vagar para longe deles, sozinha, querendo me perder nos aparentemente intermináveis salões cheios de quadros, quando me deparei com o quadro de Bronzino.

Era como se eu tivesse tropeçado e caído em um buraco, e uma sensação ofegante me recuperou rapidamente do choque, o cérebro ficando para trás em relação ao corpo. Lá estava a deusa, o seu filho, lá estava o misterioso ancião pairando sobre ambos. Eu não sabia então quem eram eles, mas reconheci, cegamente, que eu não percebia o que me faltava até que observei aquelas cores delicadas brilhando e se misturando. E então, nesse momento, reconheci o meu desejo também, a primeira sensação que senti de que eu sabia o que queria e o que não tinha. Odiei essa sensação. Odiei saber que tudo o que conhecia de repente parecia feio para mim, e que a fonte desse sentimento, sua atração misteriosa, estava reluzindo para mim a partir dessa imagem.

— A Rashers está babando com essa mulher pelada!

Leanne e duas de suas comparsas tinham me alcançado.

— Sapata do cacete!

— Sapataaa!

Aquelas vozes agudas e estridentes estavam perturbando os outros visitantes, cabeças estavam girando, meu rosto queimava de vergonha. O cabelo de Leanne era de um louro alaranjado naquela época, cruelmente montado à custa de permanente e gel, como uma peruca em sua cabeça. E assim como suas amigas, ela usava uma base morena pesada e delineador preto borrado.

— Eles realmente não deviam deixar essas crianças entrarem se não conseguem se comportar — ouvi uma voz dizendo. — Eu sei que é livre, mas...

— Isso mesmo — interrompeu outra voz. — São como animais.

E elas olhavam para nós como se estivéssemos cheirando mal. Eu me perguntei se era isso mesmo, ao menos para essas senhoras. Eu odiava o desdém contido naquelas vozes suaves e educadas. Odiava ser avaliada em conjunto com as outras. Mas Leanne tinha ouvido, também.

— Vocês podem ir se foder, entenderam? — disse ela, de forma agressiva. — Ou são duas sapatas do cacete, também?

As duas mulheres que tinham falado pareciam, simplesmente, estarrecidas. Elas não protestaram, apenas se afastaram calmamente para as galerias mais profundas. Meus olhos as seguiram avidamente. E me virei para as meninas.

— Elas podem reclamar. Daí, seremos expulsas.

— E daí? Esta aqui é a última, de qualquer maneira. Qual é o seu problema, Rashers?

Eu já era muito boa nas brigas. Minha mãe, quando se preocupava em me notar, nem ligava para meus olhos roxos e os hematomas, mas na maioria das vezes eu procurava ocultar as evidências. Mesmo assim, ela me olhava como se eu fosse uma criança com defeito. Eu poderia ter começado a socar Leanne bem ali, mas — talvez por causa da pintura, ou das senhoras atrás de mim — eu não quis. Não pretendia me rebaixar assim, não mais. Então, não fiz nada. Tentei me envolver em desprezo por elas como se fosse envolvida por um casaco de peles, para mostrar a elas que estavam tão abaixo de mim que nem valiam a minha atenção. No momento em que o ano letivo acabou, tinha feito um belo trabalho em me convencer disso. Eu tinha guardado dinheiro por dois anos para minha primeira viagem de adolescente ao norte da Itália. Trabalhei em um posto de gasolina, varri tufos de cabelo em um salão de beleza, cortei meus dedos em embalagens de alumínio em um restaurante de comida chinesa, pingando gotas de sangue no porco agridoce que os moleques bêbados pediam na sexta à noite. Consegui com isso passar um ano sabático em Paris e fazer um curso básico de um mês em Roma.

Imaginava que as coisas poderiam ser diferentes quando chegasse à universidade. E, na verdade, nunca tinha visto pessoas parecidas com aquelas, muito menos um lugar daqueles. Eles se pertenciam, aqueles seres e aqueles edifícios; todas aquelas gerações com privilégios fáceis se fundiam naquelas colmeias gerando uma perfeição arquitetônica em cada detalhe lustroso. Tive amantes na faculdade, sim, mas se você olhar o jeito que eu sou e, francamente, gostar das coisas de que eu gosto, talvez fazer amizades não seja uma coisa que lhe interessasse. Eu disse a mim mesma que não precisava de amigas e, além disso, entre a biblioteca e os meus empregos em tempo parcial, não sobrava muito para qualquer outra coisa, exceto a leitura.

Não me prendi aos livros da lista de meu curso: junto com os livros de Gombrich e Bourdieu, li centenas de outras obras, vasculhando todos eles para conseguir detalhes sobre os costumes daquele estranho país que formava a minha classe, costumes sobre como falar, sobre o vocabulário que separavam aqueles que faziam parte do clube invisível daqueles que não faziam parte.

Trabalhei sem parar com idiomas: francês e italiano eram as línguas do mundo das artes. Eu lia *Le Monde* e *Foreign Affairs*, *Country Life* e *Vogue* e *Opéra Magazine* e *Tatler* e revistas que falavam de polo e *Architectural Digest* e o *Financial Times*. Aprendi sobre os vinhos, sobre encadernações raras e prata velha; fui a todos os recitais gratuitos que pude, primeiro por obrigação e, depois, por prazer; aprendi a usar corretamente os talheres de sobremesa e como imitar o sotaque do lugar onde o sol nunca se põe. Eu já sabia então que seria melhor não fingir ser algo que eu não era, mas pensei que, se eu me tornasse uma boa camaleoa, ninguém jamais pensaria em perguntar alguma coisa.

Não foi o esnobismo que me manteve na universidade. Em parte, foi pelo alívio de estar em um ambiente onde confessar ter interesse em algo mais do que as merdas dos *reality shows* não era um convite para ter uma mandíbula quebrada. Mas principalmente porque, quando eu dava um perdido nas aulas, podia pegar o ônibus até a cidade para visitar a sala de leitura Picton da biblioteca central, ou a galeria de arte Walker; aqueles espaços tranquilos que significavam alguma coisa mais para mim do que as belezas que continham. Eram locais — civilizados. E ser civilizado significava saber sobre as coisas certas. Por mais que as pessoas finjam que isso não importa, importa. Negar isso é tão tolo quanto pensar que a beleza não importa. E para chegar às coisas certas, você tem que estar entre as pessoas que as possuem. Uma vez que a pessoa goste de ser completa, então saber a diferença entre um marquês honorário e um hereditário vem sempre a calhar.

Quando eu cheguei à casa de leilões, isso tudo parecia ter funcionado muito bem; minhas arestas foram suavizadas. Eu me dava bem com Frankie, a secretária do departamento, mesmo que ela tivesse uma voz que soava mais como uma senhora dando ordens a seus carregadores nas planícies e que tivesse amigos a quem ela se referia como "Pongo" ou "Squeak". Frankie se encaixava tão bem naquele ambiente como eu nunca consegui fazer, mas, ao mesmo tempo, ela parecia estar se debatendo um pouco na nova impetuosa maré de dinheiro que ia lentamente se infiltrando na Casa. O mundo da arte tinha acordado de seu sono aristocrático em um parque de diversões dos bilionários, onde mulheres como Frankie estavam lentamente se extinguindo. Ela me confidenciou certa vez, um pouco triste, que preferiria morar no campo, mas que a mãe tinha ensinado que ela teria mais chances de "encontrar alguém" com um bom

emprego se vivesse na cidade. Embora Frankie fosse uma ávida leitora da *Grazia*, ela parecia nunca seguir as dicas de mudança de imagem que a revista trazia. Usava uma incomparável faixa de veludo nos cabelos, e sua bunda parecia um cogumelo gigante vestido de tweed. Uma vez eu tive que afastá-la gentilmente de um desastroso vestido de baile de tafetá turquesa com um vestígio sorrateiro do shopping Peter Jones. Não achei que a mãe dela teria que se preocupar em encomendar os convites de casamento tão cedo, mas eu admirava aquele estilo sem remorso de Frankie, seu desdém magnífico para com as dietas e seu otimismo perene de que algum dia encontraria "seu cara". Realmente esperava que isso acontecesse, e até podia visualizar a imagem dela em uma casa paroquial no estilo georgiano, servindo torta de peixe em frente ao fogão para uma família adorável e saudável.

De vez em quando almoçávamos juntas, e enquanto eu não me cansava de ouvir sobre sua infância no Pony Club, ela parecia gostar também de ouvir sobre as escarpas (estritamente editadas) de minha própria formação. Frankie era definitivamente uma das coisas que eu gostava sobre o meu trabalho; a outra era Dave, que trabalhava como carregador no depósito. Dave era praticamente a única outra pessoa na casa de leilões que eu sentia que realmente gostava de mim. Ele perdeu uma perna em Bagdá na primeira guerra do Iraque, e começou a se interessar pelos documentários sobre arte enquanto estava convalescendo. Dave tinha um olho fantástico para isso e um raciocínio rápido, e sua paixão era o século XVIII. Uma vez ele me contou que, depois de ter visto tudo o que vira na guerra do Golfo, a chance de estar perto dessas pinturas era muitas vezes a única coisa que o mantinha seguindo em frente. Você poderia ver o amor que ele sentia por essas obras de arte na forma com que ele as levava. Eu respeitava a sinceridade de seu interesse, bem como o seu conhecimento, e certamente aprendi mais sobre as telas com Dave do que com qualquer um dos meus superiores no departamento.

Nós flertamos, claro, ou bem próximo disso naquelas conversas casuais junto ao bebedouro, mas eu também gostava de Dave porque era seguro estar com esse homem. Por baixo de suas ocasionais piadinhas picantes, Dave tinha um interesse meio antiquado, meio paternal, em relação a mim. Ele até me mandou um cartão de parabéns quando fui promovida. Mas eu sabia que ele estava bem casado — sua esposa era sempre mencionada como "minha senhora" — e, para ser

franca, foi relaxante ficar com um cara que não queria realmente transar comigo. Além de arte rococó, o outro prazer de Dave na vida eram aqueles livros sobre crimes verídicos com suas capas berrantes. O canibalismo conjugal era uma tendência popular, com muitos contando sobre uma esposa descontente servindo seu marido como um patê acompanhado por um Chardonnay bem gelado, e Dave, cujos encontros com as armas tinham sido eficientes e haviam moldado seu corpo, se deliciava com a engenhosidade shakespeariana dos instrumentos fatais das personagens. Era surpreendente o que você poderia fazer com aqueles ferros de passar e um canivete se se dispusesse a usá-los de forma criativa. Tivemos muitas pausas felizes para fumar um cigarro na área poeirenta do depósito, analisando as últimas tendências em assassinatos, e eu me perguntava, por vezes, como seus interesses se conectavam, se aqueles deuses e deusas embelezados que pinoteavam delicadamente nas telas que Dave amava serviam de consolo para a violência que tinha presenciado, ou se eram um aviso em sua beleza frequentemente erótica de que o mundo clássico era tão brutal e cruel quanto qualquer coisa que ele testemunhara no deserto. Se eu fiquei impressionada com o conhecimento autodidata de Dave, ele às vezes era embaraçosamente respeitoso com meu próprio status de especialista.

Certa manhã, depois da minha última noite com James, uma sexta-feira no início de julho, eu tinha alguns minutos antes que o departamento abrisse, então fui ao depósito para encontrar Dave. Tinha sido uma longa noite na Gstaad e minhas retinas estavam ardendo com a fumaça e a falta de sono. Dave percebeu quando viu que eu tinha os meus óculos de sol, às nove horas.

— Noite difícil, querida?

Ele me trouxe uma caneca de chá doce, dois Nurofen e um chocolate Galaxy. Nada como uma porcaria de chocolate para uma cabeça doendo. Dave gentilmente manteve a fantasia de que, como muitas das outras garotas que trabalhavam lá, eu vivia uma vida social deslumbrante entre os ricaços tortuosos de Chelsea. Eu não o esclareci. Logo que me senti humana o suficiente para tirar os óculos, retirei um bloco de notas e a fita de minha bolsa e comecei a medir uma pequena coleção de paisagens napolitanas para a próxima grande venda.

— Chocante — comentou Dave. — Colocar isso numa reserva de 200 como se fosse um Romney. É no máximo da mesma escola...

— Chocante — murmurei em concordância, a caneta entre os dentes.

Uma das primeiras coisas que eu aprendi na Casa foi que a reserva é o preço mínimo que um vendedor exige de suas peças. Espiei o bolso traseiro de Dave.

— Livro novo?

— Sim, posso emprestar depois, se quiser. Fantástico.

— Me lembre, quando mesmo Romney esteve na Itália?

— De 1773 a 1775. Roma e Veneza, na maior parte. Então, a esposa deste cara o fez estudar na Cuisinart. Em Ohio.

— Como se...

— Como se isto fosse um Romney.

Meu telefone soou com a chegada de uma mensagem de texto de Rupert, o chefe do departamento. Eu tinha que sair para uma avaliação assim que levasse as notas para cima.

Em sua escrivaninha, Rupert estava devorando o que seria provavelmente seu terceiro café de manhã, um sanduíche de salsicha que escorria mostarda em uma de suas pesadas abotoaduras. *Teria que ir de novo à lavanderia*, pensei comigo, cheia de tristeza. O que era essa coisa que eu tinha com os homens gordos? Ele me passou um endereço em St. John Wood e os detalhes do cliente, e disse-me para começar a me mexer, mas quando cheguei à porta do seu escritório, ele me chamou.

— Ahn, Judith — uma das muitas coisas que eu odiava em Rupert era essa sua mania de fazer parecer que o meu primeiro nome era "Ahn".

— Sim, Rupert?

— Tem uma coisa sobre esses Whistlers...

— Eu li sobre eles ontem, conforme me instruiu.

— Ahn, sim, mas lembre-se que o coronel Morris é um cliente muito significativo. Ele vai esperar profissionalismo absoluto.

— Claro, Rupert.

Talvez eu não odiasse Rupert tanto assim, pensei. Ele estava confiando em mim para fazer uma avaliação importante. Eu já havia sido enviada em alguns trabalhos antes, mas eram coisas menores, até mesmo fora de Londres, mas esta era a primeira oportunidade que eu tinha de falar com um cliente "significativo". Tomei isso como sendo um bom sinal, que a confiança do meu chefe em mim estava aumentando. Se eu pudesse julgar o preço certo, preciso, mas que fosse atraente para o vendedor, eu poderia fechar esse negócio para a Casa ao comprar

as peças para vender. Whistler foi um grande artista, um daqueles que costumava atrair colecionadores importantes, e poderia significar um bom dinheiro para nós.

Para comemorar, peguei um táxi na conta do departamento, mesmo que nós, os juniores, não tivéssemos permissão para fazer isso. Esse orçamento era reservado para transportes vitais, tais como buscar Rupert no Wolseley na esquina de Piccadilly. Desci do carro a algumas ruas do endereço para que eu pudesse caminhar tranquilamente sob as árvores ao longo do canal. Minha cabeça estava mais arejada agora, e havia um aroma de lilases regados em jardins protegidos por grades. Isso me fez sorrir, ao pensar que estas ruas, com suas hostes de babás filipinas e operários poloneses instalando enormes piscinas, uma vez tinham sido pouco mais do que um vasto e notório bordel de alta classe, onde as mulheres esperavam por seus amantes, dispostas como os nus de Etty, atrás de pesadas cortinas de veludo, enquanto eles estavam a caminho da cidade. Londres sempre foi e sempre seria uma cidade de prostitutas.



Um lustroso olho a laser brilhou logo acima de mim assim que toquei a campainha do apartamento no andar térreo. O próprio cliente abriu a porta na fachada cor de creme. Não sei bem o motivo, mas eu esperava uma criada.

— Coronel Morris? Sou Judith Rashleigh — Eu me apresentei, estendendo a mão — da British Pictures. Temos uma reunião sobre os estudos de Whistler.

Ele bufou uma saudação e eu segui, pelo saguão, seu traseiro moldado na cavalaria. Eu não estava esperando de fato um militar enérgico, e tive que me impedir de recuar quando a garra amarelada de sua mão agarrou a minha. Olhinhos malvados se apertaram acima de um bigode grisalho hitleriano, que se agarrava a seu lábio superior como uma lesma numa prancha de esqui. Ele não me ofereceu uma xícara de chá, levando-me diretamente para uma sala de estar entupida, onde cortinas de um pastel pomposo criavam um estranho contraste provincial com as extraordinárias pinturas nas paredes. O coronel fechou as cortinas enquanto eu olhava para um Sargent, um Kneller e um pequeno e requintado esboço de Rembrandt.

— Que quadros maravilhosos.

Valiam pelo menos 10 milhões. Esta ia ser realmente uma avaliação importante.

Ele balançou a cabeça com ar satisfeito, oferecendo-me outro bufar de uma morsa.

— Os desenhos de Whistler estão no quarto — chiou ele, deslizando em direção a uma segunda porta. Este quarto era ainda mais escuro e apertado, com um cheiro acre e desagradável de suor seco misturado à água-de-colônia, à moda antiga. Uma grande cama, com lençóis e cobertores verde-musgo peludos, tomava a maior parte do espaço. Eu tive que andar de lado, em volta dela, para chegar à mesa, onde cinco pequenas telas foram alinhadas. Peguei minha lanterna e examinei cuidadosamente cada uma delas, verificando a consistência da assinatura e lentamente destacando as telas de suas molduras para poder verificar a marca-d'água no papel.

— Adorável — comentei. — Os esboços para a série *Thames*, assim como o senhor sugeriu.

Eu estava bastante satisfeita com o som de minha própria e eficiente avaliação.

— Eu não preciso de você para me dizer isso.

— Claro que não. Mas o senhor está pensando em oferecer isso para vender? Os esboços não seriam adequados para esse próximo evento italiano, mas serão perfeitos para o catálogo de primavera. Naturalmente, o senhor tem as procedências.

Procedência era fundamental neste negócio — a trajetória de uma tela desde o cavalete do artista até seus diversos proprietários, um documento que prova que a obra é genuína.

— Naturalmente. Talvez você gostasse de dar uma espiada nisto enquanto procuro os papéis — ele me entregou um álbum pesado. — São vitorianos tardios. Pouco comuns.

Talvez fossem as duas mãos roçando a minha bunda, mas eu tinha uma ideia deprimentemente clara de como seriam as gravuras do coronel. Nada que eu não pudesse lidar. Simplesmente me afastei das mãos e abri o álbum. Nada mal, para a pornografia do século XIX. Virei algumas páginas como se eu estivesse realmente interessada. Profissionalismo, isso era tudo que eu precisava. Mas

então eu senti uma daquelas mãos rastejando ao redor do meu peito, e de repente o seu peso estava em mim, sob as minhas costas, me empurrando para baixo abruptamente na cama.

— Coronel! Deixe-me levantar imediatamente!

Dei-lhe minha melhor voz de garota indignada, mas o som se desfez rápido naquela situação. Seu corpo pressionou fortemente os meus pulmões enquanto ele rolou de lado para tentar enfiar aqueles repulsivos dedos pontiagudos por baixo de minha saia. O cobertor verde estava me sufocando; eu não conseguia levantar a cabeça. Minhas tentativas de jogá-lo para longe de mim estavam obviamente provocando uma reação, porque o coronel deu um beijo abominavelmente molhado no meu pescoço exposto e arrastou seu corpo ainda mais sobre o meu.

Eu estava respirando em suspiros rasos — não conseguia inspirar ar suficiente, e isso estava me fazendo entrar em pânico. Eu realmente não gosto disso. Tentei espalmar as mãos debaixo de mim para jogá-lo para longe num empurrão, mas meu pulso direito ficou preso na cama. Consegui virar o rosto para a direita e chupei o ar fétido debaixo de sua axila. O suor molhava a frente da camisa e as rugas aglomeradas de seu rosto pulsavam ao lado do meu. Assim tão perto, os dentes dele eram terrivelmente minúsculos, tocos fetais escurecidos.

— O que você acha? — engasgou ele, estreitando os olhos ferventes sedutoramente. — Eu tenho muito mais disso. Vídeos também. Aposto que uma cadela como você gostaria disso, hein?

Seu estômago estava tamborilando contra minhas costas. Eu dei-lhe tempo para se atrapalhar com o zíper de suas calças. Deus sabe o que ele pensou que encontraria lá. Então mordi a mão dele, tão forte quanto podia, sentindo a carne ceder sob a minha mandíbula. No momento em que ele gritou e se ergueu, peguei minha bolsa, encontrei meu celular e apontei-o firmemente em direção da sua virilha, como se fosse uma pistola.

— Sua...

— Cadela? O senhor já disse isso. O problema com os cães é que eles mordem. Agora, saia de perto de mim!

Ele estava cuidando de sua mão. Eu não tinha tirado sangue, então cuspi nele, apenas para garantir.

— Vou ligar para Rupert imediatamente.

— Não acho... Sabe de uma coisa, esse negócio de vídeos é uma coisa meio antiquada, coronel Morris. Hoje, tudo é digital. Como este meu telefone. Que pode gravar isto e enviar imediatamente para todos os meus amigos. Embora não tenha uma lente de aumento, para filmar aquilo que está escondido em suas calças. Já ouviu falar de YouTube?

Eu esperei, mantendo meus olhos em seu rosto, sentindo minhas vértebras tensas dentro da minha camisa. Ainda não havia como eu passar por ele naquele espaço apertado, a menos que esse homem estivesse preparado para permitir. Inspirei e exalei muito lentamente. Este era um cliente muito importante.

— Bem, então, obrigada pelo seu tempo, coronel. Não vou mais tomá-lo. Vou pedir a alguém de nosso depósito que venha embalar estes desenhos mais tarde, certo?

Tive outro momento de pânico na porta da frente, mas ela foi destrancada, e depois fechou silenciosamente atrás de mim com um clique pesado. Eu mantive minhas costas retas até Abbey Road. Inspirei, segurei por quatro minutos, exalei. Depois, limpei meu rosto com um lenço de minha bolsa, arrumei o cabelo e liguei para o departamento.

— Rupert? É Judith. Nós podemos enviar alguém para pegar os Whistlers nesta tarde?

— Ahn, Judith. E foi tudo, ahn, bem?

— Claro, e por que não iria?

— Nenhum, ahn, problema com o coronel?

Ele sabia. Aquele porco suado do Rupert *sabia*. Eu mantive o meu tom suave.

— Nenhum problema. Foi tudo bastante... gerenciável.

— Boa garota.

— Obrigada, Rupert. Eu estarei de volta ao escritório logo.

É claro que ele sabia. É por isso que ele tinha enviado a mais bonita em vez de fazer uma avaliação tão significativa por si mesmo. Por que você é tão tapada, Judith? Por que você acreditou que ele mandaria uma deconhecida do departamento para uma chamada tão importante, a menos que o cliente esperasse algum extra? Ele tinha bem claro em sua mente, não é mesmo? Que eu era boa naquilo?

Então, apenas por alguns segundos, eu me inclinei contra a parede e escondi meu rosto em meus braços, deixando que o surto de adrenalina corresse através

de mim. Estava tremendo tanto que eu sentia os músculos de meu estômago doendo. Sentia que o fedor daquele coronel Morris de merda me cobria inteira, e estava tão furiosa que estava sem fôlego, como se alguém tivesse me dado um soco e meu coração viesse até a boca. Concentrei-me ao máximo para empurrar os soluços de volta. *Eu podia chorar*, pensei. Eu podia pressionar o meu rosto contra aqueles tijolos londrinos granulados e chorar por todas as coisas que eu não tinha, e pela injustiça, e por como essa merda toda me deixava cansada. Eu podia chorar como aquela pequena fulaninha que ainda habitava uma parte de mim, bastava aceitar isso e ponto final. Mas, se eu chorasse, talvez nunca mais parasse. Não podia acontecer. Isso não era nada, nada. E me peguei pensando que Rupert poderia realmente estar agradecido, porque eu não tinha feito o óbvio, isto é, berrado por causa do assédio e chamado a polícia. Não, ao contrário, eu esmagara aquilo junto com o meu vacilo trêmulo de autocomiseração. Seria um desperdício de tempo esperar algum tipo de agradecimento, assim como era desperdício de tempo me sentir amarga. Eu poderia não ter o sobrenome correto, ou ter ido à escola correta ou às caçadas de fim de semana com as pessoas certas, mas eu não ficaria ressentida com os Ruperts do mundo. O ódio é melhor. O ódio mantém você frio, o mantém se movendo rápido, o mantém solitário. Se você precisa se tornar outra pessoa, a solidão é um bom lugar para começar.



Quando fui à entrevista à rua Prince, Rupert tinha impacientemente me mostrado alguns cartões-postais para identificar; material elementar — um Velazquez, um Cranach. Perguntei-me então se ele tinha se dado ao trabalho de ler o meu currículo e, mais tarde, quando mencionei algo sobre o meu mestrado, percebi pela sua expressão de surpresa que não, ele não tinha lido. O último postal, que ele empurrou maliciosamente do outro lado da mesa, mostrava uma garota seminua e magra enrolada em drapeados de gaze.

— Artemisia Gentileschi, *Allegoria dell'Inclinazione* — respondi sem hesitar.

Por um instante, Rupert realmente se permitiu parecer impressionado. Eu tinha aquele mesmo postal na minha parede desde a minha viagem a Florença, aos 16 anos. Artemisia era filha de um pintor, e o mais brilhante de seus

aprendizes a estuprou enquanto trabalhavam numa encomenda em Roma. Ela o levou ao tribunal e, depois de ter sido torturada com parafusos de dedo para provar que estava dizendo a verdade, Artemisia ganhou o caso. Em suas mãos estavam seu futuro, e ela arriscou que elas fossem retorcidas além de qualquer possibilidade de recuperação, tamanha era sua necessidade de justiça. Muitas de suas pinturas eram notoriamente violentas, tanto que os críticos tinham dificuldade em acreditar que uma mulher as teria pintado, mas eu tinha escolhido exatamente aquela porque Artemisia tinha usado seu próprio rosto como modelo.

Artemisia estava com 21 anos quando fez aquela tela, solteira porque não queria se casar com um pintor de terceira categoria que se aproveitaria de seu talento. *Mas ela se mostrou*, pensei, *do jeito que ela queria ser: sem ter vergonha, com o rosto bastante sereno, segurando uma bússola, o símbolo de sua própria determinação.* Eu vou escolher, a tela me disse, *eu* vou escolher. Como todos os adolescentes quando se apaixonam, eu tinha me convencido de que ninguém compreendia Artemisia como eu. O objeto de meu amor poderia ser pouco convencional, mas o sentimento era o mesmo. Nós éramos muito parecidas, Artemisia e eu. Com certeza, se ela não tivesse morrido no século XVII, nós poderíamos ter sido melhores amigas para sempre.

Foi Artemisia quem me conseguiu o emprego. Foi nesta entrevista a única vez que Rupert me viu, ou seja, viu uma pessoa em vez de uma presença insignificante. Mas, mesmo assim, o que ele viu foi um perfeito e esperto burro de carga, que faria o seu trabalho duro e nunca reclamaria. Agora, inclinando-me com os olhos secos contra uma parede na periferia da cidade, eu sentia uma pequena trilha de amor se encaminhando de volta para os meus 16 anos de idade, ali em pé na Casa Buonarroti, séria com a mochila cheia de livros e aquelas roupas horríveis, desejando encontrar um espectro do futuro que diria que tudo ficaria bem. Porque ficaria. Eu não iria à polícia. Rupert ia me demitir assim que a polícia tomasse meu depoimento. Não. Eu podia engolir isso, eu poderia fazer com que tudo ficasse bem.

Capítulo cinco

CHEGANDO EM CASA NAQUELA NOITE, meus nervos estavam chiando, e eu disse a mim mesma que, depois daquele coronel Morris, eu bem que merecia uma festa. Mandei uma mensagem para Lawrence, para ver se havia alguma coisa acontecendo na casa dele naquela noite. Lawrence era um conhecido de meus primeiros dias em Londres: rico, dúbio e placidamente viciado em heroína. Eu o conheci na cena noturna da cidade, que é um mundo muito pequeno, como todos aqueles passatempos de interesses especiais. Agora ele organizava mais lances particulares em sua casa, em Belgravia, e sugeriu que eu aparecesse por lá pelas 11 da noite.

As festas de Lawrence custavam geralmente 150 libras, mas eu sabia que ele ia me deixar entrar sem cobrar nada. Abri a porta do quarto e deixei minha cabeça cair de encontro ao quimono de seda pendurado lá, respirando o cheiro de roupa limpa e óleo de gerânio que vinha de meu pequeno queimador de cerâmica. Olhei para meus livros, minha cama bem-arrumada, o xale com estampa de Bali que pairava sobre a veneziana, e não consegui suportar a visão de nada disso. Tudo muito barato, tudo tão pateticamente otimista. Nem mesmo a promessa das belas roupas dobradas no guarda-roupa conseguia me acalmar. Eu percorria rapidamente as minhas coisas, tentando descobrir como eu me sentia. Nada muito agressivo. Por baixo, eu precisava ser suave, feminina; por cima, eu seria a gata que andava sozinha. Escolhi uma calcinha de renda cor de café e um sutiã combinando. Por cima, vesti uma roupa larga estilo militar, uma camiseta preta e tênis. Lá eu trocaria para um sapato de salto. Eu podia pagar um táxi nos dias de hoje, mas eu queria andar, para limpar meus pulmões dos esporos remanescentes do cobertor do coronel. Levei um bom tempo me maquiando para parecer que não havia me maquiado e ido para Belgravia.

As ruas de paredes altas e brancas pareciam envolver segredos. Era sempre tão calmo aqui; quaisquer que fossem os pecados escondidos por trás desses pórticos plutocráticos, foram firmemente embrulhados pelo dinheiro. Lawrence estava

encostado na porta da casa 33 na Chester Square, fumando, quando me aproximei. Provavelmente tentando conseguir um pouco de paz fora daquela comunidade de dissolutos do Soho que estavam em seu sótão, bebendo e comendo e imaginando-se artistas: em teoria, a taxa para a festa os mantinha com as drogas e a música. Eu tinha, por vezes, pensado em pedir um quarto para mim, para economizar o aluguel, mas o clima por ali era muito confuso, e iria me distrair do futuro que eu precisava construir para mim mesma.

— Olá, linda — Lawrence estava usando calças de veludo azul com uma listra de gorgorão e uma camisa branca antiga, os punhos gastos abertos sobre seus pulsos magros.

— Oi, Lawrence. Quem está aqui? Quem é lindo?

— Bem, querida, é você, agora.

— Você vai entrar? — A julgar pelo comprimento das vogais de Lawrence, achei que ele provavelmente só acenaria dali onde estava.

— Não, querida, ainda não. Vá você. *Amuse-toi.*

A festa era no porão, mas fui dar uma volta antes, imaginando, como sempre fazia, como eu viveria se essa casa fosse minha, como eu reformaria os quartos, mudaria as cores e as mobílias. Não havia ninguém para me ver correr a mão sobre a curva sensual do corrimão do século XVIII, sobre sua sólida certeza em seu mogno polido. Eu tinha aprendido, na leitura daquelas revistas de decoração mais renomadas, que era errado as casas parecerem muito "produzidas", que aquele sofá de veludo verde horroroso com cara dos anos setenta, pousado na sala de Lawrence, era uma marca inefável da sua classe tanto quanto a sua voz ou a maneira como ele usava suas camisas desfiadas, mas fiquei imaginando como a sala pareceria renovada em cinza Trianon, com apenas algumas poucas peças esparsas e requintadas, e eu serena entre elas. A Chester Square era um antídoto muito melhor ao coronel Morris do que a minha mal-educada argumentação de mais cedo. Desejo e falta, disse a mim mesma, e o espaço entre eles, isso era o que eu tinha para negociar. Às vezes eu enxergava a minha vida como uma teia feita de cordas bambas que se estendia entre o que eu poderia dar, ou fazer acreditar que eu dera, e o que eu possuía. Contorci-me para tirar o tênis e as roupas e vesti um par de sapatos de salto de camurça preta, e fui espreitar ao redor da sala, passando meus dedos pelos objetos de antiquário de Lawrence, encantadores e negligenciados, tocando-os como se fossem talismãs. *Você,* pensei,

você e você e você. Eu praticamente ignorei as escadas do porão.

Quando passei pela cortina de xantungue preta, vi uma garota loura que reconheci de outras festas fazendo sexo oral num cara de 40 e tantos anos, afastando profissionalmente o cabelo para longe do rosto para que ele tivesse uma visão melhor de sua boca, enquanto ela engolia toda a extensão dele num suave abocanhar. Eu já tinha visto essa garota por aí; era russa, mas chamava a si mesma de Ashley, e Lawrence geralmente costumava misturar algumas dessas meninas de programa com seus clientes para animar a festa. Passei por eles e peguei um drinque com o garçom-leão de chácara de Lawrence, que estava formalmente parado em pé contra uma das brilhantes paredes pretas com uma bandeja de taças de champanhe, tão imperturbável como se estivesse servindo canapés num coquetel na casa de um diplomata. Eu tentei tomar um gole, mas não precisava disso.

— Helene está aqui? — perguntei. Ela era outra frequentadora costumeira das festas de Lawrence.

— Por lá — ele inclinou a cabeça.

Helene estava deitada em uma espreguiçadeira de veludo preto, os seios derramando-se para fora do espartilho bordado como se fossem suspiros.

— Oi, Judith querida.

Ela ergueu o rosto para mim e eu me inclinei para beijá-la, levando a língua dela, ligeiramente azeda com champanhe, em minha boca.

— Lawrence disse que você viria. Estávamos esperando por você, não estávamos?

Um rapaz olhou para cima de onde tinha estado ajoelhado entre as coxas generosamente arredondadas de Helene. Eu não desejaria seu corpo mesmo, mas tinha um pouco de queda por sua barriga, por aquela pele pálida e macia. Passei a mão luxuriosamente sobre aquilo, explorando a sua elasticidade e brilho.

— Este é o Stanley.

— Olá, Stanley.

Ele se levantou e baixou o rosto novamente para me beijar muito rapidamente, tanto que nem tive uma sensação completa de seu rosto. A boca era grande e não muito melada; ele trazia aquele cheiro de feno molhado por debaixo da colônia que emana dos jovens. Corri minhas mãos sobre suas costas nuas enquanto ele me puxava para mais perto, senti os músculos de suas costas.

Gostei.

Helene estava balançando, indolente, um par de algemas de aço brilhante, daquelas de polícia.

— Eu disse a Stanley que você poderia querer dos dois lados...

— Claro, vou amar. Onde você quer que eu fique?

— Por baixo. Tudo bem, Stanley?

Ele assentiu. Parecia que conversar não era bem um de seus atributos. Eu me acomodei ao lado de Helene na espreguiçadeira e começamos a nos beijar de novo, eu acariciando as deliciosas partes profundas e redondas do corpo dela, e Helene puxando lentamente a minha calcinha e colocando gentilmente um dedo sobre os lábios da minha boceta. Tomei-lhe o mamilo na boca e chupei, girando a minha língua sobre a aréola até que ela soltasse um ronronado baixo, e então empurrei dois dedos dentro dela. Sempre aquela sensação de aperto delicada, tão suave, tão macia. Eu podia sentir o desejo dentro de mim agora, então girei meu corpo para baixo, contorcendo-me debaixo dela até que nossos corpos ficassem alinhados, meu rosto no banco de veludo, sua barriga gostosa assentada nas minhas costas. Estiquei o meu braço direito e ela fez o mesmo. Stanley se atrapalhou um pouco enquanto algemava os nossos pulsos juntos, mas finalmente conseguiu.

— Pronto — murmurou Helene —, não é lindo?

Ele a tomou antes de mim, abrindo as minhas pernas e entrando nela por trás, então pude sentir as bolas dele e o calor e os sucos dela contra a minha bunda. Coloquei minha mão esquerda sob o meu clitóris, onde o peso esmagou-a e comecei a me acariciar. Eu estava ansiosa agora, desejando aquele pênis em mim, erguendo meu quadril no mesmo tempo que Helene, enquanto ela o recebia. Ouvia-a suspirar quando ele puxou para fora, e então a cabeça do pau, suave dentro do preservativo, veio contra os meus próprios lábios e ele deslizou facilmente para dentro de mim, usando as mãos na bunda de Helene para conseguir apoio. Ele penetrou bem fundo, me deixando perto de gozar, e em seguida, voltou para Helene, mergulhando nela até que o corpo de minha amiga ficou tenso e se contorceu por cima de mim, e então entrou em mim de novo. Fiquei rezando para que ele aguentasse até que eu chegasse ao clímax, e então ele me levou até lá e ela rolou para o lado, sua boceta molhada contra a minha coxa, e terminou com Stanley usando a boca. Fiquei ali, resfolegando, uma perna caída

no chão, de boca aberta, meus sucos nos lábios pulsantes de minha boceta. Esse era o êxtase, para mim. Não apenas a pureza do prazer carnal, mas a forma como ser penetrada e comida por um desconhecido me fazia sentir tão livre, tão intocável.

Capítulo seis

ESSA ACABOU POR SER a última festa a que fui em Londres. Agora que eu estava trabalhando na Gstaad, precisava cuidar de mim, ter tempo para dormir e correr e cuidar de minha carreira real. Disse a mim mesma que devia deixar de lado aquele incidente com o coronel Morris. Esse velho bastardo tinha falhado em sua tentativa patética, e a única coisa que realmente importava para mim era o fim do jogo. Eu tinha feito a tal avaliação dos quadros e era isso o que de fato contava na casa de leilões. Portanto, eu tinha que estar inteira e cheia de energia, mesmo que isso significasse ajustar o alarme para as cinco da manhã, assim eu daria minhas voltas no Hyde Park antes de sair para o escritório. Depois que James começou a vagar pelo clube com suas chuvas de notas de cinquenta, comecei a fazer tratamento facial e manicure de forma mais regular, e paguei por duas caras sessões de pilates na academia. Graças ao meu novo material de leitura, eu sabia que isso não era extravagância, era um Tempo Meu, era um investimento em Mim Mesma. James fora agora aceito como meu cliente regular nas quintas e sextas-feiras, e Olly disse que eu não precisava ser reservada para qualquer outra pessoa, embora às vezes eu me sentasse com outro homem, se requisitada, de forma que James tinha que esperar sozinho, me observando atentamente até a garrafa obrigatória ficar vazia e eu, então, pudesse vir pavoneando até ele através da pista de dança com um sorriso de boas-vindas no meu rosto.

Não pude deixar de fantasiar sobre o que poderia fazer se conseguisse manter o velho James interessado. Meu trabalho na British Pictures mal pagava um salário mínimo. Embora eu tivesse uma bolsa de estudos, ainda tinha tomado um empréstimo de pós-graduação para cobrir, e o aluguel e as demais despesas. Logo teria que começar a pagar o empréstimo. Eu tinha contado que conseguiria um cargo melhor que júnior antes que os pagamentos começassem a cair, por isso achei que o risco valeria a pena; mas a primeira parcela da dívida começaria no outono, a poucos meses à frente, e até ter começado a trabalhar na boate, eu

mal vinha conseguindo sobreviver. Com os mil semanais de James e mais o que eu poderia ganhar por fora com os demais clientes, eu poderia esperar começar a pagar o empréstimo e respirar um pouco, talvez até arranjar um apartamento meu. Abri uma conta de poupança e observei os valores começarem a se acumular.

Ficou claro desde o início aquilo que James queria, mas sua arrogância foi abafada com a falta de segurança em si mesmo, como se ele não soubesse por onde começar. Como a maioria dos homens, o seu tema favorito de conversa era ele mesmo, por isso foi fácil convencê-lo a ser mais expansivo. Ele tinha uma esposa, Veronica, e uma filha adolescente, e moravam em Kensington, perto do Holland Park. Ele alegou gostar de ler filosofia em seu tempo livre, embora a sua ideia de uma reflexão séria seja mais do tipo "Jesus CEO" do que a estética kantiana. Ainda assim, a gente conseguia falar horas com base nessas ideias. Pedi a ele para recomendar alguns livros e, pelos comentários que vi no Google, parecia que eu já os tinha lido todos. Veronica cuidava da casa e fazia parte de vários comitês de caridade. Gostaria de saber sobre ela, nem que fosse um pouco, sobre se ela sabia ou se se importava em saber onde seu marido passava as noites. Eu duvidava que ela tivesse alguma noção. Será que eles transavam? Eu não poderia imaginar James sendo capaz disso: mesmo que o estrogênio produzido por toda aquela flacidez não tivesse comido seu pênis, acho que ele mal conseguiria subir as escadas da boate sem correr o risco de um ataque cardíaco. Mas, na medida em que as nossas noites juntos se prolongavam, ele fazia questão de me convencer de que tinha sido um garanhão em seus dias. Oh, ele teve dias divertidos em seus velhos tempos, dizia. Aquela mulher casada mais velha em St. Moritz, as irmãs em Cap Ferrat. Ele era velho o suficiente para afirmar ter sido um "pão" que arrasava os corações das debutantes, e ouvi muitas histórias sobre as "meninas" que se entregaram nos bancos de trás das grandes peruas e nas praças de Londres, ouvi sobre as festas loucamente divertidas e as discotecas no Soho. Aparentemente, o que restara na alta sociedade de Londres nos anos setenta tinha sido um paraíso erótico para os obesos mórbidos.



— Biscoitinho, Judith? — perguntou Frankie, a secretária do departamento, trazendo a minha mente de volta para a reunião ao empurrar um prato de digestivos sobre a mesa de conferência.

Laura franziu a testa. Nós estávamos tendo aquilo que Rupert chamava de Consulta de Alta Prioridade — eu, Frankie, Rupert, Laura e Oliver, o especialista retratista, que era um pouco mais magro e menos cor de romã do que nosso chefe.

— Não, obrigada — sussurrei de volta.

Laura franziu o cenho para nós e franziu um pouco mais sua *pashmina* sobre os estragos de seu bronzeado de Barbados. Mudei de ideia e peguei um biscoito. Pelo menos Frankie oferecia alguma solidariedade, ao contrário de Laura, que na maioria das vezes me tratava como uma empregada doméstica insatisfatória.

— Aqui estão — disse uma voz de mulher. Uma loura alta, de cabelos artisticamente arrumados colocou, quase sem fôlego, sobre a mesa, uma pilha de novos catálogos.

— Esta é Angelica — apresentou Laura. — Angelica estará conosco em experiência por um mês. Ela acaba de concluir a Burghley em Florença.

Se Dave estivesse lá, eu teria revirado os olhos. A Burghley oferecia cursos de história da arte para riquinhos mimados que eram monumentalmente ociosos para entrar em uma universidade, mesmo aquelas de segunda linha. Eles faziam um ano naquela Disneylândia renascentista supondo que poderiam absorver um pouco da cultura, por osmose, entre cigarrinhos de marijuana, e recebiam um lindo certificado de conclusão do curso.

— Bem-vinda ao departamento, Angelica — disse Rupert agradavelmente.

— Vocês foram muito gentis em me receberem aqui — respondeu ela.

— Angelica é minha afilhada — acrescentou Laura, esticando seu Botox em uma tentativa de sorriso. Então, isso explicava tudo. Sentei-me um pouco mais ereta.

— Bem — disse Rupert —, temos um grande evento hoje, meninos e meninas. Temos um Stubbs entrando — ele distribuiu os catálogos pela mesa. Eles se pareciam com programas para uma ópera do século XVIII. *George Stubbs*, anunciava a capa, *O duque e a duquesa de Richmond assistindo ao páreo.*

— Aaaah! — exclamou Frankie, como a pessoa agradável que era. — Um Stubbs!

Era fácil entender por que ela estava tão animada. George Stubbs era um artista extremamente rentável, conhecido por conseguir valores acima de 20 milhões. Eu tinha meio que um fraco por ele, também — era de Liverpool, como eu, e apesar de ter de fato se preocupado em estudar anatomia, o que significava que suas pinturas de cavalos eram algumas das melhores telas produzidas no século XVIII, ainda assim fora desprezado pela Royal Academy em seus dias, sendo taxado como um "pintor desportivo" e teve seu pedido como membro negado. Estava curiosa para ver qual de suas obras tínhamos conseguido.

— Vocês vão gostar de ler isto — observou Oliver. — Estive trabalhando nesse material por um bom tempo.

Passei rapidamente pelas páginas, mas quando cheguei à ilustração principal de repente fiquei gelada. Eu já tinha visto essa tela antes, e não havia nenhuma maneira de que ela pudesse estar em nosso catálogo.

— Rupert, perdão — disse. — Mas não estou entendendo. Esta é a pintura que eu vi em janeiro, naquele lugar perto de Warminster?

— Não se preocupe, sua avaliação foi boa. Eu voltei lá para dar uma olhada pessoalmente. Não deveria ter esperado que uma estagiária pudesse notar um Stubbs!

Pois eu não fiz isso porque aquele quadro não era um Stubbs. E eu não era mais uma estagiária, como Rupert sabia perfeitamente bem. Trabalhei duro para ser capaz de fazer esse tipo de avaliação. E tentei novamente.

— Você não disse que...

Rupert me cortou com um riso estranho.

— Eu queria que fosse uma surpresa. Agora...

Foi minha vez de interromper.

— Mas eu tinha certeza. Até tirei fotos.

— A tela foi limpa depois que eu a trouxe, Judith. Os detalhes que você identificou corretamente foram mais tarde cobertos com tinta. Há algum problema?

Eu não ia cair nessa de desafiá-lo novamente.

— Não, claro que não. — Eu me forcei a parecer mais entusiasmada. — Isso é emocionante!

Uma exposição da tela por duas semanas fora planejada para setembro, antecedendo a venda. Rupert achava que a pintura era suficientemente

importante para sustentar um leilão sozinha. Oliver já achava que devia ser integrada a uma venda com outras peças. Laura falou sobre quais eram os colecionadores que nós deveríamos avisar. Eu estava chocada demais até mesmo para me divertir com os pensamentos que deveriam desabar nas vastas extensões vazias do cérebro de Angelica. Consegui fazer algumas perguntas diligentes no final, quanto aos arranjos que deveriam ser feitos para as visitas privadas, de forma que pudesse passar um memorando às garotas de eventos, e depois casualmente perguntei se eles *amontoariam* coisas no depósito naquela tarde.

— Achei que eu poderia levar Angelica lá embaixo para dar uma espiada — sugeri, com uma voz amigável.

Amontoar coisas, expliquei depois a Angelica quando atravessávamos a confusão de passagens empoeiradas que era o nosso porão, era a gíria usada na casa para o descarregamento de obras, e que definia bem o ato de empurrar as obras até uma rampa para dentro dos armazéns. Essa era uma oportunidade para os funcionários juniores verem aquelas peças de perto enquanto eram desempacotadas na sala de exames antes de os peritos descerem. Era algo realmente extraordinário, expliquei, poder ver essas obras-primas exibidas em um banco de madeira comum, em vez de na santidade de uma galeria de um museu. Angelica estava absorta em seu telefone.

— É — conseguiu dizer, passando uma mão pela vasta massa de cabelos louros. — Eu vi isso na Uffizi. Tipo, ah, Branzini.

— Eu acho que talvez você queira dizer Bronzino?

— É, ele.

Como eu esperava, Dave estava lá. Ele e um colega estavam descarregando dez Pompeo Batoni para a próxima grande venda.

— Você está bonita, Judith, com boa aparência. Tem uma nova amiga?

— Você sabe que é meu único amigo, Dave — flertei de volta.

Eu tinha encomendado um pacote de livros de mistério na Amazon e trazia comigo os livros de bolso. Enquanto apresentava Angelica, entreguei meu pacote e disse que os encontrara em um lote na Oxfam.

— O que temos hoje? — perguntei, mais para benefício de Angelica, já que sua concentração estava de volta ao seu telefone.

— Batoni em Roma.

— Itália! — gritei. — É perfeito para você, Angelica! Poderia ajudá-los com a

medição! — Fiz um movimento de fumar para Dave e ele saiu mancando para a área cheia de guimbas para um intervalo.

Rapidamente, contei a ele sobre a minha ida a Warminster. Rupert tinha recebido um telefonema de um amigo que tinha uma loja de antiguidades em Salisbury; ele tinha visto o quadro em um jantar e achava que poderia ser genuíno. E eu só fui enviada para lá porque Rupert viajara para caçar. O dono da casa, um ex-oficial da Guarda Nacional que se apresentou sem ironia como Tiger, explicou que sua família morava lá por um século; e pensava que aquela pintura havia sido comprada por seu bisavô. Eu achei melhor não fazer muitas perguntas, porque Rupert tinha me dado ordens estritas para nem mesmo insinuar que a gente achava que aquela tela poderia ser verdadeira.

Eu tirei o quadro da parede da sala de jantar e o coloquei no assento perto da janela para conseguir a iluminação da luz do dia. No início, eu podia ver porque o amigo de Rupert tinha ficado tão animado. A composição era organizada ritmicamente, com um grupo de senhoras, senhores e lacaios ocupando o fundo esquerdo, observando três cavalos que pareciam galopar para baixo em direção ao espectador. Os cavalos tinham sido lindamente representados, dois castanhos e um cinza, as pernas espalhadas simetricamente na corrida; as cores estavam meio apagadas, como se fosse uma manhã enevoada, com apenas os uniformes vermelhos dos lacaios competindo pela luz com o brilho da pelagem dos cavalos. Olhando mais de perto, porém, fiquei menos impressionada com o grupo de espectadores, que pareciam sem vida e espalhafatosos, seu espaço ocupado de forma desordenada junto dos apetrechos de um elaborado piquenique do século XVIII. Isso deixava a composição fora de equilíbrio, distraindo a atenção da descida graciosa dos animais, as pessoas dominavam a tela de uma forma que me pareceu pouco característica de Stubbs. Incerta, eu tinha encontrado o que parecia ser uma assinatura muito positiva, então virei a tela para verificar a parte de trás. Uma pequena etiqueta tinha sido colada no quadro, com o nome "Ursford & Sweet", uma galeria de Londres que há muito tinha fechado. A etiqueta ainda trazia um título, *O duque e a duquesa de Richmond assistindo ao páreo*, e uma data, 1760. Atrás das figuras do quadro havia um letreiro que dizia "Newmarket". Stubbs era o melhor pintor equestre daquela época, talvez de todos os tempos, mas, pelo menos até onde eu sabia, ele nunca tinha trabalhado na pista de corrida de Newmarket. Eu tinha trazido um *Catálogo Raisonné* comigo, o

mais recente compêndio de todos os trabalhos conhecidos de Stubbs, então folheei todas as páginas até que encontrei outra representação do duque e da duquesa assistindo ao páreo em Goodwood, datada de 1760. Havia uma semelhança entre os rostos, embora fosse algo mais genérico do que pessoal — e suponho agora que isso deve ter sido o que convenceu Rupert. Era bem possível que Stubbs tivesse pintado seus patronos em Newmarket, embora o catálogo não fizesse nenhuma menção a isso, e nem sobre a existência daquela pintura bem na minha frente. Uma tela recém-descoberta de Stubbs seria um grande evento, e tremendamente rentável, por isso foi com pesar que eu fotografei cuidadosamente aquela pintura e fiz um resumo exaustivo, acrescentando a minha própria opinião no final do resumo, dizendo que aquilo era apenas um rascunho, ou algo de um seguidor daquela escola. Depois, eu ainda tinha uma hora antes do horário de meu trem, Tiger se ofereceu para me mostrar os estábulos. Não achei que Dave precisasse saber sobre meu alegre galope ao redor do cercado para os cavalos.

— Então, isso é estranho, Dave. Eu classifiquei a tela como sendo "da escola de", e agora, no verão, isso vira um Stubbs? E aquela etiqueta da Newmarket desapareceu — Rupert disse que aquilo estava numa camada de tinta posterior e que foi removida na limpeza — e a assinatura do pintor está em um lugar diferente.

— De onde você disse que veio, mesmo?

— O proprietário disse que seu bisavô comprou. Ele foi rotulado na Ursford & Sweet na rua Bond; mas desde a Primeira Guerra a galeria não existe mais.

— Bem, você disse que era do século XVIII, certo?

— Sim.

— Então a galeria certamente conseguiu isso de outro lugar.

— Não daqui. Rupert teria posto no catálogo se a proveniência fosse nossa.

— E da outra?

Como acontecia com Oxford e Cambridge, era tabu para as duas principais casas de leilões em Londres mencionar o nome da outra.

— Claro que pode ter sido uma venda particular, mas há uma boa chance de que seja deles. Mas vai levar séculos até conseguirmos a permissão para checar seus arquivos.

— Bem, eu tenho um amigo no depósito da Old Masters. Ele pode fazer você entrar no arquivo, sem problemas. Você poderia fazê-lo hoje, em seu horário do

almoço. Mas por qual motivo todo esse interesse?

— Eu não sei. Só não gostaria que houvesse um erro.

Eu não poderia contar a Dave que a minha transformação súbita em Nancy Drew acontecera porque pensava ter vislumbrado uma maneira de finalmente conseguir algum reconhecimento no departamento, salvando a pele deles de passar vergonha em público. Stubbs era notícia; os britânicos sempre gostaram de animais em suas obras-primas. Eu me sentia animada. Estava imaginando a minha brilhante descoberta sendo divulgada durante a próxima reunião departamental, talvez até mesmo durante um almoço de congratulações na sala de reuniões, uma promoção de verdade. Para mostrar que eu valia alguma coisa mais do que aquela que servia para ver a cara furiosa do coronel Morris. Seria uma chance de obter sucesso pelas razões certas, pelo meu talento e aplicação, uma chance para provar que eu poderia fazer um bom trabalho.

Oficialmente, eu tinha uma hora de almoço, mas era fácil passar por cima disso porque os outros membros da British Pictures pareciam considerar que era seu direito ancestral passar três horas almoçando, então atravessei Piccadilly até a rua New Bond, e ainda me sobravam quarenta minutos.

— Você é o Mike, amigo do Dave? Sou Judith Rashleigh. Muito obrigada por me deixar fazer isso... nós temos um pouco de pressa com esse assunto no departamento.

Sorri quando vi o livro de bolso saindo do bolso de trás das calças de brim de Mike: *Shattered: The True Story of a Mother's Love, a Husband's Betrayal, and a Cold-Blooded Texas Murder*.

— Posso colocar você lá dentro, e daí vou embora para o meu almoço. Seria bom se você fosse rápida, mas se alguém perguntar por que você não tem um crachá autorizando a entrada pelo chefe do departamento, isso não tem nada a ver comigo, sacou?

— Entendi. A gente realmente agradece isso. Como falei, estamos meio loucos com essa história. Obrigada, de novo.

Os arquivos de nossos rivais estavam instalados em uma bela galeria com painéis, com vista para a Savile Row. Eles ainda não tinham se informatizado, também, e olhando para as longas fileiras de estantes duplas pesadas que remontavam ao início dos anos 1700, era difícil acreditar que o mais impressionante computador não derretesse em uma poça de mau humor com a

perspectiva de ter que organizar tal caos. Havia várias outras pessoas trabalhando por ali, a maioria da minha idade, estagiários e assistentes mandando mensagens de texto escondidos e ansiosos pelo intervalo do almoço. Nenhum deles prestou atenção em mim.

Se a data original da pintura fosse mesmo 1760, havia cerca de 150 anos entre a sua criação e o fechamento da Ursford em 1913. Ursford tinha sido aberta em 1850, mas aquela etiqueta no quadro tinha sido datilografada, o que dizia que essa aquisição por parte da galeria não era anterior a 1880, portanto seria lógico começar por ali e seguir para frente. Por sorte, as duas casas de leilões usavam o mesmo sistema de arquivo, então comecei pelos cartões de indexação, cada um registrando uma única pintura, quase sempre com uma fotografia, e detalhes da data de venda e o preço. Atualizar esses cartões era um dos tristes trabalhos com os quais estava acostumada. Havia muitas vendas de Stubbs, mas nenhuma das descrições correspondia à pintura que eu tinha visto. Havia também várias classificações na categoria "escola de", que eram pinturas no estilo de um determinado pintor, e do período, mas não necessariamente daquele artista, cinco das quais eram datadas entre 1870 e 1910. Uma delas correspondia àquele possível Stubbs, com o código de identificação ICHP905/19, o que significava: "Important Country House Picture" [pintura importante de casa de campo], vendida em 1905 e com a tela no lote número 19. Corri de volta para as pilhas e peguei as alças da caixa marcada "1900-1905" com ambas as mãos, arrastando-a até que um espaço suficientemente largo apareceu. As fichas estavam em pastas diferentes e foi um trabalho difícil separá-las o suficiente para que eu pudesse enfiar a mão e ler. Puxei uma delas e fui rapidamente até 1905, em busca daquela "pintura importante". Lá estava. "Propriedade de um conde: *O duque e a duquesa de Richmond assistindo ao páreo*". Vendido para W.E. Sweet, Esq., atingiu 1.300 guinéus. Era o conde de Halifax, eu imaginei, dono de uma das maiores coleções de Stubbs no país. Então, era uma tela genuína. Eu não podia deixar de me sentir perversamente decepcionada. Meu plano brilhante para resgatar Rupert de um papelão catastrófico morreu logo na saída. Foi bastante respeitável — algum especialista tinha julgado mal a tela, como sendo algo de uma "escola", foi tudo. Tinha sido meu erro. De qualquer forma, pelo menos eu poderia contribuir com algumas informações úteis sobre a proveniência da tela. Rupert teria que ficar satisfeito com isso.



Voltei caminhando ao longo da Burlington Arcade, olhando para as vitrines das lojas de cashmere e para a encantadora caixa de macarons da loja Ladurée. Pensei que eu poderia comprar um bom agasalho com um pouco do meu dinheiro da boate. Mas havia alguma coisa me incomodando. Uma soma de 1300 guinéus era um bom dinheiro em 1905, e na empolgação sobre o Stubbs, na Casa, ninguém mencionara o valor da reserva. Visualizei o catálogo, os números impressos discretamente na última página: 800 mil. Absurdamente baixo. Não fazia sentido. Se a pintura era tão verdadeira como parecia ser, por que Rupert concordara em definir um preço mínimo tão baixo?

Frankie tinha acabado de voltar do almoço, mastigando uma enorme torrada com queijo, quando cheguei. Estava úmido lá fora, como sempre, e eu não pude deixar de notar que sua jaqueta, pendurada em sua cadeira, exalava um cheiro forte de labrador. Isso me fez sentir um carinho por ela.

— Frankie — perguntei. — Você se lembra de onde colocou as notas que eu trouxe quando voltei da viagem para Warminster alguns meses atrás? Da pesquisa sobre o Stubbs?

— Devem estar com o material para a próxima venda. Rupert está tão animado!

— Ah, sim, claro. É que eu só queria dar uma olhada rápida.

Frankie se virou e pegou um arquivo atrás dela, que folheou, sacudindo a cabeça.

— Não, não estão aqui. Apenas as próprias notas de Rupert e as fotos após a limpeza. Devo procurar e...

— Não, não se preocupe. Desculpe perturbar o seu almoço.

Alguma coisa nessa história estava me cutucando. Chequei um número de telefone na agenda do escritório e fui fazer uma chamada no banheiro sombrio do departamento. A sra. Tiger atendeu. Eu não a conhecera, porque estava visitando a irmã em Bath na mesma época de minha avaliação, o que me pareceu bem, tendo em vista o que Tiger poderia fazer com um chicote de equitação. Ela parecia agradavelmente floral.

— Sou Rashleigh. Estive em Warminster há alguns meses. Seu marido teve a

gentileza de me deixar dar uma olhada em sua pintura equestre.

— Ah, sim. Bem, muito obrigada pela visita. O que posso fazer por você?

— Bem, imagino que tenham ficado satisfeitos com a atribuição, quero dizer, com a identificação do artista?

— Sim, bem, nós sempre soubemos no fundo de nosso coração que não era realmente um Stubbs. O camarada nos fez um belo preço, porém.

— O comprador?

— O homem que veio até aqui.

— Claro — disse rapidamente. — Rupert.

A sra. Tiger hesitou.

— Não, não acho que o nome era esse.

— Ah — tentei parecer natural para encobrir a minha confusão. — Me enganei. Bem, eu estava apenas querendo me certificar de que vocês tinham todos os nossos contatos, para o caso de surgir alguma outra coisa que gostariam de nossa avaliação.

— Vocês foram muito gentis, sugerindo outra galeria.

— Isso é, ahn, sem problemas. Eu não quero tomar mais do seu tempo, mas por acaso não aconteceu de se lembrar do nome do homem que foi até aí?

A voz da mulher ficou um pouco mais cuidadosa.

— Não. Por quê?

Eu murmurei algo cheio de jargões, agradeci e desliguei. Sentei-me no banheiro para pensar. A sra. Tiger tinha reconhecido tristemente que sua tela não era um verdadeiro Stubbs. Ela a havia vendido, e estava muito contente por ter conseguido um bom preço por uma obra da "escola de". O problema é que a pintura que nós estávamos colocando em leilão era exatamente a mesma.

Dei outra olhada no catálogo que estávamos preparando. A tela seria apresentada, no estilo convencional, como sendo de "Propriedade de um cavalheiro". Eu tinha, naturalmente, pressuposto que esse "cavalheiro" era o sr. Tiger, mas aparentemente não era. A história de Rupert correspondia à minha pesquisa no outro arquivo: a pintura tinha sido erroneamente identificada, portanto, quem tinha descoberto que era genuína tinha que ser o "homem" misterioso que a tinha comprado do sr. Tiger e agora planejava vendê-la através de nós. Azar dos Tigers, embora eu não fosse idiota o bastante para contar isso a eles. Se o "homem" tinha tapeado o casal, isso não era da nossa conta. Ele

aparentemente tinha pagado um bom dinheiro por um palpite e agora receberia sua recompensa. Ainda assim, tinha alguma coisa que não se encaixava direito. Eu me sentia inquieta, estranhamente apreensiva, um sentimento que ficou comigo até Rupert entrar rapidamente por volta das três, depois do que, obviamente, tinha sido mais um bom almoço, e murmurar algo sobre uma reunião na Brooks. Eles, na verdade, costumavam fornecer travesseiros para os membros poderem tirar uma soneca na biblioteca durante a tarde.

— Vejo você hoje à noite, então, Angelica — disse ele quando estava saindo.

Angelica nem se incomodou em erguer os olhos de suas urgentes mensagens de texto.

— Ah, claro, Rupes.

Eu estava imaginando o que esse "hoje à noite" significaria quando Rupert fez uma pausa na minha mesa, mexendo em sua pasta.

— Ahn, Judith. Pensei que você gostaria de estar neste — disse ele, entregando-me um envelope. — Angelica virá. Um pouco de socialização. Fique bonita.

— Eu vou fazer o meu melhor, Rupert.

— Tenho certeza que sim. Você sempre está, ahn, muito agradável. Até mais então!

Deixei o envelope onde ele tinha colocado, para o caso de Angelica pensar que eu não sabia para o que tinha acabado de ser convidada, mas quando o abri, tive dificuldade em tirar o sorriso do meu rosto. Rupert deu-me um convite para a festa Tentis no Serpentine Gallery. Tentis & Tentis era uma enorme firma de arquitetura que tinha acabado de terminar uma remodelação no centro da cidade, que agora continha alguns dos apartamentos mais caros em Londres. As revistas de celebridades que eu lia na boate Gstaad viviam cheias de fotos deles. Rupert tinha conseguido convencê-los a ficar com um grande lote de leilões que não tinham sido reclamados para decorar as paredes dos bilionários. Levei uma semana para localizar todas as procedências. A festa era para celebrar uma futura colaboração com a feira de artes Frieze Masters. Rupert tinha mesmo me convidado. Haveria fotógrafos e as meninas na boate de repente iam me ver. Talvez até mesmo a escória com quem eu tinha estudado me visse.

Mas a exigência do traje vinha na base daquele cartão clássico de cor creme: "A rigor". Eu não tinha um vestido longo, mas este não seria o momento para fazer economia. Fiquei olhando o relógio dar cinco horas exatamente, corri até o banco

em Piccadilly, em seguida, chamei um táxi. Por volta das seis, já estava de volta ao meu apartamento. Tinha passado na Harvey Nicks e trazia uma sacola de algodão contendo um vestido de seda preto liso Ralph Lauren que se prendia em um ombro com uma corrente de ouro quase invisível. Tinha sido estupidamente caro, mas eu não pensaria sobre isso agora. E poderia compensar a despesa na boate. Eu não estava muito interessada na opinião de Rupert sobre o meu gosto para moda, mas esta era a primeira oportunidade real que teria de interagir com pessoas sérias. Eu queria estar perfeita.

Mas eu hesitava sobre as joias. Aquele pequeno pingente de diamantes que minha mãe tinha me dado por ocasião do meu aniversário de 21 anos tinha sido penhorado há séculos, por isso, tomei a decisão de que não usar joias seria sempre mais elegante do que usar joias ruins, então fui sem. O vestido não precisava de nada por baixo, apenas sapatos de salto alto. Convenci-me também de que uma carteira Gucci preta combinaria, não usei quase nada de maquiagem, apenas rímel e brilho cereja nos lábios. Chamei um táxi para não chegar me sentindo amarrotada. E a expressão no rosto do motorista me disse tudo o que eu precisava saber.

Uma multidão de paparazzi esperava no final do tapete vermelho que se estendia para fora do pavilhão de vidro no Hyde Park, brilhando em rosa e malva como se fosse uma nave espacial "retrô". *Dois deles tiraram aquelas fotos obrigatórias, apenas por educação*, pensei, mas isso me fez sentir bem. O zumbido da festa pulsava em minha direção, unificado, orgânico, como murmúrios de alguma fera gigante. Entreguei meu convite a um atendente, e fechei os olhos por um delicioso segundo de antecipação, me preparando para absorver tudo o que viesse.

Como é que Cinderela se sentiria se, quando ela finalmente chegasse ao baile, se encontrasse numa festa de corretores imobiliários? Os enormes potes com velas não conseguiam disfarçar o cheiro acre de um enorme arroto de champanhe. Centenas de homens de aparência pastosa em ternos ruins se aglomeravam ao redor do bar gratuito com a animação de mórmons soltos em Atlantic City. Onde quer que a Tentis & Tentis tivesse encontrado essa multidão de aluguel, tinha sido obviamente num local sem Moët-Chandon. Vislumbrei a cabecinha de uma supermodelo já meio fora de moda, escapando por cima daquele aperto todo como uma vara de aipo desnorteada e, descontando a moça, aquilo poderia ter sido uma sexta à noite no All Bar One em Hammersmith. Senti uma dor terrível

de pesar com o recibo da Harvey Nicks na minha gaveta da cômoda. A única outra pessoa que não havia ignorado o código de vestimenta do convite era Rupert, que tinha criado sua própria seção VIP ao redor. Ele estava conversando com alguém que eu conhecia vagamente, um dono de galeria chamado Cameron Fitzpatrick. Chamei a atenção de Rupert, e ele veio em minha direção meio que cambaleando. Poucos homens deixam de melhorar sua aparência vestindo uma roupa a rigor, e Rupert era um desses poucos, mas pela primeira vez eu estava contente de vê-lo.

— Rupert! — acenei amigavelmente para ele com minha carteira. — Oi.

Ele pareceu momentaneamente confuso.

— Ah, ahn, Judith. Certo, eu... Eu estava indo, na verdade. Tenho um jantar.

— Claro, não quero prender você, mas eu fiz mais algumas investigações sobre a proveniência do Stubbs.

— O quê?

— Hoje, na nossa reunião do departamento. Aquele Stubbs.

— Judith, preciso correr, vamos conversar amanhã — ele se virou e foi embora rapidamente.

Minha única esperança de poder manter uma conversa fiada era o Fitzpatrick, que nesta altura havia desaparecido no meio da multidão. Abri caminho até o bar através de um bando de meninas usando microvestidos com sapatos que Coleen Rooney provavelmente iria querer de volta. Não conseguia nem mesmo desfrutar dos olhares que elas estavam me dando. Elas, obviamente, tinham ouvido falar sobre uma mulher ser poderosamente atraente, mas só tinham ouvido falar. Canalizar sua deusa interior ao enfiar sua bunda em uma saia que praticamente anunciava sua última visita à depiladora não era, talvez, o melhor caminho para a emancipação feminina. Imaginei que a noite dessas garotas acabaria com uma hesitante dança sensual às três da manhã no Vingt Quatre para uma multidão de babões cobertos de maionese. Eu não, claro que não. Não a Judith, aquela bem-sucedida comerciante de arte. Eu, na verdade, não queria uma bebida, mas peguei dois copos para me dar algo para fazer. Cruzei o salão de novo, desta vez lentamente, fingindo que levaria o copo para alguém, mas meu coração não estava nisso.

Angelica nem se deu ao trabalho de vir. Ela podia não entender nada sobre pinturas, mas seu treinamento na vida tinha certamente incluído aulas sobre

quais festas evitar. Obviamente, devia ser outro código secreto que eu deveria decifrar. Como eu pude ficar tão pateticamente animada com esse convite? O que eu tinha pensado que poderia acontecer? Tipo, conversas inteligentes com um povo glamouroso, compartilhando de um gracejo qualquer com Jay Jopling antes de ser puxada para ir jantar na mesa de Lucien Freud no Wolseley?

Isso jamais aconteceria comigo, porque eu era apenas uma recruta, não era? A garota do carrinho de chá que vivia se achando... Senti-me humilhada. Até mesmo os paparazzi lá fora tinham ido embora, em busca de coisa melhor. Aquela antiga supermodelo tinha desaparecido também, presumivelmente prendendo em seu sutiã o melhor e mais gordo cheque, a caminho de onde as pessoas mais espertas estavam se reunindo. Deus, eu era patética. Pensei que deveria me castigar indo a pé de volta para casa, mas estava muito deprimida. O que seriam mais vinte paus gastos em outro táxi? Pelo menos, eu poderia contar ao Dave que eu tinha estado em um lugar chique; ele gostava dessas coisas. Mas era sempre assim? Será que Londres era uma série de compartimentos cada vez mais minúsculos, como aquelas bonecas russas, de maneira que quando você pensava que tinha finalmente entrado, descobria que havia outra caixinha pintada e aparafusada para mantê-lo do lado de fora? Eu já estava puxando o vestido estúpido para arrancá-lo de mim enquanto pagava o motorista. O zíper delicado estalou e eu estava tão furiosa que agarrei a abertura na perna e arranquei aquela porra daquela coisa, rasgando pelo meio, para grande surpresa de um casal de idosos que estava passando, segurando os programas do Albert Hall.

O apartamento estava à espreita me esperando, vibrando com raiva branca. Depois que me atrapalhei para atravessar aquele labirinto hediondo de bicicletas e sapatos e capacetes que costumava bloquear permanentemente o corredor, vi uma caixa na mesa da cozinha com uma nota "Para Judy" colada nela. A caixa continha uma gorda caneca de cerâmica rosa com orelhas de coelho. A nota dizia: "Realmente, sinto muito. Peguei sua caneca emprestada e a quebrei por acidente. Comprei esta no lugar!" Minha companheira de quarto tinha desenhado um rosto sorridente, aquela vaca idiota. Olhei no lixo. Lá estavam os pedaços da minha xícara e pires, um perfeito conjunto Villeroy de 1929 esmaltado na cor verde-absinto, pelo qual agonizei por duas semanas lá na Camden Passage. Tinha custado apenas quarenta libras, mas esse não era o ponto. Achei

que eu tinha uma supercola na gaveta daquele horrível bufê vitoriano falso, mas a gaveta ficou presa e eu chutei a perna daquela merda com tanta força que a coisa voou para longe, e o gabinete balançou para um lado, de forma que todas aquelas merdas de peças de porcelana que estavam em cima se despedaçaram no chão, e então passaram-se alguns lamentáveis minutos, e levei bastante tempo para limpar, depois que me acalmei.

Capítulo sete

ACORDEI ÀS CINCO COM A MINHA CABEÇA fervendo. Eu estava nua, deitada na minha cama, olhando para o teto, como sempre. Eu tinha deixado que meu trabalho na boate confundisse meu cérebro. A camaradagem com as meninas e o dinheiro fácil me tiraram de jogo. Mas eu ia fazer as coisas direito, o que significava ir fundo na aquisição daquele Stubbs. Uma festa horrorosa não era nada. Só precisava me concentrar.

Cheguei cedo ao escritório, morrendo de vontade de ver Dave, mas Laura me encurralou e me obrigou a passar uma manhã impaciente, checando os preços mínimos de venda para alguns Stanley Spencers a fim de ajudar algum investidor a fraudar seu imposto sobre ganhos de capital. A área que cuidava dos impostos sobre ganhos de capital era a única no departamento que era remotamente profissional. Desci ao depósito na hora do almoço, mas Dave estava fora. Liguei para o celular dele e o convidei para um drinque depois do trabalho, e então fui até a N. Peal e comprei um belo cashmere azul-pálido que custou quase tanto quanto o que eu tinha gastado na Harvey Nicks. De alguma forma, essa coisa de gastar mais dinheiro me fez sentir melhor sobre o fiasco na Tentis. Planejei me trocar, para ir trabalhar na boate, no banheiro feminino da Biblioteca de Londres, na praça de St. James, para me dar tempo de me encontrar com Dave no Bunch of Grapes na rua Duke. Quando ele entrou mancando — ele era muito orgulhoso para usar uma bengala — já havia pedido uma caneca de cerveja para Dave e uma água tônica para mim.

— Obrigado pelo drinque, Judith, mas a minha patroa vai se perguntar por onde eu ando.

Expliquei a ele que as minhas anotações sobre a pintura pareciam ter desaparecido, e que o Stubbs havia sido adquirido não diretamente do casal em Warminster, mas através de um comprador misterioso. Isso parecia pouco convincente, mas eu tinha certeza de que havia algo de errado nessa história. Não tinha como explicar para Dave, mas depois do meu fracasso total na noite

anterior, parecia ainda mais importante ser capaz de provar que eu estava certa sobre o Stubbs.

— Queria dar uma boa olhada na tela, Dave. Ela já está no depósito, não está? Você tem um olho melhor do que o meu. Não estou acreditando nessa história de camadas de tinta...

Dave baixou a voz.

— Você não está querendo dizer que o Rupert vai vender uma falsificação, não é?

— Claro que não. Acho que ele pode ter cometido um erro e eu não quero que ninguém se complique, isso é tudo. E se ajudar eles a se safarem vai me deixar bem na fita, então será uma boa fazer isso. E não seria a primeira vez que alguém cometia um erro de atribuição, não é? Você sabe disso. Por favor? Dez minutos e você poderá me dizer que eu sou uma idiota e nunca mais falaremos sobre isso.

— Judith, há especialistas para isso. Eu precisaria de, sei lá, ferramentas.

— Dave. Você se importa com a verdade, certo? Você acha que aquilo que vendemos tem que ser verdadeiro? A honra do regimento e todas essas coisas?

— A gente deveria conseguir uma permissão para fazer isso.

— Você trabalha lá, eu trabalho lá. Nós temos credenciais... eu poderia estar apenas dando uma olhada nos trabalhos, como a droga da Laura vive me dizendo.

— Dez minutos?

— No máximo. Ora, pare com isso — deixei minha voz ficar mais suave. — Somos amigos, certo?

— Tá bom, então, vamos lá.

A maioria dos funcionários já havia ido embora, então Dave nos levou para dentro usando seu código para a entrada dos fundos. Tivemos que usar lanternas na sala de armazenamento, que foram mantidas com baixa intensidade para proteger as obras de arte. Dave foi direto para a caixa correta e trouxe a tela para fora. Indiquei onde me lembrava de ter visto a etiqueta da Newmarket, e de onde achei que a assinatura tinha sido removida.

— Judith, eu não posso dizer nada. Realmente, parece tudo bem para mim.

— Mas havia uma marca, bem aqui. Você tem como dizer o quanto esse verniz é novo?

Nossas cabeças estavam bem juntas enquanto ambos olhávamos para a tela, as pontas dos dedos pairando sobre o espaço vazio.

— Se isso foi retocado — disse Dave, interessado agora — pode haver traços debaixo. Mas teríamos que colocar a pintura sob a luz correta.

— Bem, a gente pode movê-la.

— Onde você disse que estava a assinatura?

— Isso mesmo, onde estava? — Era o Rupert.

Todo mundo sempre diz que os gordos podem frequentemente se mover com surpreendente discrição. Eu ri como uma idiota.

— Rupert. Oi, desculpe, a gente estava apenas...

— Por favor, explique o que você está fazendo. Você é uma júnior, não tem permissão para estar aqui.

Na verdade, isso não era assim um grande problema. Eu já tinha estado aqui depois do horário muitas vezes. Normalmente porque Rupert tinha me pedido. Ele se virou para Dave, sua voz mais suave.

— O que vocês dois estão fazendo, hein? Não era hora de você já estar em casa, Dave?

Dave parecia mortificado e murmurou um "boa-noite". Eu odiava a maneira como ele chamava Rupert de "senhor". Rupert continuou afável, educado, sem traços de dramaticidade até que o outro saiu mancando escada acima, e então ficou me avaliando por um longo momento. À luz azulada, ele parecia um El Greco estranhamente inchado. Eu sabia que ele não iria fazer uma cena. O poder é muito mais eficaz quando é exercido de forma calma e tranquila.

— Judith, já faz algum tempo que eu estava querendo conversar com você. Eu realmente não acho que você se encaixa aqui, não é? Eu queria dar-lhe uma chance, mas tive várias reclamações no departamento sobre a sua atitude. Seus comentários na reunião sobre o Stubbs foram inapropriados e francamente impertinentes.

— Mas eu, eu só pensei que... Eu estava tentando... Não tinha certeza... — estava balbuciando como uma colegial culpada, furiosa comigo mesma, mas incapaz de parar de fazer aquilo.

— Acho que seria melhor você pegar as suas coisas e ir embora, não acha? — acrescentou ele, calmamente.

— Você está me demitindo?

— Se prefere colocar assim, sim. Estou.

Eu estava confusa. Em vez de protestar, em vez de me defender, apenas comecei a chorar. Absurdo. Todas as lágrimas frustradas que eu estava guardando escolheram este momento para emergir como um gêiser, me reduzindo, apesar de quem eu era, ao papel de uma mulher que implorava. Mesmo enquanto sentia aquelas lágrimas quentes e furiosas ardendo em meus olhos, sabia que Rupert estava escondendo alguma coisa. Até mesmo o convite para aquela festa idiota tinha sido concebido como um calmante para me manter em silêncio. No entanto, não saíra exatamente do jeito que deveria, não é? Eu estava tentando fazer a coisa certa, a coisa boa.

— Rupert, por favor. Eu não estava fazendo nada de errado. Se eu pudesse explicar?

— Não tenho nenhum interesse em suas explicações.

Ele me ignorou enquanto fizemos nosso caminho de volta para o departamento. Eu vinha andando na frente dele através dos corredores estreitos, sentindo-me como uma prisioneira. Rupert ficou em pé com os braços cruzados enquanto eu juntava as coisas da minha mesa e guardava tudo na minha pasta. Meu vestido e o sapato estavam enfiados no fundo. Agora, não podia suportar vê-los.

— Você está pronta?

Assenti com a cabeça em silêncio.

— Eu preciso do seu passe, por favor. Não acredito que exista qualquer necessidade de pedir à segurança que a acompanhe para fora.

Entreguei meu crachá, muda.

— Pode ir, então, Judith.

Pensei no coronel Morris. Pensei em como banquei a criada para Rupert, buscando seus ternos no alfaiate, pegando suas camisas lavadas, atendendo seus telefonemas quando ele mentia que não estava, pensei nas horas extras que eu tinha passado na biblioteca e nos arquivos, tentando provar que eu era melhor, que era mais inteligente, que poderia correr mais rápido, que poderia fazer mais e melhor. Eu tinha sido humilde e diligente. Nunca me permiti mostrar que eu me sentia menosprezada e excluída. Eu nunca tinha deixado qualquer um deles — Laura, Oliver, Rupert — notar que eu mesma percebia as diferenças entre nós. Meu diploma Oxbridge era melhor do que o de qualquer um deles. Eu realmente

acreditara que, com o passar do tempo e com trabalho duro, eu conseguiria, que poderia chegar lá em cima, entre eles. Eu nunca fingi para mim mesma que Rupert me respeitava ou me valorizava. Mas acreditei que tinha sido útil, que valia alguma coisa para eles. Patético.

— Suponho que vá passar o meu trabalho para Angelica... — odiei o jeito como essa minha pergunta soou, amarga, chorosa.

— Isso não é da sua conta. Por favor, saia agora.

Olhei na cara dele, sabendo que meu próprio rosto estava marcado pelas lágrimas. Fiquei imaginando como seria a sensação de acordar no apartamento, na manhã seguinte, sem ter que levantar para ir à rua Prince. O saguão frio, o toque reconfortante do corrimão sob a minha mão. Essa tinha sido a minha chance. Admito que posso não ter avançado muito além do portão, mas, pelo menos, eu estava lá dentro, fazia parte do mundo ao qual pertencia e, em todos aqueles dias, tinha achado que estava subindo um pouco mais. Pensei em como eu teria que enviar meu currículo e onde isso poderia me levar. Eu tinha ferrado com tudo. Tinha perdido o controle, tinha me deixado dominar pelo desejo de querer mais, fui superansiosa, imprudente, estúpida, *estúpida*. Tinha parado de me sentir zangada, tinha tropeçado por aí como uma Pollyanna, achando que os bons sentimentos eram tudo, que a gente ia conseguir fazer tudo direito aqui nesse maldito celeiro. A Raiva sempre tinha sido a minha melhor amiga, e eu a deixara de lado. Foi a Raiva que manteve a minha espinha ereta, a Raiva que tinha me levado adiante em meio às brigas e aos insultos. A Raiva tinha me impelido do nada até a universidade; tinha sido a minha força e o meu consolo. Por um instante, senti seu calor branco invadir o meu corpo e tive um lampejo do rosto ensanguentado de Rupert espalhado sobre seu computador. Venha, acenou a Raiva, apenas por uma vez. Vamos. Minha pasta maltratada tinha fechos de latão em suas pontas. Imaginei-me batendo-a sobre a testa gorda dele, mas eu não precisaria disso. Podia sentir a dor nos nervos dos meus braços, em meus dentes. Eu queria avançar na garganta dele como um cão raivoso. Rupert ficou me observando, e, por um breve segundo, vi um lampejo de alarme em seus olhos. Isso era tudo que eu precisava.

— Sabe, Rupert — disse eu, casualmente — Você é um puto. Um bunda-mole protegido, sem talento, bundão covarde.

— Saia.

Eu não sei qual de nós eu desprezava mais.



Para compensar, levei minha Raiva para beber. Boa companhia, a Raiva, me acompanhando copo a copo. No horário em que James chegou à boate, eu já estava a meio caminho da segunda garrafa de Bollinger com outro cliente, e desta vez eu estava engolindo. Não me preocupei em me despedir, apenas deixei o palerma parecendo surpreso e fui me acomodar ao lado de James, enquanto Carlo cuidava da garrafa de Cristal.

— Acho que vou beber um pouco demais nesta noite, se você não se importar.

— Dia difícil?

Assenti com a cabeça. Essa não ia ser daquelas bebedeiras alegres. Eu me sentia fria, cruel, irresponsável. Ergui minha taça em um brinde seco. Claro, eu achava esse cara obsceno, mas estávamos bebendo à nossa última oportunidade, a Raiva e eu.

— James. Vamos direto ao ponto. Quanto você estaria disposto a pagar para transar comigo?

Ele pareceu confuso, e então, muito repugnado.

— Eu não preciso pagar por sexo.

— Por quê? É menos importante para você do que o dinheiro?

— Lauren, qual é o problema?

Se fosse um filme, agora seria o momento de uma montagem bem legal. Um redemoinho de lembranças, a destemida pequena Judith recebendo seu diploma, Judith se arrastando para casa bem tarde do trabalho, ralando em seus catálogos, uma lágrima correndo de forma pungente pelo rosto quando Rupert a demitiu, o reconhecimento assustador de que aqui estava ela, num porão desprezível, acreditando que esse velho gordo e imundo seria a sua única esperança. *Aquela* Judith teria se levantado educadamente e se afastado em direção ao seu fabuloso futuro, porque ela não precisava comprometer a sua integridade por qualquer coisa. Sim, bem... Eu estava cansada desses novos começos do cacete. Isso aqui parecia ser mesmo a minha única esperança. Se for para isso que eu nasci, então eu vou fazê-lo corretamente. Eu e a Raiva, nós

iríamos juntas.

Eu deixei as lágrimas que havia suprimido por horas molharem as minhas pálpebras, deixando aquele efeito úmido, tremi um pouco o lábio inferior e o mordi. Ergui meu rosto para ele.

— James, eu sinto muito. Isso foi muito vulgar de minha parte. É este lugar, eu... Não posso suportar a ideia de que seja... Assim. Eu estava testando você, uma pessoa tão maravilhosa, e eu... Eu...

Até mesmo aquele ego gigantesco ficaria desconfortável com a palavra amor, então dei um pequeno soluço em vez disso. E mais outro, Jesus. Ele me entregou seu lenço, que era grande e branco e cheirava a amaciante de roupas. Lembrei-me de minha mãe, em um de seus dias bons, me dando um banho e me envolvendo em uma toalha branca limpa que cheirava a mesma coisa, e depois disso, os soluços foram verdadeiros. Então, nós tivemos uma conversa e contei a ele que eu estava com medo, que tinha perdido o meu emprego (como recepcionista em uma galeria) e quando ele propôs que talvez eu gostasse de ficar longe por um fim de semana, fingi que nunca tinha estado no sul da França, e que isso seria o céu, "não é mesmo?". Mas que seria melhor se a gente levasse a minha amiga também, só para mostrar que eu não era daquele tipo de garota. Ou não totalmente. Sussurrei um pouco sobre como ele poderia me convencer de outra forma. Na verdade, foi a preocupação em ter que dividir a cama com ele que me fez querer alguém junto comigo. Além disso, ele teria que se equipar muito se sentisse que poderia rolar um *ménage à trois*. Não foi difícil sugerir que a possibilidade poderia envolver, por exemplo, 3 mil libras, só para me ajudar durante o tempo em que eu procuraria outro emprego. Por isso, quando ele foi embora, havia mil libras sobre a mesa, para comprar duas passagens até Nice, e eu saltei sobre Mercedes e disse a ela que nós duas iríamos para a Riviera.

— Caramba, Jude — exclamou ela, admirada. — O que você deu para ele? Crack?

Capítulo oito

USEI PARTE DO DINHEIRO do James para reunir algumas coisas para a viagem. Uma mala de viagem de couro marrom e uma sacola combinando que comprei em uma pequena loja em Marylebone que poderia passar por Bottega Veneta, um biquíni preto de laços da Eres, óculos de sol Tom Ford, um lenço de seda Vuitton Sprouse bege e turquesa. Quando aterrissamos no aeroporto de Nice, tive o prazer de ver que os acessórios mostravam que eu me parecia com muitas das outras mulheres que estavam chegando para o final de semana: superarrumadas, mas não muito exageradas. Mercedes (a gente tinha combinado de usar nossos nomes da boate para não corrermos o risco de cometer erros) estava estranhamente contida, usando calça jeans simples e uma camisa branca. James estava esperando por nós no café ao lado da sala de desembarque. Respirei fundo ao ver seu peso frouxamente espalhado na cadeira, as manchas de suor em sua camisa rosa pálida. Claro que ele era gordo, mas tinha que ser tão patético? Havia algo de pretensioso sobre esse homem, como se seu dinheiro significasse que ele poderia se dar ao luxo de ignorar o efeito que causava sobre outras pessoas — o que, naturalmente, causava. Respirei fundo novamente. E, de repente, tive um desejo estranho de estar de volta ao meu horrível apartamento. Passei muitas horas lá, planejando, sonhando, muito segura na fantasia de que o meu futuro ia acontecer. Mas aqui estava eu. Este era o futuro. Ou, pelo menos, na ausência de um plano melhor, assim seriam os próximos meses. Mas eu seria capaz de fazer isso, disse a mim mesma. Mais do que nunca, agora, eu *tinha* que fazer isso. Tratava-se apenas de manter o controle, e isso era tudo.

Um jovem de aparência marroquina usando um paletó escuro com o monograma do Hôtel du Cap no bolso carregou nossa bagagem em um enorme carro preto. James se acomodou na frente e o carro imediatamente afundou do seu lado, como se fosse um colchão velho. Eu não conseguia olhar para Mercedes.

— *S'il vous plaît, mesdemoiselles.*

Deslizei pela porta que ele segurou para mim, e me sentei sobre o banco de

couro marfim. O carro estava frio, as janelas escurecidas, o motor zumbia um ronronar baixo. James estava lidando com seu telefone, de forma que não precisei tentar iniciar uma conversa. Quando chegamos ao hotel, Mercedes apertou minha mão com entusiasmo.

— É lindo, James — exclamou ela, dando-me uma cotovelada.

— Realmente adorável — acrescentei com entusiasmo.

Esperamos discretamente no corredor com piso de mármore preto, enquanto James cuidava de nossos registros. Uma das recepcionistas nos pediu nossos passaportes, e eu respondi em francês, com um sorriso calmo, que tinham subido com as malas e que nós poderíamos trazê-los mais tarde. Eu não queria que James tivesse alguma chance de ver os nossos nomes reais, isso ia estragar o clima.

— Seu francês é muito bom! — exclamou Mercedes, surpresa.

Eu dei de ombros.

— Acho que provavelmente é melhor que James não saiba disso.

Fomos levadas a uma suíte no segundo andar. Dois quartos se abriam para uma enorme sala de estar com sofás brancos e um vasto arranjo de lírios. As portas duplas davam para uma sacada com vista para o longo gramado que descia para a famosa piscina que eu tinha visto em tantas revistas. Mais além, para a direita em direção a Cannes, uma frota de gigantescos iates se aglomerava no antigo porto. Parecia que a moda aqui era ter tudo grande.

Mesmo entre aqueles megaiates, um em particular se destacou, seu enorme casco elevando-se muito acima dos demais como um Kraken. Eu já tinha visto esse barco nas fotografias. Mikhail Balensky, *O homem que veio do Stan*, como os jornais ingleses o chamavam, era um industrial uzbeque cuja carreira, de acordo com as mais sóbrias reportagens, se parecia mais com algo tirado de uma história em quadrinhos. A partir de campos de petróleo, ele diversificou seus negócios para o comércio de armas, mas, achando que não havia guerras suficientes em curso para que ele conseguisse obter um lucro decente, tinha decidido começar algumas ao financiar alguns rebeldes descontentes em algum pequeno país do qual não sabíamos nada, armar os dois lados, e sentar-se deixando que eles se atracassem. Depois comprava os ativos que ainda fossem tangíveis e que tivessem permanecido nas mãos do governo que ele ajudara a instalar. Muito eficiente. Isso foi há duas décadas; hoje em dia, Balensky aparecia em bailes de gala ao lado

de chefes de Estado, no Met Ball ou na festa de verão das Serpentine, ou era fotografado assinando cheques de milhões para aqueles repelentes filantropos que aparecessem representando a causa do momento. É incrível o que você aprende, mantendo-se atualizada com revistas de fofocas!

— *Mademoiselle?*

Era o mensageiro, me distraindo discretamente de meu devaneio na Riviera. Eu tinha uma nota de dez euros já dobrada em minha mão. Entreguei a gorjeta e lhe disse para colocar a nossa bagagem no quarto à esquerda, e as malas do *monsieur* no quarto da direita. Mesmo que James tivesse isso em mente, eu não tinha a menor intenção de compartilhar a cama com ele. Para o caso de ele ter algo a dizer, dei um passo até a varanda, de costas para ele, e olhei a vista com determinação. Senti quando James veio atrás de mim, e a mão dele se estendeu para a minha.

— Feliz, querida?

Querida. Ah, Deus.

— É lindo — respondi, hesitante, imaginando o que ele poderia desejar.

— Eu lhe comprei isto — acrescentou James, entregando-me um saco de plástico preto amassado com o que ele achava que era, obviamente, um sorriso maroto. — Algo para você vestir. Mais tarde.

Fiquei imaginando que horrores poderiam estar contidos naquele saco, mas consegui me erguer na ponta dos pés e dar um beijo na laje úmida que era sua bochecha.

— Obrigada, querido. Foi muito gentil de sua parte.

— Pensei que poderíamos almoçar na piscina e, depois, ir para Cannes fazer um pouco de compras. Imagino que vocês, garotas, poderiam gostar disso.

— Super. Vou me trocar.

Mercedes estava girando dentro do banheiro, examinando os artigos de toalete da Bulgari.

— Ah! O banheiro é maior do que todo o meu apartamento!

— Encontre o minibar — sibilei. — Eu preciso de uma porra de uma bebida.

James apareceu para o almoço no Eden Roc, a piscina do hotel, vestindo uma gigantesca sunga Vilebrequin de cor berrante sob o roupão branco do hotel, que pendia humildemente de ambos os lados de sua barriga leitosa. De trás de meus óculos de sol eu vi duas crianças louras na água, apontando e rindo até que a babá as silenciasse. Todos nós pedimos salada de lagosta e água Perrier. James espetou bolinhas de manteiga, espalhando-as em pães e depois enfiando-os na boca. Pequenas migalhas desceram pelas dobras de seu queixo e acabaram se alojando em meio à cobertura grisalha de cabelos em seu peito. Aquilo era como assistir a um desenho animado de Lucian Freud, mas isso não fazia com que fosse mais agradável de olhar. Enquanto Mercedes se servia da salada e brincava com seu telefone (pensei que eu teria que dizer a ela para parar de segurar a faca como se fosse uma caneta), pedi a James que me contasse de novo sobre seus dias certamente fictícios de seu tempo de playboy na Riviera, fingindo estar fascinada por suas histórias exageradas de quando dançara com Elizabeth Taylor no Jimmy'z e fora a uma festa com Dionne Warwick no Golfe Juan. Não que ele estivesse tentando me convencer de que fosse muito impressionante, percebi, mas é que James realmente acreditava que ele era.

Passamos de carro por La Croisette depois do almoço. Na praia, abaixo do hotel Carlton, um grupo de mulheres em burcas se molhava miseravelmente na rebentação. O céu tinha ficado encoberto, estava incrivelmente úmido e James estava irritável, insistindo rudemente com o motorista que ele conhecia o melhor lugar para estacionar, e depois repreendendo-o em um francês macarrônico quando tivemos que rodar três vezes em uma quadra em busca de uma vaga. Não achei que a paciência dele aguentaria por muito mais tempo se a gente fosse a uma corrida pelas compras, então eu sugeri que parasse em frente à loja da Chanel e que o motorista ficasse esperando no carro. Entrei na butique e pedi à vendedora se ela poderia trazer uma cadeira, enquanto Mercedes e eu olhávamos as bolsas. A mulher pareceu ligeiramente chocada com a sugestão de que ela poderia fazer algo tão servil. Mas, então, ela vislumbrou James na porta.

— *Tout de suite, madame.*

Eu sabia o que queria: aquela clássica bolsa de couro preta, com alças douradas. Mercedes hesitava, vasculhando uma prateleira de casacos de tweed. Eles eram lindos; eu teria gostado de experimentar um deles, para sentir o forro de seda contra a pele de meus braços, sentir a pequena corrente de ouro costurada

à bainha, mas eu também sentia que James não estava gostando de desempenhar o papel de coroa rico por tanto tempo.

— Qual bolsa você vai querer, Mercedes?

— A grande.

Pareceu levar uma eternidade até que a vendedora embrulhasse as bolsas em papel de seda e as colocasse nas sacolas pretas de algodão estampadas com o C de Chanel, até, finalmente, colocá-las nas sacolas maiores e mais firmes, fechadas com fitas. Nesta altura, eu tinha concluído que o pavio curto de James se devia ao fato de que ele não podia deixar de admitir que se sentir sempre exausto e desconfortável não era um problema do mundo, mas dele próprio, já que era uma pessoa gorda demais para caber neste mundo. Ainda assim, ele corajosamente entregou o Amex enquanto Mercedes e eu fingíamos estar interessadas nos lenços de seda, mantendo discretamente nossos olhos longe da caixa registradora. Mas quando James declinou minha sugestão reconhecidamente cruel, de que nós poderíamos dar um passeio pelas ruas íngremes de paralelepípedos da cidade velha, em vez de voltar para uma soneca no hotel, sabia que eu teria que fazer por merecer o meu presente.

Quando voltamos para a suíte, enfiei Mercedes em nosso quarto.

— Por que você não toma um bom banho relaxante, querido? — falei por cima do ombro. Pelo menos, eu não teria que ficar debaixo daquele suor imundo.

— Eu odeio você — disse eu, enquanto Mercedes recolhia as coisas dela para voltar à piscina.

— Não se preocupe, acho que ele vai querer apenas um chamego. Seja como for, espie só.

Ela me mostrou dois frascos em sua bolsinha de maquiagem transbordando.

— O que é isso?

— Nada demais. Xanax. Um pouco de Valium.

— Então, me dê.

— Não para você. Para ele.

— Como assim? Eu não...

— Dãää... Mais tarde a gente vai dar um "boa-noite Cinderela" nesse cara. Não estou a fim de passar a noite com esse gordo asqueroso. Estamos no sul da França, Jude!

— Lauren.

— Que seja. Escute — ela sussurrou, embora eu estivesse ouvindo o som da água do chuveiro no outro quarto. — Vamos jantar, então eu vou moer algumas dessas pílulas e você despeja no conhaque dele.

— Ele não bebe.

— Na água com gás, então. Meia hora depois ele cairá de maduro. Podemos sair pra balada nesta noite e, na manhã seguinte, ele vai dizer que dormiu muito bem. Nunca vai saber de nada.

— Ele é muito gordo, Mercedes. E não tenho certeza de que esses especuladores como ele sejam mesmo tão molengas.

— Não seja boba, eles não são fortes. Conheço esses caras, vejo todo dia. Vou deixar pronto no banheiro da piscina daqui a pouco. Ou você está a fim de outra sessão no colchão de borracha mais tarde?

— Larga mão de ser tão vaca assim. Você está fazendo uma viagem dessas de graça.

— Eu sei. Só estou dizendo que você pode se divertir, também. A gente vai até lá embaixo, onde ficam todos aqueles iates enormes. Vamos lá, vai ser divertido.

Talvez fosse o ar despreocupado da Riviera, mas eu estava me sentindo muito mais alegre. Merda. Mesmo que James descobrisse, o máximo que ele poderia fazer seria ficar furioso, mandando a gente de volta para casa com uma bolsa de 2 mil libras para cada uma de nós. Nada mal para um único dia. Alguma outra coisa apareceria.

— Vá em frente, então — respondi. — Mas tenha cuidado. Leia bem os rótulos.

— Então, é bom você começar a vestir os seus trapos. E sem calcinha, garota!



Quando Mercedes saiu, examinei o pequeno saco que James tinha me presenteado. Continha um par de calcinhas de PVC abertas na frente, uma camisola arrastão que era fechada com laços, como um espartilho, e aberta nos mamilos, e um par de meias-calças pretas com tiras de PVC. Coisas bem safadas, do tipo que se vendia nas lojas para turistas do Soho. Guardei tudo, lavei minha vagina e esfreguei um fio de óleo de monoï em meus pelos pubianos e entre as minhas nádegas. Depois de calçar os sapatos de saltos altos e bagunçar o meu

cabelo com musse, olhei meu reflexo no espelho com o opulento banheiro de mármore atrás de mim. Bem, se o que ele queria era uma prostituta barata... Isso poderia ser muito pior, eu supunha. Se alguém me analisasse de repente, poderia dizer que estava mais para *Cabaret* do que para uma dessas rameiras de rua. "Mama Thinks I'm living in a convent, a secluded little convent, in the southern part of France..." ["Mamãe acha que eu estou vivendo em um convento, um pequeno convento isolado, no sul da França"], cantei baixinho, tentando dar um lento e voraz sorriso. Bom. Muito bom.

Andei rebolando e cruzei a sala de estar, para bater à porta do quarto de James.

— Estou pronta, querido — ronronei.

— Entre.

O quarto estava vazio. Vindo do banheiro, ouvi o salpicar explosivo de merda, seguido por um ricochete de peidos borbulhantes. Parei na porta. Ah, Deus. Alguns momentos mais tarde, houve o som da descarga e James surgiu, acompanhado de uma lufada fumegante de merda e do Extrato de Limão da Penhaligon.

— Um pouco de diarreia — disse ele, numa voz acusadora.

Por que ele não conseguia manter essas baixarias para si mesmo? James estava nu agora, debaixo do roupão entreaberto. Quando ele virou os olhos para mim, um lento olhar lascivo se espalhou pelo seu rosto, mas ele hesitou em se aproximar. Ele não tinha feito isso antes, percebi. Sentindo-me mais confiante, dei um passo em direção a ele. Fechei os olhos e corri meus dedos ao longo do que pensei que fosse seu queixo, descendo até a garganta, passando os dedos por entre os cabelos do peito.

— Então — murmurei ofegante —, o que você quer fazer comigo?

Silêncio. Me preparei para um beijo, espreitando sob meus cílios.

— James tem sido um menino travesso.

Eu abri meus olhos. Ele estava fazendo beicinho, a gordura no rosto de repente fazia-o parecer como um bebê inflado.

— James tem sido um menino travesso e ele quer que sua senhora comece a puni-lo.

Eu poderia ter rido de alegria.

— Então, deite-se na cama, *imediatamente*!

Prendi a respiração e entrei no banheiro, para retirar o cinto do outro roupão de banho. James estava espalhado sobre a cama, seu peso desafiando até mesmo o colchão hipermoderno do hotel. Quando puxei os braços dele sobre a cabeça e amarrei seus pulsos com o cinto do roupão, dei uma rápida olhada para baixo, avaliando a vasta barriga sarapintada. Será que eu teria mesmo que levantar aquela cortina de carne para chegar ao seu pênis? Deus. Eu não tinha muito com o que improvisar, então segui meu roteiro enquanto tirava o cinto do cós da calça dele, que estava pendurada sobre uma cadeira. Segurando a fivela, girei o cinto três vezes e engoli em seco quando me aproximei da cama. Três mil libras. Um salário de alguns meses. Com certeza, eu nunca tinha deixado algo tão horrendo como isto chegar perto de mim, mas disse a mim mesma que todos os gatos são pardos no escuro...

— Vire-se!

James rolou para o lado, e ele não poderia ter ido mais longe sem provocar um buraco na cama. Sua bunda parecia um par de leitões rosados deitados no lençol. Tive que me concentrar ou ia me acabar de tanto rir. Deslizei o chicote improvisado ao longo de uma nádega enrugada.

— James merece uma boa surra. Eu o vi olhando para aquelas garotas à beira da piscina. Fiquei com ciúmes. Que menino assanhado, muito assanhado!

A cada "assanhado", eu dava uma chicotada, tentando avaliar o quanto ele suportava.

— Sim, senhora, eu fui um menino travesso.

— E você merece ser punido, não é?

— Sim.

Mais forte, desta vez.

— Sim, o quê?

— Sim, senhora.

Mais forte ainda, o suficiente para deixar uma faixa vermelha. Ele suspirou. Eu também.

Prossegui com isso por mais um tempo, mas não havia realmente nenhuma maneira de dizer se ele estava excitado ou não; seu rosto já estava escarlate por causa do sol que tinha tomado na hora do almoço. Então, fiz com que ele rolasse de volta, desamarrei a camisola para que ele pudesse dar uma olhada em meus seios e me arrastei por cima dele até que meu rosto ficasse em cima de sua virilha,

com minha bunda erguida no ar para que James pudesse ver a minha boceta através da divisão na calcinha. Seu pênis era minúsculo, um esboço de duas polegadas espiando garbosamente em meio a uma almofada pálida de carne. Eu tinha um preservativo enfiado na sola de minhas sandálias, mas não conseguia ver nenhum modo de colocar essa camisinha nele, e muito menos de colocá-lo dentro de mim. Graças a Deus, mas eu ia ter que fazer esse cara gozar de alguma maneira.

— Você merece gozar, menino mau?

— Sim, por favor, por favor!

Plaf!

— Por favor, o quê?

— Por favor, senhora.

— E o que você quer?

Ele franziu o rosto novamente, balbuciando agora, coisa ainda mais revoltante.

— James quer a vagina dele.

Eu já tinha feito um monte de coisas, sexualmente falando. A maioria delas até que gostei, e outras não, mas me forcei a fazê-las, algumas vezes pela curiosidade e algumas vezes porque queria saber o quanto eu suportaria. Foram garotos e garotas, e com três ou mais pessoas; às vezes, tinha ficado com medo e outras vezes a coisa doeu, mas esse era o único poder real que eu tinha e queria testar os meus limites. Cada um desses atos tinha sido mais uma camada de verniz em minha força; e este ato aqui seria apenas outra. Nada mais do que isso. Afastei meu cabelo para trás e tomei aquilo na boca, e ele gozou em cerca de vinte segundos, uma pequena gota de muco que engoli como se fosse remédio. Eca! Em meu próprio banheiro, arranquei aquela calcinha ridícula e tomei uma rápida ducha. Perguntei-me brevemente como eu deveria me sentir. Eu não tinha vontade de nada, no máximo de nadar um pouco. E foi o que fiz.



James insistiu para que fôssemos até um lugar chamado Tétou para jantar. Ele alegou que era o único lugar para se comer bouillabaisse no sul da França.

— Eca, sopa de peixe — murmurou Mercedes. — Não coma nada dessas coisas com alho, a gente vai feder.

Assim que o porteiro abriu a porta, entrei no restaurante que não parecia muito mais do que um quiosque de praia com paredes de vidro, e olhei rapidamente as cadeiras. Eu queria que James continuasse com o bom humor que vinha exibindo desde o nosso pequeno encontro.

— *Monsieur* vai precisar de uma cadeira diferente — sussurrei rapidamente a um garçom em francês. — Ele é muito, digamos, robusto.

O garçom me deu um olhar estranho, mas logo James se encaixou em uma cadeira sem braços que fora encontrada. Mercedes estava animada. Nós duas passamos um bom tempo nos vestindo, ela em um de seus Herve Leger, eu em um vestido simples de seda limão, com um corte suave que fazia o vestido terminar apenas alguns centímetros abaixo de minha calcinha, e ainda calcei um sapato plataforma de camurça Zanotti. Notei, gratificada, aquele segundo de mudez que se espalhou entre os outros clientes ao nosso redor quando nos sentamos, embora eu duvidasse que alguém estivesse pensando que James levava suas duas sobrinhas para jantar para comemorar a formatura na faculdade. Com um sorriso maroto, James sugeriu champanhe, e uma garrafa de Krug apareceu.

— Vamos lá, James — insistiu Mercedes. — Faça uma loucura e tome um gole!

A papada de James balançou gargalhando enquanto ele segurava a taça.

— Por que não? Só desta vez.

O bouillabaisse veio em duas porções, primeiro o caldo de marisco intenso com torradas e molho apimentado, e depois uma terrina branca com peixe. O molho de açafrão parecia delicioso, mas Mercedes tinha tudo contra o alho. Foi um jantar bastante alegre, realmente. Eu disse a Mercedes para deixar de lado a droga de seu celular, e ela ouviu atentamente três rodadas das histórias de James, rindo sempre nas horas certas e garantindo com discreta certeza, hábil como ela era, que a taça dele sempre contivesse alguns dedos de bebida. Quando os pratos foram retirados pelos garçons, que traziam o cardápio de sobremesas, James pediu licença.

— Tenho que correr, é o número dois — confidenciou ele.

Senti minhas entranhas contraindo. Qual era o problema com esse cara? Nós duas olhamos para o outro lado enquanto ele se arrastava em meio às mesas e

perguntava em voz alta onde ficava *la toilette*.

— Depressa — disse Mercedes. — Tire o guardanapo. Eu trouxe aqui.

Em sua mão vi um pequeno envoltório caseiro, feito a partir do papel de carta do próprio hotel. Ela despejou o conteúdo na taça de James como uma vilã de desenho animado enquanto eu fazia o pedido de sobremesas ao garçom, três tartes tropézienne.

James recusou minha oferta de fazermos um passeio romântico na praia, como eu sabia que ele faria, e o carro que ficara nos esperando nos levou de volta para o hotel. Nós poderíamos tomar um drinque no terraço, sugeri em vez do passeio na praia, para apreciar a vista maravilhosa. A distância entre o restaurante e o hotel era bem curta, mas a cabeça de James já estava pendurada em seu ombro, como um repolho crescido exageradamente, depois de cinco minutos. Os roncos que ele emitia eram altos e viscosos. Chamei a atenção do motorista pelo espelho do carro.

— Talvez você pudesse esperar enquanto nós ajudamos o *monsieur* a entrar? Acho que ele bebeu champanhe demais...

O ruído do cascalho do Hôtel du Cap despertou James. Ele afirmou, é claro, que não tinha dormido, mas acrescentou com voz pastosa que poderia ter cochilado um pouco. Eu o segui solícita até a suíte e me preparei para um beijo de boa-noite carinhoso, mas ele já estava cambaleando em direção à cama. Eu o ouvi batendo nos móveis, e logo em seguida a faixa de luz por baixo da porta desapareceu e houve silêncio. Eu contei lentamente até sessenta, duas vezes, até os roncos retomarem.

Mercedes queria ir para o Jimmy'z, a famosa casa noturna no porto em Cannes, mas ainda era muito cedo, e, além disso, tive uma ideia um pouco mais tosca. Pedi ao motorista que nos levasse a algum lugar que fosse "*décontracté*" e ele virou o carro para a direita, em direção a Antibes, subindo para longe do litoral e indo diretamente para as colinas por cerca de quinze minutos, até chegarmos a um edifício baixo de pedra construído no estilo de Ibiza, todo branco e prata, com um enorme terraço e um bando de porteiros todos vestidos de preto. Duas Ferrari estavam estacionadas ali quando descemos do carro.

— Gostei da cara do lugar, hein? — disse Mercedes, e de repente eu comecei a rir.

Eu nunca tive ninguém com quem fazer isto antes e me sentia meio boba e

até mesmo afetuosa por ela. Eu disse ao motorista que ele poderia ir; nós pediríamos aos porteiros que nos chamassem um táxi depois.

— Então venha, garota — respondi com uma voz que não tinha sido a minha por mais de uma década. — Vamos dar boas risadas.

O segurança nos deu uma avaliada rápida e desatou a corda de veludo.

— *Bonsoir, mesdames.*

Tomamos uma mesa no terraço e pedimos Kir Royal para beber. Havia alguns grupos de europeus mais velhos, todos com camisas brancas de colarinho aberto e relógios gigantes, um bando de prostitutas russas muito magras, e vários casais mais jovens. Enquanto eu me perguntava se o próprio Balensky apareceria, duas taças de champanhe foram servidas.

— Com os cumprimentos dos dois cavalheiros — entoou o garçom solenemente.

Eu segui seu olhar e vi dois caras jovens, árabes, usando, absurdamente, óculos de sol ali dentro, e acenando para nós.

— Vamos devolver — sussurrei para Mercedes. — Nós não somos prostitutas.

— Fale por você, amor.

— Sua vaca.

Nós bebemos três Kirs enquanto a boate se enchia, e depois fomos para dentro, para a pista de dança. Observei que os homens nos seguiam com o olhar. Acho que este é o momento de que mais gosto, a paquera, a escolha. Posso ficar com você, ou você, você? Fizemos alguns movimentos tímidos de dança enquanto nos decidíamos.

— Que tal aqueles?

— Muito velhos.

— E aquele?

— Muito gordo. Gordo demais.

Começamos a rir sem parar. Parecia que isso era a coisa mais engraçada do mundo.

— E eles?

— Hum... Promissor.

Mercedes estava batendo os cílios postiços de modo frenético, apontando para uma seção mais no alto, obviamente a área VIP. Dois homens estavam sentados em uma mesa com um balde de gelo com vodca, os dois vendo mensagens de

texto enquanto um garçom descarregava uma bandeja de sushi. Eles eram jovens e de aparência apresentável, embora nós estivéssemos muito longe para avaliar os relógios e os sapatos.

— Vá em frente.

— Eu vou, eu vou dizer um olá.

Agarrei-a de volta.

— Você não vai fazer isso! Vou ficar com vergonha! — Era assim que supostamente as coisas deveriam ser, não era, ser uma garota? — Vamos sentar e esperar que esses caras venham até nós.

— E se eles não vierem? E se alguém ficar com eles primeiro?

— Eles virão. Fique olhando.



E então, sem sabermos muito bem como, uma hora depois estávamos em um Porsche Cabriolet correndo estupidamente rápido em direção ao antigo porto de Antibes, com Dom Perignon secando no meu vestido limão e Mercedes, no banco de trás, bebendo loucamente uma garrafa dessas. Todo mundo estava fumando e um cara atarracado cujo nome ninguém sabia estava cheirando coca de uma latinha de pó compacto da Guerlain sobre a capota conversível retraída.

— Eu quero ir para Saint-Tropez — gritou Mercedes, emergindo por um segundo.

— Eu quero ver os Picassos!— gritei de volta.

Em seguida, estávamos parando loucamente sobre os paralelepípedos da cidade velha, quase derrubando um paparazzo cansado ajoelhado nas docas, o cara atarracado tinha desaparecido e Mercedes estava sendo carregada por uma prancha, as pernas acenando como um besouro.

— Tire os sapatos! — gritei para ela.

— Puta merda, Lauren — gritou ela em resposta —, venha cá!

O motorista do Porsche e dono do iate, que era tão brilhante e novo como o seu dinheiro, se chamava Steve, e se eu fosse uma prostituta russa ele teria cheiro de Natal para mim. Mas eu notei que ele não tinha tocado a vodca ou a coca, até então eu também não tinha feito isso, e enquanto a Mercedes emitia alguns sons

de filmes pornôs baratos com o amigo dele fora de cena, Steve me fez um chocolate quente e olhamos seus três Picassos, que eram bastante bons, e ele me contou sobre sua coleção de arte contemporânea, porque é claro que ele colecionava arte contemporânea, em seguida, Mercedes e A Coisa reapareceram, e todos nós nos despimos e entramos na banheira de água aquecida de Steve, no deque do seu enorme barco e bebemos um pouco mais de Dom, e ele tentou fazer com que isso parecesse algo feliz. Talvez fosse. Talvez estar feliz seja, nem que por apenas uma única vez, não fazer falcatruas.

Voltamos ao Hôtel du Cap por volta das três, encolhidas e levando nossos sapatos na mão ao passar sobre o cascalho e ao passar pelo porteiro da noite, impassível. Assim que abrimos a porta da suíte com um doloroso cuidado, pareceu necessário rastejar para nosso quarto no estilo do treinamento das forças armadas, mas Mercedes tocou a mesa com o ombro enquanto rolava pelo chão, derrubando o vaso barroco de lírios com um estrondo que parecia alto o suficiente para ser ouvido em Saint-Tropez. Nós congelamos, mas o único som que ouvimos foi o de nossa respiração, repentinamente áspera. Por alguns segundos, eu senti como se tivesse engolido um balão, mas James não se mexeu atrás de sua porta. Não havia nem mesmo o som de roncos. O que significou que, no momento em que estávamos em segurança em nossa própria cama, rimos de forma incontrolável. Eu não me lembro de ter adormecido rindo tanto alguma vez na minha vida.

Um raio forte de sol passando entre as pesadas cortinas me acordou por volta das nove. Saí de baixo das cobertas e olhei na sala de estar. Os lírios tinham magicamente sido substituídos e o *Times* estava colocado sobre a mesa, mas não havia nenhum outro sinal de vida. James ainda devia dormir. Eu me atrapalhei com a minha bolsa, procurando dois Nurofen, e me arrastei para debaixo do chuveiro, deixando a água quente lavar a maquiagem da noite anterior. Havia apenas mais o dia de hoje para passar, e talvez eu pudesse convencê-lo a ir ao museu Picasso em Antibes... Ele gostaria de se sentir culto. Depois da noite anterior, quase senti um pouco de pena de James. Enrolada em uma toalha enorme, fui acordar Mercedes.

— Vamos, acorde. Ele ainda não se levantou. Vamos deixar um bilhete e tomar o café no jardim.

Vestimos os roupões por cima de nossos biquínis, e, com óculos de sol e goles

do suco de laranja adocicado, tudo parecia tipo fantástico demais. Achei que seria mais atencioso se pedíssemos café para três, mas embora a gente demorasse apreciando os deliciosos croissants quentes com geleia de marmelo e figo, James não apareceu. Olhando para os outros hóspedes tomando o café da manhã, e os jardineiros de hotel em suas jaquetas vermelhas limpando e praticamente polindo a grama, eu quase me esqueci dele, como se estivéssemos lá por nossa própria conta. E isso foi fantástico, também. Mercedes baixou os óculos, enrugando-se um pouco com o sol forte.

— Você acha que ele está bem?

— Claro que sim. Talvez ele tenha pedido o café no quarto.

Apesar de a gente ter deixado um bilhete, e de ele parecer do tipo que queria a minha presença o tempo todo.

— Vou dar um pulo lá em cima e verificar — ofereceu-se Mercedes.

Quando voltou, ela estava carregando duas das toalhas com monograma do hotel.

— Eu bati à porta dele, mas ele não respondeu. Vamos nadar!

Capítulo nove

PODE PARECER ENGRAÇADO, mas eu sabia que havia algo de errado quando James não apareceu para o almoço. Mercedes tinha imediatamente voltado a dormir ao sol, os laços da parte de cima do biquíni desatados nas costas, e eu tinha passado o tempo lendo uma biografia de Chagall que tinha trazido na mala, para o caso de termos a oportunidade de ir até Saint-Paul de Vence. Quando já era meio-dia e meia, comecei a me preocupar seriamente e embora tentasse me concentrar no meu livro por mais alguns minutos, sabia que tinha algo muito estranho acontecendo. E se James estivesse doente? Passando mal? Ele vinha sofrendo daquela diarreia horrível. Talvez estivesse precisando de um médico. A última coisa que a gente precisava agora era de um incômodo desse tipo. Vesti meu roupão e cruzei o gramado, estava muito impaciente quando entrei para esperar o elevador. No segundo andar, avancei pelo corredor, murmurando "*Désolée*" para uma faxineira que estava inclinada sobre o aspirador de pó. Fui direto ao quarto de James e logo que eu o vi, eu soube.

Eu nunca tinha visto um defunto antes. Mas havia uma imobilidade oca na carne, um vazio estranho no rosto, o que sinalizava uma total ausência de vitalidade naquele corpo. James não parecia dormir, longe disso. Ele só parecia estar morto. Seu corpo imenso no lençol branco estava coberto por um pijama de algodão; com os pés descobertos de unhas grossas saindo, parecia mais um grotesco querubim envelhecido. Eu sabia, mas, ainda assim, passei por alguns daqueles movimentos que eu tinha aprendido com os filmes: fui buscar o estojo de pó compacto na minha bolsa de maquiagem e, cautelosamente, segurei o espelho debaixo das narinas. Nada. Não consegui me obrigar a abrir os olhos, mas cuidadosamente ergui o presunto que era seu braço e tentei sentir o pulso.

— James? — sibilei com urgência, tentando controlar um grito, que engoli. — James! — Nada.

Dei a volta na cama para pegar o telefone e chamar a recepção, mas antes verifiquei meus pensamentos. Eu me sentia tonta e queria vomitar, mas não era

o momento de perder o controle. James tinha bebido — ele usualmente não bebia, talvez nem pudesse beber. Deixei escapar um longo suspiro trêmulo. Eu estava vendo tudo aquilo, a equipe rápida e discreta do hotel, a ambulância, a delegacia de polícia. Se eles fizessem a autópsia, eles veriam aquele estúpido coquetel de tranquilizantes que Mercedes tinha dado a ele, e seria homicídio. Vi os jornais, os nossos nomes, o rosto da minha mãe. A impossibilidade inimaginável da prisão. De repente, ouvi o som do aspirador de pó se aproximando. A faxineira estava chegando, para limpar o quarto. Corri para a porta principal, atrapalhei-me com os avisos de porta para pedidos de café da manhã, jornais e sei lá mais o quê, deixei tudo cair ao chão, e finalmente pendurei o aviso de "Não Perturbe" do lado de fora da porta. Em um lugar como este, isso nos daria algumas horas. Sentei-me lentamente em um dos sofás brancos. *Respire, Judith. Pense.*

Eu não tinha enviado os nossos passaportes para a recepção; simplesmente tinha me esquecido de fazer isso. Depois, havia rabiscado apenas as iniciais fictícias LJ no recibo do café da manhã. Havíamos chamado uma à outra pelos nossos nomes da boate, usando óculos de sol na maior parte do tempo. Quero dizer, os funcionários do hotel tinham nos visto subindo e descendo da suíte, mas estávamos no sul da França — eles simplesmente assumiriam que nós éramos duas prostitutas, contratadas para uma festinha durante um fim de semana. Se pudéssemos sair, eles não teriam como nos rastrear além de nossa descrição física, e este era um dos grandes hotéis, e imaginei que seus funcionários deviam ser treinados para não serem muito, digamos, observadores. E as impressões digitais? Eu não tinha nenhuma ideia de como isso funcionava, mas certamente eu não tinha antecedentes criminais e, até onde eu sabia, nem Leanne. Eles não tinham algum departamento onde elas eram armazenadas? Algum banco de dados internacional e supertecnológico onde guardavam o DNA das pessoas?

Não estava conseguindo pensar direito. Muitas vezes, tinha mergulhado nos livros de medicina de minhas companheiras de quarto, mas não tinha certeza de que houvesse sinais visíveis de uma parada cardíaca súbita. Ele era obeso, estava quente e ele tinha feito sexo — certamente essa seria a conclusão óbvia, não é? Agradeci a Deus porque as meninas legais sempre engolem: assim, não haveria muitas pistas sobre mim nos lençóis... E quando alguém viesse com a impressão de que havia mais coisas naquele incidente, nós duas já estaríamos de volta a

nossas vidas. E se alguém viesse procurar...

O porteiro da noite tinha nos visto entrando no hotel na noite passada. Poderíamos dizer que tínhamos saído para nos divertir, que a gente realmente não tinha conseguido seguir adiante com a coisa. Duas garotas idiotas levando um cara mais velho para um passeio. Poderíamos dizer que James tinha ficado com raiva quando não quisemos cumprir com a promessa de fazer sexo, nos disse para irmos para casa e fomos para a cidade sem ele. E não nos despedimos porque pensamos que ele estivesse dormindo, furioso. Isso era plausível. Peguei meu celular no bolso do roupão e mandei uma mensagem para Leanne para vir para cima imediatamente. Meu polegar escorregou gosmento por toda a tela. James tinha uma esposa, Veronica. Eles a encontrariam, por meio do passaporte dele, e talvez ela quisesse manter as coisas discretas, para evitar escândalo. Certamente ela estaria esperando um ataque cardíaco em um futuro não muito distante, de qualquer maneira.

Meu telefone tocou. Leanne estava na porta. Eu abri e puxei-a para dentro da suíte.

— Sente-se. Não diga nada e, pelo amor de Deus, não comece a gritar. Ele está morto. Não é brincadeira, não tem engano. Seja o que for que você tenha dado para ele beber, aquilo foi demais. Ele está lá dentro.

Eu nunca tinha visto alguém empalidecer desse jeito antes, e parte de mim estava mesmo interessada em ver como o sangue de fato tinha escoado de seu rosto, deixando-o meio esverdeado debaixo do bronzeado. Fui até o banheiro, apanhei uma das belas toalhas de linho penduradas ao lado do bidê para embrulhar a minha mão, e fui buscar uma das pequenas garrafas de conhaque no minibar, nada de copos.

— Beba isto.

Ela engoliu obediente em um gole, e começou a soluçar, escondendo o rosto nas mangas do roupão. Peguei a garrafa e caminhei até o quarto de James. Nem olhei para aquilo em cima da cama, apenas coloquei a garrafinha vazia no armário de cabeceira. Já havia álcool no organismo dele, de modo que isso não iria fazer diferença.

Tentei deixar a minha voz a mais gentil que consegui.

— Leanne, a coisa é feia. Muito feia. Nós não podemos contar isso a ninguém, entendeu? Se a gente fizer isso, seremos incriminadas, mesmo que a gente não

tenha tido qualquer intenção. E seremos enviadas para a prisão. Diga que está entendendo.

Ela assentiu com a cabeça. Agora, parecia incrivelmente jovem.

— Eu posso lidar com isso. Você quer que eu lide com isso?

Ela assentiu com a cabeça novamente, grata, desesperada. Eu quase não acreditava no que acabara de dizer, mas meu instinto era tudo que tínhamos. Eu só precisava manter minhas ações tão rápidas quanto meus pensamentos. Leanne começou a soluçar, e percebi os soluços na garganta rapidamente se movendo em direção à histeria. Segurei seus braços firmemente.

— Olhe para mim. Leanne, olhe para mim! Pare com isso. Respire. Vamos lá, só respire fundo. E outra vez, é isso, isso mesmo. Melhor?

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— Está bem. Agora, tudo o que você tem que fazer é exatamente aquilo que eu lhe disser. Entendeu? Eles não sabem quem somos, tudo vai ficar bem. Ouça! Tudo vai ficar bem. Vista-se, com alguma roupa limpa e bonita. Ponha tudo na sua mala. Cheque o banheiro com cuidado, não deixe nada, garrafas, copos, maquiagem, nada.

Eu não achava que isso tivesse alguma importância, mas ter alguma coisa para fazer e com o que se concentrar iria mantê-la quieta. Ela entrou em nosso quarto meio zonza, como se fosse um paciente do hospital.

Voltei para James. Se eu mantivesse meus olhos afastados, seria melhor, mas eu tinha um medo doentio de que uma dessas mãos mortas e gordas de repente se mexer para me agarrar. Olhando ao redor do quarto, vi o paletó azul-marinho dele pendurado em uma cadeira. Usando a toalha novamente, enfiei a mão no bolso e encontrei o celular, que estava desligado. Tanto melhor. Havia uma carteira com cartões de crédito, carteira de motorista, algumas notas de cinquenta euros, e um clipe de dinheiro Tiffany de prata. Provavelmente um presente de Veronica. Peguei o dinheiro. A maior parte era em notas rosa de quinhentos euros, algumas amarelas de duzentos. Contei, incrédula, e depois contei novamente. Então eu me lembrei. Este era o Eden Roc. O hotel era famoso por aceitar apenas dinheiro — lembrei-me de um desses críticos gastronômicos vulgares se gabando em relação a isso. Só Deus sabia quanto uma suíte aqui deveria custar, mas James obviamente tinha sacado dinheiro suficiente para pagar a conta, e mais aquilo que havia me prometido. Ali havia pouco mais de 10

mil euros. Peguei duas das notas de cinquenta da carteira, adicionei mais duzentos euros e as coloquei de volta no clipe de dinheiro no bolso do paletó. Por um segundo, tive um pensamento louco de pegar seu enorme Rolex de ouro, mas isso seria mais do que estúpido. O resto do dinheiro eu enrolei firmemente e enfiei no bolso de meu roupão.

Leanne estava sentada pacientemente na cama em sua calça jeans e camiseta cinza, olhando para os pés em suas sandálias de salto plataforma. Joguei para ela minha jaqueta de lona bege Alaïa. Foi um sacrifício, mas eu imaginei que eu poderia conseguir outra agora.

— Vista isso e ponha seus óculos. Não vou demorar muito.

Ela tentou, mas começou a tremer e não conseguiu enfiar os braços nas mangas apertadas.

— Se começar a ter ataques histéricos, eu vou bater em você. Pare com isso. Você devia me agradecer porque tive o bom senso de não chamar a polícia.

Eu enfiei minhas coisas na mochila de fim de semana, incluindo a lingerie tosca que tinha usado no dia anterior, os sapatos de salto, maquiagem, carregador de telefone, livros, escova de cabelo, laptop. Então eu tirei as bolsas Chanel de suas sacolas e enfiei as nossas outras bolsas lá dentro, empurrando as bolsas de grife por cima. Desta forma, não ia parecer que estávamos indo embora, apenas passeando e saindo para fazer compras no sábado. Eu me perguntava a que horas devia ser o check-out da suíte. Se fosse ao meio-dia de amanhã, ou mesmo 11 horas, teríamos muito tempo com o aviso de "Não Perturbe" na porta. Corri de volta para a sala de estar. A nota que eu tinha escrito, um garboso "Saímos para um mergulho! Vejo você lá embaixo, querido, beijos", estava no bloco do hotel. Arranquei a folha, e a folha debaixo também, apenas por precaução, no caso da caneta ter deixado alguma marca. Amassei as duas folhas e coloquei-as no meu bolso.

— Certo, vamos embora. Fique com o celular na mão. Quando chegarmos no saguão, comece a digitar mensagens de texto, mantenha sua cabeça abaixada. Não se apresse.

A arrumadeira ainda estava pairando no corredor. Achei que fosse vomitar em cima dela quando a mulher começou a falar comigo.

— *Voulez-vous que je fasse la chambre, madame?*

Eu consegui dar um sorriso casual. Ela não era muito mais velha do que eu,

mas seu rosto estava pálido e tinha a pele marcada. Acho que ela não chegou a ver muito o sol da Riviera.

— *Pas pour l'instant, non merci.*

Nós passamos por ela, tomamos o elevador para o lobby e pisamos na calçada.

— *Vous avez besoin d'une voiture, mesdames?*

Era o mesmo mensageiro de ontem, a quem eu tinha dado gorjeta. Merda.

— *Non merci. Nous avons besoin de marcher.*

As vacas inglesas querendo queimar sua ressaca, esperei que ele estivesse pensando.

Então, começamos a descer a rua, os tornozelos de Leanne balançando precariamente durante a descida. O hotel ficava bem longe de Cannes, e por um tempo nós caminhamos ao longo de uma estrada vazia, flanqueada em ambos os lados por paredes brancas e portões de segurança. Passamos por diversas caçambas de plástico verde para lixo, então ergui uma das pesadas tampas e joguei dentro os pedaços rasgados de papel. Era a hora mais quente do dia, e as tiras da sacola estavam cavando vergões em meus dedos. Estava com dor de cabeça e podia sentir uma trilha de suor molhando as costas de minha camisa. Leanne caminhava penosamente ao meu lado.

— Está tudo bem, Leanne, tudo vai ficar bem. Apenas continue andando.

Finalmente, a estrada fez uma curva e voltou para a beira do mar. À esquerda, no alto, se podia ver as janelas do hotel emergindo serenamente por trás das folhas das palmeiras, como os cílios compridos de uma vedete. A baía estava lotada de jet skis e veleiros, e um pouco mais à frente a balsa para a ilha de Sainte Marguerite estava atravessando. Paramos no primeiro bar, onde eu pedi duas Oranginas e perguntei ao garçom educadamente, mas não muito corretamente, se ele poderia nos ajudar a chamar um táxi para o aeroporto de Nice. Ele fez um pouco dos resmungos franceses, mas enquanto eu pagava pelas bebidas, uma Mercedes branca estacionou lá fora.

Leanne olhava estupidamente para fora da janela do táxi. Lembrei-me de seu desafio lá atrás, na National Gallery, e senti uma pontadinha de júbilo. Quem estava precisando da boa e velha Rashers agora? Talvez fosse algo na maneira submissa como ela inclinava a cabeça, mas eu subitamente me lembrei daquela sexta-feira em que os oficiais de justiça vieram.

Minha mãe não era uma bêbada. Na maioria das vezes, ela se mantinha no emprego que fosse durante o mês; e, principalmente, ela sempre se levantava de

manhã. Mas, de vez em quando, aquilo tudo se tornava opressivo demais e então ela bebia. Não alegremente ou de forma imprudente, apenas um gole constante de cada vez em direção ao afortunado esquecimento. Que, na verdade, pode ter sido uma resposta perfeitamente razoável para a sua vida. Lembrei-me de que tinha acabado de levá-la para a cama enfiada sob sua colcha rosa de chenile com uma xícara de chá e uma tina de plástico na mesa de cabeceira no caso de o quarto começar a girar assim que ela fechasse os olhos quando a campainha tocou. Eu devia ter uns 11 anos.

— Quem pode ser, mãe?

Ela estava um pouco além da fala, mas finalmente conseguiu dizer que devia ser algo a ver com a televisão. Tinha sido comprada a prazo, minha mãe deixara de pagar as prestações há meses, e a empresa devia ter mandado os oficiais de justiça virem retirá-la.

— Quer que eu cuide disso, mãe? Vou cuidar disso.

— Obrigada, amor — foi tudo o que ela conseguiu responder.

Abri a porta, ainda no meu uniforme escolar. Eu tentei dizer que não havia ninguém em casa, a não ser eu, e que por isso não poderia deixá-los entrar. Eles não eram caras maus, apesar daqueles ternos de leões de chácara. Eram apenas pessoas tentando ganhar a vida, assim como o resto de nós. Eles até disseram que sentiam muito, enquanto levavam a TV embora pela porta da cozinha. A gente não usava a sala da frente; era apenas mais um espaço frio. Bem, isso nos deixou com a geladeira e o fogão e a mesa e o sofá. Eu achava que as cozinhas cheias de coisas eram demais, então... — pelo menos, a gente não tinha uma dessas. Eles voltaram um dia para buscar a geladeira, e ainda bem que primeiro tiraram a comida de dentro. Foram mesmo muito gentis, colocando o pão e a geleia e a vodca no sofá. Um deles voltou depois para devolver um pacote de milho verde congelado que estava no congelador. Nem posso explicar como aquela cozinha agora parecia tão solitária. Os vizinhos tinham saído para olhar; amanhã, estariam por toda a propriedade. Olhei de volta, tremendo na minha camisa de poliéster do uniforme da escola, tentando parecer altiva. Fiquei contente por mamãe estar muito chapada para ver isso, ela poderia ter feito uma cena que todos eles comentariam para sempre. *Isso não aconteceria de novo*, eu pensei então. Isso nunca mais vai acontecer comigo de novo.

Mas nem era o momento exato para essa nostalgia.



— Fale — ordenei para Leanne. — Me conte sobre ontem à noite.

Consegui que ela ficasse bem, rindo divertida de vez em quando, como se estivéssemos revivendo as nossas aventuras. Se o motorista do táxi se lembrasse de nós, eu queria que ele pensasse que éramos alegres, garotas normais. Ele nem sequer se preocupou em fingir que não tinha nos enganado na tarifa até o aeroporto, quando chegamos e ele deu o valor, agi de forma gelada ao pagar o que foi pedido.

— Certo — eu disse, assim que nos vimos no ar-condicionado da área de check-in. Enfiei uma das notas de quinhentos euros enrolada na mão de Leanne. — Tome isso, vá até o balcão da companhia aérea e compre uma passagem só de ida para Londres. Hoje é sábado e eles vão ter lugar no voo. Quando chegar, não telefone e nem mande mensagens de texto. Eu mandarei uma mensagem para você, para que saiba que tudo está bem. Não voltarei à boate e, se alguém fizer perguntas, apenas diga que conheci alguém e que saí de férias. Para Ibiza. Você acha que estou em Ibiza. Entendeu tudo?

— Judy, não sei se eu posso...

— Nem tente — dei-lhe um abraço, como duas grandes amigas se despedindo. — Você vai ficar bem.

— Mas e você, o que vai acontecer com você?

— Não se preocupe comigo. — Coisa que ela faria, de qualquer maneira. Seus olhos ansiosos já estavam vasculhando os balcões das companhias aéreas, procurando por aquela que teria voos para Londres. — Quando chegar em casa, procure agir normalmente, totalmente normal. Você vai esquecer que tudo isso aconteceu, entendeu?

Então, caminhei rapidamente para longe, para que ela não tivesse tempo de falar qualquer coisa.

Tomei outro táxi para o centro de Cannes, pedi que me deixasse no porto, procurei um cartaz com informações turísticas, e fiz a rota até a estação ferroviária. A multidão me empurrou pelo caminho, obrigando-me a segui-la como se fosse uma criança recalcitrante. Havia um trem para Ventimiglia em quarenta minutos. Lembrei-me dos guardas da fronteira, assustada, e pensei em

tentar encontrar o consulado britânico e atirar-me à mercê de algum cara legal e jovem que fizesse parte do corpo diplomático, mas então obriguei-me a pensar no corpo de James, jazendo naquele quarto fechado com seu perfume fúnebre de lírios. Eu tinha tempo. Comprei um exemplar de uma revista, uma garrafa de Evian e um maço de cigarros e sentei-me com a revista aberta no colo, fumando um cigarro atrás do outro e escondendo-me atrás de meus óculos de sol. Eu não tinha nenhum plano, mas estava com 9 mil euros, e a caminho da Itália.

Capítulo dez

ATÉ QUE O TREM CRUZASSE a fronteira, não me permiti nem pensar. Tomei goles de água lentamente, tentando me mostrar interessada naquele *reality show* da TV francesa e o qual não consegui reconhecer. Então, baixei os olhos para a biografia de Chagall que eu tinha comprado, lembrando-me de virar uma página de vez em quando. Do lado de fora da janela, aqueles que deveriam ter sido encantadores vilarejos serranos passaram rapidamente, misturados às imagens das autoestradas e dos novos condomínios construídos entre enormes estufas. Em Ventimiglia mudei de trem e embarquei naquele que me levaria a Gênova, e de repente estava na Itália que eu queria. A última vez que tinha estado lá fora durante aquela bolsa de estudos de um mês em Roma, logo depois que me formei, e lembrei-me da sensação, da mudança na luz, das conversas envolventes naquele idioma. O trem estava agora lotado de homens jovens com enormes relógios e óculos de sol, que pareceriam realmente gays se não fosse por suas inefáveis mulheres italianas bem-arrumadas e autoconfiantes, com bons sapatos de couro e muitas joias de ouro; e um casal de americanos com mochilas e guias de viagem e terríveis sandálias. Em Gênova, troquei de trem mais uma vez. Eu sempre quis ir para Portofino, mas, aparentemente, o trem não ia para lá, foi o que me disse o funcionário da estação, em italiano, informando que iria somente até um lugar chamado Santa Margherita. De lá, era pegar o ônibus ou um táxi. Ninguém ainda tinha pedido para ver meu passaporte, mas eu sabia que teria que mostrá-lo para conseguir me registrar em um hotel. Repassei mentalmente todo o meu caminho até ali: Judith Rashleigh pousa no aeroporto de Nice — nós não viemos com James — e, alguns dias depois, aparece em Portofino. O que havia nessa história que pudesse conectá-la a um homem morto que, até onde eu sabia, continuava deitado na escuridão, envolto pelo perfume de lírios no quarto do Eden Roc? Nada, necessariamente. Eu teria que arriscar, ou então dormir na praia.

Santa Margherita parecia um lugar idílico, o tipo de lugar que eu poderia

imaginar recebendo Audrey Hepburn de férias. Casas antigas com pé-direito alto, amarelas e ocre, enquadravam a baía, cortando uma elevação com uma marina onde superiates balançavam ao lado de barcos de pesca de madeira. O ar cheirava a gardênias e ozônio; até as crianças brincando na areia da praia pareciam chiques, vestidas com camisas de linho e calções, e nenhuma hedionda camiseta de lantejoulas estava à vista. No momento em que desci, cambaleante, quebrada, e com minha bolsa Chanel, os degraus de ardósia cinza que levavam da estação de trem até a beira do mar, eu realmente perdi a paciência. Portofino podia esperar. Eu precisava de um banho e trocar de roupas. Havia vários hotéis na primeira curva da baía, em frente à praia pública e a uma área privativa, com guarda-chuvas listrados vermelhos e brancos e espreguiçadeiras dispostas em fileiras com precisão italiana. Nem pensei muito tempo, apenas entrei no primeiro hotel e pedi um quarto. Falei em inglês, achando que isso me deixaria com menor visibilidade. Quando a mulher na recepção me pediu meu cartão de crédito, respondi algo rápido e complexo que eu não esperava que a moça pudesse entender, acenando um par de notas de duzentos euros. Ela me deixou pagar antecipadamente por duas noites e pediu meu passaporte. Eu tive a mesma sensação que costumava ter quando tentava sacar dinheiro no caixa automático no final do mês, enquanto ela registrava laboriosamente os meus detalhes em um computador, e tentei manter um sorriso agradável no meu rosto. Ela estendeu a mão para pegar um telefone. Meu Deus, ela vai ligar para os *carabinieri*? Não entre em pânico, não se apavore. Eu poderia largar as minhas malas e cair fora de lá em segundos, o rolo de notas seguras no meu bolso. Havia um ponto de táxi do lado de fora, com um único Audi parado enquanto o motorista fumava para fora da janela. Eu tive que lutar para manter a minha respiração estável, e resistir ao impulso nos meus músculos de correr até o carro.

Era a arrumadeira. Ela estava ligando para a arrumadeira para verificar se o quarto estava pronto. Ela me entregou uma chave antiga com um chaveiro pesado de bronze e me desejou uma estadia agradável. Fiz um gesto de que eu levaria a minha própria bagagem. Uma vez no quarto, eu larguei minhas coisas na cama, abri a janela e ignorei o aviso de "Não Fumar". Fiquei surpresa ao ver que o sol estava baixo por trás do promontório, criando fitas roxas nas ondas do mar. Eu tinha viajado durante todo o dia. Não, não tinha viajado. Eu tinha fugido.

As cortinas de um rosa pálido se inchavam com a brisa do mar. Fiquei assustada, suspirando em voz alta, no segundo em que o tecido formou dois braços inchados, estendendo-se para mim. Congelei, meu coração batendo tão alto que eu podia ouvi-lo mesmo sobre o som das ondas quebrando lá fora. Então, ri comigo mesma. James podia ter parecido o bicho-papão, mas ele se fora. Eu tinha 8.470 euros em dinheiro, estava sem emprego e tinha deixado um homem morto em outro país. Pensei rapidamente em mandar uma mensagem de texto para Leanne, mas logo abandonei a ideia. Eu compraria um novo telefone amanhã, transferiria os números, e jogaria o antigo no porto. Continuei a fumar, esperando que o medo voltasse. Mas isso não aconteceu. Eu estava na Itália no alto verão, e pela primeira vez em toda a minha vida, estava livre. Não teria que me preocupar com dinheiro por um bom tempo. Eu considerei por um instante celebrar esse momento, mas logo disse a mim mesma que devia me acalmar. No entanto, não conseguia tirar o sorriso estúpido da minha cara. Pela primeira vez, eu não precisava dormir com alguém para me sentir intocável.



Tomei banho e troquei de roupa, caminhei pelo porto, bebi uma modesta taça de vinho branco numa mesa do lado de fora do bar, fumei, li meu livro e olhei ao meu redor. Eu tinha me esquecido do efeito que a Itália causa ao povo inglês, a maneira como todo mundo parece ter tão boa aparência, como os garçons são tão charmosos, como a comida pode ser tão deliciosa. A vida realmente parece ser *bella*. Depois de comer *trofie* com um *pesto* realmente luminoso e fatias de batata com feijão-verde, voltei ao meu hotel. Não havia nenhuma mensagem em meu celular. Despi-me, me enfiei entre os lençóis de um rosa pálido e dormi perfeitamente.

Na manhã seguinte, caminhei até a praça principal irregular em torno da fachada branca de uma igreja barroca.

Algumas barracas vendendo manjericão e tomates gordos já tinham sido montadas. Mulheres mais velhas, usando roupões de náilon e que eram certamente moradoras, estavam passeando entre elas com sacolas de corda,

enquanto outras, obviamente veranistas e discretamente ricas, davam imaculados acenos entre dois cafés. Comprei dois jornais europeus, um francês e um italiano, na banca; não valia a pena me incomodar com jornais ingleses de um dia atrás. Pedi um cappuccino e um brioche com geleia e passei os olhos cuidadosamente pelas notícias, examinando as colunas ao lado para qualquer breve menção ao Eden Roc, ou que falassem do corpo de um cidadão inglês. Nada. A geleia entre as camadas delicadas de brioche era de abricó, ainda quente, e o barman tinha deixado um coração de chocolate na cobertura bege do meu cappuccino:

— *Per la bellissima signorina*.

Passei a manhã vagando lentamente pelas muitas pequenas lojas de Santa Margherita. Este era um destino para pessoas ricas, como mostravam os rostos perplexos dos passageiros do navio de cruzeiro que bufavam à luz do dia; as lojas podiam parecer antiquadas, mas os preços eram equivalentes aos de Milão do século XXI. Ainda assim, o dia estava sendo tão adorável que teria sido um insulto para o universo fazer alguma economia. Peguei um par de biquínis, um chapéu de palha de abas largas com uma faixa de seda preta grossa que me fez sorrir só de olhar para ele, e algumas sapatilhas caramelo, de um sapateiro que foi buscar o meu tamanho em uma pilha de caixas em sua lojinha que parecia mais um buraco cheirando a couro. Rendi-me, toda animada, a um vestido de verão Miu Miu irresistivelmente encantador, com flores alaranjadas em um fundo branco fechado no pescoço e a uma saia estilo anos cinquenta que deixava a minha cintura minúscula. A Judith italiana, ao que parecia, era mais recatada que a sua prima inglesa. Eu não queria pensar muito sobre o que deveria fazer. Depois de uma noite de sono, a viagem de horror da França parecia, em si mesma, apenas um sonho. Eu não tinha pensado em nada até então que não fosse me deslocar para longe, e agora eu precisava de um plano. Mas a cidade era tão bonita, uma mistura de jasmim com a luz do sol, que não perdia seu apelo.

Talvez fosse bom ficar na Itália por um tempo. Eu poderia passar algumas semanas ali, se eu me mudasse para algum lugar mais barato, e ainda me restaria dinheiro bastante para viver alguns meses quando voltasse. Algum dinheiro do pobre James continuava rendendo na minha conta de poupança. Hesitei por algum tempo, e depois comprei um cartão telefônico pré-pago em uma tabacaria e deixei uma mensagem de voz para uma de minhas colegas de

apartamento. Eu não tinha me preocupado em avisar a elas onde estava indo, e nem pensei por um segundo que elas se importassem com isso, mas ambas logo notariam que eu não estava por lá. Meu aluguel era pago trimestralmente, então não havia nada para me preocupar. Meu recado dizia que eu tinha ido visitar alguns amigos no exterior e que talvez eu ficasse com eles durante algumas semanas, lembrando-me de acrescentar que esperava que as provas semestrais tivessem corrido bem. Em uma rua atrás do porto e longe dos restaurantes mais elegantes, que davam lugar a imobiliárias e lojas de artigos elétricos, encontrei uma loja de telefones e lá eu pude substituir meu celular. Usei a senha do Wi-Fi do hotel para me conectar à internet e dei uma lida rápida nos jornais ingleses na rede. Ainda nada. Na parte da tarde fui para a praia pública, principalmente cheia de adolescentes que me olhavam, mas que não me incomodaram. Então, tomei um banho de chuveiro para tirar o sal do corpo, fechei meu vestido novo e apliquei um pouco de maquiagem — rímel, brilho labial, um toque de blush. Bonita, não chamativa.

Eu queria perguntar ao taxista se ele estava querendo tirar uma da minha cara quando me disse que a corrida de cinco quilômetros até Portofino custaria cinquenta euros, mas ele parecia entediado e disse: "*così*". Eles tinham um monopólio, supus — o tipo de pessoa que podia ficar no Splendido não se incomodaria com o valor da corrida... A estrada corria em um intervalo estreito entre o mar e os penhascos íngremes, e era tão estreita que só dava passagem a um veículo por vez. Ficamos presos no horário de pico, na Ligúria, SUVs Porsches e BMWs dirigidos por mamães que pareciam irritadas atrás de seus onipresentes óculos de sol gigantescos, os bancos de trás cheios de areia e de crianças, e das rechonchudas e tristes babás filipinas. O motorista xingou e tamborilou com as mãos no volante, mas eu não me importei. Pela janela eu podia sentir o cheiro das figueiras que se balançavam sobre as águas profundas de um verde-esmeralda nas pequenas baías rochosas, e por entre as árvores eu conseguia vislumbrar *villas* ridiculamente palacianas do século XIX. O que eu tinha lido sobre Portofino, escrito por pessoas que realmente sabiam o que importava, dizia que os melhores Bellinis do mundo eram feitos aqui, e não no Harry's Bar de Veneza. Isso era de fato impressionante, isto é, o meu pequeno conhecimento do que era status...

A praça daquela pequena vila de pescadores tinha aparecido frequentemente

nas revistas de celebridades na boate Gstaad, com Beyoncé rebolando com uma prancha, Leonardo DiCaprio carrancudo debaixo de um boné de beisebol, mas as fotos dos paparazzi não tinham conseguido transmitir a sensação de como esse lugar era pequeno. Era apenas uma única rua que levava até um espaço não muito maior que uma quadra de tênis, embora fosse uma quadra cercada por Dior e lojas que vendiam cashmere. Cruzei a rua até o café do lado esquerdo e pedi um Bellini ao garçom de cabelos prateados. Claro que isso era um clichê, mas toda Portofino parecia um clichê, a fantasia de qualquer um sobre como seria um *bel paese*, a paisagem italiana tão desejada. Ele reapareceu com um cálice de vidro preenchido com um espesso creme cor de pêssego, reverentemente abriu meia garrafa de Veuve Clicquot e serviu o champanhe cuidadosamente na taça, mexendo suavemente. Pratinhos com tiras de presunto, alcaparras, *crostini* e pedaços tamanho miniatura de parmesão cercavam a taça. Tomei um gole. Era delicioso, o tipo de drinque que você poderia beber até escorregar pela parede, mas fiz com que durasse, vendo a última balsa de turistas se afastar do porto em uma onda de câmeras de celulares japoneses. O sol ainda estava forte, porém mais ameno agora, suavizando o céu por trás do promontório rematado com sua igreja de bolo de casamento a oeste da vila. Lambi o sal e o suco de pêssego de meus lábios, daria uma foto sensual. Eu sabia que deveria sentir-me triste com o que tinha acontecido com James, mas não conseguia, porque fora isso que estranhamente me dera este momento.

Um elegante barco de madeira estava atracando no cais, um daqueles tradicionais barcos de pesca genoveses chamados *gozzi*, com lindas almofadas azul-marinho e um toldo branco. Um grupo de pessoas estava se acotovelando para sair, todas mais ou menos da minha idade, gritando seus agradecimentos ao piloto, que estava nu exceto pela bermuda de denim e o quepe náutico, com um improvável cabelo louro brilhante escapando por baixo. Lembrei-me de que os vikings tinham navegado ao longo desta mesma costa há muito tempo, e que os italianos louros e de olhos azuis não eram incomuns aqui, ou na Sicília. Fiquei fascinada pelo grupo, quatro homens e duas mulheres. Havia um ar de superioridade relaxada no modo como eles se moviam através desse espaço, como se não houvesse nada de especial estar aqui em Portofino, como se eles não soubessem que este era o lugar de tantos sonhos suburbanos. O grupo se espalhou em uma mesa perto de mim e muitos acenderam seus cigarros, pediram

bebidas, e começaram a fazer telefonemas que, pelo que pude ouvir, tinham a ver com a casa onde eles iriam se encontrar para jantar, mais tarde, com outros amigos. Fiquei assistindo. As garotas não eram assim muito lindas, mas tinham aquela confiança exibicionista que vem de gerações de pessoas endinheiradas, pernas longas e tornozelos estreitos, cabelos brilhantes, dentes perfeitos, sem maquiagem. Uma delas usava o que era, obviamente, a camisa de seu namorado sobre o sutiã do biquíni, um monograma discretamente visível nas dobras de linho, a outra estava em uma túnica branca bordada, com apenas um par de sandálias Manolo de camurça verde, bastante gasta, que eu sabia que devia ter custado pelo menos quinhentos euros. Fiquei envergonhada por ter notado isso porque, naturalmente, uma menina como ela nunca o faria. Os homens eram todos do mesmo conjunto, cabelos escuros caindo sobre os ombros largos, magros, como se nunca tivessem feito nada na vida além de andar de esqui e nadar e jogar tênis, o que eles provavelmente nem teriam feito, porque, afinal, eles eram daquele tipo de caras... O tipo que não fazia qualquer esforço, decidi. Comparados com Leanne e eu em nossa elegância estudada na Riviera, eles todos exibiam um ar de pertencimento que nenhuma quantidade de compras em lojas caras conseguiria reproduzir. *Era assim que se pareciam as pessoas que de fato eram ricas*, pensei, *pessoas que nunca precisariam tentar parecer... Ricas.*

Esvaziei minha bebida observando-os, até que o grupo se afastou. A garota que estava usando a camisa entrou em um prédio do outro lado da praça, e poucos minutos depois apareceu em um terraço acima da boutique Dior, falando com uma empregada vestida em um uniforme rosa pálido. Talvez o jantar fosse na casa dela, não que ela tivesse que comprá-lo, ou cozinhá-lo ou limpar a casa depois. Eu não gostei desses pensamentos, porque eram amargos. Estava muito acostumada a estar do lado de fora, olhando para dentro. O bar estava ficando mais cheio agora, com alguns casais de americanos vestidos com esmero exagerado, talvez hóspedes do Splendido que tinham descido até aqui para tomar um aperitivo. Pensei em pedir outra bebida, mas a conta sobre meu pires já marcava quarenta euros. Talvez eu pudesse caminhar de volta para Santa Margherita no calçadão coberto para pedestres. Coloquei duas cédulas e um par de moedas na mesa e me levantei para sair.

Três barcos enormes estavam ancorados no lado direito do porto, como se fossem baleias em um aquário. Dois tripulantes, em shorts brancos na altura do

joelho e cintos de couro polido estavam colocando uma prancha em um deles, no maior de todos. As linhas firmes do casco e o brilho do acabamento, como carvão emborrachado, davam à embarcação um ar quase militar, como se pudesse desaparecer sob as ondas para o transporte de um vilão de James Bond, levando-o para seu covil submarino. Era feio, mas certamente impressionante. Depois de um minuto, dois pares de Nikes pesados apareceram, seguidos por calças Levi's e camisetas Polo berrantes com enormes logotipos estampados. Os dois que estavam vestidos assim traziam seus celulares presos aos ouvidos, indiferentes ao ambiente que os circundava. Fiquei imaginando se eles, pelo menos, saberiam onde estavam. Então, olhei de novo, e vi que era Steve. Aquele Steve em cujo barco eu estivera há apenas duas noites, em Antibes.

E, de repente, alguma coisa clicou dentro de mim. Aquele ar sonhador, meio soporífero, que estava pairando por cima bruscamente ficou carregado de adrenalina, e foi algo tão poderoso que pensei que toda a praça poderia sentir a mesma coisa. As cores suaves daquela praça vieram à vida com intensidade tropical enquanto observava aqueles dois homens se aproximando. Meu cérebro chiou enquanto despertava, porque eu tinha visto, de repente, o que eu poderia fazer. Eu respirei fundo e levantei-me calmamente. Era assim que as pessoas ricas faziam, certo? Elas trombam umas nas outras o tempo todo, em St. Moritz, em Megève, em Elba ou em Pantelleria. Eu tinha que agir como uma delas, distraída, casual. Coloquei os óculos na bolsa. Os dois estavam indo para o restaurante de toldos verdes que dava de frente para as docas. Puny, outro lugar famoso sobre o qual eu tinha lido. Programei meus passos de forma que cruzei com ambos na diagonal, permitindo que minha saia se revolvesse com o vento e quase esbarrasse na perna de Steve. Ele ainda estava teclando no celular. Eu me virei e encontrei seus olhos.

— Steve!

Ele levantou os olhos e percebi que estava tentando descobrir de onde me conhecia. Dei um passo adiante, confiante, e dei dois beijos no rosto dele.

— Lauren. Saímos em Antibes.

— Ei, sim, Lauren! Como vai?

Pelo menos, parecia que ele havia mesmo me reconhecido. Dei um alô para A Coisa, o homem que ficara com Leanne na Jacuzzi, e que no fim descobri se chamar Tristan, nome que jamais teria imaginado para ele.

Ficamos parados ali, por um minuto bem estranho. O bate-papo social, obviamente, não era a coisa forte de Steve, mas eu não poderia deixar isso passar assim. Steve não sabia ainda, mas ele estava prestes a bancar *sir* Lancelot.

— Bela noite, não é?

— Sim, ótima.

Ah, Deus, nós poderíamos ficar aqui assim durante décadas.

— Aquela minha amiga, na verdade ela é mais uma conhecida, entende? Então, ela teve que voltar, e eu fiquei aqui com amigos — apontei vagamente o braço em direção às colinas salpicadas de vilas. — Mas eles foram embora para a Córsega, então tenho que voltar para casa amanhã.

— Acabamos de chegar. A gente está pensando em ir até a Sardenha — explicou Steve.

Eu agi como se ele já não tivesse me contado isso quando tomamos chocolate quente.

— Planos para hoje à noite?

Tentei parecer que estava xavecando, mas não muito desesperada, embora eu soubesse que poderia transar com aqueles dois e com a tripulação assistindo na torcida se isso fosse me levar a bordo daquele iate. Os iates pulam as fronteiras de uma forma que as pessoas não conseguem fazer.

— Só dando um alô para algumas pessoas. Você podia vir jantar com a gente!

Não apresse o cara, Judith.

— Bem, sei lá, mas as minhas coisas estão em Santa.

— Você pode pegar mais tarde.

Deu certo.

— Claro, obrigada. Vou amar.



Então, Steve pediu um Dom 95, fabuloso, coisa que talvez tivesse me impressionado em outra vida, e dois caras mais velhos com duas amantes estonianas taciturnas com decotes ousados apareceram, e todos pedimos antepasto de polvo, que ninguém tocou, e Steve pediu duas garrafas de Vermentino da cor de lima, e depois um grupo de banqueiros milaneses apareceu,

vindos de Forte dei Marmi, e um deles teve tempo de bajular Steve para conseguir me levar de volta a Santa em seu Alfa *vintage* para buscar as minhas coisas; e então tivemos que ir a um bar flutuante em Paraggi onde as estonianas fizeram uma apática performance de *pole dance* e todo mundo pediu sushi, que ninguém comeu, e voltamos ao iate para fumar Cohibas e cheirar coca na hidromassagem e para Steve ter tempo de se mostrar exibindo seu sistema de som subaquático, o que significava que você poderia continuar ouvindo Rihanna até mesmo quando estivesse nadando na piscina do convés superior, se isso realmente fosse algo imprescindível. Peguei todos os copos e taças que me foram oferecidos e não bebi uma gota sequer — obrigada, Olly — e fiquei perto de Steve quando o senti esticar suas mãos em minha direção e, finalmente, levar-me a deitar humildemente em sua enorme cama, prontinha para fazer por merecer o que quer que fosse exigido. Mas tudo que ele fez foi segurar a minha mão e virar para o lado tranquilamente, me deixando dormir no balanço instável e suave das ondas.

Ele tinha ido embora de manhã. Sentei-me, contente em poder pensar claramente, e pressionei meu rosto na vigia do barco. Céu e mar. Porra... Eu tinha conseguido. Havia uma bandeja sobre a cama, suco de laranja, um bule de café de prata, ovos mexidos e torradas sob uma tampa de prata, frutas, iogurte, croissants. Um pequeno vaso de cristal com uma única rosa branca. Os exemplares do dia do *Financial Times, Times, Daily Mail* — porque todo mundo lê esses. Presumivelmente, os bilionários tinham uma ligação especial com a imprensa, nada de notícias velhas para eles. Examinei os jornais rapidamente; nada. Minha bagagem tinha sido desfeita, meus sapatos estavam alinhados e cuidadosamente recheados com tecido, meus poucos vestidos parecendo meio desamparados em cabides acolchoados de seda cor de carvão, cada um deles com uma sacola listrada de linho com pétalas de rosa. Tomei um banho de chuveiro no banheiro, onde o chuveiro duplo e a sauna particular fizeram o Eden Roc parecer um pouco básico. Prendi o cabelo e vesti uma camiseta cinza claro por cima do menor dos biquínis que eu tinha comprado em Santa. Na cabine, Steve estava de short, o peito nu, tomando café em uma caneca jumbo da Starbucks, os olhos viajando ao longo de um banco de telas brilhantes. Torrentes de dinheiro. Através das portas de vidro para o convés, pude ver Tristan levantando halteres.

— Ei, baby.

Baby era bom. Ainda não tinha muita certeza de como eu deveria jogar esse jogo. Eu não queria ser igualada à categoria das vagabundas estonianas, mas, por outro lado, acabava sendo o tipo de garota que pulava dentro de um barco de um cara desconhecido em um piscar de olhos. O tipo de garota que se hospeda em um hotel em Santa Margherita por dois dias e depois desaparece, sem passaporte, sem passagens, sem fronteiras. Deixei minha mão descansar rapidamente sobre seus ombros, sentindo o cheiro de sua pele limpa e com aroma de água-de-colônia, e dei um beijo em sua testa.

— Oi, você.

— Nós vamos atracar em Porto Venere nesta noite.

"Nós" também foi bom.

— Que máximo — respondi casualmente, como se eu normalmente passasse meus verões pulando de um resort italiano para outro. Por dentro, eu estava correndo a volta da vitória no convés, socando o ar. Qual seria a pose mais adequada para uma *selfie* quando você acaba de se safar de um homicídio?

Mas eu aprendo rápido, aprendo muito rápido, e sabia que a única maneira de me sair bem com tudo isso era nunca, em nenhum momento, deixar escapar que eu não tinha a porra de uma ideia do que estava fazendo. Então, fui tomar um banho de sol, percebendo, ao mesmo tempo, que Steve nem deu uma olhada no meu traseiro assim que passei pelas portas.

Depois do almoço — peixe grelhado, salada verde e frutas servidos todos em porcelana chinesa e taças de cristal de um alaranjado brilhante, gravadas com o nome do iate, *Mandarin* — Steve me levou para conhecer o barco em um passeio cheio de entusiasmo. Fui inspecionar o heliporto, ouvi muito sobre o casco com uma cobertura com a qualidade dos militares russos, vi as varandas dobráveis do solário, entendi a explicação sobre as paredes deslizantes de vidro da cabine, as passarelas retráteis que se abriam a distância — o que quer que fossem as "passarelas" — e revisitei os Picassos. A tripulação deslizava ao redor de Steve como os peixes-piloto ao redor de seu tubarão, como se tivessem uma espécie de ensaiada telepatia que produzia uma mão firme esperando para abrir uma porta ou um copo gelado de água mineral Armani sem que a necessidade disso tivesse que ser expressa em voz alta. Steve me apresentou seu capitão, Jan, um norueguês carrancudo que sorriu profissionalmente com as tentativas desajeitadas de Steve de demonstrar sociabilidade.

— Mostre-lhe as luzes, Jan!

O antebraço bronzeado de Jan esbarrou nos meus quando ele se inclinou para apertar o interruptor. Um flash de um segundo de um código Morse erótico, mas isso poderia esperar. Olhei obedientemente sobre a proa. Apesar da luz solar, a margem escura da linha da água se encheu com um fulgor de néon rosa. Jan apertou um botão e as luzes se transformaram em alaranjado, cobalto, roxo, um latejante branco-diamante. À noite, a coisa deveria parecer mesmo com um bordel de Las Vegas.

— Legal, não é? Acabei de mandar instalar.

Havia algo de uma adorável infantilidade nesse entusiasmo todo de Steve, apesar da opinião de Jan sobre essa decoração ser visível desde Gênova. Visitamos as cabines, que, à parte o quarto que eu agora parecia compartilhar com ele, eram surpreendentemente pequenas. Quando terminamos a visita, Steve me mostrou o seu novo brinquedo, um planetário pessoal instalado na casa do leme.

— Ele tem lasers, assim você pode acompanhar as constelações contra o céu de verdade.

Até mesmo as estrelas, por aqui, poderiam ser reorganizadas para o prazer.

— É uma pena que eu não possa ver isso funcionando — respondi hesitante. — Talvez fosse melhor se você me deixasse em algum lugar nesta noite.

— Você tem um lugar para ficar?

Eu olhei para ele sob os meus cílios.

— Não especialmente.

— Mas então por que você não fica? A gente pode sair por aí.

Não havia nenhum tipo de flerte em seu olhar, então achei melhor dar uma força ao meu "salvador".

— Claro, eu vou amar. Obrigada. Tudo bem se eu deixar as minhas coisas em sua cabine?

— Sem problema.

Então, foi assim.

PARTE DOIS

DENTRO

Capítulo onze

UMA VEZ EU LI EM ALGUM LUGAR que as pessoas se preocupariam muito menos em saber o que os outros pensam delas se soubessem que eles quase não fazem isso. Quando um dia se tornou três, depois uma semana e então duas semanas, eu simplesmente segui em frente sem oferecer nenhuma informação. Steve era um cara essencialmente indiferente, desinteressado em tudo que não estivesse ligado aos seus negócios e aos seus bens, ainda que ele obviamente tivesse andado um bom caminho desde o porão *geek* de onde se arrastara até chegar aqui, quando, então, conseguira uma aparência de funcionalidade social. Pelo que eu poderia supor a partir de mínimas observações de Steve, Tristan era seu parceiro, nominalmente um funcionário empregado por alguma das empresas de Steve, mas basicamente presente para lidar com os tripulantes, ligar com antecedência para as boates, conseguir a cocaína e arrumar as meninas quase modelos, tudo isso porque era divertido, não era? Era assim que você deveria se divertir, quando ganhava tanto dinheiro a ponto de fazer Abramovich se sentir pobre...

Mas, algumas vezes, do outro lado de uma pista de dança ou na outra ponta da mesa, quando chegava a hora de Steve aparecer com seu Amex e de repente todos os olhos se viravam para olhar, eu o via mexendo sua cabeça tontamente de um lado para outro, perplexo como um urso dançarino. Sexualmente, não conseguia compreendê-lo. Na primeira noite, eu tinha assumido que ele estava cansado, e apesar de ter me chamado de "querida" ou de "baby", ele nem mesmo tentou me beijar, exceto por um beijinho no rosto, como cumprimento. Ainda assim, dormi com ele, deitei-me ao seu lado, como se fôssemos irmãos. Ele nunca tentou nada e eu não fui idiota o suficiente para começar alguma coisa, mas tive o cuidado de ir para a cama todas as noites como se não houvesse nada que eu gostasse mais de fazer. Claro que me perguntava se Steve era gay, se o Tristan era mais do que uma espécie de mordomo, mas isso não parecia ser o caso também; Tristan desfrutou alegremente de todas as garotas que deram bola para ele.

Depois de um tempo, cheguei à conclusão de que Steve era apenas um rapaz assexuado, que o mais longe que seu desejo ia era gostar de ter uma menina bonita ao seu lado, que ele havia decidido que pegar as mulheres era o que um cara como ele tinha que fazer; assim como possuir um iate enorme e um avião e quatro casas e Deus sabe quantos carros, simplesmente porque ele podia. Porque era assim que se marcava pontos, não é mesmo? Percebi que o erro que as pessoas cometem ao avaliar gente como Steve é que elas imaginam que eles estão interessados em dinheiro, quando é impossível ficar rico se o dinheiro é o que importa para você. Porque para jogar nesses fundos de investimento de altíssimo risco, para ser o investidor mais sério da parada (e Steve desdenhava alegremente seus pares cujos fundos movimentavam apenas 5 ou 6 bilhões pelos labirintos das finanças), era preciso ser indiferente ao dinheiro. O único interesse deles é o jogo. Eu entendia isso.

Quanto mais tempo fiquei no barco, mais distante me posicionava daquele corpo gelado, daquele rosto pálido me censurando no hotel lá atrás. Tentei não pensar demais sobre Leanne. Nosso momento de cumplicidade pertencia a outro mundo agora, embora eu até pudesse voltar à boate Gstaad. Havia garotas por todos os lados, de todos os lugares, presentes em Saint-Tropez e na Sicília, como rosas e buganvílias, nenhuma delas que não estivesse preparada para a caçada quando havia um bilionário de boa-fé na sala... Então percebi que, em certo sentido, a minha presença protegia Steve. Fiz questão de me mostrar vagamente possessiva na companhia dele, encarando as "babies" de Steve e colocando ocasionalmente um braço ao redor dos ombros dele, o que me transformou em um objeto de fascinação e de irritação para as outras mulheres, mas, pelo menos, isso as manteve a distância. Sentada ao lado de Steve no jantar, eu as ouvia tagarelando alegremente como donas de casa suburbanas sobre o terrível preço das coisas, e eu me perguntava por que ele não lhes preenchia um cheque de um milhão de libras só para comprar algum silêncio.

As mensagens assíduas de Tristan produziam um fac-símile de uma cena social — indo de bares a restaurantes, e depois às inevitáveis boates ou, de vez em quando, a uma festa fechada em um resort nas colinas — embora nunca tenhamos encontrado ninguém que se parecesse com os *figli d'oro*, os jovens genuinamente ricos que eu tinha observado em Portofino. Os homens estavam sempre com as fortunas aplicadas em fundos ou em bancos ou em propriedades;

uma vez, subimos de carro as colinas de Maremma, na Toscana, para almoçar na casa de um luminar da TV inglesa — que usava uma peruca terrível e que tinha estado em todas as manchetes de jornais na década de noventa —, e sua multidão de subcelebridades incrivelmente satisfeitas com elas mesmas, e que passaram o tempo todo tentando superar as piadas dos outros mencionando o nome de pessoas famosas como se estas fossem amigos íntimos. Cada homem, por mais barrigudo ou careca ou com hálito fedendo a charuto que fosse, tinha uma mulher. As esposas não eram algo que se levasse à Riviera, e uma conversa brilhante não era o que se exigia de uma dessas garotas. Elas nunca saíam do lado de seus homens, sentavam-se aos seus lados, partiam a comida e davam-lhes na boca como se eles fossem bebês, e não abriam a boca enquanto eles não lhes dirigissem a palavra, mas riam de tudo o que seus homens diziam, para o caso de aquilo ter sido engraçado, e criavam, assim, um campo de força em volta de cada casal que nenhuma outra mulher poderia penetrar. Naquele almoço, a única exceção foi uma comediante de sucesso da TV, uma mulher grande, desajeitada e que tinha ganhado vários prêmios de prestígio, que começou a dominar a conversa, fazendo piada dos homens a cada gracejo, mas que aos poucos caiu em um silêncio perplexo e furioso enquanto o vinho rosé fluía, e seus colegas pararam até mesmo de fingir que lhe davam atenção. Fiquei com pena dela, enquanto os rostos iam ficando cada vez mais vermelhos e o ruído ao redor da mesa crescia e seus civilizados e educados companheiros da BBC voltavam a ser homens das cavernas zurrando, apalpando seu harém com um prazer selvagem por levar a melhor em um jogo do qual ela jamais poderia nem mesmo participar.

Nosso trabalho, o trabalho das meninas, era calçar delicadas sandálias K-Jacques trançadas ao redor de nossos tornozelos muito bronzeados, jogar para o lado nossos lindos cabelos e beber delicadamente o nosso vinho, além de brincar com os belos Rolexes em nossos pulsos finos e bronzeados. Nós éramos o prêmio, o ouro que se transformara em carne deliciosa e bronzeada, Galateias, estátuas que se descongelavam ao toque do dinheiro. Não é à toa que a humorista da TV estava fumegando. Ela fora desvalorizada tão rapidamente quanto um batedor de carteiras napolitano a teria aliviado de sua assustadora bolsa Mulberry. Eu deveria ter dito alguma coisa, feito alguma coisa para calar a boca daqueles gordos presunçosos, mas apenas sorri e deixei meu cabelo balançar sobre meus ombros e fiquei dando a Steve pequenos bocados de suflê de coco. *Observe e*

aprenda, baby.

A riqueza rasteja debaixo de sua pele como veneno. Ela invade a sua postura, seus gestos, a maneira como você se comporta. A partir do momento em que subi a bordo do *Mandarin*, não acho que tenha aberto uma porta sequer. Certamente não carreguei uma mala pesada ou levei um prato sujo à pia. Se o preço é flertar com algum velho cafajeste que fica babando em cima de você na piscina de hidromassagem como se ele fosse um hipopótamo no cio, o pagamento é ficar cercada por homens jovens, uniformizados, com ombros largos e com unhas limpas que puxam a cadeira para você, procuram seu guardanapo ou seus óculos de sol, arrumam as almofadas na espreguiçadeira, recolhem suas calcinhas sujas e ainda lhe agradecem por lhes permitir fazer isso. Eles não olham você nos olhos. Sabem que você não é para eles. Esses empregados esvaziam os cinzeiros e limpam os espelhos sujos, repõem discretamente a aspirina da mesa de cabeceira e o Xanax e o Viagra no armário do banheiro, consertam os insultos a seu corpo em centenas de maneiras sutis e cúmplices, de forma que você possa passar por eles tão imaculada quanto uma deusa, e, em um instante, entre a borda de seu Ray-Ban e a ponta de seu queixo erguido imperiosamente, todos desaparecem de vista. Mas não permita que todo esse enxoval a distraia. Se você não conseguir que a aliança fique bem justa no seu dedo, você está ferrada. A verdadeira diferença entre as belezas da Riviera e a multidão de garotas da Gstaad era que as garotas daqui tinham subido até o nível superior, o que só fez com que o penhasco diante delas fosse ainda mais terrível.

Em Porto-Vecchio, Hermann se juntou a nós, um alemão magrelo e quieto que era colega de Steve, e com ele veio sua noiva Carlotta, o diamante em seu dedo anelar tão espetacularmente desproporcional quanto o tamanho exagerado dos peitos siliconados. Carlotta encenou a sua rotina de chamegos enquanto Hermann estava presente, brincando com seus lóbulos das orelhas e chamando-o de "baby" de cinco em cinco segundos. Privadamente, aquela garota não cativava ninguém.

— Ele é um porco de merda — confidenciou casualmente um dia, enquanto nós duas tomávamos sol de topless em um dos enormes colchões alaranjados no convés superior.

— Quem?

— Hermann. É, tipo, eu estava em St. Moritz na última temporada e iria me

encontrar com ele em Verbier e ele mandou um carro. A porra de um carro para ir me pegar.

O sotaque dela era vagamente europeu, mas não consegui identificar de que lugar. Eu me perguntei se ela mesma ainda conseguia identificá-lo...

— Ah, Deus, isso é horrível.

— E não é? Eu fiquei fazendo minha própria cama no chalé tipo uma semana, e ele nem se incomodou em enviar a porra do helicóptero. Só se deve voar em aviões particulares — disse ela, a sério. — Tipo, você não pode deixar esses homens se aproveitarem de nós.

— Você vai se casar com ele?

— Claro. Ficamos noivos quando fiquei grávida no ano passado, mas ele já tem seis filhos anteriores, de modo que me fez me livrar desse.

Eu toquei a pele quente de seu ombro com simpatia.

— Isso é horrível. Eu sinto muito.

Ela mordeu seu lábio com preenchimento de modo teatral.

— Obrigada. Mas ganhei um apartamento em Eaton Place como compensação, então não foi assim tão ruim...

Logo que comecei a respirar de novo, Carlotta estava mexendo distraidamente em seu telefone.

— Você ouviu falar sobre a garota sueca em Nikki Beach?

É claro que eu tinha ouvido falar da garota sueca em Nikki Beach. Todos, desde Antibes até Panarea naquele ano, tinham ouvido falar da garota sueca em Nikki Beach.

— Ela estava na piscina tipo, por um dia — cinco horas, dois dias, isso variava. — Até que alguém percebeu que ela estava morta.

— Nojento.

— É, nojento. Ela já estava, tipo... — Carlotta procurou a palavra — se decompondo...



Carlotta também compartilhava da mesma vulnerabilidade daquelas garotas sem classe. Eu conseguia compreendê-la, mas eu não era como ela; não queria

fisgar um marido rico e passar o resto de meus dias como um destroço flutuando na maré do euro. Agora, me comportar de modo adequado à situação era uma coisa diferente. Steve podia não ser o rei do sexo de Mayfair, o que vinha a calhar para mim, mas suas poucas ideias fixas sobre as mulheres incluíam, convenientemente, a sua necessidade de fazer compras. Segundo ele, a aquisição de roupas era aparentemente a maior vocação de meu gênero, e uma vez que eu tinha o cuidado de nunca pedir a ele mais do que um sorvete, eu me saía muito bem.

À medida que o iate deslizava lentamente para o sul através das brisas espumantes, e julho terminava começando agosto, onde quer que a gente ancorasse, Steve me perguntava se eu não precisava de alguma coisa, e então solenemente me dava um pacote incrível de notas. No começo eu tomava cuidado, guardando a maior parte delas, para que eu pudesse, pelo menos, me oferecer para pagar a minha parte das bebidas e do jantar, mas depois de alguns dias, isso pareceu não ser relevante. Então comprei coisas caras, as coisas que nunca seria capaz de comprar, um arco-íris de cashmere para toda a vida, uma capa de chuva Vuitton, uma bolsa de crocodilo Prada perfeita. Às vezes eu me olhava nos espelhos das butiques ou nas vitrines das lojas de um porto, bronzeada na minha simples camisa branca, o cabelo bagunçado e preso em um lenço Dolce & Gabbana, balançando minhas sacolas de compras de grife, e me perguntava se deveria ficar surpresa com a minha metamorfose. Mas não ficava, de fato. Olhei meu reflexo na água do mar e, finalmente, vi a mim mesma.



Philip Larkin escreveu uma vez com nostalgia sobre um mundo onde a beleza era aceita como sinônimo para o "sim". A transa pode ser um prazer bastante descomplicado, tão antigo e tão básico quanto o sabor salgado de uma azeitona, ou um copo de água gelada depois de uma longa caminhada empoeirada. Então, por que dizer não? A monogamia certamente era mais fácil para as pessoas simples.

Depois de algumas semanas como a pseudonamorada de Steve, eu estava subindo pelas paredes. Se você é como eu, o truque é aprender a identificar outras

pessoas que sentem o mesmo que você. Quando Jan me mostrou aquela ligeiramente depreciativa iluminação do *Mandarin* naquele primeiro dia, fiz questão de manter a minha atenção fixada em Steve, mas houve outro momento, poucos dias depois de iniciada a viagem, quando passei por Jan no convés e notei que seus olhos me seguiram precisamente do jeito que Steve não fazia.

Eu tinha que deixar isso descansar por um tempo. Nunca fui burra o bastante para estragar as minhas chances por uma transa, mas não pude deixar de sentir que foi uma maravilha Tris não ter percebido os olhares de Jan e lhe dado um pé na bunda; o cara era impiedosamente atraente. Ombros largos e fortes, cintura estreita, profundos olhos azuis como águas tranquilas, emoldurados por cílios espessos como de um jumento de desenho animado. *Caveat emptor,* "o risco é do comprador", e eu não estava reclamando. Então, uma tarde, quando estávamos deslizando através do arquipélago de Maddalena, perguntei a Steve se ele queria ir a um piquenique.

— A gente pode mergulhar — disse eu, entusiasmada.

— Não vai dar, baby, eu tenho coisas para fazer. Peça a Tris para levar você.

— Claro, desculpa, eu não quis lhe atrapalhar.

Entrei na cabine de Tristan sem bater à porta. Ele estava de cuecas, assistindo pornô em seu laptop, excitado em seu bronzeado e meio de ressaca. Peguei um vislumbre de Jada Stevens levantando sua famosa bunda esférica para a câmera antes que ele fechasse o laptop com irritação.

— Steve disse que você vai me levar para mergulhar? — coloquei petulância suficiente em minha voz para irritar seus nervos ainda mais.

— Desculpe, Lauren, mas não estou me sentindo assim tão bem. — O que ele queria dizer era "caia fora". Era uma comovente negociação entre nós dois.

— Mas eu realmente queria ir — respondi, e fiz beicinho.

— Peça a um dos rapazes para levar você na lancha.

— Boa ideia, obrigada! — agradeci com vivacidade. — Espero que fique melhor.

— Valeu. Nós nos vemos mais tarde.

Encontrei Jan limpando o convés. Ele era tão escandinavo desse jeito, sempre encontrando maneiras de fazer o trabalho pesado. Mesmo assim, pareceu feliz por poder deixar de lado seu esfregão.

— Tris me disse que você poderia me levar para mergulhar. Por favor, Jan?

Ele endireitou o corpo lentamente, todo aquele um metro e oitenta e cinco celestial.

— Mergulhar?

— Sim, por favor. Ele disse para levar a lancha.

— Tudo bem. Os outros caras podem tocar aqui. Vou falar com eles e pegar as minhas coisas. Estarei pronto em dez minutos, tudo bem?

— Perfeito. Obrigada.



O borrifo da água molhou meu rosto enquanto saltávamos para longe do *Mandarin*, navegando em direção a uma das pequenas ilhas nuas que víamos ao longe. Jan virou a lancha, eu me recostei nas almofadas e deixei uma das mãos mergulhar no rastro da espuma na água. Eu estava usando uma bermuda jeans, o sutiã de um biquíni branco Fernandez e um chapéu de palha mole, bem amarrado na aba com um lenço de seda "retrô" Pucci. Jan tinha trocado seu uniforme da tripulação por uma bermuda cáqui e uma camiseta azul-marinho desbotada que combinava com seus olhos. Eu tinha levado uma garrafa de Vermentino, um saca-rolhas e um punhado de figos que encontrei na cozinha.

— Você gosta de ouriço-do-mar? — perguntou Jan por cima do barulho do motor.

— Não sei.

Ele reduziu a velocidade da lancha para um ronronar e começou a olhar pela borda. Deslizamos por pequenos montes de areia branca, a clareza da água revelando sua profundidade, até que alcançamos um amontoado de rochedos, que estavam salientes por cima da superfície, a água cintilante com o líquen que era lavado pelas ondas, brilhando como se fosse óleo.

— Aqui vai ser bom — gostava de sua voz, entrecortada, precisa, com aquele toque do sotaque norueguês. Gostava que ele poupasse as palavras. — Abra a escotilha da âncora.

Eu rastejei, desajeitada, por cima do acolchoado de tomar sol e desatei a escotilha que escondia a âncora. Jan reverteu o motor da lancha.

— Lance quando eu disser. Espere, espere, agora.

Fiquei assistindo a âncora mergulhar, descendo com a corrente, enquanto Jan afastava a lancha até que a corrente se tensionou.

— Ótimo. Agora, você pode experimentar um ouriço-do-mar.

Ele tinha uma mochila de lona bem gasta a seus pés, de onde tirou uma máscara, uma faca e uma luva de malha de aço, como se fosse parte de uma armadura medieval.

— Coloque seu *snorkel*. Você pode assistir. Você sabe a diferença entre machos e fêmeas?

Eu não sabia.

— Você só pode comer as fêmeas. Elas recolhem pequenas conchas, pedras, para decorar a si mesmas. Para se enfeitar, assim como fazem as mulheres.

Jan segurou meu olhar por um segundo a mais, e então tirou a camiseta e mergulhou pelo lado do barco.

Eu tirei meus shorts e me juntei a ele. Por um momento, a água estava gelada depois de todo o calor concentrado na lancha. Fiquei flutuando, como se fosse uma estrela-do-mar, observando enquanto Jan mergulhava mais fundo, levando-se para baixo com longos movimentos. Ele agarrou a base da rocha e, usando a faca na mão enluvada, trabalhou durante um tempo em algo gordo e escuro. Então, ele subiu, colocou aquela coisa na borda do barco, inspirou e mergulhou de novo. Ergui minha cabeça para olhar o que era. O ouriço-do-mar era um porco-espinho submarino meio sinistro, seus espinhos se retorciam no ar. Jan trouxe mais dois, e então subimos pela escada ao lado do motor e saímos da água.

Abri o vinho enquanto Jan usava a faca para raspar os espinhos das conchas no mar.

— Esqueci-me dos copos.

— Não há problema.

Ele pegou a garrafa e levou-a à boca. Eu assisti a garganta dele se movendo enquanto Jan engolia.

— Veja, aqui.

A casca limpa era linda, sombreada em delicados tons rosa e verde. Jan enfiou a ponta da faca na parte inferior, dividindo-a em dois como se fosse uma manga, mostrando a carne de um laranja escuro mesclado com preto.

— Está solto. Pegue com os dedos.

— Me mostre.

Ele pegou um pedaço e ofereceu para mim. Abri a boca e fechei os olhos.

— Bom?

— Humm.

Era forte, viscoso, salgado e com cheiro forte. Tomei um gole de vinho e senti aquilo se derreter na minha língua. Recostei-me com o sol no rosto e o sabor de carne crua nos lábios.

— Mais.

Jan me deu o resto, e depois eu o servi. E então, veio aquele delicioso momento em que seu rosto estava tão perto do meu que pude ver os cristais de sal brilhando naqueles ridículos cílios. E eu estava molhada antes mesmo que ele me beijasse. Jan não teve pressa, deixou que sua língua se encontrasse com a minha, puxando, penetrando. Então, ele recostou-se no banco detrás do volante, e olhou para mim.

— Quer transar agora? — perguntou.

— Sim, quero transar agora, Jan.

Foram tantas as reviravoltas que me trouxeram a este momento em particular. Eu sabia que talvez nunca conseguisse me libertar, que os braços de James ainda poderiam se enroscar em mim, tão mortais como os de uma sereia, e me arrastar para as profundezas. Mas, por alguns momentos, eu poderia ser libertada, poderia parar o tempo.

Eu mantive meu olhar no dele, enquanto me recostava novamente nas almofadas. Sustentando seu olhar, desamarrei meu sutiã do biquíni e deixei que caísse ao meu lado. Jan elevou o queixo, num gesto mínimo de aprovação. Abri as presilhas de cada lado da parte inferior do biquíni, afastei-o de mim e coloquei ao lado do sutiã.

— Mostre-me.

Devagar, muito devagar, eu abri as minhas coxas. De onde ele estava sentado, minha boceta estava ao nível de seus olhos. Molhei o dedo médio da mão direita em minha boca, então o arrastei para baixo entre meus seios, através do meu estômago e entre as pernas. Quando eu coloquei-o na altura da boca de Jan, o dedo estava escorregadio com meu suco. Ele se levantou, equilibrando-se no balanço do barco. Seu pau era magnífico, grosso na base, a cabeça elevada e úmida como seda molhada.

— Vire-se. Eu quero ver o seu rabo.

Tive um vislumbre de Jada Stevens passando pela minha mente antes de virar o corpo e ficar de quatro. Jan pôs as mãos nas minhas costas e me empurrou para baixo, para que eu ficasse dobrada, e depois deslizou seus dedos dentro de mim.

— Mexa-se. Quero ver como se mexe.

Empurrei-me contra a firmeza de sua mão, balançando lentamente para que ele me masturbasse. Aquilo era tão bom que pensei que poderia gozar só de fazer isso. Virei-me e tomei a cabeça dele na boca, deslizando-a profundamente até o fundo de minha garganta, e deixando-a descansar por lá. Estava pulsando. Chupei uma e outra vez, deixando as minhas unhas brincarem com as bolas apertadas, e então recuei, olhando Jan nos olhos, permitindo que ele visse a cabeça inchada contra os meus lábios.

— Eu quero que você me coma. Que me coma agora.

Jan ficou de joelhos atrás de mim, enterrou sua mão dentro de minha boceta uma vez mais, abrindo os dedos.

— Mexa. Mexa seu rabo. Assim. Mostre. É assim que você vai me deixar duro. Mexa assim, desse jeito.

— Me dá o seu pau.

Peguei a cabeça do pau e coloquei contra os lábios de minha boceta, manobrando a ponta para dentro de mim, e então parei, apertando os músculos.

— Fique parado — eu ordenei.

Fui um pouco para longe, tirando o pau de dentro, e depois peguei a cabeça e enfiei de novo, levando-o mais profundamente a cada vez, até que pude sentir as bolas contra os lábios molhados de minha vagina.

— Mais depressa agora.

Jan segurou meus quadris, me puxando com mais força, ofegante, e começou a trabalhar em mim.

— Isso. Perfeito. Não pare!

— Você gosta disso. Gosta do meu pau duro?

— Sim, gosto. Bem duro... Mas... Não pare!

O barco balançou descontroladamente; os borrifos da água nos molhavam. Eu podia sentir meu cabelo molhado pesado descendo pelas minhas costas. Ele agarrou os cabelos, puxando minha cabeça para trás e as minhas costas ficaram

mais encurvadas, e seu pau bateu naquele ponto, e eu estava prestes a gozar, implorando para que ele penetrasse ainda mais no fundo.

— Agora, junto comigo, goze. Eu quero que você me inunde.

Ele deu um tapa no meu traseiro quando gozou, e isso me levou ao clímax, isso e as curtas estocadas de seu pau espesso pulsando enormes gotas de esperma em mim. Eu gritei e esfreguei a boceta contra ele, e então ambos caímos para frente, todo o peso de Jan nas minhas costas, enquanto a lancha lentamente balançava de volta à posição inicial. Em seguida, devoramos os figos e bebemos o vinho vorazmente, e ele me perguntou se eu queria fazer de novo, e eu quis, mas fiquei em cima desta vez, as mãos dele segurando os músculos do lado da minha cintura, fazendo-me descer e subir vezes sem conta, enquanto eu acariciava meu clitóris até que gozei e me deitei sobre ele, aquele pau me penetrando e batendo em mim até que estivesse pronto, e daí ele me empurrou para trás, ajoelhou-se entre as minhas coxas refesteladas e enfiou o pau em minha boca. Lambi seu esperma de meus lábios. Salgado, viscoso, mineral. Depois de um tempo, dormimos sob o sol, de mãos dadas, e finalmente chegou a hora de voltar ao iate.

Tinha sido uma manhã fantástica, mas nós dois sabíamos, sem precisar dizer uma só palavra, que não haveria um espetáculo noturno. Eu sabia que Jan não era do tipo que abriria a boca. Nós mal nos falamos pelo restante de meu tempo a bordo do *Mandarin,* e isso estava bom para mim.

Capítulo doze

A MIGRAÇÃO DE VERÃO em todo o Mediterrâneo se move em um ritmo tão misterioso quanto os gansos em voo. Um rumoroso avistamento de uma celebridade, do tipo de Kanye ou Kate, verá a turba incontrolável dos ricos se dirigindo de repente a um bar ou a uma praia em particular. Independentemente de quem serão os clientes, os proprietários dos bares triplicarão os preços marcados na lousa e, por alguns dias ou por uma semana, os clientes vão brilhar com o ilusório pó de pirlimpimpim da fama, achando que esse lugar — e somente esse lugar — é o local certo onde estar. E então, o rumor novamente vai desaparecer nas ondas, e os iates vão se mover sem jeito em outra perseguição fútil, deixando o tal local para as hienas se refestelarem com as sobras.

Neste ano, o tal lugar das celebridades foi Giacomo, perto de Gaeta, uma cidade barroca na costa sudoeste da Itália. No século XIX, o Papa Pio IX promulgou a doutrina da Imaculada Conceição, depois de meditar na gruta de ouro da Igreja da Santissima Annunziata, e Tris anunciou nossa reserva para o jantar com uma pompa semelhante. Enquanto subíamos a rua de paralelepípedos irregulares que ia do porto até o restaurante, havia definitivamente um ar de mistério pairando sobre nós. Antes que a noite terminasse, alguém certamente dançaria sobre a mesa. Giacomo realmente tinha uma vista maravilhosa sobre a baía: um terraço foi construído dramaticamente em um promontório com vista para a cidade, sobre um penhasco coberto de um tapete de jasmins-amarelos, criando um perfume inebriante.

Depois de termos sido servidos de um *tartar* de atum e robalo grelhado com erva-doce — se visse outro robalo tão cedo, teria que enfiar um garfo em meu olho —, Steve me chamou de lado para apreciar a vista da baía e a enorme fortaleza dos reis de Aragão.

— E então, está gostando? — perguntou ele, respeitosamente.

— Estou, querido. É maravilhoso. E você?

— Claro — respondeu ele e de forma pouco convincente.

Steve podia estar fundamentalmente desinteressado pelas pessoas, mas eu não podia me dar ao luxo de ser igual aos outros. Eu tinha que usar os poucos ativos que possuía, o que significava estar sempre alerta à mínima calibragem deste estranho mundo novo, para tentar descobrir onde eu poderia encontrar um ponto de apoio. Olhei para a vista, procurando por algo que pudesse animar Steve.

— Olha o iate de Balensky.

Eu não poderia ter me comportado melhor se tivesse anunciado que aconteceria uma corrida ao rublo.

— *Ele* está aqui?

— Acho que sim. Pelo menos, o iate dele está. Sei que é dele porque o vi em Cannes uma vez.

Eu nunca tinha visto Steve parecer nervoso, mas ele tinha ficado subitamente evasivo, mexendo à toa em seu celular.

— Quero me encontrar com ele.

— Aqui? Por quê?

— Não aqui. Mais tarde, quando voltarmos ao iate.

Fiquei intrigada, o que era uma novidade estando em companhia de Steve, mas fiquei em silêncio até que nos encontramos em segurança no quarto dele. Enquanto me inclinei para desatar minhas sandálias Lanvin e ficava apenas de calcinha, percebi que eu tinha deixado de me importar ou de querer saber se Steve me cobiçava ou não. Nós poderíamos estar casados, pelo jeito como nos comportávamos na intimidade. Deslizei sob a manta e dei um tapinha na cama a meu lado, chamando-o.

— Então, de que se trata tudo isso?

— Eu preciso de algumas informações.

— E você deseja que eu as consiga?

Claro que ele esperava isso, e é claro que isso era uma coisa totalmente despropositada. E então, com a mesma súbita clareza que eu tinha experimentado lá atrás, em Portofino, vi que eu tinha estado à deriva, apenas deixando que os dias passassem. Talvez um psiquiatra tivesse dito que isso era uma espécie de choque pós-traumático, mas eu preferia ver a coisa como se eu estivesse entrando no personagem. Steve nunca tinha pedido nada para mim. E, quem sabe, isto viesse a deixá-lo vulnerável, colocando-o em débito comigo. Este

poderia ser um ponto de virada, uma chance de alterar esse jogo. Até agora, eu tinha sido uma passageira nesta viagem, mas neste instante fiquei imaginando se não poderia passar a me sentir como uma das jogadoras.

— Steve, você está me pedindo para fazer algo totalmente ilegal, porra.

— Não me diga...

Sentei-me, apoiando o braço nos travesseiros.

— Pois quero que você me diga do que se trata e com todas as letras. Posso me ver obrigada a contar isso ao juiz, afinal das contas. Qual a razão de precisar dessas informações?

Steve parecia cansado.

— É só que... Ele está aqui, na Itália. Eu queria confirmar uma coisa, uma coisa que eu ouvi, só isso.

— Que coisa?

— Eu lhe conto assim que eu souber.

— Bem — respondi cuidadosamente. — Para começar, ele precisa saber que você está aqui, também. Ponha isso no Twitter.

— Mas eu não uso o Twitter.

— Tudo bem, peça ao Tris para fazer isso.

— Mas o que ele deveria dizer?

Oh, Deus. Peguei meu celular e dei um Google em Balensky.

— Ele coleciona arte — disse, enquanto mostrava a tela para ele. — Assim como você — acrescentei de modo encorajador. — Faça com que Tris informe que você deseja explorar os conhecimentos de Balensky no assunto, isso vai lisonjeá-lo.

— Brilhante!

Não me diga, Sherlock. Respirei fundo, e sugeri algumas melhorias no plano de Steve. Para tirar proveito da conexão entre nós, eu precisaria de conhecimento, sem mencionar um chamariz. Steve parecia bastante impressionado com a minha solução.



Foi uma manobra bem simples, mas funcionou da maneira que eu esperava. Na

tarde seguinte, Steve se juntou a mim na piscina.

— Você tem um vestido de noite, Lauren... Sabe, algo longo?

Eu tinha vivido a bordo deste iate por um mês, e um vestido de noite era a única coisa que ainda não tinha comprado.

— Não, não comigo. Por quê, querido?

— Nós fomos convidados para um jantar. — Como sempre, Steve tinha um olho na Bloomberg na TV de tela plana que fora instalada logo acima da linha da água. — Traje a rigor — acrescentou, taciturno.

— Onde será esse jantar?

— No iate de Balensky — ele ergueu o que obviamente achava que era uma sobrancelha impetuosa.

No alvo.

— Vamos nos encontrar amanhã, perto de Ponza.

— Parece ótimo.

Acima de nós no terraço, eu podia sentir Carlotta aguçando os ouvidos, ou talvez os peitos. Seus mamilos provavelmente tinham radares e microfones embutidos. Eu me virei e dei algumas poucas braçadas para me aproximar mais de Steve.

— Eu poderia encontrar alguma coisa.

— Sim, você precisa de algo que seja bonito. Faça com que Tris resolva o problema.

O rosto de Carlotta apareceu por cima do corrimão. "Eu odeio você", ela fez com a boca, mal-humorada, condenada a um jantar romântico somente para dois com seu amante.

— Supere isso, Cinderela — eu a chamei de volta. — Hoje é seu dia de sorte. Nós vamos às compras.



Como todas as encantadoras vilas de pescadores que haviam passado por nosso caminho ao longo da costa, o porto de Ponza, a pequena faixa de uma ilha aonde os romanos vão se divertir, não tem mais aquela característica histórica de vila. A maior parte das casas amarelas e ocres em ruínas, penduradas nos

rochedos acima do mar, se transformara em *pied à terre,* casas compradas por milhões de euros, embora ainda existissem umas poucas exibindo roupas penduradas nas janelas e velhinhas olhando a rua tranquilamente de suas portas. Quem sabe fossem artistas patrocinadas pelo governo para dar cor local à cidade. E mesmo aquela pracinha sonolenta exibia uma ou duas butiques, onde as mulheres daquela tribo flutuante poderiam aparecer para fazer suas compras. Puxei Carlotta para a loja mais próxima, que exibia na vitrine os biquínis La Perla de mil euros cada um.

— Você precisa de um vestido, porque será a namorada de Steve hoje à noite — eu disse.

— Quer dizer, tipo um *ménage à trois*?

Eu não tive a impressão de que isso teria sido uma novidade para ela.

Foi uma luta para não revirar os olhos.

— Arf! Não. Somente para essa festa. Não será preciso fazer nada, a não ser parecer uma garota devotada. Que tal este?

— E sobre o Hermann? Ele não vai gostar.

— O Tris vai resolver isso. Não se preocupe, ele vai ficar bem.

Carlotta escolheu um Marc Jacobs branco longo com um decote preso por tiras muito finas como espaguete e que fizeram seus seios parecerem desafiar a gravidade de uma forma mais improvável do que nunca. Com os cabelos soltos e joias simples, ela ficaria parecida com uma deusa de Fellini. Eu escolhi um vestido dourado de Lurex de manga longa, muito mais coberto na frente, mas cavado atrás, mostrando até o cóccix. Encontramos sandálias cor da pele Giambattista Valli para ambas — porque assumi que uma noite a rigor não dispensaria os sapatos — e duas carteiras Fendi, prata e esmeralda para Carlotta e preta e dourada para mim. Carlotta assistiu, admirada, quando exibi pouco mais de 7 mil euros em notas de quinhentos.

— O Steve realmente gosta de você.

— Pode ser.

— Mas tudo bem, faz parte. Todo mundo quer conseguir coisas boas que possa manter.

Antes de voltarmos ao iate, nós paramos no café e pedimos avidamente dois *pizzette* e um *gelato affogato*, nadando em Baileys e café expresso. Carlotta beliscou uma dobra de pele acima do cotovelo.

— Eu sempre estou morrendo de fome. Hermann odeia me ver comendo, mas dois camarões e um pedaço de melancia não é almoço, você não concorda? Quando ficar velha, vou ficar totalmente gorda balofa.



Quando embarcamos na lancha, naquela noite, Carlotta tinha realmente entrado na personagem, segurando o braço de Steve e brincando com o colarinho da camisa dele. Ele estava de fato bonito em seu smoking, embora no último minuto tivesse tirado a gravata, desafiadoramente. Sussurrei a Carlotta para tirar seu anel de noivado, e ela o escondeu na Fendi. Ela o teria atirado ao mar alegremente, se houvesse a menor possibilidade de que o fim do noivado se tornasse realidade. Hermann tinha sido diplomaticamente retirado de cena por Tristan com a alegação de uma excursão para dar mergulhos noturnos em algumas das famosas e inacessíveis grutas da região, da qual Carlotta havia sido relutantemente excluída, uma vez que ela não tinha o certificado de mergulho atualizado. Talvez fosse bom se eu cuidasse deste certificado para mim mesma.

— E você ouviu sobre aquele homem e o filho no ano passado, nas grutas de Capri? Eles ficaram tipo, presos, e o pai teve que decidir se queria salvar o filho ou a si mesmo, ou largar o outro lá, ou ficar e morrer com ele, tipo...

— Meu Deus, Carlotta — interrompi —, estar com você é como estar de férias com Edgar Allan Poe!

Ela ficou me olhando, com expressão vazia. Óbvio que não tinha entendido.

— Nada. Você está linda. A gente vai se divertir muito.

A viagem demorou um pouco, já que o iate de Balensky estava ancorado bem longe, em águas mais profundas. Cinco andares se erguiam para nós quando nos aproximamos. Parecia do tamanho de um shopping, tão grande que nossa lancha nos levou para dentro dele, para uma doca interna, e onde nos foi indicado um elevador folheado a cobre que nos levou voando ao convés. Vivi muitos momentos, desde que embarquei no *Mandarin*, quando tive vontade de congelar algumas cenas que me rodeavam, só para olhar para mim mesma e me lembrar com incredulidade de como eu me sentia quando carregava minha maleta ao longo de Piccadilly. Este era um desses momentos.

O maior convés era decorado com guirlandas e orquídeas cor-de-rosa, entrelaçadas ao redor do corrimão e das escadas. Balões com rosas muito perfumadas formavam um corredor ao longo do qual os garçons se postavam com taças de Krug. Carlotta e eu recusamos as *tartines* com caviar de trufas e *confit* de tomate e pequenos pratos de lagosta rosa à bolonhesa. Balensky estava esperando no fim do corredor, em um smoking de seda azul-marinho com ombreiras que estavam fazendo hora extra para disfarçar o fato de que ele era praticamente um anão. Sua pele pálida exibia uma cabeleira que caía de sua testa cheia de Botox, e exibia fios cuidadosamente entrelaçados de uma estranha cor de hena. *Talvez esta fosse a única coisa que o dinheiro não podia comprar*, pensei. Não importa o quanto de cabelo você jogasse ali, um couro cabeludo restaurado ainda pareceria um desastre nuclear. Achei que Balensky deveria estar em seus 80 anos, mas seu rosto era atemporal e malicioso. Ele, supostamente, tinha esposa e filhos escondidos em algum lugar, apesar de os sites de fofoca da internet alegarem que ele dava festas apenas para rapazes em sua vila romana reformada, que ficava nos arredores de Tânger. Balensky apertou a mão de Steve com o entusiasmo dos políticos, e então se inclinou para Carlotta assim que Steve a apresentou. Fiquei pairando por trás deles, no papel daquela amiga inseparável, mas garanti que ele visse o decote profundo nas minhas costas quando me virei para cumprimentá-lo.

— Obrigado por ter vindo.

— Eu que agradeço o convite. Mas que lindas flores.

Os olhos dele já estavam em outro lugar. Dei um passo para o lado para permitir que os próximos convidados pudessem ser recebidos. Atrás de Balensky, nas sombras das escadas, notei dois homens enormes, com o físico-padrão dos jogadores de futebol americano, vestindo ternos apertados (não entendo por que os bilionários são tão mesquinhos quando se trata das roupas de seus guarda-costas — com certeza um alfaiate poderia fazer ternos sob medida para acomodar os músculos desses grandalhões...), com os braços cruzados e fones de ouvido. À vista deles, senti um delicioso toque de adrenalina me picar, algo como o primeiro gole de um martíni perfeito.

Fui me colocar atrás do grupo, fingindo que iria cumprimentar alguém conhecido, até que pudesse ficar fora da vista, e então, discretamente, perguntei a um dos garçons onde ficava a toalete das senhoras. Ele me acompanhou

lentamente quando descemos um lance de escadas e ao longo de um corredor decorado com a réplica de um mural de São Pedro e os peixes de Jean Cocteau em Villefranche, e abriu uma porta que dava para o banheiro. Eu me tranquei lá dentro e fiquei esperando, para ouvir os passos dele se afastando. Ele não fez isso. *Raios*. Contei até sessenta, apertei o botão da descarga e abri a torneira, e então deixei que ele me acompanhasse de volta para a festa, contando o número de portas pelas quais passamos no caminho.

Foi muito fácil conseguir o projeto do barco de Balensky. Um e-mail do escritório de Steve ao construtor dos iates, sugerindo que ele estava pensando em melhorias e pedindo que o construtor preparasse um projeto que fosse similar ao de Balensky, tinha gerado da parte dos projetistas uma planta virtual em coisa de poucas horas. Uma vez que o iate do bilionário era realmente um projeto único e especial, nós pudemos ter a certeza de que aquela planta seria bastante precisa. O camarote devia ser a terceira porta à direita, depois do banheiro de hóspedes, no primeiro corredor quando se desciam as escadas.

De volta para o convés, Carlotta estava encolhida sob o ombro de Steve, arrastando seus dedinhos desdenhosos e adolescentes sobre o smoking dele, como uma poodle loura ornamental, enquanto ele falava com um homem corpulento com botões de diamante na frente da camisa engomada. Consegui iniciar uma conversa com uma das outras garotas, uma modelo de maiô da África do Sul que havíamos conhecido em Marina di Massa: a troca usual sobre lugares que iríamos depois e em que festas tínhamos ido. Eu gostei dos brincos dela, e a garota elogiou os meus sapatos.

A Garota do Biquíni e eu continuamos a conversa, apesar de tudo, até que fomos levadas ao convés superior para o jantar. Não era assim uma festa com muitas pessoas; apesar da decoração ser mais adequada a um baile de debutantes digno do Crillón, nós éramos apenas cerca de vinte pessoas à mesa, e Balensky organizou quem sentava onde pessoalmente, colocando-me depois de dois assentos à sua direita, bem diante de Steve e Carlotta. Ao meu lado estava o homem dos botões de diamante, e na cadeira depois dele, no lugar de honra ao lado do anfitrião, estava uma atriz e modelo italiana em um vestido de noite de paetês com um decote que ia até o umbigo, e cujo rosto eu já tinha visto nas páginas da *Gente*. Ela possuía uma linha de lingerie e uma vez tinha saído com George Clooney. Assumi que essa moça estava sendo paga para comparecer ao

jantar, já que ela e Balensky se ignoravam completamente.

Sentada à minha direita estava outra namorada do anfitrião, e a conversa começou entre os homens, enquanto os convidados eram servidos de ostras recheadas com caviar, codorna assada recheada com *foie gras* e *vitello tonnato* com creme de trufas. Flores rosa com folhas douradas adornavam a louça. Longos silêncios se estendiam enquanto os garçons diligentemente trocavam os pratos, silêncios intercalados com comentários vibrantes dos homens em resposta a algum dito de Balensky. Pelo menos nós tínhamos cadeiras onde nos sentar, ao contrário dos pobres aristocratas franceses em Versalhes, proibidos de sentarem-se na presença do rei. O flã era um *parfait* de pétalas de rosa em uma geleia de uma violenta cor de cereja, esculpido em uma flor tão perfeitamente realista que nós poderíamos estar comendo um dos arranjos. Talvez até estivéssemos... Eu estava me sentindo grata que pouco era esperado de mim em meio àquelas sobremesas deslumbrantes; o raspar tranquilo de minha colher no prato vinha medindo os momentos antes de eu ter que atacar. E eu estava saboreando aquilo que estava prestes a fazer, e era muito além do *parfait*.

Enquanto os garçons nos rodeavam, oferecendo café e pirâmides de *macarons* cor-de-rosa da Ladurée e os homens começavam a acender os charutos, pedi licença para ir ao banheiro, carregando na mão os sapatos de salto alto assim que comecei a descer as escadas e atando um nó na saia, de modo que eu pudesse me mover mais livremente.

Na medida em que eu descia, meus olhos ficavam procurando urgentemente os guarda-costas, os quais tinha visto em pé logo atrás da cadeira de Balensky. Eles não haviam me seguido. Parei de caminhar e fiquei escutando, andando na ponta dos pés algumas vezes, como se fosse uma atleta de saltos se preparando para correr, depois andando meio agachada, como uma loba, descendo o lance seguinte de degraus e caminhando ao longo do corredor. Meus olhos aguçados observavam cuidadosamente as portas, umas, duas, três, corri para o camarote do mesmo modo que um míssil, amando minhas pernas flexíveis, a intensidade predatória de minha missão. Com o coração pulsando forte fiz outra pausa em frente à porta do corredor. Atrás de mim, ainda não havia ninguém, estava tudo vazio. Empurrei suavemente a maçaneta da porta e entrei.

A cabine estava forrada de um carpete branco, com pilhas de estolas de raposa branca em cima da cama. Certamente, o velho camarada precisaria delas. Estava

congelante lá dentro. Com o ar-condicionado no máximo, aquele lugar mais se parecia com uma geladeira funerária de luxo. Uma porta ao lado da cama levava até o banheiro, outra levava ao closet, uma fileira de sapatos minúsculos cuidadosamente alinhados, cada um com saltos extras presos às solas para dar um pouco mais de altura ao dono. Na parte de trás da área de vestir estava a segunda porta que eu tinha visto nos desenhos. Ou era um escritório ou um calabouço privado. Mais uma vez, eu empurrei a maçaneta suavemente, meio que esperando um picador de gelo aparecer diretamente do olho mágico. Era apenas um pequeno escritório, nada mais que uma mesa embutida e alguns monitores, como os que havia no *Mandarin* de Steve. Meu celular estava pronto, e apesar do frio intenso, minha mão suava tanto que ele poderia escorregar para o chão. Mexi no mouse e a tela veio à vida.

Futebol. Aquela merda do futebol. Steve não ficaria nem um pouco impressionado com isso. Mas fotografei as telas dos monitores, de qualquer maneira, depois fiz alguns cliques naqueles itens que encontrei sobre a mesa — um monte de recibos, uma caixa de charutos meio encobrindo algumas notas rabiscadas num papel, um exemplar do *Spectator*, com a página dobrada na coluna sobre vinhos. Será que eu devia tentar ver o que havia nas gavetas? Elas provavelmente teriam um alarme, e Balensky certamente possuía um tubarão-tigre em um tanque pessoal em algum lugar no iate, destinado especialmente aos hóspedes curiosos. Algo rangeu sob meus pés descalços, uma folha de papel A4 que provavelmente seria de uma resma para impressão. Rapidamente, agachei-me para pegá-la, enrolei a folha e a prendi no elástico de minha calcinha Fifi Chachnil. Enquanto tentava arrumar meu vestido longo no lugar, ouvi uma voz, uma voz de homem falando russo. *Merda*. Que porra era essa que eu estava fazendo? Eu já não tinha me dado mal como espiã depois de meu fiasco com o Stubbs?

Uma sucessão de imagens loucas desabou em minha mente, velhos filmes de Balensky posando com uma arma banhada a ouro, seu sorriso malévolo quando ele aceitou um prêmio de caridade, corpos amontoados em guerras sobre as quais eu tinha lido. Balensky não era um personagem de histórias em quadrinhos, ele era real. Levaria um segundo para seus homens quebrarem o meu pescoço e me jogarem no mar, e se apenas uma fração dos boatos que eu tinha ouvido sobre seu patrão fosse verdade, eles eram caras experientes nessa prática. Afinal, não era

verdade que as garotas bêbadas se afogavam o tempo todo durante as férias? Eu congelei, tentando segurar minha respiração, mas estava tremendo, tremendo como se tivesse levado um soco no estômago. Coloquei meus braços em volta do meu corpo e apertei os olhos bem fechados por um momento, tentando forçar o medo a desaparecer.

Pense. Não havia nenhum lugar para me esconder, exceto aquele cubículo debaixo da mesa. Olhei freneticamente em volta em busca de uma câmera de segurança. O carpete no quarto tinha abafado quaisquer passos, mas eu ouvi a porta do banheiro ser aberta. *Merda. Merda. Merda*. Era melhor eu me esconder no closet do que ficar ali no escritório. Arrisquei-me, correndo para o pequeno armário, enquanto os guarda-costas examinavam o banheiro. Eles estariam aqui a qualquer minuto. Puxei a calcinha para baixo e a enfiei na minha bolsa, me atrapalhando para guardar o papel dobrado em meu maço de cigarros meio vazio.

Quando o primeiro guarda abriu a porta, ele me encontrou ali nua, exceto pelas sandálias Valli.

— Amor — suspirei, correndo os olhos por aquela enorme expansão negra de seu peito. — Oh, meu Deus, sinto muito! Eu achei que fosse...

Ficamos olhando um para o outro por um longo tempo. Obriguei-me a olhar para ele. Se ele estivesse gostando do que via, eu continuaria viva. Se não, eu me sentia mais do que disposta a implorar. Ele disse alguma coisa e o segundo homem se juntou a ele, ambos fazendo uma expressão enfadonha e, ao mesmo tempo, ameaçadora com um ar mortal.

— O que você está fazendo no camarote do sr. Balensky?

— Esperando pelo sr. Balensky — respondi, colocando o máximo de orgulho possível na minha voz, o que não era muito fácil usando saltos de 15 centímetros e mais nada.

— Ele *diz* para você vir?

— Não exatamente. Eu... Hum... Eu queria surpreendê-lo.

O segundo homem traduziu tudo para o primeiro. Os dois riram. Eu respirei pela primeira vez depois do que pareceram horas.

— Por favor, senhorita. Não *permite estar* no quarto do sr. Balensky.

Graças a Deus, eles estavam sendo educados. Eu supus que esse tipo de coisa deveria acontecer o tempo todo.

— Tem telefone?

Eu abri minha bolsa Fendi e dei o meu celular, toda inocente.

— Claro.

Outra troca de palavras em russo, e então o segundo guarda falou novamente.

— Eu *verificar* telefone. Você *ficar* aqui com ele. Se telefone *está* OK, *nós não dizer nada* para sr. Balensky. OK, senhorita? Você *abre* telefone agora.

Digitei o código da minha senha e ele fechou a porta. Estava muito apertado naquele espaço, mas não era preciso muito mais para aquilo que se esperava de mim.

Limpei minha boca no punho de uma das camisas engomadas Turnbull & Asser de Balensky, coloquei meu vestido de volta e sentei-me ao lado do homem. Depois de alguns minutos escutando o ar-condicionado, ele disse:

— Você *gosta* festa?

— Sim, obrigada. É uma festa muito bonita!

O número dois reapareceu e atirou meu telefone e minha bolsa. Outra frase em russo, contendo uma palavra que entendi — "*shylukha*" — que soa como "puta" e quer mesmo dizer "prostituta".

— Telefone *OK*.

— Ótimo! Ok.

Por que será que a gente estava falando como se estivéssemos em um episódio da série *Família Soprano*?

— Você *volta* para festa agora. Garota travessa! — E ele balançou o dedo para mim.

Dois minutos mais tarde, eu já estava de volta ao convés superior, o cabelo arrumado e o coração tranquilo. Pedi um Brandy Alexander ao garçom, para tirar o gosto da boca. Fui até o corrimão e fiquei assistindo às ondas do mar por alguns momentos. Há muito a ser dito sobre ser assediada quando se é criança. Você fica isolada, mas torna-se também inquebrável. Eu aprendi algo em particular, um desdém pelas provocações sussurradas, até mesmo uma espécie de prazer nelas, porque eu dizia a mim mesma que isso me fazia diferente, e então segui em frente acreditando nisso. Talvez um terapeuta tivesse conseguido me fazer confessar o segredo e reconhecer isso, mas nunca tive nem o dinheiro para fazer terapia, e nem interesse, uma vez que o conhecimento dessa dor tornou-se,

ao longo do tempo, uma fonte de desafios, uma fonte de força — embora eu tivesse vergonha de sequer pensar na palavra assédio. Eu conseguia suportar coisas que as outras pessoas não conseguiam, e isso significava que eu poderia fazer isso com elas. Eu tinha feito isso com o guarda-costas, e o alívio foi glorioso.

Seja como for, tudo poderia ter sido pior. O capanga poderia ter querido uma foda. E mesmo se o pênis do sujeito fosse tão pequeno quanto eu achava que era o do patrão dele, a coisa poderia até ter sido confortável, mesmo com o segundo celular atolado lá dentro.

Capítulo treze

COMO QUALQUER OUTRA EMOÇÃO, o humor não era algo que fizesse parte da personalidade de Steve, mas até ele viu o lado engraçado da coisa. Não pude contar nada a ele, obviamente, até que Carlotta, de volta relutantemente ao iate, foi encontrar-se com Hermann, e então nós dois, enrolados na cama de Steve, rimos tanto que até pensei que fosse fazer xixi nos lençóis.

— Que seja salientado — engasguei — que eu não posso ser acusada de não me sacrificar pelo bem maior!

— E você lavou?

— Ecaaa! É claro que sim. — Eu o entreguei. — Você me deve muuuito!

— Você é muito boa, saiba disso. Pensar em dois telefones. Ele não percebeu nada.

— Se eles tivessem encontrado o outro telefone, eu não posso pensar no que Balensky teria feito contra todos nós. Eles não brincam em serviço, aquelas pessoas.

— Acredite em mim, estou muito agradecido.

Ele não estava, óbvio. Ele estava era impaciente.

Fui tomar uma ducha enquanto Steve fuçava no telefone. Quando voltei, ele estava olhando uma tela, girando, ampliando e reduzindo a imagem.

— Tem alguma coisa aí?

— Não — ele parecia irritado, o que me deixou preocupada. — Eu peguei tudo, tenho certeza de que peguei. Tudo o que havia no computador era as transferências de verão nos times do campeonato inglês.

— Não tem nada.

— Não era você quem estava arriscando ter seu pescoço quebrado por Lenny lá no outro barco... [*]

— Quem?

— Não importa.

— Seja como for, Lauren, fodeu tudo — ele pegou o telefone. — Tenho que dar

uns telefonemas agora.

Havia uma dureza em sua voz que eu não tinha ouvido antes; na verdade, nunca tinha visto Steve tão expressivo. Essas trilhas abstratas de dinheiro poderiam ter representado algum tipo de jogo, mas nesse jogo Steve estava muito comprometido em vencer.

— Espere um pouco... Tinha outra coisa, um pedaço de papel com anotações. Vou buscar.

Despejei o conteúdo da pequena bolsa Fendi no edredom. Maço de cigarros, isqueiro, brilho labial, balas, as calcinhas de seda preta de chiffon e a folha de papel amassada que eu tinha colocado com pressa no maço de cigarros.

— Este aqui. Tome.

Steve passou os olhos por aquilo lentamente, e, enquanto os olhos desciam pelo papel, toda a tensão foi varrida de seu rosto.

— Lauren, você é brilhante. Onde você conseguiu isso?

— Ele estava no chão ao lado da mesa, e não achei que ele pudesse perder isso... De qualquer forma, a arrumadeira certamente iria guardá-lo. O que é?

Lógico que eu já tinha lido tudo. Tinha um nome, uma data dois dias depois do dia de hoje e um ponto de interrogação, rabiscados com uma caneta esferográfica.

— Rivoli. Um grupo de hotelaria. Ele está fazendo uma oferta por esse grupo. Eu realmente preciso fazer algumas chamadas agora. Obrigado, boneca. — Steve saiu do quarto, gritando por Tris.

Toda aquela coisa meio James Bond por uma informação particular de algum negócio. Se eu não tivesse lido sobre as penas para quem faz tais coisas, eu não teria sido capaz de entender por que Steve estava tão animado com essa história. Mas se ele não fosse para a prisão, como não iria, faria um monte de dinheiro com essa informação, e enquanto eu supunha que pudesse pedir uma espécie de comissão pelo meu trabalho, havia algo mais que ele poderia fazer por mim agora. E foi útil saber que até mesmo os mestres financeiros do universo eram tão pouco sofisticados quando se tratava de pequenos segredos sujos.



Outra coisa que eu descobri enquanto o *Mandarin* estava navegando para longe de Ponza foi o obituário de James. Estava no *Times* online, sem fotografia, presumivelmente por respeito à família, mas a notícia mencionava a esposa de James, Veronica. Rhodes, como Cecil. Eu nunca tinha registrado o sobrenome dele. JR, assim como eu. Talvez eu devesse ter lido isso como algum tipo de sinal. Havia também menção às várias instituições de caridade que ele contribuía, o banco onde ele trabalhara, o fato de que uma vez ele havia jogado críquete pelo Harrow no Lord's — uma coisa que eu tive dificuldades para imaginar —, que ele havia deixado uma filha e que o funeral seria realizado daqui a um mês. James estava com 63 anos, até que não era tanto. E a notícia só dizia que ele havia falecido de ataque cardíaco durante uma viagem de negócios, mas, ainda assim, me deixou inquieta. Tranquei-me no banheiro e abri o estojo Loro Piana onde eu guardava as minhas coisas pessoais. Meu dinheiro estava recheando um saco de papel de sanduíche. Ainda restavam cerca de 8 mil euros do dinheiro de James, e mais aquilo que eu tirava de minhas viagens para fazer compras, o que somava uns bons milhares... Eu tinha feito algumas pequenas retiradas de minha conta bancária, bem pequenas quantidades, apenas para manter a ideia de que eu estava em férias, mas não era como se eu pudesse ficar no barco para sempre. Steve estava obviamente ficando um pouco cansado dessa ideia geral de lazer, ansioso para voltar a movimentar um monte de dinheiro. Eu poderia me manter longe dos bancos por alguns meses, até que conseguisse um novo emprego, mas não seria possível esticar o meu dinheiro por muito tempo, especialmente morando em um lugar como Londres. E também teria que considerar que conseguir um emprego no mundo da arte não seria algo muito fácil, tendo em conta que eu havia chamado um dos principais especialistas em Londres de "bundão covarde".

A questão imediata era onde colocar esse dinheiro. Eu não queria depositar essa enorme quantia em dinheiro em minha conta de um banco inglês; ia parecer suspeito. É claro que eu poderia apenas ficar com ele, mas isso também não parecia direito. Talvez fosse uma idiotice, mas eu queria que aquele dinheiro tivesse algum significado. Sempre achei que as pessoas que acreditam em horóscopos deviam ser proibidas de votar, mas, por outro lado, sempre achei que quando o universo está tentando lhe dizer algo, é muito tolo você não lhe dar ouvidos. E eu simplesmente não conseguia suportar a ideia de voltar ao meu

apartamento, aos livros didáticos e às torradas e a secar as meias no varal do banheiro.

Arrastar-me de volta para Londres com um monte de dinheiro enfiado no bolso, e que seria gasto em aluguel e em pagar as contas, também me parecia uma derrota. Era tudo muito próximo da boate e do pub às sextas à noite, do lento escoar do açúcar no sangue, do vento no ponto de ônibus em College Road, das paredes de tijolinho e das lojas da Tesco e dos vômitos na entrada das unidades do Serviço Social, tudo muito perto das garrafas no micro-ondas e da campainha sem resposta, do cheiro de gordura fria e do *curry* pavoroso, tudo que fazia parte de meu pequeno buquê de desespero. Todas as coisas que eu conhecia, e era indecente demais desprezá-las, porque elas eram justamente o tecido vital para a maioria das pessoas, e, no entanto, o meu desprezo sempre me manteve mais limpa por dentro.

Eu precisava pensar, então subi ao convés. Nós estávamos ancorados a poucas milhas da costa do porto principal; a única outra embarcação à vista era um fabuloso iate de corrida dos anos trinta, cujos proprietários provavelmente se referiam ao projeto do *Mandarin* como sendo da escola da "Tupperware". Estava tudo muito quieto, ouvia-se apenas o rangido do casco embalado pelas ondas e o soar dos grilos nas colinas baixas da costa. Carlotta estava tirando uma soneca com Hermann, apesar de desgostosa por ter que fazer isso. Steve estava debruçado sobre suas telas, como de costume, como se fosse um alquimista. A água tinha a cor das penas coloridas de um pavão, dourada e turquesa e verde-esmeralda, e tão clara que eu conseguia enxergar cardumes de peixinhos se movimentando logo abaixo da superfície. Tirei meu *kaftan* Heidi Klein, então meu biquíni branco e passei por cima da curva do corrimão, o calor da tarde batendo sobre a minha pele nua. De repente, parecia um longo caminho lá para baixo. Teria sido fácil saltar, deixar-me cair naquele azul delicioso, mas embora não tivesse ninguém olhando, eu não poderia me permitir ser tão desleixada assim. Braços abertos e esticados, panturrilhas flexionadas, abdômen firme, cabeça inclinada, um mergulho perfeito, abrindo os olhos depois que o corpo caísse na água, para sentir o sal fluindo ao redor dos olhos, cristais nos dedos enquanto eu me dobrasse em direção à superfície. Prendi meus cabelos e pulei na água. O mar embalou meu corpo e o brilho dos minúsculos cristais de sal turvou a minha visão da paisagem suave de azul e dourado e branco. Sobre mim o

Mandarin desenhava uma sombra geométrica perfeita sobre as ondas suaves, uma ilha de dinheiro reconfortante. *Era a esse lugar que eu pertencia*, pensei. Eu tinha que achar uma maneira de ficar aqui.



Naquela noite, fomos todos ao Billionaire. Não importava que os chineses o tivessem comprado, o que a gente queria era festejar como Briatore, como playboys. Enquanto éramos levados à mesa VIP, eu podia sentir as garotas nos observando em seus sapatos vulgares e vestidos curtos, fingindo que estavam dançando. Quando é que as boates começaram a se parecer com clubes de *striptease*? Elas estavam espalhadas por todos os lados, nas banquetas, nas mesas, praticamente penduradas nos lustres. Havia tantas bundas balançando que seriam capazes de provocar um terremoto. Carlotta quase rugiu quando uma nádega perdida por pouco não derrubou os óculos Oliver Peoples de Hermann. Steve estava entediado, jogando em seu celular, e nem sequer olhou para cima quando o garçom trouxe o champanhe. Tris parecia nervoso. Ele deu um toque no ombro de Steve, apontando para duas lindas garotas negras com cinturas incrivelmente minúsculas e traseiros que subiam quase até a linha dos ombros e que se contorciam ali perto. Steve balançou a cabeça em irritação. Era impossível falar por cima da música, por isso eu me inclinei para frente e gritei no ouvido de Steve:

— Querido, eu realmente sinto muito, mas estou com uma dor de cabeça horrível. Você poderia me levar de volta?

Steve não era o tipo de cara que fizesse essas gentilezas de um cavalheiro, mas estava claro para mim que ele não tinha interesse em ficar, então quando ele se levantou, peguei um olhar de gratidão de Tris. Steve segurou a minha mão e apertou-a na sua, macia e seca, por todo o caminho até o carro, e não pude evitar um breve sorriso de triunfo enquanto carregava a minha presa.

Fiz um Tanqueray com tônica, prendendo cuidadosamente uma fatia de limão na borda do copo, e levei para onde Steve estava, de braços cruzados zapeando os canais de notícias na enorme tela de plasma.

— Como está sua cabeça?

— Melhor, verdade. Era demais, aquele lugar.

— Sim, eu sei o que você quer dizer.

Ficamos assistindo à CNN um pouco. Não havia nenhuma maneira de começar aquela conversa sutilmente, mas, de repente, não era hora de sutilezas.

— Steve?

— Sim?

— Eu estive pensando. Você tem sido tão incrível para mim, essa viagem, as compras, tudo. Eu quero muito lhe agradecer.

Eu realmente estava falando a sério.

Ele me pareceu nervoso, de repente. Coloquei a mão em seu ombro.

— Não assim. Eu acho que... Nós somos amigos, não somos? Um tipo de amigos?

— Claro.

— Então, daí eu tive essa ideia e...

Eu tinha aprendido o suficiente sobre a interminável agitação dos ganhos de capital em Londres para ser capaz de falar com propriedade. Eu queria abrir minha própria galeria, expliquei, negociando de forma particular. Eu tinha algum dinheiro guardado, mas estranhamente era dinheiro vivo. Steve poderia me ajudar a começar? Se eu conseguisse lucros, poderia comprar para ele. Nós falamos bastante sobre a sua coleção para que Steve acreditasse que eu conhecia qual era seu gosto para obras de arte, eu tinha um bom olho para essas coisas e sabia como fazer com que as aquisições fossem convenientes do ponto de vista dos impostos.

— E quanto você pretende investir?

Hesitei.

— Bem, é dinheiro de troco, realmente. Cerca de 10 mil. Pensei que poderia ser em... Genebra, talvez?

Dez mil, por acaso, era o depósito mínimo exigido em um pequeno e não particularmente bem-sucedido banco privado chamado Osprey. Eu tinha verificado isso no meu laptop em um café no porto.

— Eu tenho um apartamento em Genebra.

— Legal. E então, vamos?

— OK.

— Tipo, OK?

— Claro. Vou falar para o Tris ver isso de manhã. Estou ficando cansado de tudo isso, de qualquer maneira.

Sentei-me montando em seu colo e acariciando seu rosto.

— Steve, eu amo você. Vai ser ótimo, eu prometo!

Ele segurou meus ombros na distância dos braços e me olhou nos olhos.

— Claro que sim, Lauren.

Era evidente que ele já tinha ouvido tudo isso antes. E não poderia ter certeza de que alguma mulher tinha dito essas palavras a sério. Sustentei seu olhar. Deve ter acontecido algum momento em que nós dois nos sentimos seres humanos.

— Ooops, desculpe, vocês dois!

Carlotta.

— Sem problemas.

Senti que Steve não estava aborrecido por ela ter entendido mal. Deixei-o assistindo à segunda parte de *Matrix* e fui ter uma bela conversa sobre a qualidade das vagabundas do Billionaire.



Voar de classe executiva da Sardenha para a Suíça me fez pela primeira vez virar à esquerda após entrar em um avião. Aliás, era uma das poucas vezes em que eu entrava em um avião — minhas viagens europeias foram feitas principalmente por trem. Steve estava indo para os Estados Unidos enquanto Tris levava o barco de volta para a costa de Gênova. Se ele estava chateado comigo por encurtar seu cruzeiro gratuito, teve o bom senso de não demonstrar isso; além do mais, ele teria mais alguns dias para fingir que o *Mandarin* era seu. Deixei um bilhete de agradecimento escrito à mão e trezentos euros para a tripulação, coloquei todos os meus pertences nas malas e fui me despedir de Carlotta e de Hermann, que fizeram educados protestos sobre quererem a minha presença em seu casamento. Pedi que minha passagem de volta fosse por Roma; seria uma vergonha não ver essa cidade de novo se eu tinha essa chance.

Não conversamos muito durante o voo. As conversas se constituíam em um grande esforço para Steve caso não estivesse falando sobre coisas de sua

propriedade; eu assumi que era por isso que continuava sempre comprando. Gostei do espaço e dos amplos assentos de couro e dos sorrisos esfuziantes de todas as comissárias de bordo da Alitalia, com seus lenços brilhantes. Steve não gostou, mas ele iria entrar em seu próprio avião no dia seguinte. Se fosse um pouco parecido com seu apartamento, eu não poderia invejá-lo. Tudo o que pude pensar quando chegamos lá foi que Deus nunca resistia à oportunidade de mostrar o seu desprezo pelo dinheiro. Agora eu sabia a cara do dinheiro novo.

— Comprei este lugar no ano passado. Costumava ter uma casa à beira do lago, mas achei que um apartamento tem a ver mais comigo. Alberto Pinto o fez.

Fiquei pensando se havia sobrado algum mármore em Carrara na época em que Alberto terminou seu trabalho. Fiquei vagando um pouco por ali, olhando, admirando. Tudo o que não era negro ou branco ou ouro era revestido de chagrém, um tipo de couro: o banheiro ficou parecido com a cigarreira de Oscar Wilde.

— É bastante... Impressionante — disse, conseguindo parecer séria, perguntando-me por que o dinheiro dos novos-ricos sempre vem acompanhado de mau gosto. Talvez seja apenas uma questão de tempo — a opulência aterradora deste século será a próxima era barroca.

— A maior parte das obras de arte está no escritório — informou Steve, pressionando um botão que abria uma porta divisória disfarçada como uma tela de madrepérola. A sala era maior do que todo o meu antigo apartamento em Londres, com uma parede inteira de vidro com vista para o lado mais lúgubre de Genebra. Você seria capaz de identificar que aqui era o escritório por causa dos livros, pelo menos três deles sendo romances franceses "retrô" dos anos sessenta dispostos em um móvel do século XIX que servira como aparador de lavatório — a única peça bonita do local. Quanto será que Alberto teria cobrado para que um assistente seu fizesse a maior parte do trabalho? Emin, Hirst, certo, um enorme Pollock, claro, um Schnabel, óbvio. Totalmente previsível.

— O que você acha deste?

Era um molde de concreto de uma lápide, como um monólito da Idade do Bronze, gravado com um jovem de terno vistoso, um Rolex em lugar de destaque, uma Uzi pendurada de sua mão direita tão naturalmente como se um jovem urbano estivesse segurando um chicote de equitação um século antes.

— Interessante. A definição de um cara arrogante. De quem é?

— É uma lápide de verdade. A família do rapaz vendeu para o artista. Lev Kravchenko?

Não tão interessante assim, então, apenas triste e sarcástico e barato.

— Você tem algumas coisas boas. Esse — disse, apontando o memorial do jovem gângster —, esse é o tipo de coisa pela qual você se interessaria. Estou pensando no Bloco Oriental, China talvez. Nada *tão* garantido como investimento, mas mais interessante. Espirituoso, ambicioso. Assim como você, Steve.

Os olhos dele já estavam vagando em direção às telas na sala de estar. Fora o suficiente sobre arte, agora, de volta ao trabalho.

— Claro, isso seria ótimo, quando você tiver sua galeria funcionando — respondeu vagamente.

Comentei que tinha certeza de que ele teria muita coisa para fazer, e que eu voltaria para cá depois do almoço. Eu amaria conhecer a cidade. Steve já estava se afundando agradecido em sua cadeira, digitando para abrir as entranhas do mundo do dinheiro, mas não se esqueceu de tirar um maço de euros do clipe de prata que guardava no bolso traseiro da calça e dá-lo para mim. Então, saí graciosamente para a rua e achei um taxista, a quem poderia fazer algumas perguntas, para me levar por um passeio pela cidade seguido por uma breve sessão de compras e um *croque monsieur* em um café com vista para o lago. No café, claro, estaria rodeada por senhoras do Oriente Médio, totalmente cobertas, e seus filhos com barriga de cerveja e homens com as orelhas coladas nos celulares, teclando, teclando, tudo sob a sombra esverdeada dos Alpes.

Refleti que não conhecia muito, de fato, sobre a arte contemporânea, mas não achei que isso fosse razão suficiente para retroceder em meus planos. Em primeiro lugar, porque não havia muito que saber, e, em segundo lugar, ninguém que estivesse negociando isso tampouco sabia. A habilidade está em saber observar as tendências, descobrindo o que estará quente quando seu cliente estiver pronto para vender. A ideia de um mecenas comprando por motivos estéticos acabara desde o Grand Tour dos ingleses, e eu tinha sido incrivelmente sortuda até agora em convencer Steve de que eu sabia como comprar, embora seu gosto não fosse exatamente algo que precisasse de técnicas agressivas de compra ou venda. Depois de todo o meu trabalho sério para Rupert em meus três anos na casa de leilões, isso parecia uma coisa um pouco vulgar, mas eu já havia

superado coisas piores. Tipo, toda a minha vida até agora. E, quem sabe, se eu pudesse fazer isso, se eu realmente pudesse fazer isso, então eu teria uma chance de ser alguém, de ser a pessoa que sempre soube que eu estava destinada a ser.

De volta ao apartamento, troquei de roupa e vesti uma de minhas novas peças, um vestido bege Stella McCartney com um lenço Hermès e um relógio com pulseira laranja e rosa. Eu tinha comprado uma carteira lisa de couro para levar o dinheiro; não estava a fim de andar com ele por aí embrulhado em um saco de papel. Steve estava usando sua calça jeans de costume, tênis e camisa Polo. Ele segurou minha mão para me ajudar a entrar no táxi que nos levaria ao banco, enquanto com a outra se ocupava em checar o celular.

Uma vez, eu tinha ido ao Hoares, na rua Fleet, para descontar um cheque de Rupert, e eu acho que esperava algo assim — pilares imponentes, porteiros de luvas brancas, antigas pinturas a óleo nas paredes. Mas o banco Osprey se parecia com qualquer outro escritório, e não um hotel, como o Hoares. Apenas um saguão e um elevador, além de uma placa discreta junto da campainha, um sofá e um bebedouro acompanhado de uma antiga máquina de fax. Steve explicou brevemente em seu surpreendentemente bom francês que precisava abrir uma conta pessoal para um novo funcionário. Assim que seu nome foi dado, eu podia ver o gerente babando. Eles nos levaram para uma sala ainda menor, apenas um cubículo com uma mesa e três cadeiras apressadamente dispostas ali, mostrei meu passaporte e eles trouxeram a papelada.

— Basta assinar aqui, *mademoiselle* Rashleigh, e aqui, e aqui.

Empurrei para ele a minha carteira bege e o gerente a apanhou com um sorriso de dor, como se eu tivesse entregado a ele uma fralda suja. Dinheiro vivo obviamente não era uma coisa que se exibisse assim em Genebra, embora fosse exatamente esse dinheiro — escuso, ou não — que construíra este lugar. O gerente apertou um botão debaixo da mesa e uma garota esguia em um terninho preto apareceu para levar minha carteira embora, usando as mãos como se fossem garras de prata. Eu a vi olhando para Steve e deixei que minha mão descansasse no pulso dele por alguns instantes. Minutos se passaram, durante os quais o gerente se aventurou a fazer observações sobre Genebra e perguntar se eu gostava da cidade, e então a jovem voltou com a carteira agora flácida, e uma caderneta bancária com meu nome miraculosamente impresso na capa.

— E para qual endereço a senhorita deseja que a correspondência seja enviada?

Merda.

Eu não tinha pensado nisso.

E dificilmente receberia extratos de uma conta bancária da Suíça em uma mesa de um café.

— Eu... hã... estou procurando instalações neste momento — respondi sem convicção.

— Claro, senhorita, mas você irá passar sempre por Genebra?

O gerente estava me ajudando com seu olho no potencial de Steve.

— Sim, é claro. Art Basel e, hã, e assim por diante.

— Pois, então, nós temos um serviço aqui no Osprey. Uma caixa numerada, uma chave só para si. Só para correspondência, você entende. Nossos clientes acham isso útil enquanto eles... hã... estão viajando.

Eu gostei disso. Viajando como Holly Golightly, a "bonequinha de luxo".

— Isso seria muito apropriado, obrigada.

— Só mais um formulário, então, senhorita.

A garota do terninho preto apareceu de novo com outros papéis, eu assinei. Steve mal registrou a conversa; ele ainda estava teclando...



No voo para Roma, naquele início de noite, recusei uma taça de champanhe com o ar cansado de uma viajante experiente da classe executiva, o que, obviamente, eu adorava. Meu adeus a Steve foi meio desconfortável, embora eu duvidasse que ele sequer tenha percebido. Apesar de ele não saber ao certo o que tinha feito por mim, ele havia sido extraordinariamente gentil, e se tivesse sido qualquer outro homem, eu teria lhe dado uma despedida mais normal, nos lençóis cuidadosamente selecionados da Pratesi, mas eu tive o bom senso de não sugerir tal coisa. No entanto, dizer apenas "obrigada" não parecia ser o bastante, e não havia nada mais que eu pudesse lhe dar, ou, ao menos, nada que eu pudesse explicar e esperar que Steve compreendesse. Que mostrasse que alguém o enxerga como um presente, até como amor, de certa forma, mas se tem alguma parte em Steve que o lembraria de como é ser um *geek*, esta parte já havia sido soterrada

para além do reconhecimento... Se eu lhe contasse que eu via o que ele não mostrava e que gostava dele mesmo assim, isso o teria intrigado momentaneamente. Então, eu me conformei com um abraço e uma promessa, que ele aceitou tão ligeiramente quanto as promessas e abraços que Steve devia receber todos os dias, e o deixei aos encantos inebriantes do mercado.

Passei algum tempo fantasiando sobre o que eu poderia fazer com aquele dinheiro, mas isso foi algo que não durou muito tempo; esses 10 mil não eram muito mais do que o preço de um jantar para seis pessoas no Billionaire. Com esse dinheiro composto por euros de Steve, eu poderia passar alguns dias interessantes em Roma, ver alguns quadros, jantar bem. Quando voltasse a Londres, poderia enviar, via transferência bancária, algumas centenas de libras para minha mãe, ficar no apartamento até que eu pudesse encontrar um emprego em uma galeria contemporânea, comprar, com prudência, algumas peças e ver o que aconteceria. Talvez, com o tempo, eu conseguisse pagar meu empréstimo da pós-graduação. Começar devagar, talvez, mas, pelo menos, era um jogo limpo. Eu não ficaria desesperada, e de alguma forma isso me deu coragem de enfrentar a lista negra onde Rupert me colocara. Estaria tudo bem. Na verdade, seria muito melhor do que estar tudo bem.

Enquanto esperávamos na pista até que o avião nos levasse até os portões de desembarque no Fiumicino, cada um dos italianos no avião pegou seu telefone. Eu fiz o mesmo e enviei uma mensagem de texto a Dave. Eu não tive coragem de entrar em contato com ele antes, para o caso de ter acontecido algum bafafá com a morte de James, mas agora parecia ser o momento certo de fazer isso.

"Oi, é Judith. Volto em alguns dias. Posso levá-lo para beber? Lamento aquela cena horrível, eu espero que esteja tudo ok. Bj. J."

Ele respondeu imediatamente.

"Perdi o emprego por sua causa. Pense nisso. D."

De repente, eu estava de volta à Gstaad, debruçada sobre alguma mensagem desarticulada de um namorado: o que queria dizer um beijo, dois beijos? Mas eu sabia que não havia nada de beijo. Era fúria. A troco de quê Rupert teria demitido Dave? Ele só estava fazendo as coisas de acordo com as minhas instruções. Dificilmente seria motivo para uma demissão por justa causa. Pressionei a tecla para ligar para o remetente.

— O que você quer, Judith? — eu conseguia ouvir a TV ligada ao fundo, mas

isso não ocultava o tom cansado e o desgosto na voz de Dave.

— Dave, me desculpe, eu não tinha ideia. Eu vou ligar para o Rupert e dizer que foi tudo minha culpa, eu nunca, jamais, teria lhe pedido para fazer isso se eu soubesse que seu emprego estava em risco. Eu sabia o quanto esse trabalho representava para você... Rupert não tinha o direito de despedir você... — terminei de falar sem convicção.

— Mas foi o que ele fez.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. Nós vamos ficar bem.

Lembrei-me da esposa de Dave e me senti ainda pior, se isso era possível.

— Dave, eu vou compensar isso de algum modo, prometo. Seu amigo Mike não pode ajudá-lo? Talvez se eu...

— Deixe, Judith. Basta continuar com sua vida.

E desligou.

Eu me senti mal, até pior do que me senti quando encontrei o corpo de James. Eu sabia o quanto esses carregadores ganhavam e deduzi que a pensão que Dave recebia do Exército devia ser provavelmente ridícula. Cobri o rosto com as mãos. Eu fiz isso com ele por causa da minha estúpida intromissão. Mas assim que voltasse a Londres, daria a ele metade do meu dinheiro. Mas depois eu pensei sobre o banco e o aluguel e como tinha me sentido nas águas da Sardenha, pensei sobre o gosto de leite azedo do esperma de James na minha boca e naquilo que eu tinha acabado de conseguir em Genebra e soube que não poderia fazer isso. Simplesmente não poderia.

---

* É uma referência a *Ratos e homens* (*Of Mice and Men*), livro de John Steinbeck. No final do livro, Lenny mata por acidente — por não saber como controlar sua força desproporcional — a mulher de um fazendeiro quando brincava com os cabelos dela.

PARTE TRÊS

LÁ FORA

Capítulo quatorze

A SEGUNDA VEZ NÃO FOI nem perto de um acidente. Eu tinha pensado em um quarto no Hassler, com vista para a Piazza di Spagna para meu último dia, mas como esperado, e apesar da minha tentativa de subornar o *concierge* com uma nota de cem euros e um sorriso vencedor, todos os quartos com vista estavam ocupados. Não havia o menor sentido em gastar um monte de dinheiro para ficar vendo um paredão romano, mas enquanto o recepcionista estava checando as reservas, notei um nome que reconheci: Cameron Fitzpatrick. A última vez que tinha visto esse homem fora quando ele estava conversando com Rupert naquela festa horrível da Tentis. Fitzpatrick era um comerciante que eu tinha contatado algumas vezes pelo departamento; ele era dono de uma galeria antiquada em um dos velhos e esquecidos edifícios do século XVIII perto de Adelphi, em Londres. Seu ar libertino, seu charme bajulador e o leve corado de uísque em suas bochechas faziam parecer que isso era a única coisa que o separava dos oficiais de justiça, mas seu comportamento o desmentia — ele tinha um bom olho para as peças extravagantes e peculiares de segundo escalão; pensando nisso, lembrei-me de uma notícia no jornal do ano passado, que falava do valor impressionante obtido por um autorretrato feito pela mãe de Oscar Wilde. O relógio atrás da recepção marcava meio-dia e cinco, bem na hora de um aperitivo. Talvez valesse a pena ficar rodando por aqui para ver se eu conseguia trombar com ele? Eu estava curiosa para saber se o desastre com Rupert tinha provocado algum boato, não que eu tivesse sido remotamente importante na Casa para que isso fosse provável, mas, de qualquer forma, esse homem era um potencial contato agora que parecia que eu, de fato, estava no negócio. De repente, ele poderia até saber de um negócio em aberto. Pedi ao recepcionista que me avisasse se o sr. Fitzpatrick tinha chegado e fui até o terraço para tomar uma taça de *prosecco* e ficar assistindo ao vaivém das pessoas. Meia hora depois, achei que ele não apareceria, e eu estava caminhando de volta para a porta da frente quando escutei meu nome sendo chamado:

— Judith Rashleigh?

O sotaque era um banho relaxante da bonomia irlandesa. Cameron era um homem grande, com uma cabeça espessa com cabelos cor de café, e que andava arrastando os pés, mas até que era atraente para um heterossexual que trabalhava no mundo das artes.

— Cameron! Que agradável surpresa!

Não achei que seria necessário mencionar que eu tinha ficado de tocaia, esperando para vê-lo.

Aproximei-me de Cameron e ofereci o rosto para o beijo metropolitano, e que agora é obrigatório, e ficamos balançando desajeitadamente um para o outro, da maneira como os londrinos ainda fazem.

— Estou chegando para me registrar. Você está hospedada aqui?

— Infelizmente, não. Mas Roma em agosto? Devem ser negócios. Como vai a galeria?

Nós conversamos um pouco enquanto ele cuidava de assinar os registros e passava seu passaporte e cartão de crédito. O que o trouxera a Roma fora de fato uma reunião com um cliente. Mencionei rapidamente que eu tinha saído da British Pictures — não imaginei que Rupert e companhia se importariam o suficiente comigo para espalhar qualquer coisa desagradável, mas achei que seria melhor não parecer que eu poderia estar escondendo alguma coisa.

— E você vai ficar aqui?

— Na casa de amigos, na verdade. Os De Grecis.

Eu contei isso como se Cameron os conhecesse. Conheci um Francesco de Greci na minha faculdade, e a gente tinha transado uma vez. Sua família tinha uma rua batizada com o nome deles em Florença.

— Que máximo — ele parecia avaliar a informação. Fingi que iria embora.

— Eu só vim buscar uma coisa. Então... foi bom vê-lo.

Fui embora devagar, sabendo que ele iria me chamar para almoçar, e, quando ele o fez, encenei uma surpresa fingida, olhei para o relógio e respondi que seria adorável. Enquanto ele ia para seu quarto, eu rapidamente coloquei minha bagagem em um táxi e paguei ao motorista para levá-la a um pequeno hotel em Trastevere do qual me lembrei na hora. Os De Greci, decidi, tinham uma charmosa vila para além de Borghese.

— Você conhece bem Roma?

Cameron ainda vestia seu terno azul-marinho, mas a camisa de colarinho e a gravata tinham sido substituídas por uma camisa branca de linho, bem amassada. Havia um sinal de barriga no nível da cintura, mas ele era um cara bonito, se a mulher gostasse de alguém grande.

— Quase nada. — É sempre melhor bancar a novata.

E então, falamos sobre os outros lugares na Itália que conhecíamos enquanto ele me levava por entre a multidão que contemplava as lojas. Depois do espesso manto dourado de calor empoeirado que se espalhava por entre os espaços abertos, as ruas estreitas e apertadas pareciam frescas e reservadas. Saímos em uma pequena praça cuja semiobscuridade sugeria que o restaurante seria bom. Grupos de homens comendo sob o toldo aberto falavam com sotaque romano, alguns advogados de políticos sob investigação, pensei, presos aqui enquanto o resto dos habitantes da cidade se espalhava pelas praias da península. Um turista solitário em um boné de beisebol e camiseta marcada de suor sob os braços lia um guia francês. Deixei que Cameron pedisse os pratos, sem falar nada a não ser um "*grazie*". Eu queria encantá-lo, que ele se sentisse bem. Ele tomou um *negroni sbagliato*, comemos mariscos e uma delicada massa fresca com coelho e casca de laranja cristalizada. Depois da primeira garrafa de Vermentino da Ligúria, ele pediu outra, embora eu ainda estivesse terminando minha primeira taça, acompanhada por água. Cameron era um bom homem para conversar com as mulheres, eu tinha que admitir, cheio de elogios e fofocas, e parecia que estava de fato pedindo a sua opinião sobre as coisas e prestando atenção àquilo que você dizia. Quando julguei que ele já estava suficientemente íntimo, perguntei quem era seu misterioso cliente.

— Bem — respondeu Cameron, inclinando-se para mim de forma conspiratória —, você acreditaria se eu lhe dissesse que tenho um Stubbs para vender?

— Um Stubbs?

Eu quase engasguei com meu vinho. Por que Stubbs estava fazendo isso comigo? Eu sempre tinha torcido por ele, o garoto do norte sendo empurrado de lado pelos esnobes londrinos. Seria ele a minha quimera pessoal, uma espécie de albatroz com cabeça de cavalo?

Então, Cameron puxou um catálogo dobrado do bolso interno de seu paletó e os mariscos quase reapareceram para um bis... Eu não precisava olhar para o

catálogo para reconhecê-lo, assim como não precisava olhar para a reprodução para adivinhar imediatamente o que Rupert estava fazendo, e porque ele havia nos demitido, a mim e ao pobre Dave, por estarmos espionando. A única coisa que me surpreendeu foi como eu tinha sido extraordinariamente estúpida, trabalhando como uma mula, bancando a funcionária ideal, quando qualquer pessoa com um pouco de experiência teria imediatamente percebido que Rupert estava armando uma farsa.

Cameron não tinha se preocupado em me perguntar exatamente quando eu tinha saído da Casa, e eu não tinha me preocupado em contar, de forma que eu poderia exclamar excitada, como se estivesse vendo aquela tela pela primeira vez. Passei os olhos pelas páginas, fazendo comentários apreciativos, percebendo que Rupert ao menos se preocupara em acrescentar a minha pesquisa na Ursford & Sweet sobre a origem da obra. Cameron tinha sabido dela, não tivera certeza até que tudo fora esclarecido e então a oferecera em leilão, mas depois pensou melhor e ele mesmo encontrou um comprador. Eu não conseguia acreditar em minha própria cegueira. Eles estavam nisso juntos — era sobre isso provavelmente que ambos estavam conversando na festa da Tentis. Eles tinham colocado o dinheiro para comprar a imagem da família Tiger juntos, colocando a tela na Bristish Pictures para leilão, de forma a não restar nenhuma dúvida sobre a sua autenticidade e, em seguida, a teriam retirado do leilão e vendido como legítima sem que ninguém pudesse dizer o contrário.

Eu tinha razão. Aquilo não era Stubbs e Rupert nunca tinha acreditado que fosse. Ele teria telefonado aos Tiger para dizer que, infelizmente, aquele "Stubbs" era apenas uma "escola", nada além de uma imitação feita por um artista sem importância em seu tempo. Daí a estranheza de minha conversa com a sra. Tiger ao telefone. Mais tarde, Cameron, fingindo agir de forma independente, teria comprado o quadro. Uma vez que a peça foi legalizada como posse de Cameron, ela deve ter sido "lavada" por um homem em Amsterdã ou em Florença e, então, a pintura passara a ser verdadeira, afinal. Toda a conversa sobre a provável venda rendeu uma procedência impecável a ela, atestada pelo selo da, quem sabe, maior casa de leilões do mundo. E isso faria com que o comprador acreditasse que o negócio seria uma pechincha. Aqueles dois nunca tinham tido a intenção de fazer com que a pintura chegasse a ser oferecida em público em um leilão. Era isso que explicava a reserva tão baixa — se um vendedor retira a sua peça pouco

tempo antes que o leilão aconteça, ele tem que pagar essa reserva como uma multa para a casa. Aqueles 800 mil eram uma quantidade razoável de dinheiro para Cameron, mas nada exorbitante, acreditando que ele e Rupert estivessem esperando receber uma quantia muito maior da parte do comprador. E quanto eles tinham pagado aos Tiger? A senhora me pareceu bastante feliz quando telefonei a ela. Ela falou algo como 200 mil, o que significava um milhão ao todo, somando a multa da reserva. Uma bela grana, o que me fez conjecturar o quanto eles deveriam receber do eventual comprador.

Era um plano brilhante, e perfeitamente legal, se a pintura fosse verdadeira. O casal Tiger veria sua pintura ser oferecida como um Stubbs e teria feito algum barulho, mas então a peça foi retirada antes da venda, alarme falso. Se houvesse uma investigação, Rupert poderia dizer que ele tinha comprado e achado que tivera sorte, e então revertera para a avaliação original depois de uma pesquisa. Provavelmente, culparia a estagiária... E mesmo que não fosse genuína — coisa que eu estava convencida que não era —, o cliente poderia deixar a tela em um cofre por um ano e, em seguida, oferecer a algum comprador ainda mais ingênuo, gente com o dinheiro novo da China ou alguém em algum lugar do Golfo, com o suporte do catálogo que eu segurava em minha mão, e ainda teria lucro!

Se há uma coisa que ser mulher me ensinou é, quando em dúvida, banque a tola.

— Mas que máximo, Cameron! — ofeguei. — Vamos lá, quanto?

— Judith!

— Desembuche. Eu sei manter segredo. E para quem eu contaria, de qualquer forma?

Ele ergueu cinco dedos com um sorriso alegre. Cinco milhões. Ainda pouco. Um Stubbs facilmente conseguiria 10 milhões. O óleo sobre tela de 1765, *Gimcrack on Newmarket Heath* tinha conseguido mais de 20 na Piers Davies de Nova York, uns dois anos atrás. Mas 5 milhões seriam em dinheiro vivo, no ato. Alto o suficiente para parecer verdadeiro, mas baixo o suficiente para fazer o cliente sentir que tinha sido brilhante. Inteligente.

E então, apenas por um momento, eu me senti fora do tempo. Eu me vi novamente, dez anos atrás, minha primeira vez na galeria Uffizi, em pé na frente de *Judith decapitando Holofernes*. É um tema-padrão, a heroína judia

matando o general inimigo, mas Artemisia a fez muito crua, quase não artística. Quando você olha para a espada delicadamente colocada no pescoço de Holofernes, percebe que ela não está colocada ali cerimonialmente, sugestivamente, mas sim presa na carne em um ângulo pouco elegante, quase que no ângulo errado se se pretende obter uma composição graciosa. Isto vem das mãos de uma mulher que tinha cortado a cabeça de aves na cozinha, torcido o pescoço de coelhos para cozinhar depois. Judith está cortando o homem de forma correta, serrando sombriamente o pescoço, os tendões do braço tensionados pelo esforço. Há um clima doméstico na tela; a simplicidade das roupas, o jato deselegante do sangue, uma curiosa sensação de tranquilidade. Este é o trabalho das mulheres, Artemisia está dizendo, impassível. Isso é o que fazemos. Eu vi meus pulsos descansando levemente na borda da mesa ao lado da minha xícara de café com um toque de limão, e como se fosse de longe, mas na súbita quietude âmbar daquele momento, fiquei surpresa que minha pulsação não estivesse balançando a xícara de porcelana. Eu tinha feito tantas promessas para aquela menina no museu. Eu devia a ela. Então, soube naquele instante que roubaria aquela pintura.

— Não sei se você seria gentil o suficiente para me deixar ver essa pintura. Eu amaria...

— Claro. Por que não agora?

Eu protestei. Meus amigos estavam esperando por mim.

— Mas talvez esta noite, para uma bebida? — E então o jantar e muito mais, deixei implícito, se a tal tela estivesse à altura. Olhei para aqueles olhos irlandeses sorridentes e me lembrei de que eu e Dave tínhamos perdido os nossos empregos. Eu estava certa; Rupert *era* corrupto, e Fitzpatrick também.

Eu disse a Cameron que tinha que correr, mas esperei enquanto ele digitava o meu número em seu elegante celular com reconhecimento por impressão digital, inclinei-me para lhe dar um beijo de adeus, permitindo que minha boca pairasse um momento longo demais no canto da boca de Cameron, e assim meu cabelo poderia cair por cima do seu rosto formando uma sombra com as luzes de Roma.

Eu já estava trabalhando no plano enquanto me afastava. Eu poderia fazer isso. Eu poderia realmente fazer isso. Mas agora tinha que ficar calma, pensar sobre o próximo passo e nada mais. Precisava ter certeza sobre a conexão entre Cameron e Rupert. Cameron disse que havia conseguido a pintura graças a uma

dica, mas isso não provava necessariamente que a dica viera de Rupert. E precisava confirmar o nome do comprador misterioso de quem a sra. Tiger não conseguira lembrar. Achei um táxi para me levar para meu moderno hotel sem graça do outro lado do rio Tibre e, depois de encontrar o meu quarto, fui ao centro empresarial. Enquanto esperava pela lenta conexão italiana completar-se, fiz uma lista de compras na parte de trás de um guardanapo. Primeiro, procurei Cameron no Google, depois algumas das peças que ele tinha vendido antes, e então a pintura Stubbs, o falso Goodwood. Se fosse uma entrevista de emprego, era justo fazer um pouco de pesquisa. A venda da tela Goodwood não iria acontecer. Olhei para meu relógio, e eram apenas alguns minutos depois das quatro, no horário da Itália. Havia uma boa chance de que Frankie ainda estivesse no departamento. E eu ainda tinha o número do celular dela.

Ela atendeu e nós trocamos alguns comentários bastante estranhos sobre como estávamos passando o verão até que finalmente pude perguntar:

— Escute, eu preciso de um favor seu. O Stubbs, aquele que foi retirado do leilão. Você pode procurar o nome do vendedor? O cara que comprou a tela dos proprietários originais?

— Eu não sei, Judith. Quero dizer, a maneira como você foi embora daqui... Rupert disse...

— Não quero complicar as coisas para você, Frankie. Eu entendo. Posso conseguir isso sozinha se for muito difícil para você.

Uma pausa na linha.

— Tudo bem — ela respondeu, hesitante. Pude ouvir quando ela remexeu em papéis, e então a secretária começou a ler alguma coisa que deveria obviamente ser do catálogo.

— Aqui só diz "Propriedade de um cavalheiro".

— Não, isso eu sei. Você teria que procurar nas contas. Eles vão ter que manter isso em arquivo porque emitiram um certificado para a reserva e depois um registro da multa pela desistência. Não vai lhe custar um minuto...

— Não sei, Judith. Eu não devia fazer isso...

Senti uma terrível pontada de culpa. Eu já tinha feito Dave perder seu emprego. Mas sabia que poderia consertar as coisas. E temer as consequências é uma forma de covardia, não é? Tinha sido uma covarde quando Rupert me confrontou, mas depois de tudo o que tinha acontecido, eu sabia que não era

assim. Enquanto Frankie hesitava, pensei na trajetória que tinha me levado até lá. Tudo o que eu precisava era de mais alguns poucos passos, e logo estaria pronta para abrir minhas novas asas iridescentes em direção ao sol. Muito poético, realmente.

— Eu sei, mas eu agradeceria muito, de fato.

Tentei fazer com que a minha voz ficasse ao mesmo tempo envergonhada e suplicante.

— Eu... vou ajudar, mas... não quero fazer nada de errado, entende?

A boa e velha Frankie. Ela não era corrupta. Mas, claro, não podia se dar ao luxo de ser...

— É que tenho a chance de conseguir um emprego e preciso me mostrar bem, sabe como é? Ando meio apertada agora, Frankie, sem grana.

A menção da pobreza a alguém como Frankie teve o mesmo efeito que a palavra "socorro". Quase pude ouvir Frankie mudando de ideia.

— Tudo bem, então, vou tentar. E, quando conseguir, lhe envio uma mensagem de texto. Mas você não poderá jamais abrir a boca sobre isso.

— Minha boca está selada.

Dei uma boa olhada no mapa de Roma e comprei uma passagem de trem aberta, pela internet, até a cidade de Como. Só ensaiando. Eu não podia fazer nada por enquanto. O telefone sinalizou que uma mensagem estava chegando.

"Cameron Fitzpatrick. Bj."

"Um milhão de obrigados! Bjs.", respondi. Ou, quem sabe, 5 milhões...

Capítulo quinze

MAIS TARDE, EU TIVE muito tempo para pensar até tomar a decisão. Será que a ideia tinha surgido como um inchaço dentro de mim por todo esse tempo, esperando, como se fosse um tumor? Ou surgira no momento em que Rupert me demitira como se eu fosse uma escrava, sem referências, ou será que surgiu quando ouvi a exausta resignação na voz de Dave? Pode ter sido quando concordei em trabalhar na boate Gstaad, até mesmo quando concordei com o plano estúpido de Leanne de nós duas termos uma noite de diversão. Teria sido quando fechei a porta e deixei o corpo de James no quarto, para tomar o trem até Ventimiglia? Se eu quisesse ser romântica, eu poderia argumentar comigo mesma que a decisão fora tomada há muito tempo, por Artemisia, outra jovem que entendia o ódio, que havia abandonado o marido medíocre e chegara a estas mesmas ruas para ganhar a vida pintando. Mas nenhuma dessas alternativas seria a verdadeira. A decisão realmente surgiu quando subi até meu quarto e silenciosamente troquei minhas sandálias de salto de cortiça por sandálias baixas. Minhas mãos tremiam enquanto fechava as fivelas das tiras do tornozelo. Levantei-me lentamente e parti para o Corso.

Na Zara, encontrei um vestido liso de linho, com bolsos fundos. Vendo de perto, era fácil de perceber que ele fora feito meio às pressas, mas era bem simples e, com bons acessórios, ficaria com cara de ser bem mais caro. Comprei dois, um preto e um azul-marinho. Numa loja de artigos esportivos, comprei shorts, de dois números maiores, e um par de sólidos tênis brancos. Ainda acrescentei uma camiseta "I Love Rome" de uma loja para turistas numa esquina próxima. Visitei ainda mais duas lojas de lembranças bem fuleiras, e depois, no fim da Via Veneto, encontrei uma capa de chuva Kenzo em fúcsia e branco. Era mesmo incrível de feia. Numa tabacaria, aquele tipo de lugar que vende desde molduras prateadas até umidificadores, comprei um pesado cortador de charutos e um daqueles tubos de couro que os caras, no iate, usavam para transportar os seus Cohibas. Também escolhi uma mochila de náilon preta, do tamanho adequado para que

eu pudesse colocá-la em minha própria bolsa de couro, e fui a uma farmácia para comprar um pacote de absorventes higiênicos tamanho maxi e alguns lenços umedecidos. No momento em que acabei de fazer essa minha jornada, já era mais de seis da tarde. Senti um momento de arrependimento pelos Pinturicchios no Vaticano. Eu não poderia vê-los agora, porque queria ter tempo de tomar banho e secar meu cabelo para o meu encontro com Cameron.

Reencontrei-o novamente no Hassler por volta das oito. Ele estava lá me esperando no saguão e sugeriu uma bebida, mas eu lhe disse que adoraria beber mais tarde. No caminho para o terceiro andar, no elevador, deixei no ar algumas insinuações sobre como eu estava ansiosa para trabalhar para uma galeria de arte quando voltasse para Londres. Os De Grecis, convenientemente, estavam jantando com sua família nesta noite. Assim que entramos no quarto, tirei lentamente meu novo casaco Kenzo e o deixei cair no encosto da cadeira. Eu podia sentir os olhos dele movendo-se lentamente pelas minhas pernas, e deixei que ele sentisse que eu sabia, e dei-lhe um sorriso com os olhos baixos. O quarto parecia muito íntimo, como sempre acontece com os quartos de hotéis. Por trás de elaboradas cortinas triplas, a janela estava aberta apenas para ventilação. Uma pequena mala de rodinhas estava aberta sobre a bancada de bagagens, e uma pilha de papéis e chaves ocupava um canto da mesa. Sobre a cama havia uma pasta de plástico preto barato, do tipo que os estudantes de arte usam, mas quando Cameron inclinou-se para abri-la, vi que era acolchoada por dentro. Com reverência, ele tirou a pintura montada em uma moldura de metal liso.

— Mas você não a colocou em uma caixa?

— Muito trabalho, muita burocracia italiana. Então, ninguém ficou sabendo que eu a trazia, exceto Rupert e o cliente.

Aqui estavam, o duque e a duquesa em seu eterno piquenique, o trio de cavalos trovejando em galope. A pintura parecia mais espalhafatosa sob as sombras azuladas de Roma, talvez os chineses apreciassem uma bela camada de verniz brilhante. Cameron ficou parado em pé atrás de mim enquanto eu observava, mas ele não era nenhum coronel Morris. Ele esperaria por sua sobremesa.

— Então — finalmente falei —, fiquei muito impressionada no que se refere aos negócios. E agora, você quer bancar o Marcello Mastroianni?

— *La dolce vita*, quando quiser, *signorina*.

Eu contei a ele que tinha encontrado o restaurante no meu guia, embora fosse um que eu conhecera enquanto estivera estudando na cidade. Era bastante antiquado, fora da Piazza Cavour, do outro lado de Sant'Angelo, no piso principal, com um alpendre coberto onde se poderia jantar do lado de fora. No momento em que estávamos terminando de comer o peixe grelhado, Cameron pedira a terceira garrafa. Parecia que eu tinha comido palha, de tão difícil que era fazer passar alguma coisa pelo bolo que se formara na minha garganta por causa da tensão. Cameron não era um homem fácil de ler — com certeza, ele me daria todas as estrelas dos céus da Irlanda se lhe pedisse, mas por baixo daquele charme todo eu estava procurando exatamente por aquilo que ele desejava, aquele pequeno interruptor que, se apertado da maneira correta, entregaria esse homem para mim. Ele está lá, em todos os homens, e o truque é simplesmente encontrá-lo e, se assim o quiser, transformar-se naquilo que for que eles não consigam admitir para si mesmos e que desejam que você seja. Enquanto a luz transformava o resto do vinho na garrafa de um jade opaco em um verde brilhante, Cameron pegou a minha mão sobre a mesa. Virei meu pulso e ele levou-a aos lábios.

— É estranho, Judith. Tenho a sensação de que somos iguais, você e eu.

— Como assim?

— Somos... solitários. Ficamos do lado de fora das coisas.

Oh, por favor, pensei comigo mesma, *não vá começar a falar da infância. Que segredos mal enterrados nos fazem assim tão especiais? Ugh*. Essa coisa de compartilhar sentimentos não fazia parte da minha programação de hoje à noite. Recolhi a minha mão e tracei a linha do meu queixo com os dedos pensativamente.

— Cameron. Nós somos iguais, você e eu — e fiz uma pausa para respirar. — Eu acho que você devia me comer.

— Vou pedir a conta.

Assim que nos vimos fora do restaurante, ele me pressionou contra a parede e me beijou, serpenteando sua língua ao redor da minha. Era bom me ver envolta desse jeito, apertada contra a amplidão de seu peito. Eu podia ouvir seu sangue bombeando com força contra meu ouvido. Peguei a mão dele e me inclinei para soltar as tiras do tornozelo de minhas sandálias, e, em alguns minutos, Cameron estava andando pelas augustas ruas de Roma ao lado de uma garota descalça. Atravessamos a ponte no Castello e escolhemos o nosso caminho

através de uma das escadas, beijando-nos novamente lá embaixo, e, em seguida, caminhamos de mãos dadas ao longo do cais. Uma ponte, duas. O Tibre não é como o Sena, limpo e atraente para os turistas. O mato oscilava com o vento entre os paralelepípedos, e pilhas de lixo estavam amontoadas nas margens do rio. Sob a segunda ponte, passamos por um grupo de bêbados e senti quando Cameron enrijeceu o corpo e endireitou os ombros, mas eles mal olharam para nós.

— Estou com frio.

— Tome, vista meu paletó, querida.

Ele colocou o paletó sobre meus ombros e ri, e começamos a correr, o frio das pedras sob meus pés. Ele acelerou para conseguir me acompanhar. Eu queria que ele ficasse sem fôlego. Debaixo da terceira ponte, puxei-o para mim, sacudindo o paletó de cima de meus ombros, e o beijei com urgência, correndo ambas as mãos para cima de suas coxas, até onde o pau já estava inchando.

— Quero você agora, quero agora — murmurei. — Quero que você me coma neste instante.

As costas dele estavam voltadas para a água. Caí de joelhos e tomei o cinto de suas calças com meus dentes. Comecei a abrir o cinto, passando-o através da fivela e controlando o gancho com a minha língua, dobrando para trás. É um truque barato, mas não é difícil de fazer e tem o poder de prender a atenção. As mãos dele já estavam nos meus cabelos.

— Ah, Judith!

Eu persegui a cabeça do pênis até que o libertei da cueca com voltas rápidas e levei-o à minha boca. Eu quase desejei rir com a súbita lembrança de mim mesma cantando no banheiro do Eden Roc, com o enorme James de braços abertos esperando na cama. *Bem, Judith*, sussurrou uma voz sarcástica, *aqui estamos nós novamente*. Empurre para baixo, mantenha o foco. Fechei os olhos. Apenas mais um passo, e nada mais além disso.

Cameron não disse nada quando eu abri o canivete que tirei do bolso e empurrei-o para dentro da carne macia de seu tornozelo, logo acima do tendão de aquiles. Ele arquejou e caiu de lado, como um fantoche esquecido no chão. Abaixei as calças dele e as tirei. Ele gritava. A faca tinha estado em meu bolso direito; peguei um absorvente do meu bolso esquerdo, embrulhado em fita adesiva e enfiei-o entre os dentes de Cameron, empurrando aquilo contra a

língua, com a palma da minha mão contra sua boca para impedir aquelas arfadas. Há um truque para fazer isso também quando se está fazendo boquete em um cara. Você precisa abrir sua garganta lentamente, retraindo suas amídalas. Cameron era um aluno que aprendia depressa.

A concentração de nervos no tendão de aquiles significava que um ferimento ali ia desligar temporariamente um organismo. Cameron não seria capaz de reagir durante alguns segundos preciosos. Levantei-me e afastei com calma minha bolsa e os sapatos descartados. Ele estava curvado, sugando grandes quantidades de ar por causa da dor; e não restava nada para ele além disso. Montada em cima do homem, peguei um punhado de seu espesso cabelo e girei sua cabeça, virando o rosto para longe de mim, levando-o a olhar para seu ombro. Enquanto eu apalpava sua orelha, os olhos de Cameron se abriram. Percebi que ele ainda pensava que eu estava tentando ajudá-lo.

Adivinhei que aqueles olhos deviam estar atônitos e esbugalhados, mas não fiquei olhando muito tempo. Empurrei a lâmina logo abaixo do lóbulo da orelha direita, abrindo caminho até o fim. Não era como fatiar uma melancia, parecia mais com a rigidez de uma abóbora. Pensei naquele coelho que tínhamos comido no almoço. Ainda não se ouvia nenhum barulho, e um segundo depois eu vi a mancha escura contra o brilho de sua camisa de linho e senti uma umidade quente em toda a minha coxa. Seu corpo enorme estava resistindo, então o braço esquerdo veio balançando e me acertou um murro na mandíbula. O soco refletiu em minha traqueia, me levando para trás, me forçando a puxar o ar para respirar. Fazia muito tempo desde que alguém tinha me batido desse jeito. Será que o murro de Cameron ia deixar a marca da contusão? Bem, eu estava sem tempo para pensar nisso agora; tinha o que fazer, e depressa. Terrivelmente ágil, Cameron levantou o corpo para mim, a cabeça ainda se movendo flácida, as poderosas mãos arranhando as minhas pernas, estendendo os dedos para mim. Eu ainda estava tonta por causa da pancada. Tentei me mover para trás, para mais longe e sob a sombra da ponte, mas eu estava lenta demais, e todo o peso do homem jogado contra mim me trouxe de volta para o chão. Cameron estava arranhando o meu rosto. Procurei chutá-lo, mas ele era muito pesado, subindo em meu corpo centímetro a centímetro, com um borbulhar espesso emergindo de sua garganta. Aquelas mãos alcançaram o meu pescoço e começaram a me apertar. Eu tinha me esquecido como os homens são realmente fortes. Agarrei

seus dedos, tentando abri-los, mas era inútil, e comecei a sufocar buscando o ar; eu não conseguia mexer a parte inferior do meu corpo; estava presa debaixo dele, tentando me contorcer para longe, mas Cameron era pesado demais, muito pesado, e havia luzes estranhas dançando diante de meus olhos agora, seu aperto ficando cada vez mais forte. E então, ele me soltou. Estava congelado. Resisti ao impulso de empurrá-lo de cima de mim naquele instante, engolindo o ar, três, quatro vezes, até que estava respirando novamente. Cameron desabara sobre mim, os braços parecendo galhos mortos rastejando sobre os meus seios. Eu respirei de novo, cerrei os músculos e então me libertei, contorcendo os quadris para me livrar daquele peso, rolando para um lado e ficando de quatro enquanto ele rolava para outro lado.

Eu não estava na posição mais digna que existe. Olhei para cima, avaliando rapidamente o cenário ao longo de cada lado do cais. Se tivesse alguém se aproximando, eu fingiria que estávamos transando, mas toda a extensão do rio estava vazia. Afastei-me daquele corpo, com o vestido todo amarrotado, e o cascalho áspero ainda arranhando a pele de meu estômago, até que me afastei o máximo que podia, e somente os meus dedos sobre a faca nos conectava, como um cordão umbilical horrivelmente invertido. Então, puxei-a para fora. Não olhei o resultado. Virei-me e peguei a mochila de dentro da minha bolsa, retirando calmamente e sem interrupção as coisas que eu usaria. Cameron ainda ia precisar de alguns minutos. Agachei-me e enterrei o rosto nos meus joelhos, marcados pelo cascalho. O som de sua respiração tornou-se mais baixo e mais rápido. Hipovolemia. Se eu tocasse naquele corpo agora, ele ficaria mais frio.

Tinha lido alguma coisa uma vez sobre os soldados da Primeira Guerra Mundial que tinham sido levados ao topo, depois desceram até aquela terra de ninguém e adormeceram rapidamente em seguida. Isso era a hipovolemia. Todo o calor do meu corpo estava se concentrando em meu peito, empurrando minha própria respiração para fora, na minha pele anestesiada. Só quando ouvi o som de um motor que voltei a mim, estremecendo. *Merda, merda, merda*. O branco de sua camisa... Passei rapidamente pela mente meu plano de contingência. Nós tínhamos sido atacados, eu tinha puxado a faca e... Fiquei balançando de trás para frente, praticando meu ato de vítima traumatizada, mas quando espiei através dos meus dedos, vi um pequeno barco com uma proa larga, avançando rio acima como um tubarão desajeitado, com uma figura abaixada na popa. Um

pescador. Ainda havia enguias no Tibre. Só quando ele tinha passado e a água estava uma folha lisa novamente que notei que a respiração de Cameron tinha cessado.

Agora, o polegar. Ele usara a mão esquerda para acessar seu telefone. Apertei sua mão aberta sobre o cascalho e estendi os dedos, pus a faca em seu polegar e, com meu joelho em cima de tudo, empurrei. Depois de ter feito uma incisão profunda, o cortador de charutos tomou conta do osso. Joguei o cortador por cima de meu ombro e ouvi o barulho dele mergulhando na água enquanto enfiava o dedão dentro do tubo de charuto. Eu tinha ficado com receio de como seria difícil levar Cameron para dentro do rio, e isso foi antes de eu saber o quanto aquele corpo realmente pesava. Tive que colocar meus pés descalços na poça em torno dele para poder segurá-lo pelos ombros, mas a adrenalina me deu força extra e consegui levar seu tronco para a margem em apenas um movimento. O braço esquerdo estava com espasmos mais apropriados a um zumbi. Ele arqueou as costas, tão flexível quanto uma ginasta, e a parte de trás de sua cabeça rachou contra a pedra do aterro. Bem, pelo menos isso não ia doer. Coloquei meu joelho sobre o seu peito para poder tirar o enchimento da boca, e, em seguida, empurrei com toda a minha força a coxa do homem para virar o corpo, até que ele rolou para dentro da água. Um dos mocassins saiu do pé enquanto eu o empurrava pela margem do rio. Peguei o sapato, era Gucci. Legal. Atirei-o atrás do corpo.

No silêncio após os respingos, ouvi um guincho agudo e captei o vislumbre de uma penugem negra na minha visão periférica. Eu dei um grito alto e tropecei, quase me jogando na água atrás de Cameron. Um rato, era apenas uma ratazana. Mas eu estava ofegante e minhas mãos tremiam. Eu meio que esperava que uma figura saísse das sombras de tanto que sentia que estava sendo observada. Era só uma ratazana. Provavelmente atraída pelo cheiro de sangue fresco, o que era um pensamento bastante desagradável.

Forçando a minha respiração a ficar mais normal, tirei a roupa, fiz uma limpeza rápida em meu corpo usando diversas toalhas úmidas e a meia garrafa de Evian da minha mochila. Enfiei todas as toalhinhas pelo gargalo da garrafa vazia e a enterrei no meio do mato, na base das paredes com cheiro de urina, na parte de trás da ponte. O vestido azul-marinho que eu vinha usando estava todo vincado dentro de outro saco plástico transparente, que seria depois jogado fora.

Tirei o vestido preto da mochila e o amarrei na cintura para dar volume, e depois vesti o short e a camiseta horrorosa que eu tinha comprado. Pareceu levar um século para passar a camiseta pela minha cabeça. O cabelo estava amarrado, os sapatos na bolsa de mão, dentro da mochila de náilon com o tubo de charuto e o telefone de Cameron. Vasculhara os bolsos do paletó dele antes de jogá-lo na água, colocando a chave do quarto dentro de meu sutiã. A falta de passaporte e de carteira atrasaria a identificação. A escuridão era frustrante, mas eu estava grata por isso — não havia nenhuma iluminação pública folclórica que pudesse incentivar os amantes a passear por aqui. Eu esperei que as luzes do Castello se acendessem, então observei o brilho da faca enquanto lentamente corri minha língua de cada lado da lâmina, sugando o líquido ferroso entre meus dentes. Tudo bem que poderia ser superstição, mas senti que estava lambendo o meu reflexo. Então, atirei o objeto no rio, observando sua curva e sua queda, em um pequeno borrifo oleoso.

Quando os Borgias queriam provar seus poderes, seus assassinos juntavam os alvos, todos de gargantas cortadas, dentro de sacos e os jogavam no Tibre, onde eles seriam levados para o Castello. Às vezes, telas especiais feitas de cana eram construídas para garantir que os corpos fossem encontrados. Qual era a velocidade da correnteza do rio? Achei que eu teria, pelo menos, uma hora, talvez até amanhã, se tivesse sorte, antes que alguém reparasse nele. Os fones de ouvido no lugar, o telefone preso ao meu pescoço, caminhei de volta ao longo da margem do rio, com AC/DC me sacudindo a noite toda.

Eu estava de volta ao Hassler em quinze minutos, depois de atravessar a Piazza di Spagna na corrida. Quando cheguei resfolegando ao saguão do hotel, eu quase podia acreditar que era mesmo quem parecia ser, uma turista fazendo exercícios para se livrar dos sorvetes naquelas coxas americanas. Segui em direção ao elevador sem que ninguém olhasse para mim. O quarto tinha sido arrumado, as cortinas estavam fechadas e o ar-condicionado ligado. Havia chocolates sobre o travesseiro e tapetes de algodão colocados em cada lado da cama. Uma vez lá dentro, joguei água no rosto, olhando rapidamente no espelho para ver se o soco de Cameron não tinha deixado nenhuma marca. Tirei o short e a camiseta, mantendo o vestido preto, e coloquei os sapatos de salto alto. Então vesti por cima o meu casaco brilhante que ainda esperava por mim no encosto da cadeira. Se alguém tivesse me observado na hora em que subi no elevador, veria uma

mulher completamente diferente descendo. Chequei rapidamente a pasta na cama, para o caso da arrumadeira ter tocado nela, mas a pintura ainda estava lá.

Agora, o telefone. Peguei uma toalha do banheiro e a espalhei sobre o tapete e abri o tubo do charuto. O polegar caiu, branco e acinzentado, como um verme obeso. Passei o polegar pela tela. A tela estremeceu, e apareceu uma mensagem: "Tente de novo." Merda. E se essa porra de telefone fosse sensível ao calor, também? Abri a água quente na torneira, esquentei o dedo, e tentei uma vez mais. O telefone abriu. O polegar rolou pelo meu colo — Ah, meu Deus. Eu o coloquei cuidadosamente em um dos cantos da toalha. Queria ler as mensagens de Cameron e seus e-mails, mas não haveria tempo para isso. Naveguei rapidamente pelos aplicativos até que encontrei o calendário. Esperava que Cameron tivesse marcado a reunião com o seu cliente lá, mas não havia nada — exceto os detalhes de seu voo de volta a Londres a partir de Fiumicino depois de amanhã. Tudo bem. Eu sabia que a reunião teria sido marcada para amanhã, então. O que mais? Os dados do banco, onde estariam? Eu precisava dos códigos de onde ele pretendia guardar o dinheiro. British Airways, Heathrow Express, Boots, só coisas banais. HSBC, esse parecia promissor, mas a conta estava em nome de Cameron e, além disso, havia um código e uma senha de segurança. Será que ele estava pensando seriamente em enfiar 5 milhões lá? *Pense*, *Judith, pense*. O polegar ficava me olhando descaradamente. Será que Cameron não teria algum *backup*? Roma era uma cidade conhecida pelos seus batedores de carteiras e o telefone era quase novo. Por que colocar coisas tão delicadas e importantes nele?

Quando fiquei em pé, meu joelho tocou o polegar e ele rolou de novo.

— Pode ir à merda — disse a ele.

Mas então, olhei. Aquele pedaço de carne desfiado estava apontando para a bagagem. Quem sabe houvesse outra caderneta bancária lá dentro, desta vez de papel? Eu tinha que tomar posse desses códigos e senhas, senão todo o *esforço* teria sido em vão. Corri minhas mãos por algumas camisas dobradas, meias, cuecas, por um livro. Passei os olhos por ele, virando as folhas rapidamente, podia ser que ele tivesse escondido essas informações no meio das páginas... Nada, mas pelo menos senti que poderia me sentir menos culpada por assassinar um homem que lê Jeffrey Archer por prazer. Tinha que ter alguma coisa por escrito em algum lugar. Eu não conseguia pensar o que significaria se eu estivesse errada. Ele teria uma caderneta com todos os dados, tinha que ter. Verifiquei todos os bolsos em

busca de algum pedaço de papel, e então me lembrei daquele estojo com o aparelho de barbear que vira no banheiro.

Exatamente como pensei, lá havia um pequeno caderno Moleskine enfiado na bolsa lateral. A toalha exibia apenas uma pequena mancha de sangue, o resto do sangue de seu dedo, então eu a deixei ao lado da pia e aspergi um pouco de creme de barbear na borda, apenas para montar a cena. O polegar, eu o enrolei em papel higiênico, joguei no vaso e, depois, dei a descarga. Dobrei a mochila e enfiei todas as minhas coisas na bolsa, depois peguei a pasta com a tela e, após uma rápida verificada no corredor, acima e abaixo, coloquei o aviso "Não Perturbe" na porta, uma homenagem ao bom e velho James.

Eu sempre acreditei que esconder as coisas à vista é uma boa máxima. Peguei o elevador para descer, esperando que meu rosto não estivesse muito corado pela correria, atravessei o saguão até a recepção para perguntar se o sr. Fitzpatrick não tinha deixado uma mensagem para mim. Não, *signora*. Poderia, por favor, ligar para o seu quarto? Sem resposta, *signora*. Agradeci ao *concierge* e caminhei lentamente para a porta de trás. Tirei o casaco ao passar e o enfiei apertado em minha bolsa. Caminhei calmamente pela Piazza Navona, despejando a roupa cheia de sangue em uma lata de lixo, o tubo de charuto em outra e me agachando para ajustar as tiras da sandália no tornozelo, jogando o passaporte de Cameron através da grade de um bueiro com o movimento. Retirei o dinheiro e os cartões de crédito da carteira, juntei as notas de euros com as minhas e joguei os cartões de crédito em outra lixeira. Havia algumas fotos e o que parecia ser uma carta dobrada, suja nas dobras de tanto ser aberta e fechada; fiz questão de não olhar para aquilo. Presumivelmente, o Holofernes da tela de Artemisia tinha uma família, também. A carteira e o celular poderiam ser atirados ao rio durante o caminho de volta para o meu hotel. Escolhi um café, o mais próximo da fonte de Bernini, e pedi um conhaque e um *caffè shakerato, amaro*. Então abri o Moleskine. Virei as folhas com lenta deliberação. Lista de compras, um lembrete para comprar um cartão-postal, o nome de um restaurante com um ponto de interrogação ao lado dele, vamos, vamos... Na penúltima página, descobri. Um nome e um endereço, o horário, 11 horas, marcado ao lado, tudo grifado. E, na página ao lado, os números. Alegria. Bebi o café gelado e dei pequenos goles no conhaque enquanto fumava três cigarros, observando os turistas jogando moedas na fonte e tirando fotos. O conhaque me aqueceu enquanto se infiltrava

através de meu corpo. Levei a mão ao rosto e vi que a pele estava gelada, apesar do calor da noite. Fiz questão de deixar uma boa gorjeta e trocar uma despedida amigável com o garçom, na esperança de que ele se lembrasse de mim, caso alguém fizesse indagações, e então caminhei para atravessar o rio.

No meu quarto, eu me despi, coloquei minhas roupas cuidadosamente em uma pilha, ergui o assento da privada e vomitei tudo o que consegui até que acabei tossindo apenas a bile. Tomei um longo banho de chuveiro, o mais quente que pude suportar, enrolei uma toalha no corpo e sentei-me de pernas cruzadas na cama para estudar o caderno de anotações. Entrei no site do banco em meu laptop e digitei cuidadosamente os números. Eles tinham sido muito espertinhos, essa minha pequena dupla de ladrões de objetos de arte. A conta era nas Ilhas Cook, obviamente aberta há pouco tempo com 10 mil dólares, o mínimo internacional, exatamente como fiz quando abri a minha conta na Suíça. Lá estavam todos os números e códigos, Iban, Swift, nome do beneficiário, desta vez ele não fora tão esperto, "Goodwood Holdings Inc.", e a senha era estúpida, "Horse1905". Fechei o laptop. Certamente Rupert também tinha acesso a essa conta, e o imaginei esperando, amanhã, os valores aparecendo depois da reunião. Tenso. Amanhã. A reunião. O nome da pessoa que Cameron deveria encontrar era Moncada... Talvez Fitzpatrick tivesse um compromisso com uma elegante cabeleireira romana, mas, de alguma forma, eu sabia que não era isso.

Meu sangue estava fervendo de fadiga. Mal suportava olhar para o relógio. Ainda assim, não seria a primeira vez que eu tinha ficado acordada a noite inteira... Fiz um café instantâneo bem ruim usando a cafeteira do quarto de hotel e abri a janela para tomar um pouco de ar puro, e depois voltei ao laptop para pesquisar no Google. O nome Moncada não aparecia em lugar algum. Tentei galerias de arte, pequenos comerciantes, relatórios de vendas, convidados em festas do mundo da arte, curadores, jornalistas — nada. Então eu tentei o endereço em Roma, procurando primeiro por empresas relacionadas a objetos de arte nas vizinhanças, e depois no Google Earth, onde fotos do que parecia ser uma vizinhança suburbana decadente surgiram. Por que Cameron teria vindo fazer um negócio tremendamente lucrativo em um lugar como aquele? Ou esse tal Moncada era um colecionador particular bastante recluso, ou ele era um espertalhão, e eu não me arriscaria com espertalhões.

Chequei o livro *Lavagem de dinheiro por meio de obras de arte — Uma perspectiva*

judicial criminal no Google Books. Eu tinha usado esse livro quando me formei, mas o nome Moncada não estava lá. Tentei alguns termos de pesquisa aleatórios, e logo a combinação "fraude arte Itália" me trouxe a palavra que eu esperava. A Máfia tinha lá seus tentáculos no mundo da arte, mas isso não significava muito. A Máfia continuava sendo um fato da vida na Itália tanto quanto as assistentes de palco seminuas nos programas de auditório da TV. Uma das coisas que eu amo nos italianos é que eles levam a cultura muito a sério. Ninguém teria imaginado que a arte pudesse ser tão importante assim para os mafiosos, que lidavam com isso enquanto corrompiam autoridades no governo, mas as gangues eram formadas por verdadeiros profissionais. Um grupo tinha substituído com sucesso vinte pinturas renascentistas por quadros falsos em um dos menores museus do Vaticano, aqui em Roma, e tinham vendido as pinturas verdadeiras no submundo a fim de financiar a compra de armas para uma guerra de territórios na Calábria. Levaram-se décadas até que as falsificações fossem descobertas e algumas das pinturas originais fossem recuperadas. Mais recentemente, prisões foram feitas por um caso de lavagem de dinheiro relacionado a antigos artefatos gregos falsos escavados, alega-se, em uma pequena ilha ao largo da costa da Sicília, Penisola Magnisi, famosa pelas suas flores silvestres, e por ser o lugar onde a ninfa Calipso manteve Ulisses, um prisioneiro erótico por sete anos, segundo a *Odisseia* de Homero. Os envolvidos no esquema ficaram claramente menos do que encantados pelo tratamento recebido por parte da polícia italiana, e responderam a isso ao explodir vários deles enquanto apreciavam um cappuccino em um café em frente à praia. Se Cameron estivesse relacionado com tais coisas, isso seria muito assustador. Fotos dramáticas e berrantes de primeira página dos jornais continuavam aparecendo, detalhando o destino daqueles cujos caminhos cruzaram os dos gângsteres. O que aparecia notadamente era explosivo e concreto, e teria sido engraçado se não fosse de verdade. Era o tipo de coisa que Dave teria gostado.

Minha pesquisa e minha visão começaram a girar em círculos, então eu desisti. Se esse sujeito, Moncada, era do tipo de levar alicates em sua maleta, talvez fosse melhor saber o menos possível sobre ele. O amanhecer brilhava na veneziana da janela do hotel, mas mesmo depois de um dia agitado, é fundamental considerar os cuidados com a sua pele, por isso bebi as duas garrafas de água do minibar e caí na cama para duas abençoadas horas de

inconsciência.

Capítulo dezesseis

NA MANHÃ SEGUINTE EU estava no lobby do Hassler às 9:30. Sentei-me no sofá, pedi um café e passei os olhos no *La Repubblica*. Não havia nada na edição matutina. Depois de mais ou menos dez minutos, fingi fazer uma ligação, esperei outros dez minutos e fiz a mesma coisa. Pedi um copo de água, fui para a recepção e repeti o desempenho da noite anterior. Não, o senhor Fitzpatrick não deixou nenhuma mensagem, não, ele não estava em seu quarto. Esperei um pouco mais, parecendo mais agitada agora, mexendo no cabelo e alisando a saia de linho marrom sobre meus joelhos. Finalmente, depois de cerca de quarenta minutos, pedi para deixar um bilhete. Numa folha de papel de carta com o timbre do hotel, escrevi: "Caro Cameron, esperei por você durante esta manhã, conforme combinamos, mas tenho certeza de que você estava ocupado. Talvez possamos manter contato quando você estiver de volta a Londres? Espero que aproveite o restante de sua estada em Roma. Muito obrigada pelo jantar. Abraços, JR." As letras poderiam ser essas, ou GP, ou SH, tanto fazia. Eram outra forma de atrasar as possíveis investigações.

Às 11 horas, desci de um bonde perto do endereço que eu tinha encontrado no caderno de anotações. Era um pouco longe, uma área residencial meio degradada, com blocos de apartamento de oito andares empoleirados em ilhas de grama amarelada e cocô de cachorro. Encontrei a loja, que ficava entre uma pizzaria e um sapateiro, com bastante facilidade no meu mapa. Era uma loja de molduras, com duas delas enormes e douradas na vitrine e mais uma seção de fotos modernas, a maioria com moças chinesas em vestidos de noiva brancos, alugados. Uma mulher chinesa vestindo agasalho estava assistindo a um programa em uma pequena televisão atrás do balcão. Atrás dela havia uma porta, que dava certamente para a oficina; eu conseguia sentir o cheiro de cola e de resina.

— *Buongiorno, signora. Ho un appuntamento con il signor Moncada. C'è?*

— *Di fronte.*

Ela se virou para seu programa. *Devia ser sobre política*, pensei, julgando pela gritaria. Do outro lado da rua eu podia ver um pequeno bar com mesas de alumínio montadas sob um toldo com listras verdes. Apenas uma das mesas estava ocupada, por um homem em um terno cinza claro com o cabelo prateado comprido descendo sobre o colarinho. Eu consegui enxergar o brilho de seu Rolex quando ele pegou a xícara de café.

— *Grazie.*

Senti o suor sob meus braços e descendo pelas costas; estava segurando a pasta tão apertada que até doíam os meus dedos. *Não tenho que fazer isso*, pensei. Eu poderia apenas pegar o bonde, depois um trem, e mais outro, e estaria de volta a Londres nesta noite. Mas todo o meu planejamento estava concentrado neste momento. Tinha me recusado a aceitar a enormidade daquilo que eu havia feito. Agora, restavam apenas mais dez metros para que eu me oferecesse uma razão para ficar. Só que não consegui descobrir nenhuma, exceto que eu achava que isto seria possível. Eu havia provado a mim mesma que seria capaz de fazê-lo, por isso agora me sentia compelida a ir até o fim.

— *Signor Moncada?*

— *Si?*

O homem estava usando óculos de sol Bulgari e uma gravata de seda azul-clara com um nó perfeito. Por que os outros homens não conseguem se vestir tão bem quanto os italianos? Eu entreguei a ele um dos cartões de visita que havia retirado do paletó de Cameron e meu passaporte.

— *Sono l'assistente del signor Fitzpatrick.*

Ele passou a falar em inglês.

— A assistente? E onde está ele, o Fitzpatrick?

Fiz uma expressão envergonhada.

— Não consegui falar com ele esta manhã. Ele me enviou uma mensagem de texto ontem à noite.

Mostrei a ele meu telefone. Antes de jogar o polegar no vaso e soltar a descarga, eu tinha enviado essa mensagem pelo celular de Cameron a mim mesma, às 11:30 da noite. Ao escrever a mensagem, instruindo para manter a reunião sem ele, troquei algumas letras propositadamente, de forma a parecer que uma pessoa de fato bêbada estivesse escrevendo aquilo. Ninguém mais iria ler a mensagem, porque o telefone, sem o cartão SIM, estava se transformando em

um item arqueológico em meio à lama do rio Tibre. Encolhi os ombros, como que pedindo desculpas.

— Mas eu trouxe a tela, obviamente. E tudo o mais que será necessário.

— Preciso vê-la.

— Imaginei que o senhor tivesse planejado fazer isso em algum lugar, *signor* Moncada.

Ele indicou a loja de molduras e deixou algumas moedas na mesa para pagar seu café. Passamos pela senhora chinesa sem que ela se importasse e entramos na oficina. O teto era baixo; deve ter sido uma fachada moderna sobre um edifício muito mais antigo. Moncada teve que inclinar-se, e eu pude sentir aquele odor aquoso e débil de pedras antigas à sombra. A bancada estava vazia, como se em antecipação à nossa visita. Abri a pasta, puxei dela lentamente o duque e a duquesa, coloquei o catálogo e o relatório de procedência ao lado e dei um passo atrás. O homem olhou tudo com calma, para demonstrar que sabia o que estava fazendo.

— Tenho que conversar com o *signor* Fitzpatrick.

— Por favor, ligue para ele, então.

Moncada foi para fora, para fazer a ligação, e eu fiquei esperando, de olhos fechados, apoiando todo o meu peso na bancada coberta por uma espessa lâmina de vidro.

— Não consigo contato.

— Sinto muito. Mas se o senhor estiver satisfeito, eu tenho autoridade para prosseguir com o negócio.

Outra ligação, outra espera com a parte interna de minhas pálpebras como companhia.

— *Va bene*. Vou levá-lo agora.

— Claro. Mas não fui instruída a entregá-lo até que o senhor faça a transferência, *signor* Moncada. Eu sei que o sr. Fitzpatrick não gostaria disso.

Não acrescentei, porque o sr. Fitzpatrick sabe que o senhor é um pilantra e você sabe que ele sabe disso. Ou sabia, pelo menos...

— Como?

Endireitei meus ombros e voltei a falar em italiano.

— O senhor tem um laptop? Ótimo. Então, vamos procurar um local que tenha Wi-Fi, o senhor faz a transferência, e eu confirmo que ela foi feita, e daí

deixo a tela com o senhor. Bem claro, não é?

Antes que ele tivesse a oportunidade de retrucar, coloquei a cabeça para dentro da loja e perguntei à mulher se o restaurante ao lado tinha banda larga.

Então, fomos até a pizzaria e pedimos duas Cocas diet e duas margueritas, e fizemos a conexão. Escrevi em um guardanapo os códigos que estavam anotados no caderno de Cameron e passei-o a Moncada, para que ele pudesse fazer a transferência. Senti como se um elástico estivesse enrolado em meu coração. Abri a conta de Cameron uma vez mais em meu laptop. Enquanto a conexão era feita e a pequena ampulheta ficava girando em minha tela, despejei um pouco de Coca no meu copo para impedir que minha mão continuasse a tremer. O site do banco carregou. Fiz o login com a senha, e vi que nada tinha se alterado desde a noite passada. Mas agora eu poderia assistir enquanto o dinheiro entrasse na conta. Moncada digitava lentamente em sua máquina, as mãos flutuando antes que ele pressionasse as teclas. Isso me fez sentir jovem, o que foi uma mudança agradável.

— *Ecco fatto.*

Ambos ficamos sentados ali em silêncio, enquanto eu acompanhava a minha tela.

E lá estavam — 6,4 milhões de euros.

— Preciso tentar falar com o *signor* Fitzpatrick. O senhor se importa?

— Certo, *signorina*. *Prego.*

Sua cortesia me encorajou. Se eu fosse um homem, ele teria questionado quem era o beneficiário, teria pedido alguma prova que eu não tinha apresentado, enfim... Por sorte, os homens italianos não têm as jovens garotas em alta conta, no que se refere à esperteza. Ou outros homens em geral, para falar a verdade.

Do lado de fora, ele acendeu um cigarro. Prendi meu telefone sob a minha orelha, e então fingi que estava deixando uma mensagem, enquanto minhas mãos ainda estavam teclando no laptop. Abri a conta na Suíça que Steve tinha me ajudado a formalizar, minimizei sua tela na parte de baixo do monitor, selecionei a opção de transferir na conta Goodwood. Enviei. Preenchi todos os dados da minha conta. Swift. Iban, senha. Dias felizes no Osprey. Lá estava tudo. Deixei a pasta sobre a mesa, perto da pizza de micro-ondas que não tinha sido tocada. Era realmente trágico o que vinha acontecendo com a comida

italiana nestes dias.

— Deixei uma mensagem na caixa de voz e certamente o *signor* Fitzpatrick irá chamá-lo. Sinto muito que ele não tenha podido estar presente, *signor* Moncada, mas espero que o senhor e seu cliente fiquem satisfeitos. É uma tela realmente magnífica.

Peguei um táxi de volta ao meu hotel e fiz questão de perguntar se não havia alguma mensagem de um senhor chamado Fitzpatrick. Quando fechei minha conta, dei à recepcionista o número de meu celular e pedi a ela que fizesse a gentileza de passá-lo ao senhor, caso ele telefonasse. Eu ia fazer uma viagem, contei alegremente, ao norte, para a região dos lagos. Eram detalhes suficientes para que ela se lembrasse. Havia um lugar perto de Campo di Fiori que fazia a verdadeira pizza romana, temperada com alecrim. Pensei que seria bom comer uma dessas antes de pegar as minhas coisas e apanhar o trem para Como. Eu nunca tinha visto o lago. Pensei que poderia tomar sol e depois pegar a balsa até Bellagio, enquanto esperasse pela polícia.

Capítulo dezessete

NÃO ERA UM ACIDENTE que o barroco tivesse sido inventado na Itália. Havia muita beleza aqui, muitos cenários perfeitos, muitas cores delicadamente fundidas na surpreendente luminosidade mediterrânea. Essa abundância parecia excessiva, quase embaraçosa. Depois que o trem havia deixado a caverna inquietantemente elegante da estação central de Milão e se arrastado pelos subúrbios cheios de arranha-céus sombrios da cidade, suas ruas vazias por causa das férias, ele começou a passar por uma série de túneis nas primeiras extensões dos Alpes, emergindo para breves lampejos de encostas verdes e trechos azuis de água, vívidos e deslumbrantes como uma caixa de joias que de repente se abriu. E da mesma forma que o ritmo do trem sobre os trilhos irá sempre apaziguar o mau humor das pessoas, o chacoalhar parecia sussurrar para mim: *Você está rica, você está rica, você está rica*.

Apesar de tudo, assim que cheguei a Como, eu fui me registrar na mais modesta pensão que pude encontrar, um lugar tão antiquado que me espantei que ainda estivesse aberto, com seu linóleo verde nos corredores e o banheiro comunitário a ser compartilhado com vários saudáveis holandeses e alemães que faziam trilhas ou caminhadas todas as manhãs, levando pãezinhos trazidos do mirrado café da manhã furtivamente escondidos em suas roupas de lycra. Separei a minha roupa, colocando de lado os itens mais caros, e comprei no supermercado um saco de viagem de plástico bem barato para guardá-las, escondendo tudo sob um cobertor com cor de bile que estava na parte de baixo do raquítico guarda-roupa.

Na primeira noite, peguei um lugar na lanchonete, pedindo uma Coca diet que não bebi e uma água mineral que bebi. Em um caderno escolar quadriculado de exercícios, fiz uma lista de nomes.

Cameron. Resolvido. Ele, obviamente, não ia falar com ninguém nunca mais.

Mas quanto tempo ainda ia levar para que a notícia desse assassinato chegasse aos jornais? Isso me levou a Rupert. Ele deveria estar tentando

freneticamente contatar Cameron, em pânico que o negócio pudesse ter dado errado.

Isso me deu certo prazer, imaginar um dia arruinado naquele maldito pântano escocês. Eu tinha que assumir que Rupert possuía acesso à conta das Ilhas Cook, que ele teria visto o dinheiro entrar e sair, e, mais importante, estava querendo saber para onde tinha ido. Quando ele soubesse da morte de Cameron, coisa que ele fatalmente saberia, seria levado a pensar que seu parceiro tinha se envolvido em algo muito sério, ofendido alguém, assumido muitos riscos. Rupert dificilmente poderia ir à polícia para tentar conseguir seu "Stubbs" de volta. Mas e se os jornais acabassem citando o meu nome? Era perfeitamente razoável que Judith Rashleigh pudesse ter estado em Roma, perfeitamente razoável que ela estivesse correndo atrás de Cameron em busca de um emprego. Rupert sabia que eu e Dave andáramos bisbilhotando o Stubbs, mas mesmo que ele me desse o crédito de ter inteligência suficiente para ter descoberto tudo, e que Cameron fosse estúpido o suficiente para me contar, a pintura tinha ido. Ele estava impotente. Principalmente.

Isso me deixava dois nomes: Leanne e Moncada. Leanne não era o tipo de garota que prestasse muita atenção aos jornais, mas ela não era completamente estúpida. Se meu nome fosse publicado, seria bem capaz de me associar com dois homens mortos. No entanto, eu a conhecia o suficiente para reconhecer que seu único interesse na vida era ela mesma, então por que ela iria se envolver numa confusão dessas, quando não havia nada para ganhar, a não ser problemas?

Então, restava Moncada. Ele não me parecia o tipo de homem capaz de ter uma relação muito amigável com a polícia. Não havia nada contra a pessoa ser um comerciante particular, mas ele era um cara muito bem-vestido para ser alguém completamente limpo, mesmo para um italiano. E eu não havia enganado o sujeito totalmente: seus clientes ficariam satisfeitos e o pagariam. Meu desempenho como assistente de Cameron fora o suficiente para convencer Moncada a me entregar o dinheiro; na verdade, deve ter parecido a seus olhos que eu tinha agido corretamente, uma vez que até então não sabia que meu patrão era um corpo encharcado no fundo do Tibre no momento em que fizemos o nosso negócio. E, pensando bem, ele não ficaria preocupado de que aquela doce Judith pudesse procurar a polícia? Ou ficaria? Por alguns segundos, me senti absolutamente gelada. E se ele viesse atrás de mim? Será que Moncada se

lembraria de meu nome completo no passaporte? Eu tive que mostrá-lo, para deixar a coisa mais convincente. Se esse homem estivesse de algum modo ligado ao crime organizado, que era o que eu imaginava, ele não teria problemas em me localizar enquanto eu estivesse na Itália. Talvez agora mesmo, neste exato momento, ele estivesse rastejando através daqueles túneis na rocha como uma ratazana, seguindo o rastro do cheiro de meu medo. Meu coração começou a bater mais forte e minhas mãos começaram a tremer. Pare com isso, pare com isso, volte a respirar devagar. Moncada sabia que ele, pessoalmente, não tinha nada a ver com a morte de Cameron. Nem podia suspeitar que eu tivesse. Ele tinha pagado a Cameron, e não a mim, pelo menos era isso que pensava. Mas qual seria o pior cenário? Moncada ter, de repente, insuspeitas qualidades cívicas e ir até a polícia. Não havia nenhuma evidência para acusarem-me de alguma coisa, era tudo circunstancial. Puta merda, eu estava falando como um daqueles idiotas que pensam que entendem as leis apenas por assistir ao *CSI*. Pense. Atualmente, Judith Rashleigh é uma ex-comerciante de arte quebrada que se viu infelizmente ligada a um horrendo incidente — na verdade, dois, se eles puxarem meus registros de voo e me conectarem de algum modo ao finado James. Haveria, ainda assim, registros de saques de minha conta de poupança no Reino Unido, revelando de que maneira eu financiara minhas modestas viagens pela Europa antes de voltar a Londres para procurar um emprego.

A única falha, então, era a possível conexão entre Rupert, Cameron e Moncada. Se Rupert conseguisse chegar a Moncada, ele descobriria que nós dois tínhamos nos encontrado e que eu havia entregado a pintura ao italiano, e nesse ponto ele poderia me denunciar. Bastaria um telefonema anônimo para a polícia italiana... A prova surgiria se as autoridades pudessem me intimar a abrir as minhas contas bancárias. Mas para me mandar a julgamento por assassinato, Rupert teria de arruinar-se, e ele não receberia o seu dinheiro de volta. Meu cérebro estava se contorcendo, e uma contração começou na base do meu pulso direito. Eu mal conseguia segurar a caneta. Quanto tempo eu ainda tinha?

Inspire pelo nariz, expire pela boca. Calma. Eu não poderia controlar todas as possibilidades, mas nem Rupert poderia. Ele manteria o cessar-fogo até que soubesse da morte de Cameron, pelo menos. Assim, eu tinha que tirar o dinheiro da Suíça, que estava bem ali, tranquilizadoramente perto, do outro lado da montanha. Daí eu poderia ir a qualquer lugar, ser qualquer uma. Tudo que eu

tinha que fazer era esperar pela polícia e contar-lhes a minha história. Amassei o papel que tinha rabiscado e caminhei até a margem do lago, mergulhando-o na água com meu punho fechado até que ele se afastou em pedaços de polpa ensopada. Seria a espera, percebi, o mais difícil.

Havia algo próximo da qualidade quase insuportável do desejo nesses três dias. Como o ruído claro da ausência da pessoa amada que cantarola e sussurra no ouvido, nas veias, constantemente. Esperei como espera uma mulher apaixonada, como uma amante secreta que só será aliviada daquele profundo tormento da ausência pelos passos do amante no corredor de um hotel barato. A cada manhã eu corria, me empurrando para as vertiginosas trilhas até que minhas coxas tremessem e minhas panturrilhas queimassem. Pedia almoço e jantar, mas mal conseguia comer. Eu fumava até que vomitasse água e acendia cigarros nas manchas metálicas de minhas próprias entranhas. Comprei uma garrafa de conhaque barato e algumas pílulas para dormir e tentei me nocautear todas as noites, mas acordava antes de amanhecer com um fiapo de dor dentro do meu crânio, assistindo ao meu próprio batimento cardíaco sob o fino lençol azul-pálido. Senti a pele funda sob minhas bochechas; a superfície plana de meu quadril tornou-se dura contra a palma de minha mão. Tentei ler, sentada em bancos com vistas para o cenário de cartão-postal, debruçada na minha janela, deitada na pequena praia de cascalho, mas tudo o que realmente conseguia fazer era ficar olhando para o espaço e checando sem parar o meu celular. Joguei videogames no aparelho, como um daqueles adolescentes viciados. *Se o homem do boné de beisebol azul comprar um sorvete de chocolate, eles vão me chamar, se a buzina da balsa soar duas vezes, eles vão me chamar*. Cada vez que meu telefone tocou, eu o peguei como se fosse uma garrafa de água no deserto, meus dedos se atrapalhando ansiosos no teclado, mas além de uma única mensagem de Steve, "Olá, tudo bem?", não havia mais nada, exceto anúncios da Telecom Italia. Eu não comprei um jornal; não confiava que eu agisse com autenticidade se o fizesse, embora soubesse que isso era provavelmente estúpido. Eu havia desejado algo antes — tinha desejado, tinha cobiçado —, mas talvez jamais tenha ansiado por alguma coisa em minha vida como fiz pela voz do inspetor Da Silva, quando ela se derramou como um bálsamo dentro de meu ouvido, depois de todos aqueles dias que pingaram tão lentamente como o âmbar escorrendo no tronco de um pinheiro.

Ele falava um inglês hesitante.

— Posso falar com Judith Rashleigh?

— Ela mesma. Aqui é Judith Rashleigh.

— *Signora*, meu nome é Da Silva, Romero da Silva.

Inexplicavelmente, fiquei com vontade de rir. Tinha começado.

— *Signora*, sou membro da força policial italiana. Eu estou trabalhando com os *carabinieri* em Roma.

Eu tinha treinado isto.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? Minha família? Por favor, diga-me!

Não precisei fingir que estava com falta de ar porque eu estava quase desmaiando.

— Não, *signora*, não. Mas eu tenho uma notícia preocupante. Seu colega foi assassinado.

Esperei uma respiração estrangulada antes de responder.

— Não entendo.

— Seu colega, o sr. Cameron *Feetzpatrick*.

Nessa hora, respirei fundo.

— Meu Deus.

— Sim, *signora*.

Eles estariam esperando pela minha reação, eu tinha pensado, talvez até mesmo gravando esta chamada. Você não deve exagerar. Deixei que ele — ou eles? — me ouvisse respirar novamente antes de falar.

— Mas eu o vi em Roma. Não estou entendendo...

— Sim, *signora*, e deixou seu número no hotel.

— Mas o que aconteceu? Eu...

— Desculpe dar essa notícia chocante, *signora*. Diga-me, você está na Itália?

— Sim, na Itália, sim, eu estou em Como.

— Então, se me permitir, eu tenho algumas perguntas para fazer. Isso é possível?

— Sim, claro, é claro. Eu preciso ir a Roma? O que aconteceu?

— Isso não será necessário, *signora*. Se me der os detalhes de seu endereço atual...

— Devo chamar o consulado? A família dele, não sei...

— Todos os procedimentos estão sendo feitos, *signora*. Vamos precisar de

apenas alguns minutos de seu tempo. Mais uma vez, por favor, aceite minhas sinceras condolências.

Eles chegaram cinco horas mais tarde. Eles tinham ligado antes de chegar; e fiquei esperando no corredor estreito da pensão, o rosto lavado, o vestido preto que havia comprado em Roma com cinto de couro. Pensei em algumas ideias malucas sobre a coisa do DNA — talvez, sei lá, aparecessem respingos do sangue do polegar —, mas se eu estivesse vestindo a prova, eles dificilmente poderiam arrancá-la de mim, podiam? A mulher no balcão da recepção ergueu os olhos curiosos do concurso da televisão no último volume que estava assistindo, logo que viu o carro da Guardia di Finanza estacionando, exibindo as placas de licença de Roma. Podia sentir os olhos dela em mim quando saí para o calor de fim de tarde de verão, caminhando em direção aos policiais. Achei que o Da Silva seria o mais velho dos dois, mas, na verdade, ele devia ter cerca de 30 anos, com um corpo robusto trabalhado na academia, e cabelo escuro cortado curto. Unhas limpas, aliança de casamento. Nada mal, esse policial, para falar a verdade. O colega dele, Mosoni, parecia ter 50 anos, flácido, de ombros caídos. Os dois homens estavam vestindo roupas comuns, jeans elegantemente passados e camisas polos. Eu não conseguia descobrir se isso era bom ou ruim — teriam vindo de uniforme se viessem me prender? Estendi minha mão a cada um deles, então esperei.

— Podemos conversar em algum lugar, *signora*?

Eu respondi em italiano e ambos sorriram, obviamente aliviados por não ter que se debaterem com o inglês. Sugeri que conversássemos em meu quarto, era um local mais privado e isso mostraria que eu não tinha nada a esconder. A mulher na recepção parecia que ia fazer uma pergunta quando nós três nos encaminhamos para a escadaria, mas eu não olhei para ela e nem respondi ao seu hesitante "*Signora?*" enquanto levava ambos os policiais para o segundo andar. Acomodei-me na única cadeira do quarto e fiz um gesto para que eles se sentassem na cama mole, fazendo um pedido de desculpas com meu rosto. Alisei a saia sobre meus joelhos e perguntei, calmamente, em que eu poderia ajudar.

— Bem, *signora*, como já expliquei, o seu colega...

— Eu acho que devo explicar que o sr. Fitzpatrick não era meu colega. Eu costumava trabalhar na British Pictures — notei que ele reconheceu o nome —, então eu o conhecia um pouco, profissionalmente. Encontrei-o acidentalmente

em Roma e discutimos a possibilidade de eu trabalhar para ele, em sua galeria em Londres. Estava esperando que ele me ligasse, mas, obviamente...

Parei de falar. Eu estava tentando parecer surpresa, mas deixar escorrer algumas lágrimas seria um pouco demais.

— *Signora*, devo perguntar-lhe, você teve um relacionamento com o *signor* Fitzpatrick?

— Eu entendo. Não, não tive. Como eu disse, eu realmente não o conheço muito bem.

Esperei que eles percebessem o meu deslize deliberado no tempo do verbo, mas eles devem ter considerado isso apenas um erro no meu italiano.

Os dois homens me fizeram explicar o tempo que passei na Itália, meu encontro com Cameron no Hassler. Eu disse que almoçamos e jantamos juntos, e então que Cameron tinha ido embora, dizendo que teria um encontro e que eu deveria me encontrar com ele no saguão do hotel na manhã seguinte. Eu ficara esperando por cerca de uma hora, disse, e então deixei um recado. Eu estava planejando continuar as minhas férias, como eles podiam ver. Confessei, olhando modestamente sob meus cílios, que pensando agora sobre isso, Cameron talvez não quisesse de fato me oferecer um emprego, ele só estava querendo uma companhia enquanto esperava por seu cliente em Roma. Disse que tinha ido para Roma sozinha, planejando estudar alguns museus. Eu dei o nome do hotel onde tinha ficado. E completei dizendo que a minha insistência em receber uma mensagem de Cameron lhes tinha dado o meu nome e número — como planejado. Se eu não estivesse tão aterrorizada, se o esforço para controlar os batimentos do meu coração não fosse tão intenso, eu poderia ter me sentido muito orgulhosa.

— Seu cliente? — Da Silva voltou ao ponto.

— Sim, ele disse que estava em Roma para se encontrar com um cliente. Ele parecia muito animado com isso. Mas não contou mais nada, no entanto.

— Isso é normal?

— Sim. Negociantes de arte são sempre discretos.

Tentando parecer profissional.

— Você achou que o *signor* Fitzpatrick pareceu perturbado de alguma forma? *Agitato?*

— Não, eu não diria isso.

— Você sabe com quem o *signor* Fitzpatrick iria se encontrar? Era o cliente?

— Não sei. Eu não poderia dizer.

— Poderia ter sido uma mulher?

A mulher no Hassler usando o casaco berrante Kenzo, que estava guardado com segurança em um saco de lixo em uma lixeira na esplêndida arquitetura fascista da estação de Milão.

— Eu realmente não sei.

— Um membro da equipe do Hassler disse que havia uma mulher perguntando pelo *signor* Fitzpatrick na noite em que ele foi morto...

Estariam eles prestes a mostrar uma foto borrada do circuito interno do hotel, onde eu aparecia no balcão da recepção? Seria este o momento em que os policiais me pegariam na mentira e tirariam as algemas do bolso? Tive uma pouco apropriada lembrança descontrolada de Helene e Stanley, na Chester Square. Mosoni estava me observando atentamente. Sem trégua, Judith.

— Não, não sei de quem se trata. Nós nos despedimos no restaurante. Acho que não vou me lembrar do nome dele, infelizmente... Tinha uma varanda grande... Fui a Piazza Navona, tomei um café, acho. Vou precisar de um álibi?

Eu quase ri, e depois pareci envergonhada, com aquela minha tentativa de piada de mau gosto.

Da Silva interrompeu.

— Talvez o *signor* Fitzpatrick tenha falado alguma coisa sobre uma mulher.

— Não, nada.

Mosoni acrescentou:

— Não, *signora*. Sem álibi. Mas você está planejando ficar na Itália? Talvez precisemos entrar em contato de novo.

— Apenas mais alguns dias. Eu estava planejando continuar viajando. Claro, eu vou ajudar de qualquer maneira que puder. Pobre Cameron. Eu ainda não consigo aceitar que...

— Claro, é um golpe terrível — disse Da Silva gravemente.

— Sim, um choque terrível.

Ficamos todos em silêncio por um momento, todos terrivelmente chocados. Em seguida, os dois homens se levantaram, dizendo as coisas de sempre. Abri a porta e fiquei escutando enquanto eles desciam as escadas, e depois quando se despediram educadamente da mulher da recepção. Fiquei alguns passos longe da

janela do quarto, ouvindo o motor do carro da polícia. Depois que eles foram embora, continuei perfeitamente, perfeitamente imóvel. Eles poderiam ter plantado uma câmera em meu quarto? Mosoni, enquanto Da Silva me distraía? Mas isso não era ilegal? Eu não poderia procurar nada, porque então a câmera iria me mostrar procurando e isso seria suspeito. Deus. Eles não tinham perguntado nada sobre a faca, pelo menos. Sentei-me cuidadosamente na cadeira novamente, fumei um cigarro, levantei-me e comecei a arrumar as minhas coisas. Eu ainda tinha uma boa quantidade do dinheiro de Steve enrolado em meu saco de roupa suja. Ficaria na Itália no máximo mais uns dois dias, e depois pegaria um trem para Genebra. Pagando em dinheiro sempre, até que eu pudesse encontrar o que eu precisava lá.

Debrucei-me contra a janela e deixei minha mão se apoiar entre as minhas pernas. Era gostoso, vendo o que eu poderia fazer. Mais do que gostoso. Dava para sentir os lábios de minha boceta incharem contra o tecido apertado da minha calcinha. Eu tinha sofrido um bocado, e havia escapado. Bem, quase. Enquanto isso, pensei que deveria encontrar um hotel melhor e fazer o que tinha estado morrendo de vontade de fazer durante semanas. Transar.

Capítulo dezoito

EU NÃO ESTOU NEM um pouco interessada em ser perseguida por um cara insistente. Nem interessada em flertar, ou ir a encontros, ou que mintam para mim, que no fim é onde tudo acaba terminando. Eu gosto de poder escolher. Justamente por isso gosto de ir a festas, porque todas essas coisas chatas já não estão presentes. Todo mundo sabe por qual motivo está lá; ninguém está procurando por sua alma gêmea, na qual verá seu próprio reflexo nos olhos dela. Mas quando você voa sozinha ao redor do mundo, é mais complicado. Descartei os homens casados — não que eles não fariam isso, mas sabe como é, filhos, muito trabalho, o incômodo, a inconveniência — e os adolescentes locais que não deviam ser talentosos naquilo que eu queria, e restou-me a equipe do Hôtel de Bellagio onde me registrei. E não que fosse muito especial foder com eles — lembranças boas de Jan —, afinal, eles formavam um bando deprimente. É que eu estava meio inquieta depois do meu encontro com a polícia e precisava aliviar a tensão.

Matteo parecia perfeito para isso. Deixei que ele me escolhesse em um bar desalinhado na margem do lago, um lugar que eu tinha selecionado por causa da fila de motos estacionadas do lado de fora, embora os motoqueiros que viajavam pela região do Como geralmente tivessem uma namorada de bom tamanho empoleirada no banco do carona. Mas Matteo estava sozinho; quando começamos a falar, ele explicou que vinha de Milão, e estava hospedado na casa de sua avó. Tinha acabado de terminar a faculdade, o que na Itália fazia com que ele fosse alguns anos mais velho do que eu. O rosto não era lá essas coisas, mas era um sujeito alto, e os ombros eram largos sob a camiseta preta desbotada. Ele me pagou uma taça de um *prosecco* muito ruim, então eu comprei outra para mim e lhe ofereci uma cerveja. Pulei na garupa de sua Vespa e nós seguimos para a casa da avó (a *nonna*, confirmei depois, estava viajando para a praia). Dei meu nome de Lauren novamente, e contei a mesma história de uma viagem à Itália enquanto procurava emprego. Por um momento, enquanto a Vespa resfolegava

pela estrada íngreme que nos levava para longe da pequena cidade, com o lago abaixo de nós em uma cor rosada ao pôr do sol, descansei meu rosto contra a jaqueta dele, deixando minhas mãos segurando levemente seus quadris, e me senti um pouco solitária. *Era assim que as coisas seriam*, pensei comigo mesma. Se eu seguisse adiante com isto, nunca seria capaz de ser eu mesma novamente.

A ideia de transar em uma casinha de uma velha senhora era meio deprimente, mas até que a casa de Matteo era bastante bonita — anos setenta, daquela maneira que pode ser a arquitetura italiana sem ser desagradável, com muitas paredes brancas e madeira escura, um terraço enorme com uma vista espetacular para o lago. Estava ficando frio, então Matteo me emprestou uma blusa de cashmere para colocar por cima da calça jeans e nós nos sentamos com uma garrafa de um estranho vinho tinto frisante, assistindo às luzes distantes da última balsa voltando para Como. Ele acendeu um cigarro de maconha, que fingi dar uma tragada, e me contou que, apesar de ter feito arquitetura, estava pensando em escrever um romance. Então, perguntou se eu gostaria de ouvi-lo tocar guitarra, e eu podia ver onde isso acabaria, então murmurei "Quem sabe, mais tarde" e coloquei minha língua em sua boca. Matteo pareceu surpreso, mas tendo em mente que todos os italianos pensam que todas as mulheres inglesas são umas vadias, ele logo entendeu a sugestão. Permiti que o beijo ficasse mais profundo, torcendo-me em seu colo para que ele pudesse sentir meus seios contra ele, trabalhando a minha língua profundamente para captar o doce sabor da maconha em sua boca até que o senti endurecer sob o jeans.

— Vamos para o seu quarto.

Vi as pinturas enquanto Matteo me levava até o andar de cima, e só então compreendi o que havia feito em Roma. Eu odeio quando o mundo faz esse truque barato de fio condutor. Uma reprodução em óleo do *Campo Vaccino* de Turner, a última pintura que ele tinha feito da cidade. Algumas pessoas enxergam arrependimento na tela, os movimentos suaves da luz através do fórum, a dança de despedida do grande homem. Uma lembrança do turista, o tipo de coisa que você veria exposta sobre uma cerca, nas margens do rio Tibre. Onde eu tinha estado, não muito tempo antes.

Matteo fez uma pausa para me empurrar contra a parede e para outro beijo, mais urgente agora. Eu tirei as botas e o jeans, segurando a minha calcinha na mão, e me inclinei para trás enquanto ele tirava a camiseta, e então eu o fiz

deitar-se sobre o colchão, correndo minha língua sobre as linhas jovens de seu peito, esfregando a parte de trás da minha língua contra seus mamilos. Eu estava ficando molhada só com o cheiro de um homem depois de todo esse tempo — enfiei meu rosto em sua axila e chupei seu suor como um beija-flor busca o néctar. Eu segui a linha estreita de cabelo sobre sua barriga lisa com a minha língua, parei no primeiro botão da Levi's, abri a braguilha e peguei-o em minha boca. Seu pênis era meio diferente, eu diria, longo, mas muito estreito, com uma desagradável quantidade de prepúcio como o de uma criança, mas dolorosamente duro. Pela intensidade de sua respiração, adivinhei que isso era uma coisa que não acontecia com muita frequência nas noites tranquilas de Como, e eu queria que ele me fodesse antes que gozasse.

— Você tem uma camisinha?

Ele levantou-se e acendeu uma luz no banheiro, as coxas finas vulneravelmente expostas durante a travessia da cama até lá. Eu acariciava os lábios de minha boceta, abrindo-me mais, esfregando um pouco dos meus próprios sucos em minha boca. Eu estava tão necessitada que pensei que poderia gozar só fazendo aquilo; pareceu que ele demorou um século para colocar aquela maldita coisa e posicionar suas pernas entre as minhas coxas abertas. Eu o guiei para dentro e deixei que sua cabeça caísse entre meus ombros, apertando com força para que Matteo fosse mais devagar.

— *Aspetta*. Espere. Não tem pressa.

Ele começou a se mover lentamente, empurrando mais fundo, com um ritmo regular. Eu coloquei minha mão direita entre nós para chegar ao meu clitóris.

— Mais forte. Vai. Mais forte.

E então, por um segundo quando ele gozou dentro de mim, naquele delicioso momento de penetração e de posse, eu me distraí. A respiração dele em meu ouvido era uma carícia. Estava escuro dentro daquele quarto, e meus olhos começaram a procurar alguns objetos no móvel ao lado da cama — um livro, um cinzeiro, uma taça de prata de campeão de algum esporte. *Você poderia pegar isso*, pensei, *você poderia agarrar essa coisa e esmagá-la contra a nuca dele*. O sangue fluiria em torno da orelha, pingando em seu rosto depois. Ele nem saberia o que o teria atingido. O sujeito iria desmaiar suavemente em cima de seus peitos como se fosse uma marionete, contraindo o último espasmo de sua vida através de seu pênis, um corpo preso em você. Fechei os olhos. Eu estava começando a gozar,

mas por trás de minhas pálpebras havia um filme passando, um par de olhos suplicantes, o canto de metal de uma pasta, toalhas vermelhas enroladas, um rosto inchado e cinzento. Tinha medo de estar transando com outro cadáver, e achei que gostava desses pensamentos. Estava respirando profundamente, quase rosnando, e podia ouvir os suspiros de Matteo crescendo para acompanhar os meus, e então, por alguns segundos que foram perfeitos, fiquei perdida até que lá estávamos, deitados como verdadeiros amantes, resfolegando como náufragos na praia. Eu não conseguia falar; não conseguia olhar para ele. Ficamos em silêncio por um tempo e depois ele me acariciou, beijando meu ombro, meu cabelo.

Há um efeito chamado perspectiva anamórfica. Um objeto é pintado em uma forma inclinada, de modo que sua verdadeira identidade é revelada somente quando se vê a imagem a partir do ponto exato. O exemplo mais famoso é, talvez, *Os embaixadores*, de Holbein, onde uma mancha branca no primeiro plano do retrato torna-se um crânio humano. Há uma marca no piso da National Gallery, à direita da tela, onde você tem que se posicionar para poder enxergar o conceito. Mas eu acho que todos os grandes pintores criaram uma forma de anamorfose. Você tem que estar no lugar certo, e de repente é como se tivesse caído dentro da cena. Durante um instante, você passa a existir em dois estados, dentro e fora, um truque quântico. Nenhum dos dois estados pode existir isoladamente sem o outro. De modo que lá estava eu em Roma, e na cama de Matteo, ao mesmo tempo.

— *Ciao, cara. Ciao bellissima.*

— *Ciao* — sussurrei contra sua garganta.

Eu tentei colocar um pouco de calor na minha voz, passando minha mão distraidamente, acariciando seu cabelo. Não era culpa de Matteo, que ele fosse tão doce. Ele foi buscar um copo de água, mas balancei a cabeça, enterrando a cabeça no edredom, fingindo dormir. Eu ainda estava vestindo o suéter dele; isso me fez me sentir ainda mais nua, enquanto ele aconchegava seu corpo em torno de minhas coxas descobertas. Esperei até que a respiração de Matteo ficasse mais lenta e então meus olhos se abriram, como se fosse um filme de vampiro. Contei lentamente até mil em italiano, em seguida, em francês, em seguida, em inglês, levantei lentamente o braço dele que me segurava e me contorci devagar para fora da cama. Deixei ali o suéter, peguei meu jeans e minhas botas. Eu tinha planejado segurar a minha calcinha no rosto dele quando ele gozasse, fazendo

com que Matteo me aspirasse enquanto penetrasse em minha boceta, mas tinha ficado ocupada demais pensando como seria sexy matar esse sujeito para ser capaz de me lembrar desse pequeno truque. Desci as escadas, ainda nua, com meus sapatos nas mãos e vesti o restante de minha roupa na sala, sob o brilho nebuloso de William Turner. Era possível enxergar as luzes de Bellagio mais abaixo e comecei a correr. Minha chave do quarto estava atrás do balcão no hotel. Matteo não tinha perguntado onde eu estava hospedada. Mesmo que ele quisesse me encontrar, eu já teria desaparecido quando ele acordasse. Não era assim que a coisa seria, disse a mim mesma, é assim que as coisas são, agora. Eu andei meio alterada, foi apenas o meu cérebro brincando comigo, uma explosão de estresse em tecnicolor. Nada mais do que isso, nada com que me preocupar. Não havia lua, não era tarde e eu sabia que não ia dormir. Eu ia arrumar as minhas coisas, pagar a conta, chamar um táxi às cinco da manhã para me levar até a estação. Eu precisava ser mais forte do que nunca agora; apenas alguns dias mais, e isso era tudo. *Matteo foi um erro*, pensei, irritada. O que eu estava pensando? Que eu era uma porra de uma viciada nessas coisas? Haveria tempo suficiente para isso, muito tempo. Só mais uma coisa a fazer a seguir, e depois a próxima e a próxima, até que eu terminasse em Genebra.

Capítulo dezenove

POR VOLTA DE 1612, em Roma, Artemisia Gentileschi fez um pequeno desenho de Dânae, a princesa de Argos, com quem Zeus fez amor com uma chuva de ouro. Fora uma escolha surpreendente, a de Zeus, já que Dânae era aprendiz no sexo, e fortemente escoltada sempre que saía da casa de seu pai. A *Dânae* de Artemisia não seria um padrão de beleza para os padrões contemporâneos, a carne muito pálida, a barriga um pouco protuberante demais. Mesmo reclinada e atirada para trás, corajosamente exibindo a sua nudez, há um toque de queixo duplo. Eu amei essa pintura porque, diferentemente da maioria dos exemplos desse mesmo tema — uma escolha muito popular na suave pornografia do século XVII —, é engenhosa. Os olhos de Dânae estão fechados em êxtase, mas não completamente. Sob a languidez de suas pálpebras ela está avaliando o cenário, olhando maliciosamente o número de pepitas de ouro que caem em sua carne condescendente. O braço esquerdo repousa ao lado da cabeça e a mão direita está pousada na coxa volumosa, mas os músculos do antebraço estão tensos, o punho apertado enquanto ela segura um punhado de pepitas. Dânae está fazendo de bobo aquele deus que pensou que a mortal tivesse ficado deslumbrada com ele; ela está rindo conscientemente para quem olha a tela sob os cílios abaixados, rindo para o homem que oculta a sua própria nudez na respeitabilidade de um tema clássico. Isto é o que nós somos, Dânae está dizendo; mesmo quando fazemos o papel de ninfas, temos que encher nossa vagina de ouro. Mas essa gozação da pintora adolescente não é cruel. Ela está compartilhando suas risadinhas, convidando-nos a ver como somos aleijados eróticos. Se Dânae tivesse um balão de histórias em quadrinhos saindo de sua boca cor-de-rosa, seria algo assim: "E aí, bonitão. O pagamento?"

Era uma coisa boa pensar sobre essa tela enquanto estava sentada no bar do lobby do Hôtel des Bergues, em Genebra. Ao contrário de outras cidades europeias, Genebra não havia se tornado uma necrópole em agosto. No interior, o ar-condicionado poderia estar ronronando baixinho, mas lá fora, sob o céu

carrancudo da Suíça, a cidade ainda pulsava com o brilho oculto do dinheiro. Eu me lembro de quando li a biografia de uma famosa garota de programa que ensinava que, se você quisesse encontrar uma prostituta em um hotel elegante, devia procurar uma mulher usando um terninho bem conservador. Lembrei-me de meu pobre terninho de *tweed* puído, há um século no Ritz, com Leanne. Mas este novo era cortesia de Steve, um investimento feito na minha última visita às coleções outono-inverno: Valentino em lã azul-marinho bem leve, rigorosamente bem cortado; sandálias pretas altas Jimmy Choo. Cabelo preso no alto, sem joias, unhas das mãos e pés em perolado bege. Eu parecia tanto com uma banqueira que tinha que ser uma puta.

Eu pedi um copo de *Chenin blanc* e esquadrinhei a sala. Lá estava uma dupla de árabes na mesa próxima, dando-me aqueles olhares, um sujeito com a cara de ser um velho ditador no exílio com uma loura improvável, um grupo de mulheres alemãs com laptops lançando olhares de desaprovação para ela, dois homens bastante jovens em jeans tomando vodca com tônica. Nada bom. Porcos-espinhos usando jeans. Eu precisava de alguém vestido como eu. Precisava de um banqueiro. Então, levei a mim mesma e meu exemplar do *The Economist* para o Quirinale para jantar e pedi *foie gras* só pelo prazer, e fiquei lendo um artigo sobre a Coreia do Norte enquanto esperava que a música começasse no bar ao lado, aquela agressiva house music que o lixo europeu precisava para saber que estava se divertindo. Pedi depois uma musse de chocolate com calda de jasmim, e então fui ao bar, abandonando a pretensão de ler. O lugar estava começando a ficar lotado. Duas mulheres em terninhos pretos ocupavam os banquinhos mais próximos, a combinação padrão de loura e morena, embora a julgar pelo tamanho das mãos da morena, e pelo conjunto ligeiramente tenso de sua linha da mandíbula, pensei que o cara com quem *ela* terminasse a noite poderia ter uma surpresa extra. Dentro de poucos minutos, ambas já tinham anexado um par de homens de terno, e logo foram esvaziando uma garrafa de champanhe, rindo e balançando os cabelos e agindo como se estivessem absolutamente encantadas por estarem precisamente neste bar abafado, com esse péssimo DJ e as ainda piores velas flutuantes no vaso, ao lado desses dois homens tão divertidos, enquanto suas colegas mais afortunadas estavam provando cocaína russa de má qualidade na Riviera. Esperei dez minutos e então pedi ao porteiro que me conseguisse um táxi para o Leopard Lounge.

Pedi uísque ao chegar. Ninguém por lá estava preocupado em fingir que este lugar não era outra coisa que não um mercado de carne. Havia um rebanho de modelos adolescentes, do nível catálogo de lingerie, acompanhadas pelo seu facilitador, ou agente, gay usando calças Dolce brancas, e um par de caras envelhecidos, cujos cabelos pareciam ter sido arrancados do forro de seus barcos definitivamente vagabundos. Mais louras com variados tipos de silicone nos peitos, mais colarinhos engomados de quatro polegadas, mais Rolexes, mais dentes branqueados a laser e mais olhos de zumbis. Aqueles dois porcos-espinhos que eu tinha visto antes no Bergues estavam lá, ficando cada vez mais bêbados com a vodca, uma garota em calças justas de couro em cada braço. Garotas por toda parte, prontas para fazer qualquer coisa. Garotas com a esperança de que esta noite pudesse ser a sua grande oportunidade, o trampolim, o momento que faria com que os horrores da madrugada e os maus boquetes valessem a pena. Garotas como eu fui certa vez.

Genebra é uma cidade pequena, abarrotada de homens jovens cheios de dinheiro, e um pouco mais de dois por cento de sua população está envolvida na indústria do sexo. Eu não estava muito preocupada com a concorrência, mas por volta das 11:30, estava começando a me sentir um pouco desesperada. Não devia arriscar outro uísque. A lista que eu tinha feito lá atrás, em Como, estava me cutucando na parte de trás da cabeça: Rupert, Cameron, Leanne, Moncada. Quanto tempo eu tenho? Se eu não conseguisse fazer isto funcionar, teria que pegar o que pudesse do banco e dar o fora o mais rápido possível. Quanto dinheiro eu poderia levar comigo em viagem? No ritmo que as coisas estavam indo, teria mais uns poucos dias para sacar algum dinheiro do banco e sumir da Europa antes que alguns dos colegas do Da Silva viessem me buscar.

E então, porque de vez em quando, simplesmente de vez em quando, se você fechar os olhos e desejar uma coisa realmente com força, a vida pode ser como um filme, ele entrou. Na casa dos 50, cabelos ficando grisalhos, não muito bonito, mas reluzente por causa da grana, aliança de casamento, Savile Row, abotoaduras Bulgari (excelente, não aristocrático e um pouco inseguro), sapatos e relógio impecáveis. Especialmente os sapatos. Se havia uma coisa que eu não queria mais ver, quando esta pequena turnê europeia acabasse, era outro par daquela porra de mocassim com franjas. Ele estava sozinho, o que significava que as coisas tinham corrido mal e ele precisava de uma bebida, ou que as coisas

tinham corrido bem e ele precisava de uma bebida. Fosse como fosse, ele ia tomar esse drinque comigo.

Capítulo vinte

SÓ QUANDO VOLTAMOS ao meu quarto de hotel e lhe servi uma bebida sem pedir o dinheiro adiantado que Jean-Christophe começou a perceber que eu não era uma prostituta. Mesmo depois de ele passar uns quinze minutos com seu rosto enfiado na minha boceta, e depois de três penetradas por trás belamente orquestradas, e mesmo depois que eu vibrei e estremeci em seus braços surpreendentemente peludos, ele ainda hesitava em acreditar.

— Bem, não era exatamente isso que eu estava esperando — disse ele em francês.

— Este é o momento em que eu devo lhe dizer que não sou geralmente assim tão atirada, mas que não consegui resistir? — eu me liberei dele e me levantei da cama nua para ir buscar um copo de água, garantindo que ele pudesse me olhar com cuidado pela primeira vez. — Bem, devo dizer que gostei mesmo de você — continuei —, mas sou adulta e esses joguinhos me deixam entediada.

— Entendo.

— Também não sou do tipo pegajoso. Pode ficar aqui, se estiver a fim. — Voltei para a cama e arrumei o edredom em cima do meu corpo. — Ou pode ir embora.

Ele passou os braços em volta de mim por trás, segurando meus seios e mordendo a minha nuca. Isto poderá não ser assim tão maçante.

— Eu tenho que estar no escritório de manhã.

— Qual o tamanho do seu colarinho?

— Por quê?

— Vou ligar para a recepção e pedir que eles arrumem uma camisa limpa do seu tamanho. Eles vão gostar do desafio.



Jean-Christophe ficou naquela noite e na noite seguinte. Então, ele me

perguntou se eu não queria ir com ele para Courchevel para o fim de semana. *A estação do ano estava a meu favor*, pensei. Não apenas as esposas estavam todas, felizmente, *en vacances* (fiquei imaginando se a sra. Jean-Christophe estava se divertindo com o professor de tênis em Cap d'Antibes ou se refestelando assiduamente em Biarritz?), mas também, como mais um de meus presentes, eu não sabia realmente esquiar, o que seria constrangedor para Lauren, a experiente negociante de arte inglesa, explicar, caso fosse inverno.

Lauren era o tipo de garota que ficava infantilmente encantada, mas não excessivamente impressionada, e foi o que aconteceu quando o Jaguar de Jean-Christophe fez a curva no setor de aviação geral no aeroporto de Genebra. Obviamente, eu nunca tinha voado num avião particular antes, mas agora conseguia entender melhor a Carlotta. Vinte minutos no helicóptero da Sikorsky, exclamando por causa dos cenários sublimes dos Alpes brilhantes abaixo de nós. O tipo de coisa que poderia corromper uma pessoa por toda a vida, realmente.

Nós iríamos nos hospedar em um chalé emprestado por um antigo colega de faculdade de Jean-Christophe. A propriedade dele ficava em Verbier; imaginei que este fosse um acordo de longa data e que satisfazia a ambos. Dei uma olhada em volta enquanto ele finalizava seus telefonemas ao escritório naquela tarde de sexta-feira. Não era um daqueles palácios de vidro que custavam milhões de euros e que os russos vinham construindo onde ficavam as pistas de esqui; era mais uma sólida casa de família, com três quartos, tudo feito de madeira, decorada com uma mistura de um alpino chique com algumas peças medíocres mas até que bonitas de arte oriental. As camas tinham mantas coloridas e listradas de origem basca. O único toque de glamour era um ofurô de cedro construído sobre uma plataforma de madeira, com vista diretamente para o vale. Havia livros de bolso muito gastos na estante, ao lado de fotos da família, o amigo com sua esposa e três crianças louras e saudáveis nas encostas nevadas, ou no que parecia ser uma praia tropical. A filha parecia ter coisa de dez anos a menos do que eu. Fiquei me perguntando como devia ser a sua vida, como eram suas roupas e sua escola e seus feriados, como devia ser crescer assim, numa vida com segurança. Não havia dúvida que essa menina devia passar seus dias fumando cigarros e reclamando com as amigas no Facebook de como sua existência era uma merda.

Jean-Christophe se desculpou por não poder me levar para o La Mangeoire, o restaurante que se tornava a boate mais cara da Courchevel, às 10:30, mas eu

assegurei alegremente que preferia fazer algo mais simples. Trocamos de roupa, vestindo suéteres de cashmere e calças jeans, e fomos caminhar de mãos dadas até a cidade, parando em um pequeno bistrô, onde o proprietário obviamente havia reconhecido o *monsieur*. Jean-Christophe perguntou educadamente se eu achava que *raclette* seria um prato muito pesado, e eu educadamente respondi que aqui em cima estava frio o suficiente para que fosse uma delícia. Então, esculpimos o queijo derretido que parecia ser um instrumento medieval de tortura e passamos sobre fatias finas de presunto e carne de veado, e bebemos uma garrafa de vinho da Borgonha. Eu gostei bastante de Jean-Christophe, embora, obviamente, não tanto como eu fingia. Ao contrário de James, ele tinha boas maneiras e uma boa quantidade de temas para conversas, que giravam principalmente em torno de viagens. Ele não fez muitas perguntas, mas fiz questão de contar que brevemente eu planejava começar a minha própria galeria. Perto do final da garrafa, ele esticou o braço por cima da mesa, pegou a minha mão e beijou-a.

— *Mais, que tu es belle.*

Eu queria rir. Em outra vida, isto poderia ter sido tudo que eu sonhara. Um homem mais velho e distinto, um lugar exclusivo. Do jeito que estavam as coisas, eu estava contando os minutos até que pudesse colocá-lo na banheira de hidromassagem. Por isso, caminhamos de volta para casa, e eu soltei algumas exclamações por causa da beleza do céu estrelado, que era realmente extraordinário, com um toque luminescente, e corri adiante dele para dentro da casa para pegar uma garrafa de champanhe e duas taças e me atrapalhei um pouco com os botões, e assim, quando ele saiu para o terraço, eu já estava nua sob a água deliciosamente quente, com meu cabelo elegantemente preso na nuca. Jean-Christophe se juntou a mim, acendeu um cigarro e jogou a cabeça para trás e nós ficamos em silêncio por alguns minutos, bebendo e olhando para a noite. Seus dedos nadaram na minha direção, atingindo o bico de meu seio, mas eu me sentei ereta.

— Querido, eu quero lhe pedir uma coisa.

Imediatamente, o homem ficou tenso. Se esta era a hora de vir com aquela chantagem barata que ele esperava, estaria pronto, sem dúvida, de modo perfeitamente educado, mas desapontado e com raiva, talvez até um pouco triste. Eu poderia deixá-lo cozinhar sua decepção por um momento.

— Veja, tem uma coisa com a qual eu preciso de ajuda.

— *Oui.*

Seu tom de voz era frio e desencorajador. *O que viria agora*, pude vê-lo pensando desconfiado: o locador intratável, a prestação exorbitante da faculdade? A mãe doente? Certamente, não a mãe doente.

— Eu vou pagar, é claro. Uma taxa. Talvez 100 mil euros?

— *Você* vai pagar para mim?

— Bem, é claro. Veja, eu estava pensando... Lembra que eu contei a você durante o jantar sobre a galeria?

— Sim...

— Eu estava em Genebra por causa de um investidor. Ele é um comprador sério e está disposto a me apoiar. Eu estava olhando para os aspectos práticos da coisa. O dinheiro está no Osprey no momento.

Ele estava interessado agora, começando a pensar como um homem do dinheiro, e não como um tolo qualquer, interessado apenas na garota bonitinha.

— Osprey? Sim, eu conheço uma pessoa lá.

— Mas eu quero tirar os meus fundos de lá. Meu cliente é muito exigente... Ele quer reunir uma coleção importante e estou muito consciente de que está apostando em mim. Mas ele também tem que ser muito discreto... você entende? Ele não quer necessariamente que o mundo todo saiba o que está comprando. E eu não acho que a Suíça continue tão tranquila quanto costumava ser. Não depois de toda aquela confusão da UBS no ano passado.

— *Alors?*

— Então, é isso, quero tirar os fundos de lá. Mas tenho que fazê-lo rapidamente, porque acho que meu cliente tem uma capacidade muito curta de prestar atenção em certas coisas, e, se eu não selecionar logo as peças para ele, o homem pode perder a paciência e abandonar tudo. A exposição contemporânea de Xangai começa em setembro e eu preciso estar preparada. E há alguns artistas expondo na Art Basel em Hong Kong na primavera... não posso me dar ao luxo de ficar presa na burocracia. Então, pensei que talvez você pudesse me ajudar...

Terminei de falar assim, olhando para os olhos dele de forma tão límpida quanto as velas e os redemoinhos de vapor permitiam.

— O que você tem em mente?

— Jean-Christophe, veja bem... Eu não o conheço direito, mas sinto que posso confiar em você. Trata-se de um monte de dinheiro... coisa de 6 milhões de euros.

Eu queria que você transferisse esse dinheiro para uma conta empresarial no Panamá, e o mais rápido que puder. E quero arranjar as coisas de forma que eu possa movimentar esse fundo e tirar meu próprio salário como se fosse funcionária da empresa. Vou lhe pagar 100 mil euros, para que você envie este dinheiro. Nada mais.

— Seis milhões?

— Barato para um Rothko. Não é tanto assim, realmente.

— Você é uma mulher bastante surpreendente, minha jovem.

— Sim — retruquei, antes de escorregar debaixo d'água. — Bastante surpreendente.

Estava contente por ter tirado meu certificado de mergulho. Era verdade o que o instrutor havia me dito: essas habilidades são sempre úteis.

O fato é que eu tive um fim de semana bastante extenuante, enquanto que o de Jean-Christophe foi relaxante, e então, tomamos o helicóptero de volta para Genebra na segunda-feira de manhã, e depois um táxi direto até o edifício do Osprey. Eu disse a Jean-Christophe que não queria entrar, mas ele retrucou, afirmando que eles não concordariam em fechar a conta se eu não o acompanhasse. Mas parecia que a bênção dos bilhões de Steve ainda pairava sobre mim como uma fada madrinha. O contato de Jean-Christophe foi ainda mais lisonjeiro e atencioso do que o gerente. Entreguei os meus códigos e senhas e decidi, no final das contas, deixar os 10 mil originais onde estavam... Nunca se sabe... Eu planejava enviar a Steve alguma coisa nessa faixa de valor assim que estivesse instalada, de forma que nós ficássemos quites. Se o contato de Jean-Christophe no Osprey ficou surpreso, ele não demonstrou o menor sinal, mas, afinal, é essa a razão de ser das coisas na Suíça. Se você tiver dinheiro, poderá escondê-lo em qualquer lugar. Assim, quando saímos, Jean-Christophe estava 100 mil euros mais rico e eu era a orgulhosa e única funcionária da Gentileschi Ltda., registrada com Klein Fenyves, Panamá, com um salário de 100 mil euros por ano com opções de liberação discricionárias para compras, e recursos a serem lançados na conta de minha escolha. Tudo tributável, tudo aberto, tudo a salvo, tudo em meu próprio nome. Não havia mais conexões com a transferência de Moncada ou com aquela conta de escassos recursos nas Ilhas Cook. Era muito cedo para celebrar com um drinque, de forma que apertamos as mãos desajeitadamente nos degraus da escadaria do banco e murmuramos algumas

palavras sobre entrarmos em contato da próxima vez que eu estivesse na cidade, embora ambos soubéssemos que isso jamais aconteceria. O motorista dele trouxe o carro e logo Jean-Christophe desapareceu, mas fiquei meio tocada porque ele se deu ao trabalho de olhar para trás, pela janela traseira do carro, até que o motorista virou na esquina e ele pegou seu telefone. Fiquei pensando se ele sentia que tinha feito papel de bobo, e decidi que era bem provável que sim, mas não existem muitos bobos tão bem pagos quanto aquele, em todos os sentidos.

Caminhei de volta para o Bergues debaixo de uma garoa incômoda. Parecia que eu tinha comprado uma quantidade surpreendente de coisas, olhando para a pilha desequilibrada de malas no espaço para bagagens do quarto. Mas agora eu podia me dar ao luxo de um conjunto de malas melhor. Coisa fina, jogo de malas combinando. Porém, não sei bem como, aquilo não chegou a melhorar o meu ânimo do jeito que eu tinha imaginado. Cansada, fui até o salão e pedi um café, enquanto me conectava ao site do *Corriere della Sera*. Lá estava: "Brutal assassinato de empresário britânico". Obriguei-me a ler a notícia lentamente por três vezes. Não havia nenhuma menção ao meu nome. Apenas que "a polícia entrevistou um colega da vítima, que confirmou que ele iria se encontrar com um cliente desconhecido". Se a notícia estava saindo na Itália hoje, estaria certamente na imprensa inglesa amanhã, especialmente porque o mês de agosto era a baixa temporada para essas coisas. Mas eu estava limpa, não estava? Rupert deve ter ficado frenético, vendo que o dinheiro tinha ido para a conta na Suíça, mas agora simplesmente desaparecera. Osprey nunca daria os detalhes de para onde o dinheiro tinha sido mandado, não importa quais pauzinhos aquele gordo filho da puta mexesse. Eu já tinha criado uma história, por agora. Mesmo que ele soubesse que eu havia me encontrado com Moncada, mesmo que ele um dia descobrisse o meu paradeiro, eu poderia responder que havia percebido todo o truque do Stubbs e convencido Cameron a permitir que eu fizesse parte da jogada por 10 mil libras. A patética quantidade de dinheiro que alguém como Judith Rashleigh precisaria seria exatamente essa. Então, Cameron não aparecera, e eu fui sozinha, e vi quando o dinheiro foi transferido para onde Cameron havia instruído. Isso era tudo. Rupert poderia culpar Cameron, culpar Moncada, poderia culpar quem ele quisesse, mas ninguém tinha nada contra mim. E por que eu havia mantido silêncio junto da polícia italiana sobre o envolvimento de Rupert? Talvez lealdade residual, para mostrar que eu sabia jogar o jogo, não

desapontar a escola. Novamente, aquele tipo de lealdade canina aos valores deles que um dia pensei que iria impressioná-los.

Fechei os olhos. Quanto tempo se passou até que eu consegui respirar corretamente? Eu deveria estar em movimento, juntando a porra da minha bagagem, chamando um táxi para me levar até a estação, avançando o próximo passo, e o seguinte, e o outro. Mas não fiz nada disso. Fiquei sentada ali, olhando a chuva.

PARTE QUATRO

DO LADO DE FORA

Capítulo vinte e um

O STUBBS EMERGIU EM UM LEILÃO naquele inverno. Dez milhões através de um negociante de Pequim representando um cliente. Quatro milhões de lucro para Moncada via seu vendedor invisível e toda humilhação na cara de Rupert. O sr. e a sra. Tiger obviamente não liam a seção de negócios no jornal, ou, se liam, estavam dispostos a manter a boca fechada. Tentei seguir o rastro dele, apenas para descobrir se havia alguém que eu precisaria evitar, mas o quadro desapareceu de vista. Escondido em algum cofre subterrâneo com alguns Chagall dos nazistas, talvez, pronto a emergir novamente em algumas décadas.

Aqui estão algumas coisas que acontecem quando você mata alguém. Você pula ao som do rádio. Nunca entra em uma sala vazia. Aquele ruído intermitente dentro de sua cabeça, do conhecimento daquilo que fez, nunca silencia, e às vezes há monstros em seus sonhos. No entanto, com o desaparecimento do Stubbs, o último elo com a minha própria vida fora quebrado delicadamente. Até Roma, vi que eu vinha reagindo, pressionada pelas circunstâncias; eu tinha acreditado que havia elaborado um plano, que na verdade não era muita coisa exceto cair fora o mais rápido possível de onde quer que estivesse, e da melhor maneira que pudesse. Mas agora, não era mais assim. O incidente com Cameron foi infeliz, certamente, e Da Silva era uma espécie de mosca no meu creme facial de La Prairie, mas com o passar do tempo, percebi que mal pensava em qualquer um dos dois. Uma centena de suspeitas não se convertem em uma prova, afinal. Eu tinha uma nova vida agora.

No momento em que aquela pintura foi vendida, eu tinha tudo arranjado. Assim que saí da Suíça, não tive nenhuma dúvida sobre para onde deveria ir. Uma vez que nunca acreditei que *Sex and the City* fosse um documentário, também nunca vi muito sentido em Nova York e, além do mais, os Estados Unidos eram sinônimo de burocracia e papelada do visto. Também considerei o lugar mais clássico da América do Sul, Buenos Aires, mas o meu espanhol era o do ensino fundamental; a Ásia parecia muito distante. Não costumo visitar

muito minha mãe, mas de qualquer forma, não gostava da ideia de estar tão longe. Enviei a ela um postal antes de sair de Como, informando que eu iria viajar um pouco. Fiquei de certa forma triste com a probabilidade de que ela já não esperasse muito mais do que isso. Uma vez que eu estava perfeitamente conforme as leis e os regulamentos, a Europa fazia muito mais sentido, e só existia uma única cidade onde eu desejava morar — Paris. Tinha passado um ano sabático lá, embora a cidade não se assemelhasse em nada com o que ouvia na faculdade. Empregos de merda com turnos intermináveis para pagar o aluguel de um quarto e sala horrível na periferia, depois estudando gramática francesa até as duas da manhã, visitas ao Louvre nos domingos quando preferia dormir... Pobre de mim. Mas essa cidade ficou me perturbando todo esse tempo, azucrinando minha mente de uma maneira que ninguém mais fez, e assim que pude fazer algo que agradasse a mim mesma, foi para Paris que me mudei.

Enquanto organizava tudo, passei por volta de uma semana morando no Holiday Inn do Boulevard Haussmann, na parte da cidade que menos gostava. Estas ruas largas que parecem estar sempre empoeiradas, sem graça, com edifícios de escritórios e sempre ventando, formavam um lugar que decepcionava até os turistas. Abri duas contas bancárias, uma corporativa e outra pessoal, e solicitei uma *carte de séjour* — uma autorização de residência de longa duração. Eu não precisava de um mapa da cidade para saber onde gostaria de viver. Ao longo do rio, no quinto distrito acima do Panthéon, nas ruas que chegam ao Luxemburgo. Eu costumava ir lá depois de meus estafantes turnos nas galerias, para observar os ricaços jogando tênis no jardim de Marie de Medici, ou para ficar sentada ao lado da fonte, no mesmo lugar onde Sartre e Beauvoir se encontraram pela primeira vez. Eu adorava aquele bairro então, e ele ainda me enfeitiçava com os aromas familiares de castanha assada e plátanos. O apartamento que eu encontrei ficava em um edifício do século XVIII, na rua l'Abbé-de-L'Épée, em frente à Saint-Jacques, no segundo andar, com vista para um pátio pavimentado e com uma *concierge* adequada, atarracada e que gingava por aí em uma blusa cujo colarinho tinha uma imitação de gravata-borboleta e usava calças folgadas, com uma permanente amarela brilhante e um ar de mártir. Acho que, realmente, escolhi o apartamento pela *concierge*, mas o imóvel tinha assoalho do estilo de antigamente, disposto em linhas cruzadas como a famosa pintura de Caillebotte, tinha ainda um enorme banheiro, paredes

brancas e vigas pintadas acima da cama, grosseiramente feitas em vermelho e turquesa. Rilke viveu naquela rua, vi no meu guia.

A primeira coisa que comprei foi um horrível Ule Andresson das galerias Paradise de Nova York, um óleo sobre tela sem graça com um esfregaço fecal no canto. Pedi que fosse despachado para o escritório de Steve em Guernsey, e enviei uma mensagem de texto com um rosto sorridente que dizia: "Obrigada por me ajudar a começar." Eu vinha seguindo no jornal os resultados de minha curta visita de pesquisa ao barco de Balensky: Steve tinha se saído bem. Ele havia ocultado suas intenções da maneira clássica, investindo na indústria de hotelaria em geral, junto com o grupo Rivoli, e, logo em seguida, assistindo suas ações catapultarem assim que o magnata russo adquiriu o grupo. Foi uma jogada elegante, e inteiramente ilegal. Mas Steve não retornou minha mensagem; ele tinha ido para Dubai ou Nova York ou Sydney, e fiquei surpresa ao descobrir que eu me importava um pouco com ele. Quis mandar algum dinheiro ao Dave, mas não consegui encontrar uma maneira de fazer isso que não fosse perceptível. Além disso, ele ainda estava furioso comigo.

Mas eu não podia permitir que isso continuasse indefinidamente. Enviei uma mensagem com apreensão, perguntando como estava. Ele respondeu apenas com a palavra "Bonhams", com um ponto de exclamação e um rosto sorridente. Não mandou beijos, mas isso foi um alívio. Bonhams não estava lá em cima como as duas grandes, mas era uma casa de leilões decente e Dave estava trabalhando novamente. Quando respondi, perguntando discretamente se haveria alguma maneira pela qual eu poderia ajudá-lo, ele retornou com as palavras: "Só aceito pagamento de mercenário. Bj." Dave costumava brincar que ele teria acabado como segurança particular em algum lugar tipo Somália, como muitos de seus antigos camaradas do Exército, e foi apenas a falta de uma perna que o salvou. Fiquei muito contente com a notícia, e nem um pouco surpresa que ele tivesse me perdoado. Dave era suficientemente inteligente para reconhecer que manter rancores não é um modo eficiente de usar o seu tempo.

E então eu fui às compras. Primeiro ao Hôtel Drouot para comprar uma mesa do século XVIII, um verdadeiro *bonheur du jour* com um compartimento oculto na parte de trás e forro de couro incrustado cor de morango. Depois, fui até a La Maison du Kilim no Marais para buscar um tapete Anatolian quadrado, em bronze, esmeralda e turquesa, à Artemide para os abajures e à Thonet para

um sofá, ao mercado de pulgas onde vi um aparador do século XIX em pau-rosa e uma mesa de sala de jantar *art déco*. Um Lucio Fontana não combinava com a Gentileschi, e além disso estava em torno de meio milhão, mas eu poderia pagar. Eu o venderia, em algum momento, e minha casa seria a minha galeria. Descobri uma obra da "escola de Orazio Gentileschi", *Susanna and the Elders*, nada muito especial, trabalho de aprendiz, mas essa tela me agradava, aquele tenso espaço silencioso entre os braços da jovem aterrorizada, aquela massa maligna dos dois velhos desagradáveis sussurrando por cima do ombro da mulher. Eu pendurei essa tela em minha parede branca, ao lado do Fontana e do esboço de um perfil negroide de Cocteau, com um peixe no lugar do olho. Até fiz um seguro para eles.

Pensei em ficar um ano vivendo sem alardes, praticando a vida que sempre sonhei que merecia viver. E então, se as coisas parecessem seguras, eu poderia começar a comprar seriamente. Verdade, Londres e Paris eram muito próximas, mas garotas bonitas com namorados ricos fingiam brincar de donas de galerias o tempo todo. Essa seria a história, caso chegasse aos ouvidos do pessoal na Casa que Judith Rashleigh estava de volta aos negócios. E eu pretendia voltar aos negócios a sério. Minha ideia era reunir algumas peças menos caras para exibir ao lado do Fontana, visitando feiras europeias de arte para fazer uma rede de contatos, e depois começar a negociar. Eu sabia como as coisas eram feitas, e se eu conseguisse me conter e evitasse gastar o dinheiro como se fosse uma mão-aberta, com o passar do tempo eu poderia começar a pensar em alugar um verdadeiro espaço para uma galeria, começar a viajar e a descobrir eu mesma os artistas. Mas era preciso esperar, dar um tempo para mim mesma, para aprender, para ter o máximo de certeza possível de que os Velhos Mestres continuariam emoldurados em segurança na parede.

Eu não estava remotamente entediada com as coisas. Para começo de conversa, nunca deixei de amar o meu apartamento. Algumas vezes eu passava uns dez minutos apenas... *acariciando* meu chão, deslizando as palmas de minhas mãos sobre os contornos das madeiras, seguindo a linha dos feixes de luz do sol que passavam através das minhas cortinas novinhas de linho e se espalhavam pelo meu tapete Kilim. Eu amava o cheiro dele, cheiro de cera das velas e de rapé. Eu adorava abrir uma garrafa de vinho e despejar seu líquido em um dos pesados copos cor de jade estilo art nouveau, que havia encontrado em

uma lojinha atulhada de quinquilharias perto do mercado de flores. Amava o barulho pesado da porta se fechando e, depois, o silêncio que ficava do lado de dentro. Às vezes eu ficava tão feliz que dava piruetas completamente nua ao longo do largo corredor que ia do banheiro ao quarto. Não que me divertisse lá dentro. Para isso, existia aquilo que os parisienses chamavam *la nuit*.

A verdadeira Paris é uma cidade pequena, bem-arrumada dentro de seu cinturão protetor de autoestradas. Os subúrbios, cheios de *fonctionnaires* cansados e jovens árabes descontentes e violentos, esses não contam. Assim como em todas as cidades, Paris tem suas tribos, mas elas são dispostas ordenadamente como as bonecas russas, uma dentro da outra, com o que as revistas chamam de "*les happy few*" no centro, mas eu não estava interessada em festas da moda dos meninos ricos do oeste de Paris, estava à procura de algo mais concreto. Ignorei os anúncios modernos no verso da *Pariscope,* também. Já havia tentado ir nesses lugares umas duas vezes durante o meu ano sabático, os bares pouco povoados com masturbadores de meia-idade e turistas atrás de emoção. Em princípio, nunca me opus a transar com pessoas feias demais, sou assim democrática, mas agora eu poderia me dar ao luxo de elevar os meus padrões. Então, fui para os lugares óbvios primeiro, Le Baron e La Maison Blanche, até mesmo à boa e velha Queen no Champs e ao Le Cab do Place du Palais Royal, e de forma tão diligente que quase sempre os seguranças diziam "*Salut, chérie*" quando me viam, e abriam as cordas para que eu entrasse. Eu me sentava e conversava e bebia, e comprava cocaína para dar de presente aos outros e garrafas de cem euros de vodca muito ruim para dividir com DJs lésbicas e playboys italianos, concentrando-me nas mulheres, sempre mulheres, até que a caixa de entrada de meu novo telefone ficasse lotada de mensagens de texto fúteis e beijos e alguém poderia até pensar que eu havia arrumado alguns amigos.

Conheci Yvette em uma festa privada em Castel, cheia de rapazes magrinhos com jaquetas de veludo e modelos ostentando caras comuns. Ela estava usando um Stetson branco, dançando em um banquinho, porque quando você é bem doida não dá para dançar no chão, bebendo de uma garrafa de Jack Daniel's, desdenhosamente girando uma corda com laço por cima de uma multidão de gays lindos, com seus *dreadlocks* platinados flutuando ao som do Daft Punk. Gostei do estilo dela, da mesma forma que sempre gosto de pessoas que são sua própria invenção. Falei com ela uma ou duas frases e, pelas quatro da manhã,

nós duas éramos as melhores amigas. Ela me apresentou àquela multidão da noite: Stéphane, um traficante que parecia um estudante de filosofia; dois modelos de passarela do Centro-Oeste americano, de um metro e oitenta cada um, e que certamente sabiam que não estavam mais em Kansas; e um visconde em roupas de couro Harley que dizia ser um produtor de cinema. Todo mundo era brilhante, todos lindos.

Mais tarde, Yvette me levou para uma "saideira" em uma cobertura no sétimo, paredes com cortinas fechadas contra o sol da manhã, um grupo de corpos rodeando uma mesa coberta com livros de arte, mandíbulas trabalhando, nariz escorrendo, procurando seu clímax em uma retrospectiva de Marc Quinn, o ar denso sem alegria e pesado de nicotina e conversa vazia. Uma menina caiu de joelhos e começou um *striptease* impressionista, segurando um poste imaginário, puxando um pedaço arruinado de *chiffon* pêssego da Chloé. Mãos, igualmente lânguidas espalhavam-se sobre seus seios achatados, beliscando os mamilos como se fossem os controles de um antiquado aparelho de som.

— Vou embora — sussurrei para Yvette.

— Qual é o problema, garota? Não gostou?

— Eu gosto daquilo. — E apontei com a cabeça para uma menina perdida que estava colocando sua boca seca na virilha do rapaz mais próximo, impotente como um vampiro recém-nascido. — Mas não desse jeito. Entendeu?

Yvette assentiu, compreendendo.

— Claro, querida. Nada de amadores, certo?

— Sem amadores, isso mesmo.

— Me ligue amanhã e eu levo você a um lugar melhor.



Esse lugar melhor era uma noitada organizada por Julien, a quem vim a conhecer mais tarde em sua boate, La Lumière. Encontrei Yvette no bar do Lutetia. Ela estava sóbria, mas um pouco nervosa. Aqueles *dreadlocks* eram apliques, na verdade, porque vi que seu cabelo era de um louro esbranquiçado, o que dava um efeito dramático contra a pele cor de ameixa e a roupa Lanvin laranja, que ela combinou com acessórios e sapatos Louboutins de couro de

cobra. Sem joias. Olhei mais de perto.

— Belo vestido.

— Do *outlet* da Mango. Não conte pra ninguém.

— Não vou contar. Você está bem?

— Daqui a um minuto, sim, estarei. Quer um destes? Um dos bloqueadores beta. Dá uma travada, afasta a sensação de estar no limite.

— Claro.

Engoli a pequena pílula junto com meu kir de framboesa.

Perguntei sobre o dia dela, mas sem muito entusiasmo ou curiosidade. Yvette era estilista, disse. Eu expliquei que trabalhava com quadros. Nenhuma de nós duas estava realmente interessada, agora que a coca tinha gradualmente desaparecido, mas parecia importante a gente passar pelas formalidades.

— Mas então, para onde iremos?

— Eu não contei sobre o Julien? Ele tem uma boate no centro, e também organiza festas... daquelas um pouco mais especiais.

— Parece ótimo.

Às dez horas, pegamos um táxi que nos levou até Montmartre. Eu podia vê-la observando o taxímetro.

— Esse meu amigo, Julien — sussurrou ela, ansiosamente —, essas noitadas dele não são baratas, sabia?

— Não se preocupe. Você é minha convidada. — Seu rosto relaxou visivelmente. Penetra.

Julien cumprimentou-nos à porta da frente de um sobrado escuro do século XIX. Era um homem magro que compensava a sua falta de melhor aparência com um belo corte de terno italiano e sapatos Aubercy tão reluzentes quanto um espelho, um cara arrumadinho demais para ser asqueroso. Yvette nos apresentou e eu fui procurar a carteira dentro da bolsa, mas ele acenou para nós duas casualmente para nos dirigirmos ao pátio:

— Mais tarde, querida, mais tarde.

Lá dentro, as lâmpadas de vidro colorido e os aquecedores elétricos discretos deixavam o ambiente mais quente, apesar do frio de abril. Meus saltos se engancharam; olhei para baixo e vi que estávamos caminhando sobre um tapete persa. Cadeiras pesadas de mogno e *chaise longues*, suportes para plantas de latão e mesas laterais de ouropel tinham sido arrastados para reproduzir uma sala de

estar ao ar livre. Uma mulher jovem e impassível em um vestido preto longo tocava uma harpa. Parecia a cena de um romance vitoriano burguês, se não fosse o fato de que as garçonetes, levando bandejas redondas com Sauternes gelados e pedaços de *foie gras*, estavam nuas, exceto pelas botas pretas de botões, longas luvas de cetim preto e chapéus de palha com grossas fitas de gorgorão preto. Talvez trinta pessoas estivessem fumando e conversando na cálida luz de lanternas Fortuny, as mulheres usando vestidos de coquetel simples e elegantes, os homens usando ternos escuros.

— Uau! — exclamei para Yvette, e eu realmente estava impressionada. Ela sorriu, um sorriso genuíno.

— Gostou?

— Muito. Obrigada por me trazer.

— Então... daqui a pouco teremos o jantar, e, em seguida...

— E, em seguida... — Sorri de volta.

Yvette cumprimentou algumas pessoas que conhecia e as apresentou para mim. As mulheres usavam o formal "*vous*" e os homens se dobravam para beijar minha mão afetadamente. Nada daquela situação angustiante de confrontação de status por aqui, como houve no iate de Balensky — se a profissão de Yvette não era exatamente o que ela anunciava, e eu suspeitava que não fosse mesmo, isso não importava. A beleza era suficiente, e se não fosse pelas sombras, não haveria beleza. Poderíamos estar em um daqueles antiquados casamentos da alta sociedade, fazendo malabarismos com os canapés e mantendo uma conversa fiada, se não fossem os olhares confiantes nos medindo ao passarmos entre convidados e convidadas, o zumbido silencioso do radar do sexo. Uma das garçonetes fez soar um pequeno gongo anunciando o jantar, e todos nós marchamos obedientemente para dentro, através de uma antessala para uma escadaria. Julien apareceu e falou:

— As senhoras para cima, por favor, os cavalheiros à direita, por aqui. *Voilà, comme ça*. O jantar será servido em quinze minutos.

Fui seguindo Yvette até em cima, chegando a uma sala enorme com penteadeiras e luzes brilhantes, presidida por uma mulher vestida de preto, compacta e séria, a boca apertada e cheia de alfinetes.

— Ela é uma das mãos na Chanel — sussurrou Yvette.

Les mains, os artesãos e artesãs que costuram à mão as pérolas e penas na alta-

costura. Em torno de nós, as mulheres estavam tirando a roupa, dobrando-as e revelando caríssimas lingeries rendadas de seda, vestindo em seguida pesados quimonos bordados. O ar tinha ficado pesado com os aromas misturados de nossos perfumes. Enquanto as mulheres apertavam os cintos dos quimonos, aquela pequena "mão" mexia em uma cesta. As mulheres pareciam compridas e alienígenas, elevando-se sobre os ombros mirrados da "mão" em seus saltos altíssimos, como criaturas de uma espécie diferente, que suponho seria exatamente assim que a gente deveria se sentir. Com consideráveis murmúrios e comparações, a mulher prendeu uma roseta em um quimono, fixou uma flor em um coque ou em uma gargantilha, envolveu uma correia emplumada e joias em torno de um pulso. Depois de ficar me olhando por um bom tempo, ela mexeu na cesta de novo e tirou uma requintada gardênia branca de seda, tão perfeita que me deu vontade de sentir seu perfume.

— Abaixe-se.

Curvei minha cabeça e senti os dedos dela desarrumando e refazendo meu simples coque.

— Nada que a incomode, *mademoiselle*. *Très simple*. Sim, desse jeito.

Ela deu um passo para trás, inseriu outro alfinete, e se retirou.

— Muito bom.

Enquanto ela se afastava, eu me sentei em uma das penteadeiras. Meu cabelo estava torcido para cima, com a flor presa no alto. Eu recebi um quimono numa cor bronze escuro e com bordados brancos e cobalto, os pontos na seda recolhendo o brilho pálido das pétalas. A penteadeira parecia uma bancada da Sephora, com todos os tipos de creme e cosméticos. Peguei um pouco de algodão e removi toda a minha maquiagem, que parecia moderna demais para este ambiente, e a substituí por apenas um batom vermelho escuro. Meu reflexo no espelho parecia estranho, como se eu tivesse sido redesenhada por Ingres, e olhando em volta, notei que as outras mulheres tinham sido alteradas, também. Yvette usava um vestido escarlate com mangas largas até os cotovelos, os dois braços ligados por uma corrente de ouro cujos elos estavam entrelaçados por couro e penas de pavão, como se fosse a peia para um falcão. A mulher baixinha bateu as mãos algumas vezes pedindo silêncio, embora aquele quarto estivesse estranhamente quieto, as mulheres concentradas, nenhum riso, nem exclamações, coisas que geralmente acontecem quando as mulheres se vestem

juntas.

— *Allez, mesdames.* — A voz dela era autoritária, como se fôssemos um bando de colegiais sendo obrigadas a visitar um museu com alguma compostura.

Bainhas pesadas e saltos altos batiam e soavam sobre o assoalho. Atravessamos o corredor para um conjunto de portas duplas, o murmúrio vindo lá de dentro indicando que os homens já tinham chegado. O quarto estava iluminado com velas, havia pequenas mesas posicionadas entre sofás e cadeiras baixas. Os homens que esperavam estavam vestidos com grossos pijamas de cetim preto e casacos com botões e laços, o brilho do tecido combinando com suas camisas engomadas. Uma pesada abotoadura ocasional ou um elegante relógio de ouro brilhava à luz das velas, um monograma bordado ondulava sob um lenço de seda extravagante. Aquilo tudo teria parecido bobo, teatral demais, se os detalhes não fossem tão perfeitos, mas eu me sentia hipnotizada, minha pulsação lenta e profunda. Yvette estava sendo levada por um homem com uma pena de pavão presa no punho. Olhei para cima e vi outro homem se aproximando de mim, uma gardênia igual à minha na lapela.

— Então, é assim que são as coisas?

— Enquanto estivermos comendo, sim. Depois você pode escolher. *Bonsoir*.

— *Bonsoir*.

Ele era alto e magro, embora o corpo fosse mais jovem que o rosto, bastante severo e vincado, com cabelos grisalhos penteados para trás sobre uma testa alta e grandes olhos ligeiramente encapsulados como um santo bizantino. Ele me levou para um sofá, esperou enquanto eu me sentava e me entregou uma taça de cristal de vinho branco, claro e translúcido. A formalidade era arcaica, mas eu gostei da coreografia. Julien certamente apreciava o prazer da antecipação. As garçonetes, em sua maioria desnudas, reapareceram com pequenos pratos de minúsculos pastéis de lagosta, e, depois, peito de pato desfiado sobre um molho de mel e gengibre, e doces crocantes de framboesa e morango. Eram apenas sugestões de comida, nada para saciar a fome.

— As frutas vermelhas deixam o sabor da vagina de uma mulher muito mais delicioso — comentou meu companheiro.

— Eu sei.

As conversas eram tranquilas, mas as pessoas sobretudo observavam e bebiam, olhando umas para as outras e para os movimentos rápidos das

garçonetes, que tinham corpos de bailarinas; eram magras, mas com musculatura forte, as panturrilhas apertadas nas botas de cano alto. Um trabalho paralelo das meninas da companhia de balé? Vi Yvette ao longe, do outro lado da sala, sendo alimentada com um garfo de prata que espetava figos recheados de amêndoas; seu corpo deitado como o de uma serpente, uma parte da coxa escura apenas sugerida sob a seda vermelha. Solenemente, as garçonetes circularam pelo salão com apagadores de velas, diminuindo o brilho das luzes em uma nuvem de cera de abelha e, enquanto faziam isso, senti a mão do homem na minha coxa, circulando e acariciando, totalmente sem pressa, e uma resposta veio tensa entre as minhas pernas. As meninas arrumavam bandejas rasas contendo preservativos, pequenas garrafas de cristal de óleo de monoï lubrificante, servidos em pratos de bombons. Alguns dos casais se beijavam, felizes com os seus parceiros, outros se levantavam educadamente e atravessavam a sala para encontrar a presa que tinham escolhido anteriormente. A túnica de Yvette pendia sobre as pernas abertas, e a cabeça de um homem estava mergulhada ali. Cruzei meu olhar com o dela e ela sorriu, sensualmente, antes de deixar a cabeça cair entre as almofadas com o movimento de êxtase de um viciado.

As mãos santificadas alcançaram a minha boceta. Ele parou, desfez o nó do cinto de meu quimono e circulou meu seio com os dedos, torcendo o mamilo suavemente. Eu pensei sobre aquela pobre garota da noite passada, agachada e gemendo na cobertura.

— Que tal? Gosta disso?

— Sim. Eu gosto disso.

Gostei, de verdade. Gostei das mãos deslizando sobre meu corpo, tão liso como se estivesse molhado. Gostei da sua boca quando ele começou a lamber meu peito, minha barriga, os lábios da minha vagina, mudando daquelas lambidas trêmulas para estocadas firmes, úmidas, penetrantes. Abri minhas pernas um pouco mais.

— Vai mais fundo.

Ele veio para frente, ajoelhado no chão, uma das mãos ainda me acariciando, os olhos à mesma altura dos lábios abertos de minha vagina. Ele trabalhou com um dedo dentro de mim, dois, depois três, me abrindo totalmente, a língua não abandonava o clitóris. Fechei os olhos, mas assim ainda não estava bom. Eu

queria mais.

— Você está com algum amigo?

— Certamente. Vem comigo.

Ficamos em pé, ele pegou a minha mão e olhamos em volta. O salão estava cheio de corpos agora, torcendo-se e se misturando, com suspiros de prazer e demandas abafadas debaixo da pele. Ele acenou com a cabeça para um homem debruçado sobre uma morena com pele cor de baunilha; ele a ergueu e a boca da morena procurou a da mulher ao lado dela, uma loura, os cabelos das duas se misturando enquanto se beijavam, as mãos tateando por outro homem que tirava o paletó enquanto se sentava entre elas.

Mesmo sob a fraca iluminação da sala, o amigo do santo bizantino parecia bem desgastado, bastante pálido, a camisa com as iniciais em monograma escorregando um pouco por uma barriga que estava começando a crescer.

— *Mademoiselle* precisa de ajuda.

Se eu não estivesse com tanto tesão, eu teria rido nesse momento. Quando essa gente iria parar com essas falsas maneiras de fim de século?

Ele pegou a minha outra mão, e caminhei cuidadosamente para evitar que os saltos se enfiassem na barra do meu quimono enquanto os dois me conduziam através de um pequeno e escuro vestiário feminino, atravancado com um divã baixo, iluminado apenas com um castiçal de haste. Um queimador de incenso lançava um perfume intenso de canela e *musk*, tiras de couro estavam penduradas no teto, como os tentáculos de uma videira. Eu peguei uma delas, segurando-a entre as palmas das mãos, sentindo o comprimento das minhas pernas, meus seios tensos e eretos se apertando contra a seda fria, sabendo que eu era desejável, sabendo que eu era poderosa. Acenei com a cabeça para o santo bizantino e ele ficou bem atrás de mim, atrapalhando-se por um momento com o preservativo, e em seguida dentro de mim, duro, firme, muito confiante, as mãos espalmadas em minhas nádegas, empurrando firme.

— Você gosta disso?

Assenti para o santo bizantino, procurei meu clitóris com meu dedo, fechei os olhos e me perdi nos movimentos daquele homem dando fortes estocadas em mim. As mãos do segundo homem estavam acariciando minhas costas, a parte interna das minhas coxas. Eu apertei os músculos de minha vagina, esmagando meu polegar contra meu clitóris, ondas vermelhas e escuras bem no centro de

mim, mais fundo, mais duro. Eu gozei, empurrando meus quadris para baixo sobre seu pênis, e senti a onda de seu próprio orgasmo antes que eles trocassem de lugar.

— Você quer foder um pouco mais?

— Claro.

— Qual é o seu nome?

— Eu não tenho nome.

— Eu quero foder seu rabo. Posso?

O santo bizantino estava apoiado sobre um cotovelo. Ele entregou-me um pequeno prato de porcelana com um lubrificante e inclinou-se para a frente, observando-me avidamente.

— Vá em frente.

Eu respirei fundo e mordi meu lábio, preparando-me para o primeiro e rápido golpe de dor. Ele era a perfeição, obviamente orgulhoso de seu tesouro inesperado, e penetrou com habilidade, sem puxar para trás até que estivesse completamente dentro, seus dedos trabalhando profundamente em minha boceta até que descansaram contra a parede que os separava de seu pau. Eu gemi um pouco, empurrei-me para trás e comecei a esmerilá-lo, respondendo à pressão. Eu me sentia cheia, completa, lotada. Eu queria que ele me fizesse gozar antes dele próprio. Amei isso. Amo ser penetrada por um pau duro; gosto ainda mais no rabo sem camisinha, o bálsamo do esperma me invadindo depois da primeira estocada ardente da abertura. Ele me deu um tapa forte nas nádegas com a palma da sua mão.

— De novo — senti o sangue fervendo em minhas veias, meus nervos deliciosamente aguçados.

Ele sabia o que eu queria, e fez de novo, colocando-se totalmente nisso desta vez, e eu cambaleei e girei presa na minha tira de couro.

— Assim?

— Sim, sim, é isso o que eu...

A bofetada veio do nada, um soco de boxeador na mandíbula. Senti as minhas pálpebras vibrarem.

— E disso?

— Sim, obrigada.

— Abra mais as pernas, isso, boa menina, assim mesmo.

Meu cabelo estava caindo no rosto; ele o enrolou ao redor de seu punho, puxando minha cabeça para trás, dando um puxão enquanto ele enfiava, e senti que seu pau estava avançando até o fundo do meu corpo. Ele foi fantástico. Coloquei dois dedos dentro de mim, sentindo aquela cabeça intumescida através da parede fina de carne. Ele me bateu até que gozei, uma vez, duas, três vezes. Eu estava suando, largada como uma marionete quebrada presa à cinta de couro. Ele me empurrou para frente e prendeu as correias debaixo dos meus braços, me prendendo, me comendo o tempo todo. Depois, ergueu minhas coxas ao redor da vasta cintura dele, um braço apertado contra as minhas costelas, de forma que eu ficasse suspensa contra ele, e esse ângulo levando-o ainda mais fundo dentro de mim. Eu não conseguia tirar meus dedos do clitóris; e já tinha parado de contar, nesta altura. Estava ofegante, rosnando, querendo que ele gozasse em mim, que me inundasse, mas, de repente, senti que suas mãos estavam soltando meus pulsos das tiras de couro, me baixando ao chão, de pernas abertas, levando-me ao divã onde o santo bizantino estava deitado de costas, esperando por mim, novamente pronto. Ele me penetrou. E eu estava tão molhada que o primeiro impulso o levou com velocidade e tão profundamente que me fez gemer, então me sentei para trás e encontrei o ponto ideal, montando-o com a minha cabeça curvada para trás, a voz de seu amigo ritmicamente sussurrando em meu ouvido, "sim, assim mesmo, minha querida, tome esse pau, tome esse pau aí dentro de você", até que eu gozei enquanto o sentia se contorcer e dar tudo dentro de mim, e depois me virei para fora dele, melada de suor por baixo de meu quimono. O amigo veio nos trazer um copo, encheu a boca com vinho, me puxou em direção a ele para que eu pudesse chupar de seus lábios, o frescor da bebida se espalhando através de meus pulmões. Peguei cigarros de um maço em uma mesa lateral e acendi um para cada um. O amigo pegou a minha mão, girou-a até que o pulso ficasse exposto a seu beijo, e depois caminhou para a sala de estar. Fiquei descansando recostada ao peito do santo bizantino enquanto fumávamos, a mão dele brincando gentilmente com o meu pescoço. Estava me sentindo gloriosa, como ouro derretido por dentro. Ele recolheu as bitucas e curvou-se para jogá-las fora, me liberando. Dei um beijo de leve no canto de sua boca cheirando a tabaco, arrumei meu cabelo, prendendo de novo a flor que tinha caído.

— *Ça a été?*

Inclinei-me e coloquei minha boca em sua orelha.

— Obrigada. Você foi fantástico, mas agora estou ocupada.

— Vá em frente, querida. Divirta-se.

Então eu fiz isso. Até que me senti... qual é a palavra certa? Satisfeita. Quando Yvette e eu saímos de mãos dadas pela calçada, várias horas mais tarde e mil euros mais pobres, senti uma onda de afeição por ela, gratidão por ela ter me dado exatamente o que eu precisava. O cartão de Julien estava na minha bolsa, junto com a flor de seda esmagada.

— Podemos ir até a avenida e procurar um táxi.

— Acho que vou de metrô, ainda está funcionando.

Nós estávamos estranhamente sóbrias e amigáveis, como se aquilo que tínhamos acabado de fazer tivesse acontecido em um sonho, muito longe de nós. E eu fiquei com vontade de fazer alguma coisa por ela.

— Eu lhe empresto o valor da passagem. Desculpe se não tenho notas de valor menor, depois você me dá o troco.

Coloquei uma nota amassada de quinhentos euros em sua mão. Os sinos da Sacré-Cœur soaram três badaladas. Estávamos passando em frente a uma padaria que estava derramando uma luz amarela na rua e o doce e espesso aroma de manteiga e farinha quando acendem os fornos.

— Tire os sapatos.

— O quê?

Dei uma olhada rápida através da porta, apanhei alguns pães quentes de chocolate e atirei-os dentro da bolsa, voando farinha para todos os lados.

— Café da manhã. Corra!

Descemos correndo a Rochechouart descalças, impulsionadas pela descida até que não pudemos parar, Yvette começou a rir e eu também, os vestidos esvoaçando ao redor dos joelhos, até que a corrida e as risadas fossem as mesmas, e em algum lugar acima de nós uma voz de homem gritou o que estava acontecendo, o que nos fez rir ainda mais e correr, até que uma agarrou a outra no final da rua, ofegantes e esfregando os olhos. A água do canal girava púrpura; nós nos sentamos na calçada com os pés doloridos na corrente suja e enfiamos punhados de massa recheada de chocolate na boca, cuspindo e engolindo, chupando a manteiga dos dedos.

Capítulo vinte e dois

PASSARAM-SE ALGUNS MESES até que o vi pela primeira vez, no café da esquina da Place du Panthéon. A partir do momento em que pus os olhos nele, senti algo estranho. Não havia nenhuma razão para isso; ele era apenas mais um cliente em outro lugar agradável de Paris. Durante o verão pegajoso em Paris, eu tinha criado uma rotina de começar meu dia lá, depois de correr algumas voltas no Luxemburgo e de uma ducha; era uma curta caminhada desde a rua l'Abbé-de-L'Épée, com uma vista fantástica, até o monumento à direita e para baixo e aos jardins do lado esquerdo. Estava sempre cheio de estudantes universitários, amontoados sob uma nuvem abafada de Malboro Lights no terraço fechado de fumantes, não daqueles tipos modernos, mas boêmios burgueses dos sexto e sétimo distritos, a riqueza sutilmente visível na sua tez, nas voltas dos colares, as meninas de cabelos lustrosos escondidos em lenços *vintage* Hermès. Nunca deixei de ter o prazer de sentir o quanto eu fazia parte daquilo, embora eu nunca tenha conversado com eles. Algumas vezes um dos rapazes acenava para mim com a cabeça, ou eu trocava "*Saluts*" com algumas das garotas, mas isso era tudo. Eu não poderia ter esse tipo de amigos, mesmo que quisesse.

Quando você é ninguém de lugar nenhum, a melhor coisa é saber seus limites. Garotos ricos podem brincar na boemia, mas a riqueza tem tentáculos longos — que, se entrelaça seus filhos em uma rede de segurança, também pode ser uma armadilha para os despreparados. Crianças ricas têm famílias e origens e conexões, fazem perguntas, porque seu mundo funciona em ser capaz de colocar as pessoas nos devidos lugares. Eu não poderia me expor a isso. Ainda assim, pedi a minha *grand crème* e *orange pressé*, e depois de algum tempo o garçom trouxe meu pedido sem fazer perguntas, com aquela eficiência familiar parisiense que me fez sentir novamente, e agradavelmente, que pertencia àquele lugar. Eu costumava levar comigo alguns catálogos de leilões, assim como um exemplar de *Pariscope* para recuperar o atraso em shows e exibições privadas, e o *Le Monde* para

ter assunto para as conversas. Claro, todos os dias eu fazia uma varredura nos jornais online por questões de segurança.

Ele não se destacou imediatamente em meio à multidão das pessoas da manhã; acho que podem ter passado muitos dias antes de eu me tornar consciente de sua presença. Mas, novamente, quando o fiz, meu corpo registrou uma tensão que percebi que tinha estado lá por algum tempo. Não devia ser um advogado ou um banqueiro, mas um daqueles empresários franceses desajeitadamente vestidos cujos paletós eram sempre muito "quadradões", e as gravatas brilhantes demais para um país com a reputação de ser chique. Um funcionário público ou um gerente-júnior de algum tipo. Sua camisa azul tinha um monograma sobre uma barriga proeminente que parecia recentemente adquirida, a gordura de um homem ativo que está muito ocupado ou que não é mais amado a ponto de ainda se importar com o corpo. As camisas eram baratas, com botões nos punhos, as iniciais costuradas provavelmente feitas a pedido em alguma lavanderia. Comecei a vigiá-lo. Sem aliança de casamento, sapatos ruins, normalmente um exemplar do *Le Figaro*. Ele pedia um expresso duplo que vinha com um copo de água que nunca bebeu. Parecia que sua respiração era seca e envelhecida. Quanto tempo demorou antes que eu percebesse que aquele homem estava me vigiando?

No começo, presumi simplesmente que ele estivesse me admirando. E não mostrei que tinha percebido com meus olhos ou com um aceno de cabeça — esse cara não fazia o meu tipo. Depois, pensei que estivesse a fim de mim — o homem estava lá na hora em que eu chegava, e continuava em sua mesa até que eu tivesse fumado meu cigarro depois do café da manhã, juntasse as minhas coisas e colocasse 6,5 euros no pires. Comecei a olhar por sobre meus ombros enquanto saía pela porta e virava à direita na praça. Seus olhos estavam sempre em mim, pairando no horizonte de seu jornal dobrado. Então eu fiquei com medo. Tirei uma foto dele com meu celular enquanto fingia que estava dando um telefonema e a estudei mais tarde. Continuava dizendo a mim mesma que era apenas uma precaução. Nada. Uma cara completamente sem graça, ninguém que eu reconhecesse. Apenas um maluco sentimental de meia-idade com uma paixão secreta por uma menina com cabelos arredios e bom gosto para jornais.

Eu soube que esse sujeito estava me seguindo quando saí para ir à loja de conveniência árabe, na esquina da minha rua, para comprar cigarros à noite e o

vi no ponto de ônibus na direção da avenida, ainda lendo a sua merda de jornal. Tentei dizer a mim mesma que era uma coincidência — afinal, esta é Paris, uma cidade de bairros, onde as pessoas reconhecem as outras por morarem em seu mesmo quarteirão. Ele poderia perfeitamente viver por aqui, em um estúdio de 23 metros quadrados, com uma enorme TV de tela plana e as fotos dos filhos de seu divórcio em uma estante Ikea. Mas eu sabia. Naquele minúsculo décimo de segundo de reconhecimento, os monstros invadiram, rindo e balbuciando, beliscando a minha carne gelada com seus dedos decepados. Ele me viu, e na linha da sua visão, vi as paredes que eu tinha tão cuidadosamente construído em torno de minha vida de repente se desintegrarem, sua solidez tornando-se intangível como o ar.

Senti-me caçada. Fiquei com uma vontade louca de correr até a outra calçada e empurrá-lo em cima dos carros que passavam. Claro que não o fiz. Entrei na loja e me demorei, comprando algumas coisas de que não precisava, como detergente, goma de mascar, um pacote de panos de chão, levei bastante tempo procurando moedas, trocando educadamente impressões sobre o dia com o filho do casal, os donos da loja. Quando olhei pela rua ao sair, um ônibus estava se afastando da parada, mas o homem ainda estava lá. E se estivesse esperando alguém, se tivesse marcado um encontro justamente ali? Não. Esse cara estava esperando apenas por mim. Tentei manter a respiração controlada, mas não pude evitar dar uma espiada em volta enquanto pressionava o teclado com meu código da porta. Falei "*Bonsoir*" para a *concierge*, embora tivesse acabado de fazer isso quando saí, deixando o homem saber que outro ser humano estava lá, para o caso de ele estar espreitando atrás de mim, no crepúsculo. Entrei no apartamento, deixei o saco plástico cair no chão e encostei-me à parede. Não acendi a luz. Quem quer que fosse, o que importava isso? Eu poderia chamar um táxi e ir para o aeroporto agora mesmo.

Todos os dias, depois de ter verificado as notícias internacionais no meu laptop, fazia uma checagem na mochila de couro que tinha comprado de um vendedor ambulante tunisiano. Cinco mil euros em dinheiro, o mesmo em dólares americanos, cuidadosamente trocados em notas de valor baixo no albergue de turistas no Quartier Latin, cada pacote enrolado em meias de algodão. Algumas mudas de roupa, produtos de higiene pessoal, um par de livros de bolso, um Rolex de aço ainda em sua caixa alguns brincos vistosos de ouro no

caso de eu me ver em algum lugar onde o dinheiro não funcionasse, fotocópias de meus documentos e os papéis das pinturas. Não era a maleta de um fugitivo profissional, mas achei que resolveria.

No entanto, estava com aquela sensação doentia de que, onde quer que pegasse um avião, eu me viraria, assim que o sinal de prender o cinto de segurança apagasse, e veria o homem me observando. Pare. Isso é insano, estúpido. Se esse cara estava me seguindo, era porque desejava alguma coisa. É sempre assim, desejo e falta. Procure o espaço entre eles, Judith. Peguei meu celular e procurei a foto que eu tinha tirado, percorrendo minha memória ao mesmo tempo, confiando na minha excelente capacidade de lembrar rostos. Ainda nada. Servi-me de um conhaque, acendi um cigarro. Meu telefone piscou silenciosamente para mim, enlouquecedor. Quem você vai chamar quando está sozinha no meio da noite? Ninguém, você vai telefonar para ninguém.

O som da campainha da rua era tão alto que parecia que sua fiação estava ligada diretamente aos meus tendões. Apaguei o cigarro, coloquei cuidadosamente o copo no chão e me arrastei até a janela. Uma das coisas que eu amava sobre o apartamento era o recesso da janela nas paredes grossas do século XVIII; eu podia me inclinar sobre a almofada, apertando os olhos para enxergar o pátio, tentando ver alguma coisa, e sem sequer mostrar a silhueta. A campainha tocou de novo. Tive tempo para contar até dez antes de sentir, mais do que ouvir, o baixo pulso elétrico da trava da porta. Ela clicou, abrindo-se pesadamente para trás. Ele tinha entrado. Vi sua forma na entrada, delineado sob a claridade da TV da *concierge*. Era impossível saber o que o homem estava dizendo. Então, vi a *concierge* resmungar com o máximo de mau humor, levantar-se de sua cadeira confortável e passar pela porta, atravessando o pátio em direção à escada. Prendi a respiração. Ela pisou fortemente ao subir as escadas; podia ouvi-la resmungando para si mesma em português. Ela tocou a campainha na minha porta. Fiquei me segurando, tensa como um gato antes de atacar. Mais um zumbido da campainha, então ouvi seu peso recuando, em seu desleixado Dr. Scholl's, um rangido no corrimão, e ela reapareceu, voltando para onde o homem a esperava. Vi quando a mulher sacudiu a mão desdenhosamente, balançando a cabeça. Vi quando o homem andou de volta para o pátio, cuidadosamente, situando-se diretamente sob a luz de segurança para que seu rosto ficasse invisível. Mas dava para sentir que ele estava olhando,

me procurando. Depois, agradeceu à *concierge*, apertou o botão iluminado de saída perto da porta da rua, e então se foi.

Levei algum tempo para ficar em pé de novo. Sentia-me como uma velha acabada. Fechei a porta do banheiro antes de acender a luz e tomei um longo banho, tão quente quanto poderia suportar, passando o sabonete no corpo mecanicamente, depois a esponja de esfoliação, depois o óleo, esfoliante, xampu e condicionador. Raspei minhas pernas e axilas, apliquei uma máscara hidratante, passei alguns minutos esfregando cremes para o corpo, o óleo monoï onde importava, desodorante, perfume. E me maquiei — base, corretivo, blush, gel na sobrancelha, delineador, rímel, e sequei o cabelo. Nada disso impediu minhas mãos de continuarem tremendo, mas esse ritual me acalmou o suficiente para me deixar pensar. Escolhi um vestido trapézio cinza curto da A.P.C., meias pretas, botas até o tornozelo, um lenço de seda, pingentes de diamantes e minha capa de chuva Vuitton. Chamei um táxi, bebi um copo de água enquanto eles mandavam um carro até meu prédio, tranquei a porta, perdi as chaves dentro da minha bolsa e voltei para confirmar que tinha trancado a porta.

A *concierge* ainda estava grudada na TV, assistindo a uma telenovela brasileira. Uma mulher com seios esculpidos e nádegas estufadas vestindo um terninho executivo risível estava gritando em português com um homem de bigode e cara culpada. Toda vez que ela gritava, você via o aparelho de TV tremer.

— Com licença, senhora. Sinto muito incomodá-la, mas tem alguma mensagem para mim?

Sim, um homem me procurara, ele não deu o nome, não se sabe para que servem esses celulares, a *concierge* queria saber, perturbando as pessoas de noite, não, não tinha nenhuma mensagem, mas ele tinha procurado por mim pelo meu nome, *mademoiselle* Rashleigh, não que a *concierge* tivesse nada melhor para fazer do que ficar subindo e descendo a escada durante a noite, não, certamente não havia nenhuma mensagem, não falou se telefonaria de volta e se ele fizesse isso, poderia ligar diretamente para a *mademoiselle*, por favor, é assim, não é, as pessoas não têm mais educação. E continuou assim sem parar, até que pedi desculpas e nós concordamos que as pessoas andam mesmo sem nenhuma consideração pelas outras, até que o táxi buzinou impaciente na rua e eu saí apressada em meio a "*vous*" e despedidas.



Ainda era cedo, logo após a meia-noite, quando cheguei à rua Thérèse. Eu tinha visitado essa boate sozinha várias vezes desde a festa no sobrado, e gostei da forma como a coisa funcionava. A política de Julien na porta era democrática, equilibrando os dois poderes que importavam no mundo da noite — dinheiro e beleza. Quanto mais bonita você fosse, menos você pagaria, embora a conta colocada discretamente nas mãos dos clientes quando iam embora fosse de fazer chorar. As despesas compravam o sigilo: La Lumière era conhecida por ser frequentada por algumas figuras surpreendentemente respeitáveis, embora, apesar disso, ou talvez por causa dessa notoriedade, nunca houvesse nenhum repórter ou fotógrafo espreitando do lado de fora da porta preta. Mas, do lado de dentro, a coisa era totalmente diferente. Enquanto fui até o bar e pedi um conhaque terrível (o conhaque nesses lugares é sempre terrível), notei que as banquetas tinham sido revestidas com pele de zebra, e me perguntei, como sempre fiz, o que veio primeiro, a decoração ou o instinto. Os europeus estão programados para associar pele de animal e tinta vermelha e couro preto com sexo, ou é apenas um hábito? Embora dificilmente se poderia imaginar um clube de *ménage à trois* decorado em tons neutros de bom gosto.

Não havia nenhum sinal de Julien no bar, então eu saí do banco e atravessei a pista de dança em direção à câmera escura. Vários grupos de pessoas já estavam reunidos nos divãs. Uma morena magra estava envolvida em uma cadeia complexa com três caras, um em sua boca, um atrás, um por baixo, o ofegar constante de seus gemidos de prazer pingando por entre as paredes brilhantes. Os murmúrios e suspiros eram indecorosos, porém, sem ostentação; a clientela aqui não se preocupava com desempenho. Um homem jovem, muito jovem, olhou para mim com expectativa, cabelo cor de café caindo pelos lados da linha firme de sua mandíbula. Sul-americano, talvez? Não teria importado de onde ele era, mas não tinha tempo para isso nesta noite. Relutantemente, neguei com a cabeça e segui pelo corredor, passando pelos vestiários individuais, as portas baixas laqueadas de preto escondendo chuveiro, espelho e produtos de higiene pessoal Acqua di Parma. Eu encontrei Julien no bar ao fundo, que acenou para mim ao me reconhecer enquanto me aproximava.

— Não vou ficar lá embaixo hoje — expliquei. — Você tem um momento? Gostaria de lhe falar.

Julien parecia perplexo e um pouco ofendido. Não era essa a norma. Mas notei que ele não pareceu surpreso, também. Segui-o de volta para o pequeno saguão com cortinas de veludo. Inclinei-me no balcão, deixando-o entrever as notas de quinhentos euros enroladas em minha mão enluvada de negro.

— Sinto muito incomodá-lo — esta era obviamente uma grande noite —, mas eu preciso saber: por acaso alguém esteve aqui procurando por mim? Um homem? É muito importante.

Julien demorou-se um pouco antes de responder, saboreando a minha atenção.

— Sim, *mademoiselle* Lauren. Um homem veio procurar por você. Ele tinha uma fotografia.

— Uma foto?

— Sim, de *mademoiselle* e de outra jovem.

— Como era essa moça, a outra...?

— Não saberia dizer, *mademoiselle*.

Entreguei uma nota.

— Pensando melhor, a jovem tinha um cabelo incomum. Cabelo vermelho?

Leanne. Porra. Tinha que ser Leanne.

— E o homem? Você lhe disse que me conhecia?

Os olhos de Julien estavam focados na segunda nota. Fechei os dedos ligeiramente.

— Naturalmente, *mademoiselle*, eu disse a ele que nunca a vi antes em minha vida.

— Ele disse alguma coisa? Qualquer coisa?

— Não. Nada. Ele foi muito correto.

Eu liberei o dinheiro, que ele embolsou rapidamente enquanto segurava o meu olhar.

— Gostaria de deixar um número? Eu posso lhe avisar se ele aparecer de novo.

Gostaria de saber com quem Julien achava que estava brincando. E me perguntei quanto o homem tinha lhe dado. Havia um leve ruído de música vindo do porão, o som de saltos de uma mulher que atravessava o salão. Lá embaixo, era tão fácil deixar as pessoas verem quem você realmente era, isso era o

que tornava tudo tão leve. Nós dois sabíamos disso, Julien e eu. Ele negociava as diferenças entre esses dois mundos. E eu não poderia jogar sua avidez na cara dele.

— Não, não, obrigada. Talvez a gente se veja novamente um dia.

— É sempre um prazer, *mademoiselle*.

Caminhei lentamente em direção ao rio, atravessei o Louvre para o cais. Sempre tão absurdamente bonita, Paris. Eu não tinha comido, mas não estava com fome. Liguei para Yvette, que não respondeu, porque ninguém mais realmente atendia seus telefones, mas ela retornou a chamada em poucos minutos.

— Ei, *chérie*.

Nós não tínhamos conversado há séculos, desde a festa no sobrado, mas todo mundo é um querido no mundo de *la nuit*. Havia música e conversa em voz alta no fundo. Ela estaria fora em alguma área de fumantes, lotada sob as luzes feéricas ao lado do aquecedor que zumbia.

— Eu preciso de um favor. Você pode me passar o número do Stéphane, por favor?

— Stéphane? Você vai fazer uma festa?

— Sim. Algo parecido. Uma coisa privada.

— Que máximo. Divirta-se. Beijo, me liga, *chérie*.

Eu esperei até que a mensagem de texto chegasse, e depois teclei a minha.

"Sou amiga de Yvette e preciso de um pequeno favor. Por favor, você pode me ligar neste número? Obrigada."

Eu não poderia enfrentar o apartamento ainda, então virei à esquerda e fui para Le Fumoir. Stéphane demorou cerca de uma hora para responder, e nessa altura eu já tinha bebido três Grasshoppers e estava me sentindo mais igual ao mundo.

— Você é a amiga de Yvette?

— Sim. — Duvidava que ele fosse lembrar-se de mim da boate há tanto tempo, mas é melhor ser outra pessoa, manter mais distância. — Meu nome é Carlotta. Obrigada por retornar minha ligação.

— Então, você precisa de alguma coisa?

— Sim. Para uma amiga. Mas não o habitual. Algo... marrom? — Meu francês não estava bem atualizado com esse tipo de coisa. Eu me senti meio cômica.

Ele hesitou.

— Entendo. Bem, eu poderia conseguir isso para você. Mas não hoje à noite.

— Amanhã à noite está bom.

Concordamos que ele encontraria a "amiga da Carlotta" às oito no café do Panthéon. Não me preocupei que o meu amigo leitor do *Le Figaro* estivesse lá, também. Eu achava que ele já teria empacotado as suas coisas e pegado o primeiro trem de volta para Londres, ansioso para entregar seu relatório ao seu contratante. O homem tinha me encontrado, tinha confirmado meu nome e endereço. Com essa foto de mim e Leanne, só podia ser de Londres. Alguém em Londres estava tentando me encontrar. Eu estava lamentando os Grasshoppers agora. Precisava pensar de forma clara.



Obriguei-me a acordar às seis, nervosa e agitada. Minhas roupas de corrida estavam ao lado da cama, sem desculpas. Tinha começado a chover no momento em que estava chegando em casa, mas agora o sol de outono estava dourado no céu e a cidade parecia mais limpa, mais luminosa. Já estava me sentindo melhor na segunda volta no Luxemburgo, corri mais um pouco, fiz alguns alongamentos na grama úmida. Corri lentamente de volta para a rua l'Abbé-de-L'Épée, passando por cima do programa de meu dia. Fui até o décimo, onde as lojas se especializam em cabelo das senhoras africanas, ao longo de Belleville, fui a uma farmácia, parei em um café para algumas pesquisas, passei na Nicolas para uma garrafa de vinho, uma consulta médica para fazer. Isso tomaria a maior parte do meu tempo. Eu iria me dar uma hora para tomar banho e me arrumar para me encontrar com Stéphane.

O comércio de drogas tinha mudado desde a última vez que eu comprara algo em Toxteth, na Inglaterra. Para começar, Stéphane era branco. Eu me coloquei do lado de fora apesar da forte umidade que se seguiu a um dia perfeito de outono, mas quando ele parou em sua elegante Lambretta *vintage*, não o coloquei imediatamente no meio da multidão mais comum nesse mundo. Magro e com uma cara honesta, com um corte de cabelo dos anos oitenta e pesados óculos de armação preta, ele estava fazendo o seu melhor para não parecer um

traficante. Eu o vi examinando a multidão lentamente sob o toldo, e me ergui um pouco, para que o cabelo captasse a luz. Era horrível, aquela peruca, mas foi o melhor que consegui, enroscando o que pude em um coque bagunçado para torná-la mais natural, envolvendo o meu grande lenço Sprouse bem apertado no meu pescoço para que ele cobrisse a nuca. Eu estava vestida casualmente, mas propositadamente supermaquiada, e conversamos em inglês. Fiquei imaginando como seria convincente a minha antiga língua depois de tanto tempo, mas achei que Stéphane não teria uma opinião muito precisa sobre isso. Ele sentou-se e esperou até que seu pedido de um expresso fosse feito, então colocou um maço de Camel Lights sobre a mesa, ao lado de meu Malboro Gold. Sorriu encorajadoramente — será que ele me achava bonita, de verdade?

— Então, você conhece Yvette? — perguntou.

Relaxei, sem preocupação de que o rapaz tivesse me reconhecido.

— Um pouco. Carlotta é a minha amiga.

Nós nos sentamos por alguns momentos em silêncio.

— Bem, divirta-se. Quer meu telefone?

— Claro.

Gravei o número em meu celular.

— Não vou ficar por aqui por muito tempo, mas nunca se sabe.

— Tudo bem. Adeus, então.

— Adeus.

Ele deu a partida na Lambretta enquanto checava seu telefone, sem dúvida para a próxima entrega. *Ele provavelmente tinha um aplicativo também*, pensei. Esperei até que tivesse desaparecido a distância, então abri caminho até um banheiro e soltei o cabelo. Parecia assustador aquela peruca enfiada em minha bolsa, mas se havia uma chance de ver Leanne no meu caminho de casa, eu não podia arriscar.



Se você tivesse me perguntado como eu sabia que Leanne ia aparecer, não saberia como responder. De alguma forma, eu sabia que era a coisa óbvia a acontecer. Se Da Silva fosse me prender, ele teria apenas feito isso, e não me dado a chance de

desaparecer. Assumindo que meu novo amigo tivesse alguma ligação em Londres, e levando em conta a menção de Julien ao cabelo, Londres significava Leanne. Ela não apareceu até depois das dez, e nessa altura eu já estava começando a duvidar de mim mesma. Comecei a me sentir mal; talvez toda aquela minha certeza sobre Da Silva estivesse errada. Tinha tomado banho e vestido pijamas brancos, masculinos, da Charvet. A *concierge* tinha sido presenteada com um monte de crisântemos de celofane, para amenizar o inconveniente de levar algum convidado ao meu apartamento tarde da noite. Acendi algumas velas, servi-me de uma taça de vinho tinto, coloquei um concerto de piano de Mozart para tocar, o número 21, deixei o último romance de Philippe Claudel aberto no braço do sofá. Uma noite tranquila e encantadora, essa que eu estava tendo. Campainha, vozes, campainha. Vozes, os saltos nas lajes do pátio, *"Allez-vous par là"*, tlec, tlec nas escadas, campainha.

— Meu Deus! Leanne! Que surpresa! Entra, entra. Tem o quê..., mais de um ano? Faz um século! Você está ótima! Entre.

Na verdade, eu estava feliz por notar que ela não parecia tão ótima assim. Estava magra, mas seu rosto estava pálido e inchado, um bocado de manchas no queixo fortemente apagadas com corretivo. O cabelo ainda estava loucamente vermelho, mas as luzes douradas tinham desaparecido, deixando a pele ainda mais embotada. Ela carregava a bolsa Chanel que tinha comprado em Cannes, mas estava muito usada agora, o casaco era dessas redes de lojas populares e as botas estavam desgastadas nas pontas.

— Olha só isso! Fabuloso.

— É só alugado.

Segui os olhos dela ao redor da sala. Ela não saberia que o sofá preto liso era Thonet, ou que o desenho de Cocteau era verdadeiro, mesmo que algum dia tivesse ouvido falar em Cocteau, mas enquanto seguia seu olhar, percebi com prazer que meu apartamento transbordava bom gosto, e dinheiro para fornecê-lo.

— Mesmo assim, parece que você está se dando muito bem.

Baixei os olhos.

— Você se lembra daquele cara com o iate. Steve? Bem, nós temos visto um ao outro desde então, começando e terminando. Ele tem me ajudado. E eu tenho um novo emprego, um trabalho adequado como negociante de arte. Então... está

tudo bem.

Ela estendeu os braços e me puxou para um abraço cheirando a Candy, da Prada.

— Que bom para você, Jude. Que bom! — Ela de fato parecia que queria mesmo dizer isso.

— Vamos beber alguma coisa. Teria comprado Roederer se eu soubesse que você estava vindo. — Sorri.

Acenei para minha taça cheia, fui buscar uma para ela no armário, e a servi. Leanne tomou um longo gole e procurou em sua bolsa pelos cigarros. Sentei-me com ela no sofá e acendemos.

— E como você está? Ainda na boate?

— Sim, mas estou um pouco cheia disso.

Sua voz estava sem emoção, vazia; de alguma forma, isso a fazia parecer meio velha, sem aquele brilho anterior.

— Quando você chegou? E como você veio parar em Paris?

— Um cara da boate. Ele me convidou para um final de semana, entende?

Eu respondi com vivacidade.

— Legal! E você está em um lugar agradável?

— Ah, sim, muito. Alguma coisa La Reine, sabe? Naquela praça?

Perfeito; ela pensou que eu estava caindo na conversa.

— E daí, eu soube que você estava por aqui e resolvi dar uma passada...

— Soube que eu estava aqui... Certo.

Eu deixei o silêncio assentar entre nós até que ela olhou para mim suplicante, se debatendo.

— É muito bom ver você — murmurou ela. — A gente se divertiu, não é? Em Cannes?

— Pois é, foi mesmo.

O *Concerto para piano número 21* é um pouco óbvio demais para quem tem um gosto mais exigente, mas existe algo na tensão dele, o espaço que paira entre as notas, que me faz sentir uma dor... Atravessei a sala com meus pés descalços, desliguei meu telefone de onde ele estava carregando, deixei que ela visse que eu o estava desligando. Sem dizer nada, Leanne pegou o dela e fez o mesmo. Eu estendi minha mão e ela me deixou levá-lo, como se estivesse hipnotizada. Coloquei-os lado a lado na mesa. Sentei-me na outra extremidade do sofá, tomei

um gole de meu vinho, dobrei minhas pernas debaixo de mim, e me inclinei para a frente.

— Leanne. Por favor, me diga por que você está aqui. Isso, obviamente, não é uma coincidência. Como você soube que eu estava em Paris, e até onde moro? Você está com problemas? Posso ajudar?

Eu podia vê-la pensando exatamente o quanto iria me contar, comparando com o quanto achava que eu sabia. O que, neste momento, era praticamente nada.

— Leanne. O que há? Não posso ajudá-la se você não me contar.

Eu não perguntei mais nada. Ficamos ali sentadas no sofá como se fôssemos uma terapeuta e uma paciente, até que a música chegou ao seu equilibrado final prolongado.

— Teve um cara que veio fazer perguntas na boate. Ele tinha uma foto sua. Era a foto do seu crachá, do lugar em que você costumava trabalhar.

Falei com uma voz mais dura.

— E o que você disse a ele?

— Nada, eu juro. Eu fiquei muda. Olly a reconheceu, mas disse que a foto não se parecia com Judith. Tudo que eu disse foi que você tinha ido embora. Nada mais, eu juro.

— Por que você precisa jurar? Qual o problema?

— Eu não sabia. Eu pensei que era sobre, bem... você sabe... sobre James... Daí continuei sem falar nada. Mas tinha essa outra menina, tinha começado na boate algumas semanas antes, depois que você saiu. Ashley. Loura, muito alta? Ela disse que conhecia você.

Ashley. A prostituta da festa na Chester Square. *Quelle foda horrible surprise*. Olhei para Leanne, que estava em seu segundo copo, fumando um cigarro atrás do outro. Eu senti pena, então. Eu acreditei nela; ela de fato manteve o silêncio. E eu tinha sido denunciada por uma maldita Svetlana de merda a quem vira pela última vez com sua boca entupida pelo pau de um desconhecido.

— O que aconteceu depois?

— Eles saíram e conversaram. O cara foi embora. Tentei descobrir o que eles tinham conversado, mas ela era uma puta imprestável. Russa. Ela foi embora, de qualquer maneira, algumas noites mais tarde. Dispensada. Foi pega com um cliente.

— Bem a cara dela... Então, o homem, qual o nome dele?

— Cleret. Renaud Cleret. Ele é francês.

Se a notícia de Ashley tinha sido um choque, essa informação me atingiu como um soco no estômago. Comecei a rir loucamente.

— Qual é a graça?

— Nada, nada Leanne. Desculpa. É apenas, apenas um nome tão francês, você sabe... Renaud Cleret. Como em um filme B. Que seja...

E então, ela me contou o resto. Que ela entrou em pânico, convencida de que a história com James tinha sido revelada. Disse que tentou me enviar uma mensagem de texto, mas é claro que não conseguiu, eu tinha trocado de número. Então, tinha ido até a British Pictures, enfrentando as recepcionistas até que a deixaram falar com Rupert.

— Sabe, o seu antigo chefe? Aquele para quem você fazia aqueles trabalhos? Ele foi bem legal, quando consegui encontrá-lo e falar com ele.

E Rupert tinha dito a ela que ele acreditava que eu estava envolvida em um esquema de falsificação, que precisavam me encontrar, em parte porque eu estava brincando com a reputação da Casa, em parte por causa da preocupação que tinham por meu bem-estar. Que tocante... Ele deu a entender sombriamente que essas coisas poderiam ficar muito desagradáveis, que eu provavelmente não sabia que estava brincando com fogo. Então eles contrataram Cleret, explicou, para me encontrar. E agora aqui estava Leanne, minha velha amiga. Será que Leanne poderia falar comigo? Cleret iria informá-la do meu endereço; tudo que Leanne teria que fazer seria viajar para cá. Eles pagariam a passagem até Paris e ainda lhe dariam um extra. Rupert enfatizou que era urgente, que ele estava preocupado com meu bem-estar. Realmente, Leanne estaria fazendo um favor à sua amiga.

— Quanto foi esse extra? Pode falar, está tudo bem.

Duas mil libras. Trinta moedas de prata, eu disse, mas ela apenas ficou ali, sem entender, aparentemente.

— Eu não acreditei neles, de qualquer maneira. Fiquei fingindo o tempo todo, fingi que era uma idiota como eles pensavam que eu fosse. O tal cara, o Cleret, me deu seu endereço ontem à noite, disse que eu deveria vir imediatamente.

— Onde ele está agora?

— Londres. Ele é francês, mas vive em Londres.

— E assim você veio.

— Sim.

Eu tomei mais um gole de vinho, servi-lhe um pouco mais. Ela sentou-se um pouco mais ereta, sua confiança renovada depois de sua confissão, os olhinhos astutos brilhando para mim.

— Então, agora que eu já lhe contei tudo, o que você tem para me dizer?

— Como assim?

— Não sou idiota, Jude. Aquele Rupert disse que você estava envolvida em alguma coisa. Ele me disse que um cara tinha sido morto em Roma, era por isso que estava tão preocupado.

— Que cara?

— Cameron Fitzpatrick, foi o nome que ele deu. Eu olhei nos jornais, online. Um cara foi assassinado. Cameron Fitzpatrick, em Roma. Não muito tempo depois que você saiu do sul da França. Ele era um negociante de arte, como você, Jude. E esse cara, o Cleret, contou que você tinha estado em Roma. Você estava lá. Quando aconteceu.

Porra. Porra. Como o Cleret poderia ter sabido disso? Espere um minuto, respire. Meu nome devia estar no relatório do Da Silva. Mesmo que a imprensa tenha sido discreta, este era um documento de conhecimento público, e supostamente esse Cleret devia ser uma espécie de detetive. Concentre-se no que está diante de você, por agora, ao menos.

Leanne poderia ter sido ignorante, mas ela não era idiota — como acabara de reconhecer. Quando se tratava de grana em potencial, essa garota era como uma ratazana em cima de uma ferida aberta. Fiquei verdadeiramente impressionada por ela ter sido capaz de colocar tantas peças no lugar, mas, falando sério — o que ela esperava? Que eu fosse confessar tudo e permitir que ela me chantageasse?

— E daí? Eu estava lá. Eu tive que falar com a polícia italiana. Foi horrível. Eu esperava que o Cameron pudesse me dar um emprego. Quero dizer, foi horrível para ele, pobre homem. Imagino que o Rupert ficou sabendo que eu estava por lá também, mesmo que ele não tenha lhe contado. Talvez seja daí que tenha criado as suas suspeitas, mas e daí? Ele poderia ter entrado em contato, ter me perguntado diretamente. Não precisaria nada desse jogo ridículo de gato e rato. Aonde você quer chegar?

— Por que esse Rupert anda tão interessado em falar com você? Por que ficou

tão feliz em me ver?

— Como diabos vou saber? Talvez ele pensasse que pudesse ter uma trepada barata.

Isso a atingiu como uma bofetada, mas Leanne deixou passar.

— Não vim aqui para discutir, Jude. Você está metida em alguma coisa, certo? Por isso esses caras querem tanto que eu fale com você. Para descobrir o que é. Mas o que a gente deve a esses filhos da puta riquinhos? A gente fez isso em Cannes, não fez? Fizemos juntas, não é? Então eu pensei que talvez eu pudesse ajudá-la. Dois é melhor do que um, certo?

— O que foi que fizemos? Fizemos juntas? Eu não sei do que você está falando.

— Ora, deixa disso, Jude...

Tentei não permitir que o desprezo se mostrasse em meu rosto, e quase consegui. Consegui exibir um sorriso irônico, do tipo cartas na mesa.

— Desembucha, Leanne. Você não está aqui pelo Rupert, ou porque pretende dar um golpe no palhaço. De quanto você precisa? Para manter o silêncio sobre James, para voltar a Rupert e dizer que não conseguiu me encontrar, porque é disso que você acha que eu tenho medo, não é? Quanto?

Nunca cheguei a descobrir o quanto aquela pobre vadia idiota queria, porque a meia dúzia de benzodiazepina que eu tinha misturado em uma linda garrafa de Madiran fez efeito e Leanne tinha caído para trás contra a almofada, a taça meio vazia tombando da mão adormecida e derramando o resto de vinho sobre seu colo. Sedativos e pílulas de emagrecimento: os médicos franceses são tão obsequiosos. É por isso que as mulheres francesas não engordam. Sorte que eu tinha comprado o sofá forrado em preto.

Queria que os taxistas franceses fossem tão atenciosos quanto os médicos. Demorou uma eternidade para fazer com que Leanne voltasse a um arremedo de consciência e bebesse um pouco de água. Levou outro século até que pudesse meio que carregá-la, meio fazê-la descer as escadas e caminhar ao longo da avenida, mais uma eternidade para que um táxi estacionasse, e então o motorista se recusasse a nos levar porque Leanne obviamente parecia muito mal e o cara ficou com medo que ela vomitasse em seus lindos assentos sintéticos. Isso eu também esperava que ela não fizesse, eu não suportaria. Eu estava murmurando e encorajando-a, não se preocupe, não há problema, apenas bebeu vinho demais,

você vai ficar bem. Consegui um segundo táxi, onde ela desmaiou novamente, sólida no meu ombro. Não era muito longe do outro lado do rio até a Place des Vosges. Tive tempo para procurar seu cartão do quarto na bolsa, passar uma nota de vinte para o motorista e estávamos lá. Arrastá-la por metade da recepção foi ainda pior, com seu peso e nossas duas bolsas sobre meu ombro livre, para não mencionar o grande guarda-chuva que tinha sido aberto pra protegê-la da chuva, mas com meu braço esquerdo agarrando-a em torno da cintura eu consegui cambalear com Leanne até o elevador. Se alguém por acaso levantasse uma sobrancelha, eu diria apenas, com ar de desculpa, que ela era inglesa, mas havia um grupo de turistas japoneses acabando de chegar e a recepcionista e o porteiro estavam ocupados. O quarto dela ficava no terceiro andar; tive que colocar o guarda-chuva encostado à parede para mexer com o cartão, e Leanne quase caiu no chão, as pernas abertas como um fantoche em um *plié*.

Tirei a capa de chuva e a coloquei na cama, com um par de travesseiros atrás dela, deixando-a quase sentada. Tranquei a porta e coloquei o bom e velho "Não Perturbe" na maçaneta do lado de fora, liguei a TV e procurei até encontrar a MTV, mas não muito alto. Quando me virei de volta para a cama, ela gemeu e suas pálpebras piscaram, assustando-me, mas ela escorregou de volta ao sono em segundos. Coloquei as luvas de plástico antissépticas e peguei as coisas que escolhi em Belleville da minha bolsa, acompanhadas de um cinto de elástico preto com lantejoulas da H&M. Em seguida, o pacote de Camels que tinha pegado no café, de onde também peguei uma colher de chá. Rezei a Deus para que Stéphane não tivesse me enganado — não havia tempo para provar um pouco daquele negócio, ainda que eu já me sentisse como se tivesse passado algumas horas largada no sofá fumando, mas Yvette costumava usar o cara; ele devia ser confiável. Tinha visto como isso era feito, mais recentemente, pelo Lawrence naquela maldita Chester Square. Tirei as botas de Leanne, peguei uma garrafa de água e uma miniatura de Johnnie Walker do minibar e despejei um pouco do uísque em sua garganta. A maior parte dele escorreu pelo seu rosto, mas isso não importava.

Eu realmente, realmente não gosto de agulhas. Rihanna estava cantando sobre diamantes no céu. Eu tinha o meu isqueiro Cartier e um chumaço de algodão. O treco era da cor de chá forte. Segurando o cinto bem esticado entre meus dentes, injetei uma dose daquilo na dobra do cotovelo esquerdo, metade do que eu tinha comprado de Stéphane, mais do que suficiente. Ela se contraiu um

pouco quando acertei a veia, mas eu estava pressionando seu ombro para baixo, e eu era forte. Seriam precisos dois minutos, mais ou menos, segundo eu tinha lido, até que o corpo se esquecesse de respirar. Uma das maneiras mais agradáveis de partir.

Foi a segunda vez que via uma pessoa morrer. Eu poderia ter assistido a uma pequena montagem em minha mente: Leanne com seu cabelo original castanho na escola, a saia plissada azul-marinho erguida até as coxas, Leanne agitando seu coquetel no Ritz, Leanne e eu dançando em uma boate na Riviera. Nós duas tontinhas, felizes, todas essas imagens pungentes. Se eu fosse esse tipo de pessoa, teria passado esse filminho. Ou eu poderia ter pensado sobre o som que a cabeça de uma menina de 13 anos de idade faz quando bate no tijolo vermelho do pavilhão desportivo, e sobre como uma figura esguia com cabelo cuidadosamente cacheado estava lá e não fez nada. Mas eu não era esse tipo de pessoa, tampouco. Então eu esperei até que o corpo de Leanne se esquecesse de respirar, então esperei um pouco mais, e enquanto eu esperava abri o telefone dela. Lembrei-me de seu aniversário; sou boa assim. Tinha 27 anos, como eu. Liguei para Stéphane de seu telefone e desliguei antes que ele atendesse. Copiei um número de celular francês de seu telefone para o meu, e então saí suavemente da cama deixando-a cair e ficar de lado, e procurei meticulosamente em suas coisas, com as luvas ainda calçadas, a mala no carrinho de bagagem, os cosméticos no banheiro... Havia uma coleção de cartões de visita no bolso lateral de sua bolsa Chanel, clientes da boate Gstaad, provavelmente. O cartão de Rupert estava entre eles. Não vi muito sentido em levar aquilo. A carteira continha algumas centenas de euros e um bilhete de trem em aberto para a volta. Embolsei tudo aquilo, seu passaporte, seu cartão de banco, tudo com o seu nome, bem como sua escova de cabelo e um batom, o tipo de coisa que pode cair se a dona da bolsa for descuidada. Estava adivinhando que aquele cara, o Cleret, iria se registrar aqui e procuraria por ela mais tarde. Uma olhada em Leanne e a recepção teria pensado melhor antes de fazer perguntas: aqui era Paris, afinal das contas, e o Pavillion é um hotel elegante. Nada de fotos, nem livros e nem revistas na mesa de cabeceira, as roupas amarrotadas baratas e óbvias. Era uma não pessoa, na verdade. Eu não sabia onde ela morava, ou o que havia acontecido com seus pais, ela não era nada para mim. Rihanna estava cantando sua canção do guarda-chuva. Peguei o meu e fui embora. Exatamente como se imagina, fica mais fácil com o tempo.

Talvez eu não tivesse necessidade de matá-la, mas, de verdade, eu não a matei porque eu precisava. Essa foi a terceira vez, e não foi um acidente.

Capítulo vinte e três

DUAS SEMANAS. Aquele tempo em Como voou, em comparação. Duas semanas fumando e conjecturando, repetidamente. Quando, finalmente, eu vi Cleret vadiando no final da minha rua naquela noite, tudo o que fiz foi não atravessar a rua no meio do tráfego e beijá-lo. Porque as regras dizem que você nunca deve se mostrar ansiosa demais para ir cumprimentar um cavalheiro visitante.

Fui para casa e me forcei a prestar atenção a dois longos artigos na *Art Newspaper*. Algum tempo depois, eu olhei para o meu relógio, um Vacheron Aronde, 1954, dourado e elegante, marcando 21:45. Escovei os cabelos e troquei de roupa, tirando minha blusa e vestindo uma Isabel Marant, tirei as botas e calcei saltos altos Saint Laurent, mas não altos demais. Hora de ir para a rua e começar a jogar. Atravessei a avenida em um local próximo ao ponto de ônibus, passando perto do homem o suficiente para que sentisse o meu perfume (Tubéreuse de Gantier, bom e forte). Caminhei até a esquina, ciente de que meu jeans cinza apertado e os saltos altos estavam atraindo alguns olhares, e virei à esquerda na rua Vaugirard, parando junto ao ponto de táxi na Place Saint-Sulpice. Havia um bar do qual eu gostava na rua Mazarine, nada parecido com a orgia de Julien e mais assemelhado a um salão burguês, tranquilo durante a semana. Eles faziam bons coquetéis, mas nesta noite pedi um uísque puro, bebendo-o lentamente, olhando para a rua através das cortinas. O sujeito demorou vinte minutos para encontrar uma posição em uma porta em frente. Estávamos apenas a metros de distância quando eu saí do bar e virei à esquerda novamente, caminhando em direção ao rio. Não havia passos atrás de mim; as solas dos sapatos, grossas e marrons como as massas que se vendem nos supermercados, deviam ser de borracha. Nada mal, meu caro.

Isso foi até divertido. Saí no cais e esperei numa travessia de pedestres, ao lado de uma multidão de turistas fazendo um passeio romântico à noite. Caminhei até a Cité, à Notre-Dame e de volta novamente para a ilha Saint-Louis. Uma bela caminhada para ele, boa para queimar algumas calorias daqueles quilos extras.

Era uma noite excepcionalmente quente para novembro, e os cafés no alto da ilha estavam todos lotados, a fila para o sorvete no Berthillon serpenteava ao longo dos terraços. Eu me sentia elétrica, viva, excitada, os músculos das coxas e da bunda alertas ao olhar penetrante do detetive. Peguei a rua Saint-Louis, cruzei novamente a ponte Marie para a margem direita. Eram 23:15. Lá estava o grupo habitual de vagabundos fazendo farra debaixo da ponte. Eu podia sentir o cheiro imundo deles e de sua bebida barata, meus sentidos tão vivos como os de um animal. Sentei-me na balaustrada larga, acendi um cigarro, e esperei um pouco mais. O cara não poderia estar muito atrás. Quase fiquei com pena de ele ter perdido a minha pista tão facilmente assim. Mas então, lá estava ele, vindo em minha direção, com o rosto sombreado sob o ornamentado poste. Podia apostar que ele estava irritado. Eu tinha o número pronto, aquele que copiei do celular de Leanne. Apertei "Chamar". O homem parou para pegar o telefone, a cabeça se movendo enquanto examinava a ponte me procurando.

— *Allo?*

— *Monsieur* Cleret, é a senhorita Rashleigh.

— *Alors. Bonsoir, mademoiselle.*

— Eu estou no fim da ponte — indiquei, desligando.

Desci da balaustrada, caminhei até um pouco em frente ao ponto de táxi que servia ao Hôtel de Ville, e esperei novamente. Pude sentir que o homem apressava o passo quando abri a porta de um carro e perguntei ao motorista se ele estava livre — Cleret não podia se arriscar a me perder em meio ao trânsito de Paris, ou de repente ele não teria dinheiro para outro táxi. Seja como for, dei um passo para trás, segurando a porta aberta quando ele se aproximou.

— Achei que você podia querer beber alguma coisa.

Ele não disse nada, apenas entrou e sentou-se no banco a meu lado no Mercedes. Inclinei-me e pedi ao motorista para nos levar para o Ritz.

— Rua Cambon. Me deu vontade de ir ao Hemingway.

Ele havia ficado em silêncio ao longo de toda a rua De Rivoli; agora, ele se virou para mim. Parecia cansado, mas um pouco divertido.

— Como quiser.

Esperamos enquanto o garçom se desdobrava exageradamente, colocando copos de água e trazendo um martíni *rosé* para mim e gim-tônica para ele. Enquanto ele estendeu o braço para pegar seu drinque, seu paletó gasto se abriu

sobre o ligeiro inchaço de sua barriga, exibindo o monograma absurdo e familiar. Eu senti um espasmo rápido e estranho de desejo.

— Bem, vamos começar?

— Por onde?

— Bem, já que você já me fodeu, talvez dispensando a conversa educada.

Ele levantou uma sobrancelha, muito bem.

— O monograma. Em sua camisa? O sobrado, a festa em Montmartre. Acho que você conhece Julien? Pelo menos, foi até a boate dele checar sobre mim, La Lumière na rua Thérèse?

Ele abaixou a cabeça, ligeiramente galante.

— De fato.

Por um momento, nenhum dos dois falou. Eu tinha pensado sobre isso há algumas semanas. Havíamos nos conhecido na boate naquela noite, os dois se comportando maliciosamente na câmara escura. O que não consegui entender é o que ele fazia ali. Até que eu soubesse exatamente o que esse cara desejava, não poderia jogar esse jogo. Mas então, nós já nos conhecíamos, ele e eu. Aquela sala com leve aroma de incenso, o couro queimando na minha mão, seus dentes em meu pescoço...

Balancei a cabeça e voltei ao presente, tomando um longo gole da minha bebida. Deus, eu queria tanto um cigarro; queria ser capaz de jogar lentamente uma nuvem de fumaça nos olhos desse cara.

— Você se lembra?

— Como eu poderia me esquecer?

Havia algo de absurdamente irreal sobre esta rotina Bogart-Bacall que nós dois parecíamos estar encenando. *Atenha-se ao ponto, Judith. E daí se esse homem comeu você em uma terrível boate de gente libertina há alguns meses?* Endireitei-me na cadeira, tentando manter um tom duro, uniforme na voz.

— Você já estava me seguindo, na época? Como está agora, obviamente.

— Não, não naquela época. Não exatamente. Mas isso pareceu uma, digamos, agradável coincidência.

— Eu quero saber por quê.

— Ora, pensei que isso fosse óbvio.

— Deixe de conversa. Por que você está me seguindo?

— Porque matou Cameron Fitzpatrick.

Agora eu realmente queria um cigarro.

— Isso é um absurdo.

Ele se inclinou um pouco para trás, bebeu um pouco de água e disse em tom de conversa:

— Eu sei que você matou Cameron Fitzpatrick porque eu vi você fazer isso.

Durante alguns segundos, cheguei a pensar que desmaiaria. Fiquei olhando para o mexedor do coquetel rosa pálido se equilibrando na borda da taça. Desejei, realmente, desmaiar. Meu instinto estava certo, quando tive aquele súbito arrepio de medo, sentindo que estava sendo observada lá, debaixo daquela ponte. Quando pensei que fosse um rato, uma ratazana sentindo o cheiro de sangue.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. Por favor, diga-me agora, por que você está me seguindo.

Ele estendeu o braço por cima da mesa e gentilmente tocou as costas da minha mão.

— Não se preocupe. Termine a sua bebida. Não trouxe um esquadrão de policiais esperando por você do lado de fora. Então, talvez possamos ir para um lugar mais privado e conversar.

— Eu não tenho que ouvir uma palavra do que você diz, porque não tem o direito de...

— Verdade, não tem que ouvir nada e eu não tenho direito de nada. Agora, termine a sua bebida.

Deixei que ele pagasse a conta e me levasse pelas longas vielas cor-de-rosa brilhante como o interior de uma ostra, passando pelas vitrines das joalherias e lojas de lenços de seda, para além de porteiros desdenhosos, até a Place Vendôme. Segui-o em silêncio ao redor da praça, pelas arcadas da rua Castiglione, e à direita para a Concorde. Estava frio agora, e meus saltos baixos estavam começando a machucar meus calcanhares depois de tanto andar. Fiquei contente quando ele se sentou em um banco na entrada fechada para as Tuileries.

— Vista isso.

Ele me deu seu casaco, eu estava tremendo. Deixei que o homem o arrumasse em torno de meus ombros, um bafo de suor saindo daquele tecido sintético, meus olhos observando as luzes de um ônibus que subia a Champs. Tentei acender um cigarro, coloquei o filtro na boca.

— Então, senhorita Sem Nome, pode me chamar de Renaud. Vou chamá-la de

Judith, a menos que prefira Lauren?

— Esse é o meu nome do meio, Lauren. Minha mãe era uma fã de Lauren Bacall. Legal, não é?

— Bom, será Judith então. Agora eu vou falar e você vai ouvir. — Ele pegou o isqueiro de minhas mãos trêmulas e acendeu meu cigarro. — Está bem?

— Você fala um excelente inglês.

— Obrigado. Agora eu vou lhe mostrar uma foto. É ele, certo, o Cameron?

Eu tive que apertar os olhos por causa dos faróis dos carros no cruzamento. Ele segurou o meu isqueiro perto da imagem. Era. Fotografado com o telefone de Renaud, descendo a escadaria na Piazza di Spagna, com o rosto submerso no sol romano. Fazia tempo que eu tinha conseguido não pensar mais nesse rosto.

— Você sabe que é ele.

— Sim, mas o que você não sabe é que o nome dele não era Cameron Fitzpatrick. Era Tommaso Bianchetti.

E todo aquele charme irlandês?

— Ele era muito bom, então — foi tudo o que pude retrucar.

— Era... Muito bom. Mãe irlandesa, criada em um hotel em Roma. De qualquer forma, isso é o que eu tenho que explicar para você. Bianchetti lavava dinheiro para... seus associados na Itália. Vinha fazendo isso há anos.

— A Máfia?

Renaud me deu um olhar de pena.

— 'Ndrangheta, Camorra... Só os amadores dizem Máfia.

Então aquela minha sensação sobre o Moncada estava certa.

— Desculpe.

Estranhamente eu estava começando a me sentir melhor.

— Seu antigo colega, Rupert, não ligava ao Fitzpatrick. Fitzpatrick ligava ao Rupert. Um esqueminha legal, um que ele tinha usado centenas de vezes. A maioria era de material real, e ele não se preocupava com o esforço das falsificações. Mas os tempos estavam ficando um pouco difíceis na Itália, e a margem de lucro em uma peça falsa era muito melhor. Lavavam a tela e o dinheiro. Foi assim que eu me envolvi.

— Eu pensei que estivesse trabalhando para ele. Para Rupert.

— Nem imagino quem poderia ter lhe dito isso. Vamos deixar isso de lado por um minuto, tudo bem? Fui contratado por um americano furioso, banqueiro do

Goldman Sachs. Ele descobriu que o Rothko que vinha exibindo em sua choupana nos Hamptons era falso. E queria seu dinheiro de volta. O que me levou a Alonso Moncada.

— Então o Moncada negocia falsificações?

— Às vezes sim, às vezes não.

— Por que você?

— O que achou que eu fosse, um daqueles velhos sabujos dos filmes antigos? Vou atrás do dinheiro das pessoas que preferem recuperá-lo silenciosamente.

Não consegui tirar os olhos de sua camisa horrível, dos sapatos horrorosos.

— Você não se parece com alguém que corre atrás de dinheiro...

— E você, sim.

Foi como se eu levasse um soco no queixo.

— Bianchetti era um dos muitos caras que trabalhavam para Moncada. Moncada compra a peça em dinheiro, sempre a partir de um pequeno banco romano controlado por... seus associados. Coberto como se fosse um empréstimo para um negócio. Eles transferem a peça para um cliente particular com lucro, o cliente pode mantê-la como um ativo ou leiloá-la legitimamente. Moncada fornece a grana, Bianchetti a proveniência. Todo mundo ganha dinheiro. Muito limpo.

— E...?

— E eu fui até a galeria onde meu cliente comprou seu Rothko, e convenci-os a me dar o nome do proprietário anterior e convenci-os... não, na verdade, *convenci-a*, uma boa mulher, três filhos... a me dar Moncada. Ela não tinha ideia de que também tinha sido enganada. Demorei muito para encontrar a pista desse homem, e ao mesmo tempo, comecei a encontrar o nome de Bianchetti no meio do rolo, sob o pseudônimo de Fitzpatrick. Fui até Londres atrás de sua pista, depois o segui até Roma, e então você apareceu com seu pequeno truque... não me interrompa... e segui você até Moncada. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de colocar os olhos sobre ele. Obviamente, eu estava muito intrigado com você, também; não sabia direito o que tinha feito, embora o tivesse feito.

— Eu não...

— Cale-se.

Ele começou a procurar em meio a seus arquivos no celular, e me mostrou

outra foto, eu e Moncada, aparentemente desfrutando de uma pizza. Fiquei surpresa de ver como eu parecia calma naquela foto.

— Então, finalmente, o Stubbs aparece no inverno passado, e Fitzpatrick... agora tragicamente falecido... era quem cuidava da proveniência dele. Foi quando finalmente soube que você tinha vendido a tela para Moncada.

— Mas, e Rupert?

— Bem, naquela época eu estava consideravelmente mais intrigado com você. Então, espiei um relatório da polícia em que aparece seu nome. Adivinhei que tinha algo a ver com arte. Eu sabia que era inglesa, então comecei pelo topo. Fiz duas chamadas.

Há apenas duas casas de leilões em Londres com as quais vale a pena se importar...

— As meninas da recepção não tinham ouvido falar de você, então fui conversar com os chefes de departamento. E encontrei seu antigo patrão.

— Prossiga.

— Então, conversei com ele um pouquinho...

Ele deu um meio sorriso. Eu não tinha percebido que tinha começado a tremer de novo, mas ele sim. Então, puxou o paletó mais apertado em volta de mim, muito solícito.

— Dei um choque em Rupert quando mencionei Fitzpatrick. Eu lhe disse que tinha visto o nome do departamento dele junto com as referências da pintura. E foi quando perguntei de você. Quando ele soube que você tinha estado na Itália, quase explodiu. Ele estava muito ansioso para me contratar, por fora, como se diz, para encontrá-la. Então ele me mostrou a foto. Eu precisava checar se você era a mesma menina que tinha visto, é claro. E lá estava ela. A menina bonita de Roma. Você tem um rosto inesquecível.

— Obrigada. Muito romântico. E a festa? O que você estava fazendo na casa de Julien?

— Pura sorte. Muita gente conhece Julien, um monte de pessoas poderosas. Eu gosto de checar as coisas com ele enquanto estou aqui, e uma pessoa deve se divertir de vez em quando, não é mesmo, *chérie*? Eu tinha tentado encontrar você em Londres, sem sucesso. Sua mãe não sabia nada sobre você.

— Minha mãe?

— Não foi difícil de encontrar. Os serviços sociais.

Engoli em seco, em estado de choque.

— Ela... Ela estava bem?

— Você quer dizer se ela estava bêbada? Não, estava tudo bem. Não contei nada a ela que pudesse deixá-la preocupada. Mas então, fiquei em um beco sem saída. Procurei suas colegas de quarto, elas só disseram que você havia mandado um cheque com o valor do aluguel e viajado para o exterior. Soo e Pai. Meninas tranquilas e agradáveis, essas estudantes de medicina. Elas sugeriram que você gostava de ir às festas, que isso não era o tipo de coisas que elas gostassem. Mas eu gosto. Eu estava aqui, apenas saindo com alguns amigos no final de semana, e lá estava você de novo.

— Como disse, que coincidência.

— Acho que talvez você devesse ser um pouco mais discreta em seus... digamos... divertimentos.

— E quanto a Leanne?

— Ah. Leanne. Bem, seu rosto é memorável, como eu disse. Eu já tinha visto a sua foto em Londres, tinha visto alguém que se parecia muito com você em Paris, mas a iluminação nas festas de Julien é sempre tão... Ele é sempre tão cuidadoso para não provocar nada de inconveniente para seus clientes...

Passou a falar em francês.

— *Encore*, eu precisava ter certeza de que era a mesma garota. Julien não tinha um nome para você, exceto Lauren, mas ele me deu os detalhes de várias profissionais que compartilhavam de suas... ahn, digamos... propensões. Garotas com reputação internacional, para usar a antiga frase. Novamente, isso me tomou algum tempo. Tive que rastrear cada uma dessas moças individualmente, e finalmente uma delas reconheceu você. Encontrei Ashley, a russa, em seu outro antigo local de trabalho.

— A boate Gstaad.

— *Précisément.* E então Rupert parece ter encontrado sua amiga Leanne quase ao mesmo tempo e no mesmo lugar. E ele sabia que seria útil para ele usar essa garota, pois não queria que a conexão de ambos com a British Pictures viesse à tona ainda mais do que o necessário. Vim para cá com Leanne. Ela me deu uma foto de vocês duas na boate para que eu pudesse checar com Julien. Dificilmente isso pode ser considerado uma traição; nós dois a procurávamos, só que Leanne não sabia o motivo.

Não ousei dizer mais nem uma palavra. Essas *selfies* idiotas do cacete: nós duas fazendo caretas para o telefone enquanto posávamos para a câmera em uma noite tranquila.

— Você não tem que se preocupar com eles, Judith. Esqueça Rupert. Ele tem muito a perder; fez uma jogada errada em algo muito maior do que pensava. Leanne era apenas uma viciada, quase uma prostituta, certo?

— Era?

— Judith, por favor. Não foi muito legal de sua parte deixar um cadáver no quarto de um hotel que eu estava pagando. Mas foi um belo toque acionar o número do traficante. Boa sacada. A polícia ficou muito feliz em colocar as mãos nele.

— A polícia? Eu achei que você disse...

— Eu disse que não era um policial. Isso não significa que não tenho amigos na chefatura de polícia. Preciso deles, na minha linha de trabalho. Como você acha que consegui seu endereço?

— Achei que estivesse me seguindo.

— Isso foi apenas padrão. Colocando os pingos nos "is", como vocês dizem. — Ele parecia contente em usar a expressão. — Eles tinham um monte de perguntas para Stéphane. Eu disse ao meu amigo na polícia que Leanne era apenas uma garota que eu tinha pegado, que não a conhecia, e nem sabia que ela usava drogas. Eles irão encontrar a família através da embaixada, cedo ou tarde, e despachá-la. Não se preocupe. — Eu conseguia ouvir seu sotaque reaparecendo.

— De qualquer forma, tem o Rupert. Eu acho que ele só queria ficar de olho em você, garantir que você não iria abrir o bico. Você pode até encontrar algumas portas abertas agora, se quiser voltar para Londres.

Eu balancei a cabeça atordoada. Durante todo este tempo. Várias vezes, pensando que era tão esperta, e esse Cleret só esperando que eu tropeçasse sob sua mira. Obriguei-me a falar.

— O que você quer?

— Moncada. Eu quero o dinheiro de meu cliente de volta e quero a minha parte. Isso é tudo.

— Você sabe quem ele é, onde ele está. Por que não vai atrás dele, simplesmente?

— Quero esse homem aqui em Paris. Ele é muito perigoso em Roma.

— Então, o que eu posso fazer?

— Vender-lhe uma tela, é claro.

— E depois?

— Você entrega Moncada, está livre. Podemos até dividir o lucro em cima de seu negócio com ele.

Eu pensei sobre isso por um tempo.

— Mas, se eu fizer isso, então os associados do Moncada não virão atrás de mim? Eles não vão querer justiça pelo Rothko, que pertence ao seu banqueiro. E você diz que o homem é perigoso.

Eu odiava a forma como estava me sentindo: infantil, desesperada, fora de controle.

— Quem você preferiria que lhe perseguisse, eles ou a polícia? De qualquer forma, posso acertar os detalhes e livrar sua cara. Conheço um sujeito em Amsterdã, ele é bom com passaportes. E você vai ter que desaparecer por um tempo, ir embora de Paris. Mas não acho que tenha muitas outras opções, não é mesmo?

Pensei sobre isso por algum tempo. Eu poderia protestar, negar aquilo que ainda nem tinha admitido; poderia fugir. Como já disse, detesto jogar, a menos que possa ganhar. Esse homem aqui na minha frente não parecia se importar com Cameron ou Leanne, não se eu fizesse aquilo que ele queria.

— Quer dizer que você quer Moncada aqui? Isso é tudo? E daí posso ir embora?

— Tenho que encontrar um modo de conversar com ele em particular. Essas pessoas são cautelosas. E você parece estar prestes a pegar o jeito, Judith.

Quando se levantou, tirou o paletó de sobre meus ombros. Para mim, ele estava parecendo diferente agora, mais contido, poderoso mesmo.

— Nós iremos para a sua casa.

— A minha casa?

— Por acaso acha que vou deixar você fora da minha vista? Posso até correr atrás de você por todo Luxemburgo se tiver que fazer isso. Sempre que for necessário.

Renaud tinha deixado as suas coisas em um hotel no Quartier Latin. Nós tentamos fazer parar alguns táxis enquanto caminhávamos, mas naquele verdadeiro jeito parisiense de ser, nenhum dos motoristas parecia querer ganhar

algum dinheiro. Meus pés pareciam dois tocos doloridos no momento em que chegamos ao beco cheirando a *kebab*. Ele me fez subir os quatro lances de escadas cobertas de um carpete sujo e desbotado para pegar suas malas. Olhei pela janela e vi uma pitoresca escada de emergência e um mar de antenas parabólicas espetadas enquanto Renaud vasculhava o pequeno banheiro.

— Os telhados de Paris — disse eu, apenas para falar alguma coisa.

O homem me ignorou, mas quando senti que meus ombros começavam a tremer, percebi a mão dele nas minhas costas. Virei-me e pressionei meu rosto contra sua camisa, e ele deu um tapinha no meu ombro com aquela ternura desajeitada que os homens demonstram com as mulheres que veem chorando. Chorei por bastante tempo, com a garganta cheia de lágrimas e ranho, até ouvir um ruído estranho. Parecia vir lá de fora, um grito, de um bebê talvez, ou de gatos acasalando. Então percebi que era eu mesma, uivando. Chorei todas as lágrimas que não foram autorizadas a cair desde aquele dia em Londres, quando Rupert tinha me enviado para ver o coronel Morris, e eu senti curiosidade, mesmo enquanto chorava e soluçava, por aquela estranha sensação que, finalmente, havia me permitido abrir mão e deixar ir. Foi um alívio. Pela primeira vez, enfim, alguém estava no comando. Por um momento eu pensei que tudo poderia terminar bem ali, daquele jeito, me vendo abrigada em seus braços, agradecida, e, algumas vezes mais tarde, desejei mesmo que isso tivesse acontecido. Mas é claro que não aconteceu.

Capítulo vinte e quatro

EU PRATICAMENTE NUNCA TINHA acordado com um homem ao meu lado. Poucas cabeças haviam se deitado sob meus braços incrédulos até de manhã. Eram cinco horas quando abri os olhos em meu apartamento, experimentando um momento de pânico a respeito daquele volume debaixo do edredom comigo. Steve? Jean-Christophe? Jan? Não era Matteo. Renaud. E podia sentir o cheiro da bebida da noite passada exalando da minha pele, mas pela primeira vez não me arrastei rapidamente para fora da cama, virei de costas e fiquei ali, escutando a respiração espessa dele. Eu estava dolorida e pegajosa e sentia uma dor minúscula em meu ouvido direito, onde ele me dera um tapa enquanto a gente transava. Porque é óbvio que tínhamos transado. Não antes de ele me retirar o passaporte e os cartões de crédito para se certificar de que eu não iria a lugar algum, mas depois, contra a porta fechada, tropeçando em suas malas, eu tirei meu jeans apertado desajeitadamente, ele de joelhos, seu rosto enfiado em minha boceta já encharcada e inchada, a mão dele dentro de mim, mais tarde ambos no chão, seus dentes enterrados no vão de meu pescoço. Depois, não sei bem como, nós dois tínhamos nos arrastado para a cama, ambos nus, e ele espalhou em seu lindo pau e na minha bunda totalmente exposta um pouco daqueles meus óleos corporais caríssimos e abusou de mim, uma de suas mãos segurando o meu pescoço, a outra acariciando meu clitóris em ritmo com seu pênis, até que minha boca encontrou a palma de sua mão macia e senti o sabor ferroso de seu sangue enquanto ele me rasgava por trás e me acalmava. Foi ótimo, embora os lençóis estivessem inutilizados.

Ele se virou de lado, a barriga se acomodando contra meu quadril. Estranho, dada a minha preferência por homens bonitos, mas havia algo sobre o peso dele, sua firmeza inesperada, que achei erótico. Eu e homens gordos. Fiquei deitada de costas escutando. Onde estava a Raiva? Onde estava aquela vozinha me provocando, me incitando a fazê-lo, a fazer aquilo agora? Nada. Estava tudo... em paz. Meus olhos deslizaram de lado e encontraram os dele, amassados entre o

sono e um sorriso.

— Abra as pernas.

Sua respiração era amarga no meu ouvido, mas de alguma forma, isso não me importava também.

— Estou meio zoada e...

— Abra. Bem. As pernas.

Abri as coxas até que senti os tendões ficarem tensos. Ele me abriu mais, colocando-se pesadamente em cima de mim, o rosto no meu ombro, guiando-se lentamente para dentro. Minha boceta deu um gole molhado, faminta, mas Renaud não se apressou, apenas enfiou o comprimento de seu pênis cada vez mais profundamente, um centímetro de cada vez. Seu dedo invadiu meu rabo de forma penetrante. Engoli em seco, mas senti meus músculos relaxarem, já familiarizados. Estava colada àquele corpo por causa do peso, como se fosse uma folha seca em papel mata-borrão, com espasmos musculares nas pernas. Arrastei a minha mão entre nós, para apertar seu pau, meu clitóris e os lábios inchados de minha boceta, pressionados contra a palma da mão, o calor que exalavam se espalhando em ondas, penetrando as minhas entranhas.

— Mais forte.

— Não.

— Por favor?

— Não.

Ele levantou a cabeça enquanto o prendia com meus músculos, parando tudo.

— Relaxe, eu farei você gozar.

Mais bonito em francês. *Je vais te faire jouir*.

— Lamba o meu rosto.

Deixei minha língua escapar suavemente da minha boca, lambi o queixo, as bochechas, umedecendo a pele com a minha saliva.

— Isso mesmo, desse jeito, minha putinha.

Eu estava tão molhada que conseguia sentir meu próprio fluxo de suco em minhas coxas doloridas. Começou como se fosse o vento batendo na água, meu corpo acariciado por uma onda brilhante, girando em torno da necessidade entre as minhas pernas. Eu não era nada; era só a carne que foi tocada por seu pênis. As minhas pálpebras se moviam sozinhas, abrindo, fechando, abrindo,

fechando, dava para ver o orgasmo dele fazendo tremer aquele torso pálido, as mãos enroladas em um emaranhado de meus cabelos e me apertando. Ele rosnou, do fundo de seus pulmões, jogou o corpo para trás, as veias em seus braços latejando em um néon azul, e me permiti cair ainda mais fundo, mais profundamente em meu próprio êxtase, afogando-me nas gotas de seu esperma.

Renaud caiu em cima de mim, tremendo, ofegante. Segurei-o por um momento, sentindo o suor esfriando sob o cabelo na nuca.

— Rindo do quê?

Deixei minha cabeça bater no travesseiro.

— Porque... porque... tipo, uau!

— Tipo *uau*?

— Certo. Você é um homem de talento excepcional. Surpreendentemente bom.

— Sua vaca... Que horas são? Porra, isso é indecente.

— Eu acordo cedo.

Mas ele já estava se aprontando para dormir de novo. Foi um teste inteligente. Sem uma palavra, ele estava me dando uma chance de escapar, mas para onde eu poderia fugir? Renaud me encontraria de novo, e nós dois sabíamos disso. E se eu fugisse agora, ele poderia simplesmente me entregar. Então pulei da cama, tomei uma ducha para tirar Renaud de minha pele, vesti jeans e um suéter, peguei minha bolsa e corri escada abaixo para a chuva que lavava Paris. A padaria na esquina estava abrindo. Comprei croissants *au beurre* e um pote de geleia, leite, suco de laranja. A *concierge* estava resmungando e voltando à vida, e ergueu os olhos quando passei por ela e sorri um bom-dia. Fiz café, coloquei facas e garfos nos pratos e voltei para a cama, me enrolando no edredom, observando-o dormir. Havia algo tão relaxante no peito dele, que subia e descia com a respiração, que devo ter dormido também; pelo menos, quando acordamos, o sol já iluminava o pátio e o café estava frio.

Minha ida à padaria tornou-se a última vez que ficamos separados durante as três semanas seguintes. Renaud falava sério quando disse que não iria me deixar fora de sua vista — ele até me obrigava a deixar o meu telefone quando ia ao banheiro, e levava com ele quando ele usava a *toilette*. Ele punha as chaves debaixo do travesseiro todas as noites, mas muitas vezes elas saíam do lugar e eu as colocava de volta antes que Renaud acordasse, para que ele não se sentisse mal. Pensei em perguntar por que não confiava em mim, mas essa era, obviamente,

uma pergunta estúpida. Nas primeiras manhãs, eu tinha trabalho a fazer. Depois que ele meio que tropeçava em mim, usando uma camiseta Nike velha e minhas calças de moletom de tamanho maior, Renaud lia o jornal enquanto eu checava preços online. Pensei em Urs Fischer e Alan Gussow, mas Renaud sugeriu que eu devesse procurar peças mais valorizadas. Eu não conseguiria pagar um Bacon, mas havia peças de Twombly e Calder na faixa de um milhão que Renaud havia especificado. Finalmente encontrei um Gerhard Richter — era mais um pequeno Richter realmente, uma pequena tela de 1988 em vermelho e carvão — em um show contemporâneo de outono que eu estava acostumada a chamar de "outro lugar". Além de meu Fontana, esta seria a primeira grande aquisição da Gentileschi. Mas eu hesitei. Moncada poderia estar mais propenso a algo estritamente clássico.

Expliquei a Renaud que eu precisaria de alguns aconselhamentos, e contei sobre Dave e sua paixão pelo século XVIII.

— Posso pedir a ele que me envie alguns catálogos? De vendas recentes?

— Por quê?

— Porque eu quero saber como as coisas estão acontecendo. Em teoria, devo fazer um bom lucro com isso.

— *Nós* teremos lucro. Meio a meio.

— Claro. Bem, eu só quero verificar, antes de fazer um lance nesse Richter.

Ele me deu meu telefone.

— Vá em frente.



— Frankie, é Judith.

— Judith! Ah, meu Deus, olá, como você está?

— Eu estou bem, obrigada. E você?

— Ah, Judith, é tão estranho você ligar justo hoje. Acabei de ficar noiva!

— Isso é maravilhoso! Estou feliz por você, Frankie, parabéns. Quem é o sortudo?

— O nome dele é Henry. Ele está no Exército. Vamos viver no Quênia. Eu, mulher de um cara do Exército, você pode acreditar nisso?

— E ele é bonitão?

— Bem, mamãe não reclamou.

Eu podia ver Renaud me olhando com curiosidade. Já era hora de parar com essas coisas de Jane Austen.

— Frankie, lembra-se que há muito tempo eu lhe pedi um favor?

— Ah, meu Deus, eu sei. Não foi terrível essa coisa com o Cameron Fitzpatrick? Isso estava em todos os jornais.

— Sim, eu sei, horrível. E justo depois que você tinha sido tão amável, também, ajudando-me a tentar arranjar um trabalho com ele. Deus, nunca pensei que poderia acontecer uma coisa assim...

— Tudo bem, eu sei.

— Ei, Frankie, será que eu poderia incomodá-la com outra coisa?

— Tudo bem.

— Você se lembra do Dave, o Dave que costumava trabalhar lá embaixo?

— Lembro, ele saiu daqui há séculos...

— Você ainda tem um endereço dele no arquivo?

— Acho que sim, posso procurar.

— Frankie, poderia então me passar esse endereço por mensagem de texto? Desculpe incomodá-la novamente, eu realmente não quero que você fique em apuros, mas...

— Sem problemas. De qualquer forma, não me importo mais, eu vou para a África — ela baixou a voz. — Eles são todos uns babacas aqui.

Babacas. Isso mesmo, Frankie.

Passei um tempinho no computador, pedindo duas cópias de um livro da Amazon que achei que Dave gostaria, enquanto aguardava a mensagem de texto de Frankie. Um para ele, um para mim. Eles apareceram no dia seguinte; que bênção ter esse Prime. Renaud então me acompanhou até o banco e me entregou o meu cartão. Eu errei meu código de propósito.

— Os catálogos vão custar uns duzentos euros, mas a máquina está pifada. Posso ir direto ao caixa?

Ele esperou do lado de fora, fumando, enquanto fui direto ao caixa e preenchi um cheque de 10 mil euros para mim mesma. Usei minha *carte de séjour* como identidade. Eles ficaram meio desconfiados em entregar esse dinheiro todo, mas eu reafirmei que o dinheiro era meu e pronto, e pedi em notas de 500, e a maioria

delas coloquei no sutiã. Em seguida, caminhamos até a rua De Sèvres, enquanto explicava a Renaud que eu queria enviar um presente de aniversário para a esposa de meu antigo colega. Um pedido razoável. Eu não tinha certeza de que tipo de perfume a esposa de Dave gostaria, então decidi pelo Chanel N-º 5, em uma caixa de presente da Le Bon Marché com o perfume, a loção corporal e o sabonete. Entrei no banheiro da loja e me enfiei em um cubículo enquanto pegava o dinheiro que estava escondido e o colocava sob os frascos de plástico. Acrescentei um bilhete rabiscado às pressas com o meu endereço em Paris, juntamente com algumas referências dos livros. No final da página, escrevi: "Pagamento de mercenário pendente." Renaud me acompanhou até a agência do correio, onde coloquei o presente em uma caixa e enviei via encomenda expressa para Londres. Eu tinha descoberto que Dave morava em Finsbury. Tive que rezar para que ele compreendesse.



Geralmente, à noite, a gente jantava juntos, outra primeira vez para mim. Às vezes, a gente ia a pé para a rua Mouffetard, Renaud carregava um cesto de vime solenemente, e comprávamos ingredientes para cozinhar. Descobri que Renaud sabia fazer um risoto fantástico. Comprei para ele um conjunto de facas de cerâmica japonesa para que ele pudesse preparar o *ossobuco*. Ele me servia um copo de vinho enquanto vestíamos pijamas e depois esvaziávamos a garrafa de vinho ouvindo música. Outras vezes, íamos para aqueles lugares menores e menos óbvios que ambos preferiam. Descobri que eu gostava de ter companhia; talvez ele gostasse também. Renaud me contou um pouco sobre seu trabalho, sobre as chamadas que ele fez para Nova York e Los Angeles enquanto eu ficava lendo durante as tardes. Aparentemente, essa coisa de correr atrás do dinheiro era algo menos dramático do que parecia. Era principalmente um jogo de espera. Muitas vezes, porém, nós só conversávamos sobre os artigos que tínhamos lido nos jornais — eu estava tentando afastá-lo do *Le Figaro* — ou sobre os escândalos sexuais recentes entre políticos franceses, agora que a mídia do país vinha finalmente se dobrando à necessidade de falar das fofocas sobre as celebridades. Vez ou outra fomos ao cinema, e ele pegou minha mão no escuro. Uma noite,

no entanto, me perguntou se eu iria para o La Lumière. Fiquei pensando sobre isso.

— Ou ao Regrattier, se não quiser ver o Julien.

— Você realmente conhece seu negócio.

— Claro que sim, *mademoiselle* Sem Nome.

Sorri e deixei meu cabelo cair sobre meu rosto, girando a taça de vinho em meus dedos.

— Sabe de uma coisa? Acho que não quero... Estou bem assim. Do jeito que nós estamos.

— Nós?

Eu recuei.

— Por ora. Pelo menos até que tenha conversado com Moncada.

Renaud esticou o braço e empurrou gentilmente o cabelo caído atrás de minha orelha.

— Isso é bom, Judith. Eu posso gostar de "nós".



Em outra ocasião, enquanto estávamos comendo comida vietnamita em um pequeno café em Belleville, ele me perguntou sobre Roma. Eu não precisava perguntar sobre o quê ele estava falando.

— Pensei que você tivesse dito que tinha assistido a tudo.

— Eu vi o suficiente. Eu vi você passar debaixo da ponte. E vi saindo depois em sua roupa de treino. O restante fiquei sabendo pelo relatório da polícia. Inspetor Da Silva.

— Renaud, seu punheteiro de merda.

Ele encolheu os ombros.

— Desculpaaa...

— Mas você fala italiano?

— Certo. Bem, um pouco.

Engoli uma garfada de macarrão com carne de porco grelhada, analisando a situação.

— E por que você não contou a eles... à polícia?

— Você foi a minha maneira de chegar ao Moncada. Além disso, como expliquei, eu não sou um policial e eu estava... bem, interessado. Interessado em você, em saber como as coisas iriam se desenrolar.

Minha vontade era contar-lhe tudo. Queria contar sobre James, Leanne, sobre todos. Queria lhe contar sobre Dave, que eu fiz aquilo porque Dave tinha perdido seu emprego, mas isso não teria sido verdade, e de alguma forma a verdade importava. Eu queria falar sobre estar sempre do lado de fora, sobre sentir-me presa, porque não importava o quão inteligente ou bonita você era, não havia lugar no mundo para alguém como eu. Mas isso não era verdade, tampouco.

— Não foi o dinheiro — respondi. — O dinheiro foi um subproduto.

— Vingança?

— Não, simples demais. Não por vingança. Não é interessante.

— Interessante. Eu acho que... eu...

Renaud fez uma pausa. Ele estaria tentando me enganar, oferecendo sua própria confissão? Mas era improvável que ele tentasse algo assim tão óbvio. Foi a vez de ele tomar um gole calmamente.

— Então, por quê? — perguntou ele novamente.

Porque eu podia, pensei. Porque eu precisava ver se podia fazer algo assim. Afinal, por que certas coisas precisam ter lógica? É como o sexo, as pessoas sempre querendo motivos, querendo saber se você se sente bem, porra!

— Posso lhe falar sobre isso outro dia?

— Claro, quando quiser.



Dave afinal mandou o catálogo, um tijolo de papel brilhante que deve ter custado uma fortuna para me enviar. Ele ainda foi gentil o suficiente para enviar uma caixa de charutos contendo três barras de chocolate Wispa, lembrando-se que eu sempre fora fã de gordura vegetal hidrogenada. Fiquei toda emocionada quando a abri.

No final das contas, pensando em Steve, informei a Renaud que tinha decidido ir pelo Richter: a arte contemporânea era como que dinheiro certo junto aos novos-ricos. Eu tinha praticamente decidido ir a Londres para a venda, levar

a boa e velha Frankie para comemorar, e mandar Rupert ir se ferrar, mas Renaud ponderou que não seria prudente usar meu próprio passaporte.

— Você vai receber um novo passaporte logo. Estou arranjando isso para você. Depois que me encontrar com Moncada.

Comprei um exemplar da *Condé Nast Traveller* e pensei sobre o meu futuro. Montenegro parecia promissor. Ou a Noruega. Frio — local adequado para os assassinos.

— Por que eu não posso ficar aqui?

— Não seja idiota, Judith.

— E as minhas contas bancárias?

— A Gentileschi só precisa arrumar um novo funcionário.

Decidi participar do leilão pelo telefone, usando o nome da empresa. Fomos à FNAC para comprar um fone de ouvido e Renaud configurou meu computador na volta para o apartamento, para que ele também pudesse ouvi-lo. Se eu conseguisse comprar a tela, ela poderia ser enviada a mim dentro de duas semanas. Para compensar o fato de que não estaria no leilão em pessoa, resolvi me vestir para a ocasião. Com meu Chanel de duas peças preto, com uma elaborada camélia de couro atrás, meias, uma carteira de couro clássica Pigalle, o cabelo severamente preso em um coque, batom vermelho que combinava comigo. E calcinhas estilo anos setenta Bensimon, com um buraco deixando os genitais aparecendo. Eu me senti um pouco estúpida, toda produzida assim para me sentar em minha própria casa, mas valeu a pena pelo olhar que o Renaud me deu quando saí do banheiro vestida daquele jeito.

Fiz minha inscrição em nome da Gentileschi, e recebi um número para o leilão via telefone, número 38. Nós tínhamos comprado um passe pela venda por telefone, mas os dados bancários eram o que importava se eu conseguisse a tela de Richter. Às 11 horas a Casa ligou para avisar que o leilão tinha começado. Eu tinha um caderno e uma caneta em minha frente, não sabia muito bem por qual motivo, acho que apenas para dar um ar mais profissional. Tinha sido autorizada a ver alguns desses leilões antes, desfrutando do espetáculo que os peritos dão e o leiloeiro-chefe, o vice-presidente da Casa, e tentei visualizar a sala de madeira amarela, o silêncio tenso daqueles que fariam os lances. Às 11:42 o celular tocou novamente; o Richter tinha entrado em leilão. Renaud se curvou para frente, quase em cima do computador, seu cabelo uma franja por baixo dos

fones de ouvido. Fiquei me perguntando qual das meninas mal-humoradas que eu tinha visto nos corredores da rua Prince estava coordenando os lances da Gentileschi, e tive um impulso infantil de gritar na boca do telefone que era eu, Judith Rashleigh, que estava participando, mas é claro que não fiz isso. Até coloquei um pouco de sotaque francês na minha voz.

O preço inicial era de 400 mil. O Richter rapidamente subiu para 450, 550, 600 mil. Continuei acompanhando. Os lances continuaram a subir de cinquenta em cinquenta.

— Eu tenho 750 mil contra o número 38. Você vai fazer um lance ou não?

Renaud me acenou confiante.

— Oitocentos.

Ele pegou minha mão.

— Muito bom.

Eu não conseguia evitar, estava excitada.

— Número 38? Eu tenho 850 mil libras. Fará um lance?

— Novecentos.

Renaud estava suando, sua camisa grudada em suas costas, a mão escorregadia na minha, levado pela tensão. Endireitei-me na cadeira, equilibrada e elegante em minha roupa perfeita. Do outro lado da linha telefônica, era possível ouvir a voz esmaecida do leiloeiro perguntando se teriam novos lances. Pausa.

— Temos 950 mil contra você, senhora. Haverá outro lance?

Porra.

— Um milhão. Um milhão de libras.

Estávamos na reta final agora, os jóqueis pulando como macacos em cima dos cavalos, brandindo os chicotes para os últimos cem metros. Senti-me levada pela excitação.

— Vou gozar! — murmurei para Renaud.

Eu sabia que a atendente estaria acenando com a cabeça para o pódio, erguendo um dedo, informando que eu faria um lance.

— Um milhão e 50 mil, número 38. Haverá um lance?

— Um milhão e 100 mil.

Renaud estava franzindo a testa, sinalizando o sinal de corte no pescoço. Eu o ignorei; sentia-me enlouquecida.

Eu podia escutar o leiloeiro falando:

— Senhoras e senhores, eu tenho um milhão e 100 mil libras. Dou-lhe uma...

Fechei os olhos, apertando as pálpebras, prendi a respiração, meus dedos tremendo em volta do aparelho.

— Parabéns, minha senhora.

Eu apertei o botão vermelho com cuidado para desligar, deitei minha cabeça para trás e soltei o cabelo.

— Conseguimos.

— Boa menina.

Acendi um cigarro e praticamente acabei com ele em uma só tragada. Então, fui até Renaud, sentei-me em seus joelhos e descansei minha testa contra a dele.

— Não consigo acreditar que fiz isso. Não consigo acreditar — sussurrei.

— E por que não?

Isso era uma coisa que eu gostava em Renaud, ao contrário de todos os outros homens que já tinha conhecido, ele estava realmente interessado quando eu dizia que estava sentindo alguma coisa.

— Acabei de comprar uma pintura de um milhão de libras. Eu. Isso parece uma coisa impossível, louca demais.

— No entanto, você fez coisas muito mais difíceis.

O êxtase se dissipou tão de repente quanto havia aparecido. Dei alguns passos irritados pela sala.

— Você tem que continuar falando sobre isso? Não pode deixar quieto em um canto? Eu estou fazendo o que você quer, não estou?

O homem veio até mim e se ajoelhou aos meus pés, aqueles fones de ouvido absurdos ainda despenteando seu cabelo enquanto ele se aproximava de mim.

— Não era isso que eu pretendia. Não se esqueça, sei tudo sobre você. Vi onde você nasceu e cresceu, vi o que deve ter feito para poder sair de lá. Suponho que o que estou querendo dizer é que a admiro, Judith.

— Jura? Você me admira?

— Foi o que eu disse. Não me faça ficar elogiando você... Agora, acho que a gente devia ir comemorar a sua primeira grande aquisição. Qual é seu prato favorito em Paris?

— Salada de lagosta Laurent.

— Então, vou me trocar. Vou até vestir umas roupas decentes. Você acredita que tenho até uma gravata? E *mademoiselle* terá sua lagosta.

Mas eu já tinha tirado minha saia. Os lábios de minha boceta estavam inchados de desejo, pulsando através da ranhura da minha lingerie de malha. Sentei-me à mesa e abri minhas pernas.

— Ou nós poderíamos jantar em casa?

Ele empurrou um dedo dentro de mim tão de repente que ofeguei, retirando-o lentamente, um fio de meus sucos se estendendo entre nós dois, e levando-o à boca.

— Sim, podemos jantar em casa.

Capítulo vinte e cinco

EU TINHA ME DEBATIDO sobre a ideia de receber a tela em meu próprio endereço, e finalmente decidi a favor disso. A Gentileschi era registrada, o meu dinheiro estava limpo, e o que eu fiz com a minha própria propriedade depois que a recebi não era da conta de ninguém. Foi uma venda-padrão; não havia razão para Rupert procurar o comprador de um quadro que ele nem mesmo tinha vendido. A notícia iria aparecer nas revistas especializadas, por causa da venda, mas não havia nenhuma razão para se conectar a minha empresa comigo, mesmo se o nome Gentileschi fizesse lembrar de alguma coisa. Além disso, Rupert tinha outras coisas para se preocupar, já que ele estava mais pobre desde que sua jogada com Cameron não tinha dado certo. Renaud concordou. Uma vez que a papelada chegou, via correio expresso de Londres, eu já estava pronta para entrar em contato com Moncada. Outro telefone descartável, uma lista de números do caderno de Renaud.

— Como você sabe que esses telefones são de Moncada?

— Um deles vai dar certo. Eu lhe disse, tenho bons contatos.

— Sim, eu sei. Você e seus famosos contatos. Mas ele não vai retornar para mim nesta coisa. Temos que encontrar um telefone público.

— Boa menina, bem pensado.

— Descobri que se pode aprender muitas coisas no trabalho se você se concentrar.

Pegamos o metrô até o 18-º distrito, encontrando uma loja na rua de La Goutte d'Or, onde os imigrantes podiam comprar cartões telefônicos para poderem conversar com suas famílias entre caixas de bananas e limões e pilhas de turbantes africanos baratos. Renaud comprou um cartão e esperou na fila pelo telefone enquanto eu percorria a lista de números. Os dois primeiros estavam desativados, o terceiro respondeu e desligou, o quarto disse "Pronto", mas desligou assim que falei. Eu tentei mais dois. Inútil.

— O que podemos fazer se ele não responder? Isso é tudo que você tem?

Renaud havia alcançado o último lugar na fila. Uma senhora com um turbante complicado, estampado com melões, espetado em sua cabeça balançou sua enorme bunda para ele como se estivesse limpando um carrapato, em seguida, voltou a gritar em impenetrável jargão crioulo. A loja cheirava a suor acre e melaço, um programa de televisão soou acima do balcão do caixa, estava sendo assistido por cinco ou seis pessoas que esperavam atrás de Renaud pelo telefone.

— Isso pode levar um século. E mesmo que a gente consiga falar com ele, este telefone ficará ocupado até o Natal!

— Continue tentando.

Isso era patético. Será que Renaud queria mesmo fazer aquilo? Liguei e liguei várias vezes até que os créditos do celular acabaram. Saímos da loja para tomar um café e fumar um cigarro, compramos outro cartão e começamos de novo. Mais café, mais cigarros; minha cabeça doía de fumaça e nicotina. Tentei tantas vezes aqueles números de telefone que nem precisava mais olhar para as anotações.

— Renaud, isso é inútil.

Ele combinava bem com a Goutte d'Or com suas roupas e sapatos horríveis. E nós devíamos parecer ridículos, um par de golpistas de baixo nível de um filme de TCC de um estudante de cinema. Eram cinco horas e nós tínhamos ficado naquele lugar durante três horas, e Renaud havia desistido de seu lugar na fila tantas vezes que até mesmo o caixa que vivia assistindo TV tinha começado a nos espiar com ar desconfiado.

— Quero ir para casa e tomar um banho.

Pela primeira vez desde que entrara no meu táxi no Hôtel de Ville, Renaud parecia perturbado e descontrolado.

— Espere aqui, vou fazer uma chamada.

— Claro — respondi, cansada.

Tentei observar seus lábios através de uma vitrine com caixas de telefones da Hello Kitty, enquanto ele fazia a chamada, mas ele virou as costas para mim quando chegou à rua.

— Tente estes.

Peguei meu celular descartável e disquei mais dois números de telefone. O primeiro estava desligado. O segundo tocou, e tocou.

— *Pronto.* — Era voz de mulher.

— Eu preciso falar com *signor* Moncada. Judith Rashleigh. Eu trabalhei para Cameron Fitzpatrick.

Ouvi o sinal de linha. Respirei algumas vezes e liguei de novo.

— Por favor, dê este número ao *signor* Moncada. Eu estarei esperando.

Acenei com a cabeça rapidamente para Renaud.

— Talvez agora.

Ele deu um passo adiante, tirou o fone da mão de um homem somali com uma túnica de náilon desbotada e pendurou-o no gancho.

— Que porra é essa?

Renaud estava abrindo o paletó, puxando um distintivo do bolso.

— Polícia.

Por um segundo, foi como se todo o oxigênio tivesse sido aspirado daquela sala. Então, a multidão toda se empurrou em direção à porta, derrubando no caminho um saco aberto de arroz e uma caixa de óculos Ray-Ban falsos. O caixa ficou em pé, dois punhos enormes, com anéis em todos os dedos, fechados no balcão.

— Escute, *monsieur*, você não pode simplesmente entrar aqui e...

— Você. Sente-se e cale a boca. Melhor ainda, vá até os fundos e encha essa cara gorda com frango frito até que eu diga para parar, ou eu vou querer a porra dos seus papéis também, entendeu? E depois vou lhe mandar de volta para a porra do buraco de onde você veio e de um jeito mais rápido do que conseguirá dizer "discriminação racial", seu merda. Isso caso a sua boca sem dentes ainda consiga falar. Está claro?

Fomos deixados sozinhos. O arroz rangia sob os pés de Renaud quando ele virou a placa na porta para "Fechado".

— Não havia necessidade de falar com ele assim. E que negócio é esse do distintivo? — murmurei em inglês.

— Me poupe. Isso é importante. E o distintivo...

— Já entendi. Seu famoso amigo na polícia.

— Basta ficar esperando ao telefone.

Renaud acendeu um cigarro.

— É proibido fumar aqui! — gritou desafiadoramente o caixa detrás da cortina de plástico que servia como divisória.

— Quer um? — ofereceu Renaud, ignorando o aviso.

— Não, obrigada. Pare de se comportar como um idiota, que tal? Você está agindo como se fosse mesmo a porra de um policial.

— Desculpa. Eu só estou nervoso. Há um monte de dinheiro nesse lance para mim. Eu vou pedir desculpas a ele, eu realmente vou.

— Faça como quiser. Você poderia apenas sentar-se ou algo assim, que acha? Ler uma revista, sei lá, deixa eu me concentrar.

Renaud fez uma tentativa pouco entusiasmada de recolher o arroz e devolvê-lo ao saco, recolocou os óculos de sol no balcão e sentou-se na cadeira do caixa, desligando o aparelho de TV. Esperamos em silêncio por vinte minutos ou mais, até que eu já estava planejando onde pendurar o Richter em casa, quando o telefone tocou.

— *Signor* Moncada? Judith Rashleigh.

— *Vi sento.*

Ele não estava me dando mais nada. Então, lancei-me em meu pequeno discurso em italiano — Deus sabe que tive tempo de ensaiá-lo. Mencionei que tinha algo que achei que ele pudesse estar interessado em comprar, dei detalhes da venda para que Moncada pudesse verificar, e sugeri que nos reuníssemos em Paris se ele avaliasse que isso seria adequado. Nenhuma menção ao dinheiro, nem a Fitzpatrick.

— Me dê seu número. Ligarei de volta.

Demorou uma hora antes de ele telefonar. Nós realmente não tínhamos mais necessidade de ficar naquela loja, mas nessa altura eu já havia enviado Renaud para o McDonald's, ou "MacDo" como dizem os franceses, e ele e o homem do caixa já haviam deixado de lado suas diferenças e estavam conversando animadamente como dois velhos amigos, esvaziando garganta abaixo garrafas de dois litros de Coca diet e assistindo a um jogo de futebol. O pequeno telefone tocou na minha mão. Tensa por causa do suor, quase o deixei cair, acenei freneticamente para o caixa atrás da cortina, colocando minha mão atrás da minha orelha para sinalizar para Renaud que ele pudesse ouvir.

— Não há necessidade. Meu italiano não é tão bom assim — sussurrou ele em inglês.

— Tem um preço para mim, *signorina* Rashleigh?

— Como já deve ter visto, eu adquiri a peça por 1,1 milhão de libras esterlinas.

Aproximadamente 1,5 euros. O preço que eu peço é de 1,8 milhão de euros.

Se ele comprasse, eu teria minha metade da diferença de 300 mil em euros. Um preço justo por aquela peça.

Silêncio na linha.

— Minha estimativa é que a peça vai valer mais de 2 milhões de euros em seis meses, mais ainda em um ano.

Eu me perguntava o quanto Moncada realmente conhecia do mercado de arte legítima. Se ele fosse um sujeito bem informado, saberia que este realmente era um bom negócio, com base na maneira como as obras de Richter mantinham seu valor, e como os preços estavam em constante escalada para a arte do pós-guerra, de forma geral.

— Muito bem.

Fiquei bastante impressionada com ele.

— Como antes, então?

— Como antes.

Voltei a discorrer sobre a minha sugestão de como deveríamos nos encontrar, mas ele não falou novamente. Quando eu terminei, deixei o silêncio perdurar por mais alguns instantes, então me despedi de maneira formal e educada. Lembrei-me de meu medo de Moncada, lá em Como, mas parecia algo irracional agora. Moncada em breve seria um problema de Renaud. Eu estaria montada no dinheiro da venda do Richter, se tudo corresse bem, e, além disso, Renaud estaria presente na reunião para me proteger. Ou, caso seu afeto não fosse tanto assim, ele estaria lá certamente para proteger seu pagamento por trazer o Rothko de volta.

Tudo o que eu deveria fazer agora seria esperar que a pintura chegasse de Londres, entregá-la, fazer aquela coisa toda com os códigos bancários e todo o negócio estaria concluído. Renaud desapareceria e eu estaria livre. Eu não estava a fim de me deixar ficar toda sentimental com o pensamento de ele ir embora, mas havia uma parte de mim, talvez, que ansiava que a remessa do quadro não fosse tão rápida. Afinal, não havia nada de errado em querer apenas mais alguns dias...



Acabei ficando bastante ocupada enquanto esperava o Richter chegar, desmantelando a minha vida em Paris como se assistisse a um filme sendo rebobinado. Encontrei uma empresa de mudança especializada em objetos de arte, para levar minhas telas e minhas antiguidades; tudo isso seria guardado com temperatura controlada em nome da Gentileschi em um depósito nos arredores de Bruxelas. Relutantemente, informei que ia sair do apartamento ao locatário e contratei uma segunda empresa de mudanças que viria buscar o resto das minhas coisas quando eu estivesse pronta e transportá-lo para um armazém alugado perto da ponte de Vincennes. Quando o cara apareceu com as caixas para embalagem e o plástico bolha, a *concierge* perguntou onde eu estava indo. Senti que havia perdido alguns pontos em sua estima desde que assumi viver em pecado com um sujeito tão desalinhado como Renaud, que definitivamente baixou o tom chique do edifício, mas ela não podia suportar não bisbilhotar. Respondi que estava indo para o Japão a trabalho. Pareceu-me um lugar tão bom quanto qualquer outro.

— E o *monsieur*?

Eu dei de ombros.

— Você sabe. Homens.

— Sentirá falta de Paris, *mademoiselle*?

— Sim, muita falta.

Talvez por causa dessa pergunta, persuadi Renaud a se tornar um turista por alguns dias. Como qualquer um que vive em uma cidade grande, eu nunca a tinha visto através dos olhos de um estrangeiro. Então nós fomos até a Torre Eiffel e a Père Lachaise, abrindo caminho através da multidão de emos-fantasmas até o túmulo de Jim Morrison, fomos à Conciergerie para ver a cela de Marie Antoinette, aos murais de Chagall, ao Palais Garnier, a um concerto de Vivaldi na Sainte-Chapelle. Fomos ainda ao Louvre para dizer *au revoir* à Mona Lisa e passeamos pelos jardins do museu Rodin. Quando estive aqui como estudante, costumava zombar dos turistas japoneses que nada viam das obras de arte além do que suas Nikons enxergavam; agora, eles erguiam os iPads para filmar os tesouros da cidade, por isso tudo que eles viam com seus próprios olhos eram o acinzentado de um tablet da Apple. Esses zumbis arrastando os pés não mereciam ver coisas bonitas. Nós compramos *kebabs* repugnantes em Saint-Michel, enfiando-os goela abaixo sentados na fonte, tiramos fotos

constrangedoras na cabine de fotos do metrô. Até passeamos com a Bateau-Mouche, desfrutando de um surpreendentemente delicioso jantar de sopa de cebola e *tournedos Rossini* enquanto o barco resfolegava sob as pontes iluminadas, ao mesmo tempo em que uma garota argelina magra em um vestido vermelho de lantejoulas cantarolava Edith Piaf. Renaud segurou minha mão e acariciou meu pescoço e, embora eu pudesse entender que nós deveríamos parecer um casal como qualquer um daqueles que eu tinha visto durante a minha estadia no *Mandarin*, não me importei. Perguntei a ele sobre o rebuscado monograma que ainda aderia teimosamente a todas as camisas que ele usava.

— Na verdade, fui eu que fiz. Sou muito bom em costura.

— Como assim? Você aprendeu na prisão, costurando os malotes?

— Engraçadinha. Meu pai foi... ainda é... um alfaiate. Ele continua trabalhando, mesmo em seus 80 anos.

— Onde?

— Onde o quê?

— Onde você cresceu?

Estávamos comendo um prato de frutos do mar no Bar à Huîtres na rua De Rennes. Renaud espalhou o vapor do gelo-seco que saía do prato e engoliu uma ostra com vinagre de cebola antes de responder.

— Numa pequena cidade minúscula, você não teria ouvido falar dela. O que chamamos de "o cu do mundo". *La France profonde*.

Peguei um lagostim.

— Mas, então, como chegou a fazer o que você faz? Não é exatamente o tipo de trabalho para o qual a pessoa estude na faculdade... E você não conhece nada sobre pinturas, de qualquer maneira.

— Não trato apenas de pinturas. Já lhe contei... eu descubro dinheiro que desapareceu. A maior parte é coisa de empresas, de gerentes e diretores que meteram a mão na caixa registradora. Estudei administração na universidade, passei um par de anos em uma empresa de contabilidade em Londres.

— Ugh.

— Exatamente. Acho que caí nessa porque eu queria ser outra coisa. Como você, Judith.

— O que faz você pensar que nós somos tão parecidos?

Perguntei isso de forma provocativa, mesmo, em busca de um elogio,

suponho, mas ele esticou o braço por cima da mesa e pegou a minha mão.

— Judith. O que a levou a fazer isso?

— Fazer o quê?

— Essa coisa de sexo. A boate do Julien, as outras boates. Isso.

Engoli minha última garfada de maresia e fiquei em pé.

— Pague a conta e eu lhe respondo.

Não falei nada até que caminhamos ao longo da avenida e, quando chegamos à rua De Sèvres, encontrei um banco, acendi um cigarro e peguei a mão dele.

— Você viu a minha mãe? Quero dizer, você pôde ver como ela é?

— Sim.

— Então, bem, são as coisas de sempre. Eu ficava largada na casa de minha avó a metade do tempo. Bebidas, homens entrando e saindo. "Tios" que duravam uma semana ou um mês. Aparentemente, esses tipos são um clássico. Eles se acomodam com a mãe, geralmente fraca, vulnerável, necessitada, para que eles possam ir atrás da filha. O tipo de coisa que você vê nos jornais o tempo todo.

— Ou como Nabokov?

— Nada tão elegante assim. Então, houve um desses caras, ele parecia bastante decente no início, tinha um emprego, motorista de caminhão, tratava bem a minha mãe. Mas, então, ele começou a esperar por mim depois da escola, a me oferecer uma carona para casa em seu caminhão grande e lindo. Era melhor que o ônibus, eu vivia sempre apanhando no ônibus, e ele tinha doces. Aqueles dropes, sabe, balinhas. Ainda não consigo olhar para elas. E então, bem, teve o dia em que ele sugeriu que a gente fosse dar um passeio. Eu usava aqueles uniformes azuis da escola, saia plissada curta, laço e aquelas calcinhas de ginástica azul-marinho por baixo. Achei que, se eu não fizesse o que ele queria, o cara iria abandonar a minha mãe. E ela iria me culpar, e iria começar a beber de novo. Então, eu deixei...

— Deus, sinto muito, pobrezinha.

Enterrei meu rosto em seu peito, e, depois de um momento, meus ombros começaram a tremer. Ele acariciou o meu cabelo, deu um beijo na minha testa.

— E, depois disso, o que aconteceu?

Meu rosto estava abafado no tecido barato de sua jaqueta. Havia algo de reconfortante, agora, naquele cheiro de suor familiar.

— Daí que eu não aguentava mais. Por isso, em uma manhã, peguei uma faca na cozinha e eu...

Desmoronei contra Renaud, fora de controle. Não conseguia sufocar essa história por mais tempo. E demorou alguns bons minutos para que ele percebesse que eu estava rindo.

— Judith!

— Ah, pelo amor de Deus, Renaud, você estava acreditando nisso? Que eu deixaria aquelas mãos calejadas imundas tocarem minhas deliciosas coxas pré-adolescentes? Ah, pelo amor...

Limpei as lágrimas do meu rosto e olhei para ele diretamente.

— Olha, a minha mãe é uma bêbada e eu gosto de transar, entendeu? Gosto de transar. Ponto final. Agora me leve pra cama em casa.

Ele tentou sorrir, mas não conseguiu. Só que, quando chegamos ao apartamento e vesti minhas calcinhas brancas de algodão e começamos nosso jogo, ele gostou. Renaud gostava muito disso. Mais tarde ele enfiou um dedo no meu rabo e levou-o ao nariz.

— Você tem um cheiro de ostras. Quer experimentar?

Eu respirei o perfume em sua mão e era verdade.

— Eu não sabia que isso acontecia.

De verdade, eu não sabia, mesmo. Eu lambi o dedo dele para provar o aroma limpo do mar, dentro de mim.

Capítulo vinte e seis

E, ENTÃO, CHEGOU O DIA. Renaud estava distante e irritado, andando pelo apartamento e mexendo nas coisas, sem rumo. Desse jeito, estava me deixando ansiosa, por isso sugeri uma caminhada. Passeamos pelas lojas de St. Germain. Eu disse que ele podia pagar algumas roupas mais decentes agora, mas ele não sorriu.

Quando lhe perguntei qual era o problema, sua resposta foi que andava nervoso sobre a nossa reunião.

— Não é você quem vai conversar com os peixes se a coisa der errado — ponderei.

— Judith, cale a boca. Você não sabe o que está dizendo.

— O que quer dizer com isso? Estou fazendo o que você quer, não é? Você é a pessoa que diz que não há nenhum risco. Para você, pelo menos.

— Você tem sempre que achar que sabe de tudo. Que pode se sair bem apenas porque sabe das coisas, como eles ensinaram na sua universidade esnobe.

— Desculpe — respondi com humildade.

Eu poderia ter acrescentado que é preciso algo mais do que a inteligência para agir com inteligência, mas esse não era o momento para uma discussão filosófica. Seu rosto suavizou, e ele colocou o braço em volta do meu ombro.

— Nada vai acontecer com você — assegurou-me Renaud.

Eu poderia ter salientado que não teríamos chegado tão longe se a possibilidade de sofrer graves consequências representasse um problema para mim, mas também não pareceu o momento de mencionar isso. Senti que essa tentativa de me acalmar o fazia sentir-se melhor, então perguntei se Moncada de fato não se importava com o destino de Cameron.

— Veja. Sabemos que a Cosa Nostra distribui suas operações conforme as necessidades. É mais seguro se um agente cumpre suas ordens se comunicando apenas com aqueles diretamente acima ou abaixo dele na cadeia de comando.

— Que dizer que Moncada vai seguir fazendo seu trabalho e pronto?

— Exatamente. E seu trabalho é adquirir imagens com dinheiro sujo e vendê-las de modo que o dinheiro fique limpo.

— Eu acho então que, para eles, a morte é apenas um risco ocupacional?

Ele me beijou suavemente na boca.

— Sim, pode-se dizer que sim, *chérie*.



Eu tinha organizado para me encontrar com Moncada fora do café De Flore às sete. Cheguei lá um pouco mais cedo para o caso de ter que esperar por uma das concorridas mesas que ficavam do lado de fora. Fiquei surpresa, quando pensava no que havia acontecido há algum tempo, como eu tinha sido incrivelmente ingênua — ou amadora, nas palavras de Renaud — ao ir até ele com o Stubbs. Mesmo com todas as suspeitas despertadas pela minha pesquisa no hotel em Roma, eu ainda tinha sido dominada pela confiança da ignorância. Agora, que sabia ao certo quem esse Moncada era, sabia também que ele estaria me vigiando, alerta para o potencial de uma armadilha. Antes, não tinha me ocorrido temer esse homem; hoje, porém, apesar da calma que eu havia sugerido a Renaud, eu estava apavorada. Dizia a mim mesma que negócios são negócios, que, mesmo na hipótese de Moncada saber que eu estava envolvida no desaparecimento de Cameron, meu produto ainda era bom. E se ele, todavia, achasse que eu o enrolaria? Membros decepados e esfaqueamento eram coisas para os rapazes; eles provavelmente tinham algo especialmente barroco para as mulheres.

Estava vestida em trajes de passeio: sapatos baixos, uma blusa preta, um casaco Chloé, calça de brim, um lenço de seda, uma nova mochila Miu Miu contendo meu computador, meus recém-impressos cartões de visita da Gentileschi e a papelada do Richter. Descansei meu celular em cima da mesa onde ele seria capaz de ver que eu não o usava, pedi um Kir Royal e fiquei folheando um exemplar da *Elle*. Moncada estava atrasado. Não conseguia parar de olhar para meu relógio enquanto tentava me concentrar em mais uma dica me aconselhando como eliminar aqueles cinco quilos teimosos. Na única vez em que decidi perder peso, simplesmente parei de comer por uma semana. Para mim, isso pareceu funcionar bem. Sete e meia. Onde ele estava? Por que *Elle* não publica

um artigo sobre o porquê de as mulheres gastarem metade de suas vidas à espera dos homens? Mesmo com os aquecedores, eu estava ficando com frio. Já estava acendendo outro cigarro quando o vi atravessar o St. Germain na frente da Brasserie Lipp. Eu só o reconheci pelos enormes óculos de sol, absurdos de noite. Ele puxou a cadeira à minha frente, pousou uma pasta de couro preto sobre a mesa e inclinou-se, esfregando os dedos desajeitadamente na minha bochecha, perto o suficiente para eu cheirar sua colônia vetiver.

— *Buona sera*.

— *Buona sera*.

O garçom apareceu. Eu pedi outro Kir e Moncada aceitou um gim-tônica. Falei obstinadamente sobre o clima até que os copos foram servidos. Às vezes é uma vantagem ser inglesa.

— E, então, está com ele?

Olhei para o couro acolchoado da minha bolsa.

— Não aqui, obviamente. No meu hotel, muito perto. Tudo como discutimos?

— Certo.

Ele deixou algumas notas sobre o pires do garçom e partimos para a Place de l'Odéon. Renaud tinha reservado um quarto, pago em dinheiro antecipadamente, em um hotel com paredes rosa, na praça, a porta cercada por luzes feéricas. Parecia encantador no crepúsculo. Eu, de alguma forma, tinha me esquecido de que era quase Natal. O elevador era desconfortavelmente pequeno, e não ajudava muito o fato de que boa parte dele estava sendo ocupado pelo fantasma de Cameron Fitzpatrick. Moncada não era um tipo falador, mas me senti obrigada a manter um fluxo constante de observações, de exclamações vívidas sobre a arquitetura no Trocadéro e a remodelação do Palais de Tokyo.

— Chegamos! — soltei um gorjeio ao chegarmos ao quarto andar.

Moncada me deixou passar pela porta em primeiro lugar, mas logo se escondeu atrás de mim para olhar no banheiro, em seguida, outro olhar para os dois lados ao longo do corredor estreito, antes de se mostrar satisfeito. Eu tinha deixado o Richter pousado sobre a cama, no mesmo estilo da pasta barata de estudante de artes que Cameron tinha utilizado para o Stubbs. Coloquei a papelada ao lado dele e tomei assento na única cadeira que havia no quarto, uma Eames branca.

— Gostaria de uma bebida? Água?

— Não, *grazie*.

Ele fez seu trabalho metodicamente, verificando a certificação antes de voltar sua atenção para a tela, estudando as referências e a procedência com cuidado. Eu me perguntei se Moncada gostava de Richter, ou de algum artista, na verdade.

— Tudo em ordem?

— Sim. Você parece ser uma boa mulher de negócios, *signorina*.

— Assim como você, *signor* Moncada. Soube que o Stubbs conseguiu um preço impressionante em Pequim.

— O Stubbs, sim, claro. Mas que infelicidade, o que aconteceu com o seu pobre colega.

— Terrível. Um choque terrível.

Por um momento, eu me lembrei da cena em meu quarto de hotel no lago, com o policial Da Silva. Eu não devia exagerar na consternação.

— Mas, ainda assim, talvez possamos fazer negócios uma ou outra vez?

— *Si. Vediamo.*

Enquanto ele recolhia os papéis e fechava o zíper da pasta, enfiei a mão na mochila e peguei meu laptop, colocando-o sobre a mesa, pressionando a tecla de "enviar" para o texto que eu já tinha preparado anteriormente.

— Bem... — Entreguei uma folha de papel com as senhas e os códigos escritos a caneta. — Como combinamos, 1,8 euros, certo?

— Sim, conforme combinamos.

Passamos por todas as etapas da mesma rotina que seguimos na pizzaria imunda, exceto que, desta vez, eu não teria que fazer a transferência. Que bela mulher de negócios eu tinha me tornado. Meu celular tocou, bem na hora.

— Com licença, eu tenho que atender. Vou atender lá fora e...

Nem sequer vi o braço dele se movimentando antes que ele apertasse o meu pulso. Moncada balançou a cabeça, fazendo sinal negativo. Assenti, agitando meus dedos em concordância.

— *Allô?* — Esperava que ele não pudesse detectar o tremor em minha voz.

— Desligue agora.

Moncada ainda estava segurando meu braço. Eu dei um passo para trás; a gente poderia estar fazendo passos de dança.

— Sim, claro. Eu poderia ligar para você em alguns minutos? — desliguei. —

Desculpe.

Ele relaxou o aperto em meu pulso, mas segurou meus olhos alguns segundos a mais.

— *Niente*.

Moncada voltou-se novamente para a cama, para pegar a pasta com a tela, e, durante os poucos segundos em que ele ficou de costas, Renaud apareceu no quarto, empurrando-me sem pensar para um lado, com as mãos em arco sobre a cabeça inclinada de Moncada como o floreio de um mágico abrindo sua capa. Moncada era um homem mais alto, mas Renaud ergueu seu joelho no meio das pernas do outro e Moncada tropeçou para frente, sua mão direita procurando atabalhoadamente sob o paletó enquanto a esquerda puxava o pescoço de Renaud. Não entendi muito bem ao que estava assistindo até que Moncada girou o corpo, jogando seu peso contra Renaud. À medida que ambos volteavam desajeitadamente, notei algo que eu havia meio que registrado enquanto estávamos na cama, mas nunca pensei sobre isso. Renaud podia ser um pouco flácido, mas era um homem incrivelmente forte. Distraidamente, observei os músculos sobre seus ombros de repente poderosos se avolumando debaixo do paletó solto, um sentido de definição do tríceps logo abaixo, enquanto ele se esforçava para segurar Moncada na frente dele. O quarto estava cheio com a respiração rascante dos dois homens, mas muito acima disso ouvi uma sirene de, talvez, uma ambulância, um contraponto de sonhos. Foi quando vislumbrei o fio branco no pescoço de Moncada, algum tipo de corda de metal que Renaud estava torcendo debaixo das orelhas dele, o rosto de Renaud ficando tão púrpura que, por um momento, cheguei a pensar que era Moncada quem o estava machucando e quase me joguei sobre eles, mas, em seguida, olhando para cima, vi Moncada dobrar-se lentamente contra os joelhos de Renaud. Os cotovelos de Renaud se ergueram como em uma dança cossaca. Os globos oculares de Moncada ficaram vermelhos, os lábios escancarados incharam, e entendi, assim que o tempo começou a andar de novo, que, pela terceira vez, eu tinha assistido alguém morrer.

Durante algum tempo, o único som que se ouvia no quarto era o ofegar de Renaud. Eu me sentia incapaz de falar. Ele se inclinou, segurando seus joelhos como um velocista depois de uma corrida, e expirou lentamente um par de vezes. Em seguida, ajoelhou-se sobre o corpo e começou a percorrer os bolsos, tirando

uma carteira Vuitton, um passaporte. Eu engasguei quando vi a arma no coldre da cintura de Moncada.

— Coloque as coisas em sua bolsa. Rapidamente, ponha tudo isso. Leve o computador também. Pegue a tela. Depressa.

Obedeci em silêncio. Enchi minha bolsa com os papéis e o laptop. Fechei o zíper da pasta. Renaud estava guardando a arma de volta em seu bolso. Quando redescobri a minha voz, ela saiu estridente como o de uma boneca de corda.

— Renaud! — Tossi, respirei, silvei. — Renaud! Isso é loucura. Eu não entendo.

— A polícia estará aqui em dez minutos. Faça como eu digo, eu vou explicar mais tarde.

— Mas, e as impressões digitais?

Havia o início de um grito histérico na minha pergunta.

— Já disse, isso será resolvido. Mexa-se!

Minha bolsa estava transbordando; não consegui fechá-la. Tirei o meu lenço do pescoço e fiz o melhor que pude para esconder o conteúdo.

— Leve o quadro, vamos. Pegue um táxi para o apartamento, eu estarei lá em breve. Vá!

— Ele... ele tinha uma maleta — comentei.

Meu corpo estava como numa correnteza, não conseguia encontrar apoio no chão.

— Leve isso também. Agora. Dê. O. Fora. Daqui!

Capítulo vinte e sete

ESPERANDO NOVAMENTE. O sofá e meu *escritoire* foram cobertos por folhas de plástico, então eu estava sentada no chão entre os caixotes, de costas para a parede. Puxei meus joelhos sob o queixo e fechei os olhos. Algum neurônio dentro de meu cérebro estava refletindo que assistir a um assassinato era de fato estranhamente mais chocante do que cometê-lo. Nem sequer tive vontade de fumar. Mais uma vez, o zumbido da porta da rua, mais uma vez o peso de suas passadas nos degraus da escada. Ergui a cabeça, cansada; meus olhos deviam estar pretos, desolados como os olhos de um tubarão. Foi apenas quando Renaud acendeu a luz que eu percebi que estava sentada no escuro. Ele parecia alegre, embora talvez isso fosse normal para alguém que acabara de estrangular um mafioso notório.

— É melhor que isso seja bom.

Ele veio sentar-se ao meu lado, colocando um braço em volta de mim. Não o afastei para longe — não suporto essas teatralidades femininas.

— Sinto muito, Judith. Era a única maneira. Era ele ou eu.

— Mas, e o seu cliente? Como você vai poder conseguir o dinheiro de volta daquele maldito Rothko?

— Moncada sabia quem eu era. Ele estava me procurando. Ele estava preparado para matar; você viu a arma.

— Mas ele não tinha ideia de que você estava em Paris.

— Exatamente. Como eu disse, era uma questão de tempo. Qual de nós encontraria o outro primeiro. Você não precisa se preocupar com a polícia. Eu tenho um amigo lá dentro, lembra-se?

Não sorri.

— Informei a eles — Renaud continuou. — Eles sabem em que Moncada estava metido, vão ver que ele estava armado e vão entender tudo. Pense desta forma, você fez um favor à polícia.

— E o seu cliente?

— Vou entrar em contato com os associados de Moncada, e eles entenderão que isso é um aviso. Vou conseguir o meu dinheiro.

— Que bom para você.

— Não seja assim. Veja.

Renaud pegou um envelope marrom dobrado de dentro do paletó e passou para mim. Eu o tinha na minha mão antes mesmo de me lembrar de tê-lo visto no seu bolso, ao lado do garrote. Lá estava a foto que tirei no metrô de Saint-Michel em um novo passaporte, uma carta de motorista, até mesmo uma *carte de séjour*.

— Leanne? Isso é baixo demais, Renaud.

— Uma garota de 27 anos de idade, inglesa, recentemente falecida? Parecia bom demais para deixar passar. De qualquer forma, isso vai lembrá-la de se manter longe de problemas, especialmente de problemas com a lei.

— Como você fez isso?

— A polícia entrou em contato com seu consulado. Uma pobre jovem que foi atacada e roubada, recuperando-se agora no hospital. Seus pais ansiosos para levá-la para casa. Você vai passar tranquilamente como sendo ela. Está tudo limpo.

— Um contato bastante impressionante que você tem lá. Os gendarmes parecem extremamente prestativos.

— É uma retribuição igual.

Eu dei a ele um longo olhar.

— Não se sinta mal.

— Claro que me sinto mal, porra. Por acaso eu pareço uma Leanne para você?

Ficamos sentados lá por algum tempo, nossas cabeças encostadas na parede. Depois de poucos minutos, perguntei a Renaud:

— Então, esse Rothko, qual era ele, afinal? Quero dizer, qual tela?

— Não sei. Quero dizer, são todos iguais, não são? Grandes, avermelhados, quadrados, sei lá.

Se há uma coisa que eu aprendi, é que convencer-se de manter baixas expectativas nunca funciona. Você diz a si mesma para não esperar por nada, mas quando é o nada que recebe, ainda sente uma pequena decepção irracional. Eu queria dar-lhe mais uma chance. Eu realmente queria. Ele poderia ter me contado a verdade e me dado alguma vantagem, pelo menos. Deixei minha

bochecha se apoiar no ombro de Renaud.

— Então... — continuei — a tarefa está concluída.

— *Oui*. Eu trouxe uma coisa. No saco ao lado da porta. — Puxei-o para mim.

— Cristal. Meu favorito. Eu vou abri-lo.

Em uníssono, os nossos quatro olhos giraram para a minha bolsa no chão, deitada ao lado da pasta de Moncada e uma pintura de milhões de libras. Nela, as coisas dele, a arma.

— Não, deixe que eu abra — disse Renaud rapidamente.

Ele pegou meu olhar e ambos rimos, uma verdadeira risada, de cúmplices.

— Que tal se eu pegar a garrafa e você, as taças. Estão em uma dessas caixas.

Fiquei em pé para que ele pudesse me ver. Nenhum movimento brusco.

Era um momento anamórfico imperceptível. Inclinados assim, a gente se viu meio que duplicados, ele e eu, e vi como as coisas poderiam ter sido. Fui até a janela. Deus, eu ia sentir falta deste apartamento, ia sentir falta do céu noturno de Paris.

— Não consigo encontrá-las — ele disse.

— Talvez naquela outra caixa. Você vai ter que tirar a fita.

Ainda segurando a garrafa na minha mão direita, girei a trava da gaveta oculta na parte de trás da minha *escritoire*. O silenciador já estava montado no tambor da Glock 26.

— Aqui estão as taças.

Renaud estava com uma taça em cada mão. Ele só teve tempo de olhar surpreso para mim antes que eu puxasse o gatilho.



De acordo com *Women Serial Killers of America*, a 26 é a arma ideal para as senhoras. Mas da mesma forma que os crimes, nos filmes, só parecem ser resolvidos por um detetive aposentado, o seu silenciador é muito deturpado. O único que realmente funciona é o da Ruger Mark II, mas tem uns 30 centímetros de comprimento e pesa um quilo, não exatamente amigável para se carregar em uma bolsa. E, depois, existe um dilema. Quanto mais silencioso for o tiro, a munição que pode ser usada é a menos poderosa, e quanto menos

poderosa for a munição, a distância que a bala viaja é mais curta, portanto menos danos ela provoca. A Glock tem a metade do peso da Ruger, e, aparentemente, um número muito sexy, se você gosta desse tipo de coisa. Uma bala supersônica tem um estalo alto que nenhum silenciador vai conseguir silenciar muito; uma bala subsônica, por outro lado, é mais silenciosa, mas o disparo tem que ser apontado para a cabeça, caso contrário, não há nenhuma garantia de que o alvo vá cair. Os contatos de Dave no exército tinham gentilmente me fornecido seis balas subsônicas em cada invólucro Wispa, e uma vez que o mais próxima que eu fiquei de uma arma foi daquelas de parque de diversões, ou transportando as Berettas de Rupert para seu Range Rover em uma tarde de sexta-feira, Dave também me enviou um cartão-postal de Boucher, com a imagem da *Madame de Pompadour*, com "Máximo cinco metros" escrito no verso. Felizmente minha sala não era particularmente grande.

Caminhei em meio às caixas fechadas e coloquei mais duas balas na cabeça de Renaud, à queima-roupa, só para ter certeza. O silenciador tinha feito um ruído de sugar bastante alto, mas mesmo com as janelas fechadas eu ainda podia ouvir, lá de fora, o abençoado estrilar das eternas telenovelas da *concierge*. E nas cidades, pelo menos em bons bairros, as pessoas não ouvem tiros. Ou melhor, elas ouvem, sim, e pensam: "Que engraçado, isso soou como o disparo de uma arma", e voltam para assistir a mais uma eliminatória do *The Voice*. Abri o Cristal e tomei um gole diretamente do gargalo da garrafa. Estava um pouco quente. Coloquei na geladeira, que estava salpicada com o cérebro de Renaud, como se fosse um Pollock irritado.

Houve uma batida na porta.

— *Mademoiselle? Tout se passe bien?*

Porra. O vizinho de baixo. Esses merdas desses intelectuais da margem esquerda, por que não podem ficar assistindo à TV e param de encher o saco dos outros? Ele era um advogado, vi lá embaixo na caixa de correio dele, um cara mais velho, talvez viúvo. Nós tínhamos trocado saudações no pátio. Peguei a garrafa, levei-a comigo para a porta, abri uma fresta e inseri-me pela abertura.

— Só um minuto.

— *Bonsoir, mademoiselle.* Está tudo bem? Eu ouvi um barulho e...

Acenei a garrafa alegremente.

— Apenas uma pequena celebração. Eu estou de mudança, como pode ver.

Ele usava óculos e um cardigã de lã verde sobre camisa social e gravata. Em sua mão esquerda, segurava um guardanapo. Um verdadeiro cavalheiro, usando um guardanapo mesmo quando jantava sozinho.

— Sinto muito se o perturbamos, senhor — mantive a mão atrás das costas, segurando a maçaneta da porta para evitar que ela se abrisse totalmente. — Gostaria de se juntar a nós?

— Obrigado, mas eu estava no meio do jantar. Se você tem certeza de que está tudo bem...

— Está tudo bem. Eu peço desculpas.

Parte de mim teve vontade de pedir que ele entrasse, apenas pela porra da diversão. Bem, isso pareceu sexy...

— *Alors, bonsoir, mademoiselle.*

— *Bonsoir, monsieur.*

Renaud poderia ter me olhado com reprovação quando me apoiei contra a porta e respirei fundo, mas ele não tinha mais um rosto para fazer isso. Deixei cair a bituca do cigarro dentro da garrafa e procurei a caixa rotulada de "cozinha", encontrando o cutelo japonês e um pequeno jogo de ferramentas que eu tinha comprado na loja de conveniência árabe. Peguei o plástico que cobria o sofá, estendi-o no chão e rolei o corpo em cima dele, retirando o telefone e a carteira do bolso daquele paletó medonho. Antes de calçar as luvas, pensei que poderia haver um acompanhamento musical. Mozart de novo, desta vez *Requiem*. Meio vulgar, mas Renaud se preparara para me fazer engolir "Leanne" daqui em diante, não é? Diminuí as luzes e encontrei uma vela debaixo da pia para dar mais clima. Então, comecei a trabalhar.



Depois de sua revolucionária *Judith decapitando Holofernes*, Artemisia Gentileschi saiu de Roma e foi para Florença, onde pintou uma versão mais convencional do tema. *Giuditta con la sua ancella — Judith com sua criada* — está exposta no Palácio Pitti. Inicialmente, não há nada de violento nessa tela. É uma imagem de duas mulheres supostamente arrumando a casa. A empregada está em primeiro plano, de costas para o espectador, seu vestido amarelo protegido por um avental, seu

cabelo torcido e preso em um pano. A patroa está de perfil atrás do braço estendido da empregada, olhando atrás delas para ver se estão sendo seguidas, esperando que possam fazer seu trabalho a tempo. O cabelo está cuidadosamente arrumado, o vestido escuro talvez de veludo está ricamente bordado. Por cima do ombro ela carrega uma espada; sob seu punho o nosso olho é atraído para o cesto preso no braço da empregada. Que contém a cabeça de Holofernes, empacotado em musselina como se fora um pudim de Natal. As mulheres foram retratadas em um momento de tensão mortal, mas a imagem celebra seu silêncio. Elas estão ansiosas, mas sem pressa, parando deliberadamente para ver se estão sendo perseguidas antes de prosseguir com aquilo que têm que fazer. Há uma opressão no quadro, a resistência do pesado punho da espada no ombro de Judith, a solidez da cabeça decepada na cesta apoiada no quadril da empregada. Isso, para elas, é o que importa.

Usando a folha de plástico para alavancar, arrastei o corpo sobre o assoalho até chegar ao banheiro. Meus ombros e os músculos do abdômen ficaram tensos e tive que parar várias vezes, mas consegui levá-lo para dentro. Sempre gostei do luxo de um boxe grande com chuveiro. Tirei a roupa e fiquei só de calcinha, e enfiei meu jeans e a blusa na banheira. Depois, enchi a pia da cozinha. Espirrei por todo o lugar um monte de Monsieur Propre e comecei a esfregar bastante, torcendo o pano até que ele deixasse de ficar carmesim e passasse para cinza rosado, jogando mais e mais água quente. Os trapos ficaram cheios de pedaços viscosos. Juntei um punhado com uma careta e joguei no lavatório, soltando a descarga. Quando a sala estava totalmente limpa, enxaguei com água e água sanitária até o banheiro, deixando tudo impecável para o próximo inquilino.

Eu esperava me assustar com o primeiro corte, mas descobri que tinha visto coisa pior quando trabalhei no restaurante de comida chinesa. Com o chuveiro aberto, os oito litros de sangue do corpo humano escorreram asseadamente para o ralo em poucos minutos. O pescoço soltou uma espécie de arroto como se fosse um sapo quando acertei a carótida, mas não houve jorros de sangue, apenas algumas poças e uma camada surpreendentemente limpa de gordura esbranquiçada, como de um sanduíche de presunto. Deixei a cabeça sob a água do chuveiro enquanto eu arrastava o caixote extra que tinha comprado. Cortei as roupas encharcadas de sangue com uma das facas japonesas e atirei-as na banheira. Peguei uma toalha e enrolei o corpo nela, e depois passei algum tempo

secando tudo com meu secador de cabelo. Não queria que começasse a vazar na caixa. Dois sacos de lixo, um para o tronco e outro para os membros, e então uma capa acolchoada, tamanho especial jumbo, daquele tipo usado para proteger vestido de noiva. Empurrei a caixa até a porta da frente, recolhi a carteira e a pasta de Moncada, coloquei-as na parte inferior da caixa e rolei o corpo para dentro, de lado; apoiei-me na pia com as minhas mãos colocadas sob a ranhura da caixa e arrastei-a para ficar na vertical. Aumentei o volume de Mozart enquanto martelava a tampa da caixa. Finalmente, passei a fita adesiva por várias vezes sobre cada junção e colei alguns dos úteis adesivos da empresa de mudança que tinham ficado para trás — "Pesado", "Este lado para cima". Renaud estava pronto para ir para o depósito em Vincennes. O que restou dele, pelo menos.

Em primeiro lugar, envolvi a cabeça em filme plástico, e depois a coloquei numa sacola do supermercado Casino, amarrei as alças juntas e coloquei em uma mochila esportiva Decathlon, junto com a arma de Moncada e os tênis Nike nojentos que Renaud tinha usado para arrastar-se atrás de mim dando voltas no Luxemburgo. Eu dei-lhe um pontapé exploratório — nenhum gotejamento denunciador. Limpei tudo no apartamento, uma vez mais, usando uma escova de dente mergulhada em água sanitária para o interior das torneiras e o ralo da banheira e do boxe, juntei tudo às nossas roupas e enchi outro saco de supermercado, voltei para o chuveiro para me enxaguar completamente. Então, sentei-me molhada no chão e acendi um cigarro. Na minha frente estava um saco de lixo preto com restos ensanguentados, o saco de viagem de couro, a mochila esportiva e a pasta preta com o Richter. Eu poderia colocar as roupas e as ferramentas no incinerador atrás do armário de vassouras da *concierge*, no pátio. Arrumei o saco contendo a cabeça no cesto de vime que Renaud e eu costumávamos levar para o mercado, como se estivesse indo a um piquenique macabro. Peguei uma calça de moletom, um sutiã esportivo, tênis e uma camiseta que estavam dentro da bolsa de roupas de couro, coloquei um gorro de lã na cabeça e saí para a noite. Corri até o rio em menos de dez minutos, o que foi muito bom, seguindo o mesmo caminho que fazia quando brincava de gato e rato com Renaud.

Como a maioria dos momentos maravilhosos na vida, o nosso adeus foi mais um anticlímax patético. Pensei que nosso último adeus seria sobre a ponte Neuf,

a ponte dos amantes da ilha de La Cité, mas mesmo a esta hora da noite havia casais entrelaçados, observando as correntes banhadas de lúmen do Sena. Desci a escadaria de pedra até o jardim descarnado na ponta da ilha, congelando, enquanto dois gendarmes patrulhando pararam no pé da escada para me dar passagem. Eles disseram "*Bonsoir*" educadamente, mas eu podia senti-los me observando enquanto eu caminhava até a estátua de Henrique IV, a cesta de vime presa debaixo do braço. Eu não ousaria arriscar que eles ouvissem uma pancada na água, então, depois de algum tempo, passei pelos dois uma vez mais e cruzei a ponte até as docas, mantendo o olho aberto para os mendigos dormindo. Sentei-me com os pés balançando sobre a água gelada e desci a sacola pelas alças até que ficasse submersa, a corrente puxando meus dedos. Gentilmente, soltei o embrulho.



Quando finalmente terminei, já estava amanhecendo. Achei que esse era o momento do dia de que eu mais lembraria em Paris, os momentos entre a noite e o dia, quando a cidade volta para seu eixo, entre a vergonha de fim de festa e a agitação ordenada da manhã. O tempo branco, o espaço negativo, o espaço vazio entre o desejo e a falta. Renaud sempre dormia bem durante a madrugada, com um pouquinho de ajuda, é claro. Todos aqueles jantares acolhedores, em nenhum deles faltara meu ingrediente especial. Nada pesado, apenas algo para acalmá-lo, só para ter certeza de que ele ficaria apagado por uma hora, ou um pouco mais, depois que tínhamos feito amor, quando então eu poderia pegar o meu laptop de reserva que mantinha escondido atrás da estante e ir à caça.

Ultrapassar um sinal às vezes pode ser um erro tão grande quanto deixá-lo passar. Eu tinha sido enganada, admito, pelo dom que Cameron Fitzpatrick possuía na arte da bajulação, mas uma palavra havia me mostrado que Renaud não era bem o que ele tinha me dito que era. "Certo". Certamente. O enrolar do "r" preciso demais, a pequena inflexão levantada no fim da palavra. Isso era verdadeiro. Isso e o *ossobuco*.

Além disso, a menção casual ao nome de Da Silva. O carro em que Da Silva chegou no verão passado em Como para começar a sua investigação era um

veículo da Guardia di Finanza. A polícia italiana está dividida em muitas partes, e, estranhamente, as investigações da Máfia não são conduzidas pelos *carabinieri*, os garotos-propaganda sexies em seus uniformes apertados que fazem vibrar os corações das garotas, mas pelos mais prosaicos membros da Guardia di Finanza. Soube que Moncada era a Máfia, em Roma, quando vi o carro da Guardia di Finanza em Como.

Da Silva. Essa coisa de amigos no Facebook nunca *foi* do meu estilo, mas era certamente algo importante para a *signora* Da Silva. Franci, abreviação de Francesca, não conseguia jogar um pacote de espaguete no fogão sem postar o mais recente detalhe de sua vida emocionante. Com mais de oitocentos amigos, percebi que mais uma amizade aleatória não faria diferença para Franci, e uma foto qualquer de um jornal local, com um nome adequado retirado da lista telefônica, me transformou em sua nova amiga. Ansiosamente postei uma foto de meu novo sofá, e de um fofo hipopótamo Kinder com cobertura de açúcar glaceado — "Que travessura!" —, e então recostei-me para percorrer os detalhes da existência de Franci em um subúrbio de Roma. Natal, Páscoa, uma bolsa Prada que seu marido tinha lhe dado pelo seu aniversário, férias em família na Sardenha, uma nova máquina de lavar louça. Franci estava certamente vivendo o sonho. O casal Da Silva tinha dois filhos, Giulia, 4 anos, e o bebê Giovanni, que deve ter sido mais fotografado do que os pirralhos Beckham. E ali, no canto de uma foto, ao lado da orgulhosa mamãe tentando disfarçar o peso adquirido na gravidez em uma túnica vermelha sem ombro e totalmente infeliz, e do papai, todo arrumado em terno e gravata, estava uma pança macia e familiar — e nessa pança, depois que ampliei a foto, e olhei várias vezes com cuidado, estava um monograma. "R.C." Renato, Ronaldo? Não importava. Uma simples pesquisa online encontrou um Chiotasso, *Sarto*, listado na seção de negócios da lista telefônica no mesmo subúrbio onde Franci da Silva filmou o documentário de sua vida. *Sarto* — alfaiate. Ele me disse que seu pai era um alfaiate ainda no exercício da sua atividade, naquela maneira valente dos italianos, e as iniciais combinavam. Então eles cresceram juntos, Renaud e Da Silva, mantendo-se fiéis ao antigo bairro. Eles eram amigos, não conhecidos na profissão. Uma dupla de verdadeiros espertinhos.

Peguei da bolsa de couro o último dos presentes que Dave havia me enviado, e depositei-o no chão. Era o mais recente Catálogo *Raisonné* de Rothko, produzido

para a exposição no Tate Modern, em 2009. Ele provocou um monte de e-mails para galeristas de Nova York, vindos da Gentileschi, que estava procurando um Rothko para um cliente particular, mas eu tinha sido capaz de rastrear as vendas de quase todas as telas que haviam passado por mãos particulares nos últimos três anos, e nenhuma combinava com os detalhes fornecidos por Renaud. No entanto, ele se mostrara muito seguro, dando até o nome do banco, o Goldman Sachs.

Ainda assim, isso não foi suficiente para confirmar minhas suspeitas. O fato de Renaud ter mentido sobre quem ele era não o tornava um policial necessariamente. Mas a facilidade com a qual havia cuidado do assunto de Leanne, as sirenes aparecendo na sequência da morte de Moncada? Eu não acho que ele entendeu totalmente o poder do Google.

Em um programa de um seminário intitulado "Métodos Culturais de Lavagem de Dinheiro", na Universidade de Reggio Calabria, eu encontrei uma palestra agendada de um certo *Ispettore* Chiotasso, R. sobre o uso de obras de arte como "cobertura de capital" para fundos ilegais. Ele e Da Silva eram colegas, afinal. Renaud tinha dado a palestra às três da tarde. Podia imaginá-lo, com a camisa suada sob os braços, em alguma sala de aula empoeirada no sul do país, os delegados "pescando" depois de um almoço pesado. Então, ele de fato corria atrás do dinheiro, afinal das contas. Foi só quando li o resumo da palestra que tive um vislumbre do que Renaud poderia ter planejado para Moncada. Ele queria vingança.

No início dos anos noventa, um magistrado chamado Borsellino foi assassinado na Sicília, pela Máfia. Era um nome fácil de lembrar, porque era, por acaso, o mesmo nome da minha chapelaria favorita em Milão. O assassinato chocou a Itália, e uma de suas repercussões foi que esquadrões da polícia foram chamados à Sicília de diferentes regiões do país, numa tentativa de quebrar o padrão de conluio entre as forças oficiais e o crime organizado. A Direzione Investigativa Antimafia foi composta por equipes combinadas de toda a Itália, entre elas várias divisões da Guardia di Finanza de Roma, incluindo um tal Chiotasso, R. Vinte anos mais tarde, o caso da Sicília, onde a polícia investigava os artefatos gregos falsificados, envolvia os colegas de Renaud. Os culpados nunca foram presos, mas acreditou-se que estariam conectados com a cena artística internacional.

Renaud deve ter sabido que Moncada estava envolvido no atentado que matou vários de seus colegas policiais. Claro, ele e Da Silva *estavam* investigando as fraudes com obras de arte da Máfia mas, conforme depreendi das minhas pesquisas, esses casos ligados ao crime organizado podiam se arrastar por décadas, algumas vitórias aqui, algumas derrotas ali. Romper aquele círculo de lavagem de dinheiro não tinha sido a motivação real de Renaud. Mas a vingança, sim, além de ser um aviso aos empregadores de Moncada, no verdadeiro estilo siciliano. É por isso que eu não tinha ferrado com ele mais cedo; eu gostava daquele cara o suficiente para permitir que ele tivesse seu momento de triunfo. Sua história tinha sido boa demais, afinal. E tive que admitir, eu estava me divertindo muito com esse jogo.

Havia muitas coisas que eu nunca teria como saber. Aquela crença aparente na minha inocência, visível em Da Silva lá em Como, tinha sido uma simulação, também? De qualquer maneira, Renaud havia, obviamente, convencido seu amigo em algum momento a não me prender, porque me manter livre serviria ao seu jogo com Moncada. Ambos tinham provavelmente assumido que me pegariam no final. Eu servi de isca para se fazer justiça como nos velhos tempos.

O quanto Da Silva sabia dos métodos que Renaud usava não era da minha conta, e imaginei que, sendo um homem de família, não iria querer saber mais do que o necessário. Isso poderia ter chateado Franci. Também não parecia ser o tipo de policial que ferraria alegremente com seus suspeitos, afinal, Renaud era o policial independente, trabalhando no caso em seus próprios termos, trazendo, infelizmente, a *femme fatale* à justiça mais tarde. As roupas horríveis tinham sido um toque inteligente, no entanto. Um enorme sacrifício, imaginei, para um italiano. Então, no final da história, Renaud teria entregado sua advertência para os associados de Moncada, Da Silva teria classificado o assassinato do mafioso como em legítima defesa, e eu seria detida no aeroporto com o passaporte de uma garota inglesa assassinada.

Pensei em dormir um pouco, mas não queria perder a hora em que a agência dos correios abrisse, então fui caminhar, dando voltas no perímetro do Luxemburgo para me manter aquecida até as sete, quando encontrei um *café-tabac* que estava aberto e comprei para mim uma *noisette* e um cartão-postal antigo de uma vista parisiense. Peguei emprestada uma caneta do garçom, com a carranca do dia já no lugar, e escrevi o endereço do meu cavalheiro branco em

Finsbury, acrescentando a seguir:

"D.,
Isto não é um presente. Você me deve uma libra. Tenho certeza de que Rupert irá lidar com a venda com prazer.
J. Bj."

Os ganhos de capital, depois de tudo. O dinheiro que eu tinha embolsado de Moncada era não oficial: vendendo o Richter a Dave por uma libra, mantive meu investimento, mais o lucro, e limpei minha transação junto ao imposto de renda. Pelo menos eu tinha aprendido alguma coisa.

Depois disso, já eram oito horas, e o Richter e eu éramos os primeiros da fila na agência do *la poste*.

Capítulo vinte e oito

EU DEI À *CONCIERGE* um cravo em um vaso berrante e um cachecol Rykiel que eu nunca tinha gostado muito. A noite sem dormir e os cigarros intermináveis haviam me deixado com uma dor meio metálica em meus ouvidos e uma contração em minhas mãos, mas, por trás de meus olhos, minha mente estava tão limpa quanto o banheiro do apartamento. As olheiras púrpuras ao redor de meus olhos também foram úteis quando entreguei a ela uma caixa de papelão contendo as poucas roupas de Renaud (menos a carteira de plástico onde ele havia colocado meu passaporte e cartões de crédito) e pedi, como se fosse um grande favor, se ela poderia guardar tudo isso no almoxarifado, para o caso de *monsieur* um dia voltar e buscar suas coisas. Esses amantes irresponsáveis que desapareciam à luz do luar eram personagens-padrão nas telenovelas, e, apesar de sua comiseração volúvel, consegui dar a entender que era doloroso demais ficar falando sobre isso. Lembrei a ela que o pessoal da empresa de mudança chegaria mais tarde naquele mesmo dia, e expliquei que um amigo me daria uma carona até o aeroporto, agradeci-lhe enquanto concordava que "Nenhum homem era confiável", e fui embora, arrastando a enorme bolsa de couro atrás de mim até o final da rua, esperando no ponto de ônibus onde uma vez tinha visto Renaud me vigiando. O ônibus estava lotado de passageiros a caminho do trabalho, e tive que ficar em pé me segurando com a mala enfiada entre os joelhos enquanto balançava por toda a cidade. Quanto tempo fazia que eu não entrava em um ônibus? Quanto tempo levaria até que o agente policial se desse conta de que "Leanne" não tinha dado as caras no aeroporto? Eu tinha um dia ou dois, no máximo, antes que ele fosse interrogar a *concierge*. Pelo menos ela gostaria disso. Eu sentiria falta de minhas coisas, mas sempre seria possível comprar mais. De qualquer maneira, já era hora de mudar meu aspecto.

Depois que o ônibus tinha gingado através do tráfego da cidade até as casas comerciais atrás da Sacré-Cœur, eu era a única ocupante. Desci e caminhei atrás de um grupo de turistas se arrastando até a igreja, e depois me deixei cair nos

degraus entre os mochileiros que estavam por ali logo cedo. Alguém estava tocando bongôs e eu já podia sentir o cheiro de maconha. Vasculhei na minha mala de couro e tirei a carteira de Renaud. Vazia, como pensei, exceto por algumas poucas cédulas, o distintivo "*fake*" da polícia que ele usara na Goutte d'Or e um recibo postal, para uma entrega especial a ser coletada em Amsterdã. Tinha sido um toque convincente, o passaporte falso. E o endereço em Amsterdã seria útil, já que eu estaria precisando de um novo em breve. Depois, lá estava aquele antiquado Nokia de Renaud, do mesmo modelo que eu tinha usado no barco de Balensky. Presumi que ele devia ter algo mais atualizado em algum lugar, mas ele nunca se arriscou a mostrá-lo enquanto esteve perto de mim. Tudo bem. Não esperava encontrar muito coisa no aparelho, que estava completamente limpo, a caixa de entrada e os registros todos vazios, com exceção de uma oferta da France Telecom naquela manhã. A única chamada registrada foi a que ele tinha feito para mim enquanto eu estava no quarto do hotel com Moncada.

O que encontrei foram fotos, começando com a sequência que ele havia me mostrado, de Roma, depois outras fotos do período em que ele estava me espionando em Paris — comprando um jornal, fumando um cigarro no café do Panthéon, correndo no parque. E, então, fotos que nunca o vi tirando, eu dormindo, um close de meu cabelo sobre o travesseiro, eu nua e esparramada sobre a cama desfeita, parecendo uma pintura pornográfica de Hogarth. *Uau.* Mas, então, lá estava o salto do meu sapato quando ele me seguiu ao andar de cima, eu me inclinando na pia para cuspir enquanto escovava os dentes, um meio ângulo, uma foto capturada pela porta do quarto me mostrando mexendo em uma sacola de compras. Centenas de fotos. Olhei tudo aquilo por um longo tempo, e quanto mais eu olhava, menos "voyeuristas" e controladoras as fotos pareciam. Havia algo suavemente íntimo nelas, até mesmo uma ternura na maneira como ele tinha gravado tantos momentos de minha vida.

— Desculpa. *Você tirar* uma foto, por favor?

Um casal espanhol, robusto e marcado pela acne, estava brandindo um telefone. Outra porra de um telefone. Eu sorri e cliquei enquanto eles posavam com os braços envolvendo um ao outro com a fachada de mármore atrás deles. Momentos felizes.

Olhei ao redor à procura de uma lata de lixo, me preparando para me livrar do

celular de Renaud, quando ele vibrou na minha mão. Começava com 06, um número de celular francês. O texto dizia simplesmente "Nenhum sinal ainda". Que legal eles me lembrarem... A única coisa que vinha me incomodando até então era o fato de que, quando Renaud desaparecesse, Da Silva iria me culpar, e não à turma de Moncada. E, agora, Renaud ainda estava vivo, mandando uma mensagem de texto de Montmartre, o lugar onde nós dois nos conhecemos. Faça seu lance, Judith. Mandei uma mensagem de texto em resposta: "A caminho. O nome Gentileschi significa alguma coisa para você?" Eu precisava saber se Renaud havia contado a eles onde eu guardava o meu dinheiro. A lata de lixo fedia a vômito de fast-food pútrido. Um vendedor veio e me ofereceu uma bandeja de pulseiras de amizade de plástico.

O celular vibrou de novo. "*Bien. Non.*"

Então, ele não tinha contado nada. Isso significava que eles não seriam capazes de arranjar um mandado de busca no depósito de Vincennes, o que por sua vez significava que, se a cabeça dele fosse um dia pescada do Sena, isso seria atribuído à antiquada *omertà*. Bem, eu não era burra o suficiente para acreditar que este telefone continha a única evidência de meu encontro com Fitzpatrick e minha ligação com Renaud. Da Silva certamente teria essas fotos por agora, e ainda existia aquele pequeno problema da drogada morta, mas Gentileschi poderia fazer uma nova contratação amanhã. Definitivamente, estava mais do que na hora de uma nova aparência.

Teclei de volta. "*Merci*. Nos vemos." Até mais tarde. Ainda assim, eu não queria me livrar daquele telefone. Nunca tinha tido uma carta de amor antes.

Passei a tarde vagando pelo lado oeste da cidade. Eu poderia ter ido a um museu para passar o tempo, mas não havia nenhum quadro que eu quisesse olhar. Segui então para o Parc Monceau e, apesar do frio, consegui dormir uma hora ou mais com a minha cabeça apoiada no saco de viagem, acordando para o olhar ofendido de uma jovem mãe muito chique cujo bebê estava brincando com os cordões de meus sapatos. Ela provavelmente pensou que eu fosse uma dessas bêbadas de rua ou uma fugitiva, que não era o tipo de coisa que se deseja encontrar neste que é um dos jardins mais elegantes e sem vida de Paris. Comprei um café e um copo de água para ver se me mantinham acordada e dei uma espiada nos jornais para passar o tempo, mais por hábito do que por ansiedade. Era de fato uma coisa notável, quantas pessoas uma pessoa poderia matar sem

que se noticiasse nos jornais.

Por volta das sete da noite, mandei uma mensagem para Yvette. "Você está em casa? Preciso ir até aí." A gente vinha trocando mensagens de tempos em tempos. Expliquei meu súbito desaparecimento da cena, durante as semanas em que fiquei com Renaud, dizendo que estivera com um cara fantástico que conhecera. Quando ela respondeu, esperei em um ponto de táxi, pensando em como a vida da cidade estava se voltando para um tempo em que todo mundo vivia em alojamentos e conduzia a sua existência em espaços públicos. Eu conhecia Yvette há quase um ano e nunca tinha me ocorrido querer saber onde ela morava. Que acabou sendo no 15-º, um dos raros edifícios modernos horrorosos que desfiguram as fachadas de Paris como uma obturação dental malfeita. Ela demorou algum tempo para me deixar entrar, como se tivesse pensado melhor, mas no fim acabei ouvindo seu "*Allô*" pelo interfone e me arrastei para cima por cinco lances de escadas de concreto.

Era óbvio que Yvette tinha acabado de se levantar. Seu cabelo parecia uma velha esponja de aço, a pele estava irregular sem a base, os braços e pernas amarelados apareciam sob a camisola acanhada e amarrotada que ela vestia por cima da calcinha. Pensei que ela devia maquiar os braços e pernas, também. O pequeno apartamento era abafado, a vareta de incenso de patchouli acesa mal disfarçava o cheiro pesado de fumaça e lixo. As roupas dela estavam amontoadas por todos os cantos, criando pirâmides de couro e rendas que quase obscureciam o futon que era sua única mobília. Yvette parecia me olhar desafiadora, como eu faria se tivesse que exibir uma casa tão miserável.

— Bem, essa sou eu. Quer um pouco de chá?

— Obrigada, seria ótimo.

Ela possuía um fogareiro elétrico, uma chaleira e um micro-ondas, todos em um armário. Enquanto ela pegava duas xícaras e dois saquinhos de hortelã-pimenta, perguntei pelo banheiro.

— Lá.

Outro armário, um boxe minúsculo com chuveiro, vaso e pia manchada com pasta de dente seca na torneira. A toalha jogada no chão fedia a mofo, mas abri a água quente e esfreguei-me, escovei os dentes, hidratei o rosto rapidamente e passei um pouco de maquiagem. A Glock estava escapando da confusão do meu saco de viagem. Eu tinha pensado em matar Yvette apenas para pegar a sua

carteira de identidade, mas eu nunca conseguiria imitar aquela cor de pele.

— Então — disse eu com vivacidade, saindo do banheiro. — Quer sair? É minha convidada.

— Claro que sim — respondeu ela, desconfiada. — Mas ainda é cedo.

— Nós podemos tomar uma bebida, e então eu pensei naquele lugar do Julien, que tal?

— Tudo bem.

Bebemos nosso chá e dei algumas colheradas no pote de Nutella que encontrei na pequena geladeira de Yvette. Enquanto Yvette começou o longo processo de montagem para sairmos, fiquei deitada no futon zapeando pelos noticiários da TV. Agora ela estava concentrada, havia algo de devoção, como um tipo de balé, em seus movimentos, uma avaliação profissional em seu vestido *vintage* esmeralda, as caretas que acompanhavam o delineador e a base, e, finalmente, ela prendeu as tiras de sua sandália no tornozelo. Quando Yvette ficou pronta, era impossível acreditar, olhando para ela, que essa mulher tivesse saído desse monte de estrume que era o apartamento onde morava. Minha própria *toilette* levou dois minutos, um simples Alexander Wang de malha, preto, curto, e sapatos de salto pretos, sem nenhuma confusão.

— Será que a gente deve pedir um pouco de coca?

— Eu estou bem por ora, quem sabe mais tarde. Você está pronta?

Yvette assentiu com a cabeça, brincando com seu telefone, sentindo que algo estava errado, mas o pensamento de uma noite grátis de bebedeiras era bom demais para ela.

— Você pode deixar isso aqui. Quero dizer, você pode ficar se quiser.

— Não, eu poderia precisar de minhas coisas.

— Vai se encontrar com seu bonitão?

— Talvez mais tarde.

Pendurei meu saco de viagem no meu ombro, meio desequilibrada por causa dos saltos altos.

— Então, vamos.

Livre daquela casa acanhada, Yvette era mais ela mesma, falando de uma enorme festa que alguém estava organizando em um armazém pelos lados de Saint-Martin, um happening de arte e moda que provavelmente iria chamar muita atenção. Yvette estava "decorando" a festa, embora, pelo que pude notar

do estilo do apartamento, a carreira dela nesse campo começava e acabava com os furtos que ela fazia das amostras nas assessorias de imprensa que a convidavam para visitar. Ainda era cedo, apenas nove horas, tomamos um aperitivo em um lugar da vizinhança antes de irmos para a rua Thérèse. Além da Nutella, eu não tinha comido quase nada, então peguei um punhado nojento de amendoins do bar. Eu não poderia ficar com as mãos trêmulas.

Chegamos à casa de Julien por volta das dez da noite, no mesmo momento em que as portas estavam se abrindo. Esperei evitar que Julien fizesse qualquer pergunta entrando junto com Yvette, mas quem estava na recepção era o bartender. Ele nos acenou para avançarmos e caminhamos pela boate deserta. Ele correu atrás de nós para nos oferecer um conhaque.

— Que droga isso — disse Yvette, batendo a perna no banquinho.

— Isso vai nos esquentar. Veja.

Dois caras estavam vindo, altos, bonitos, com aspecto de que faziam academia.

— Confira a juventude hitlerista que vem vindo.

Os dois vieram diretamente até nós e nos ofereceram uma bebida. A música começou a tocar e, depois de meia hora de bate-papo, a sala começou a encher-se. Yvette estava ficando um pouco bêbada com o conhaque, foi até os cubículos no banheiro e voltou pouco depois em uma tanga de renda preta e um corpete, exibindo-se em volta de seu ariano, que não precisou de mais nenhum convite para arrastá-la para o quarto escuro.

— E você, vem?

— Daqui a pouco.

Yvette e o outro pularam fora enquanto eu observava as meninas atentamente. Não havia muitas delas, e eu precisava de alguém com mais ou menos a minha cor de cabelo, pelo menos. O último trem para Amsterdã saía da Gare du Nord aos doze minutos depois da meia-noite, e já eram 11:20 quando eles entraram. Uma mulher bastante jovem com um homem muito mais velho, ele segurando sua mão possessivamente, ela mais composta, experiente. Ela roçou os lábios levemente nos dele e foi para os cubículos enquanto ele se aproximava do bar. Em poucos minutos, a garota estava de volta, em um corpete rosa de rendas, os bicos dos seios esmagados e escuros contra o tecido. Perfeita. Acenei a cabeça para meu louro, que já estava checando os bombons, desci de meu

banquinho e segui pelo mesmo caminho por onde ela viera, ainda segurando meu saco de viagem abaulado. Somente um dos cubículos estava trancado. Eu não tinha ideia de como arrombar uma tranca; por isso, rastejei por debaixo da porta de ripas e fui direto para a bolsa da garota, uma Prada preta. Com a ponta dos dedos, vasculhei o conteúdo, analisando o que era usual numa carteira, alguns cartões de crédito e recibos, até pegar a identidade em minhas mãos. Era difícil enxergar direito sob aquela fraca iluminação, mas Marie-Hélène Baudry foi escolhida como a minha sortuda sósia naquela noite. Ela era casada, e duvidei que fosse com aquele bom e velho camarada com quem chegou. Menina travessa... Considerei deixar com ela o passaporte de Leanne, mas tinha a minha fotografia, então arrumei a carteira de volta, juntei toda a bagunça e coloquei a identidade no bolso de meu saco de viagem. Eram 11:32. Apertado, mas ainda possível.

Dei uma olhada rápida no quarto escuro antes de sair. Yvette estava debaixo de seu rapaz louro, os saltos espetando as costas dele. Ela seria cobrada mais tarde pela conta, mas ela nunca se oferecera para me pagar de volta aqueles quinhentos — não que eu aceitasse, de maneira alguma, mas, porra, e as boas maneiras? Eu estava no saguão, eram 11:35, a cortina estava entreaberta, minha mão na porta, quando Julien emergiu das sombras.

— *Mademoiselle* Lauren?

— Sinto muito, Julien, eu realmente tenho que ir embora.

Ele alcançou-me com dois passos e gentilmente fechou a porta.

— Ainda não. Preciso falar com você.

— Tudo bem, tudo bem, mas que seja rápido.

— *Bien sûr, mademoiselle.*

Ele parou atrás do balcão da recepção e mostrou-me o caminho para o escritório. Nenhuma pretensão daquele luxo sórdido lá de fora, apenas uma mesa com um computador, uma cadeira de escritório barata, uma pilha de recibos sob o brilho de uma luminária de LED. Coloquei meu saco de viagem sobre a mesa.

— *Mademoiselle* Lauren, recebi outra visita. A polícia, desta vez. Fazendo perguntas. De novo.

— Quando?

— Hoje, ontem. Eu não consigo me lembrar.

Eu realmente não tinha tempo para essa merda de brincadeira elegante de

gato e rato.

— Quanto você quer?

Ele olhou para o saco em cima da mesa.

— Você está planejando fazer uma viagem?

— Não é da sua conta. Só me diga quanto.

— Cinco mil.

— Pelo quê? O que você acha que eu tenho feito?

— Por que não me conta?

— Eu não tenho tudo isso comigo.

— Então, o que tiver. E você não é mais bem-vinda aqui.

A minha vontade era de dizer que não tinha a intenção de fazê-lo. Que só estava mexendo dentro de minhas coisas procurando o dinheiro e que a arma pulou na minha mão sem querer, simples assim. O problema era que eu realmente não tinha mais tempo. Eu poderia ter oferecido a Julien uma frase bacana, do tipo que aquele não era de fato o dia de sorte dele, que não deveria ter me deixado com raiva, porque de fato não gostaria de mim quando eu estava com raiva, mas... Era aquela coisa, este realmente não era o momento de agir com estilo. Debrucei-me sobre a mesa, atirei duas vezes no peito de Julien, tirei os sapatos e corri para a rua Thérèse.

Uma vez estive bebendo com Renaud no bar da Crillon quando um casal teve uma briga na pequena mesa de mármore ao lado da nossa. Eles eram jovens, ainda mais jovens do que eu, ele com barba por fazer e desalinhado o suficiente para ser um ator famoso, ela corretamente bonita de uma forma que parecia Uma-Thurman-antes-do-Botox-que-estragou-seu-rosto, o cabelo de um louro cinzento penteado em um rosto desenhado por Picasso. O casaco dela era de um requintado cashmere creme, um pouco pesado demais para o clima. A garota tinha pedido dois martínis; o rapaz apareceu mais tarde com um buquê de flores desenxabido, daqueles que se encontram nessas lojinhas de esquina. Os dois conversaram calmamente por algum tempo, e, quando as bebidas acabaram, ela começou a chorar lindamente, lágrimas Swarovski pingando de olhos assustadoramente azul-turquesa. Então ela se levantou e, do jeito que a garota fez isso, me deu a certeza de que estava bem ciente de que os olhos de todos os homens no salão estavam pregados nela. Depois de arrumar o colar em seu longo pescoço, inclinou-se para frente.

— Sinto muito, não posso mais fazer isso. Eu já tive o suficiente.

Então ela pegou as flores caídas e estapeou o rosto do rapaz com o buquê antes de deixá-lo cair no chão e caminhou rapidamente para o hall de entrada. O jovem levantou-se lentamente, arrancou uma única pétala de cravo presa na boca e olhou em volta, a imagem da perplexidade ferida. Como se fossem apenas um, os garçons se alinharam do jeito que faz uma torcida de futebol, dando gritos de encorajamento: "Ela foi por ali! Vá em frente, *monsieur*, por aquele lado!" E ele correu atrás dela. Nós vimos os dois mais tarde, na margem do rio, beijando-se e dando risadinhas. O casaco dela estava aberto e, sob ele, a garota usava uma saia jeans barata e um paletó de pijama masculino. Foi uma bela maneira de cavar uma bebida de graça. Talvez fossem estudantes de cinema, ou atores. O ponto é que os cidadãos de Paris têm aquilo que, no marketing, se chama "consciência da marca" — eles sabem que a sua cidade supostamente ama uma briga entre amantes, portanto uma jovem descalça com o rosto desesperado correndo pelas ruas à meia-noite raramente atrairia atenção. Eram dois quilômetros e meio da rua Thérèse à Gare du Nord, e eu fiz isso em dezesseis minutos, um tempo muito bom para quem carregava uma mochila pesadona.

Deslizei ofegante entre o bando habitual de bêbados e ciganos na entrada da estação e comprei um bilhete de ida para Amsterdã na máquina de passagens. Claro, a máquina não aceitou a nota de cinquenta euros, mas eu não poderia usar um cartão de crédito. Alisei a nota contra a minha coxa, de olho no relógio. Não uma passagem de trem, não isso agora. Eu não poderia ser pega por causa disso. Como Al Capone com os impostos. Escutei um barulho estranho de borbulhas; levei algum tempo para perceber que era eu mesma, rindo loucamente. Duas, três vezes, a máquina cuspiu a nota rudemente de volta. Endireitei o corpo, respirei profundamente, dobrei os cantos da nota cuidadosamente, alimentei a máquina novamente. Durante uns vinte segundos, eu poderia ter acreditado em Deus. *Aller simple, un adulte*. Obrigada, Deus. Eu ainda tive tempo para perfurar o bilhete na máquina, no final da plataforma, antes de minhas solas sujas dos pés subirem no trem logo atrás de meu saco de viagem.

Epílogo

DENTRO

FOI A PRIMEIRA GRANDE NOITE da Bienal, quase um ano depois que saí de Paris. O céu acima da San Giorgio Maggiore era de um improvável rosa e azul; todo mundo dizia que parecia um teto de Tiepolo, como se costuma dizer em Veneza. Uma fila de Rivas se acumulava pelo cais da ilha, esperando para transportar através da lagoa um bando de negociantes de arte e prostitutas grasnando. Em direção a Zattere, eu podia ver o *Mandarin* enfiado entre dois leviatãs de carbono escovado. Seus volumes enormes se elevavam sobre a igreja Massari branca, uma instalação surrealista em si mesma. Steve teria que conseguir um barco maior, se quisesse se equiparar aos outros. Eu iria me encontrar com ele mais tarde para o jantar. Mas não o deixaria me levar ao Harry's; iríamos tomar uns drinques no perfeito terraço flutuante do Gritti, e, em seguida, ao La Madonna em San Polo para um risoto de ouriço-do-mar, quer ele gostasse ou não. Eu tinha três esculturas de Lorenzo Quinn em mente para o jardim de sua nova casa em Londres, interpretações ampliadas de bebês embrionários, enrolados em granito como misteriosas criaturas do mar. Na verdade, bastante bonitos, pelo menos desta vez. Mas antes havia a festa de Johnson Chang na Bauer, para os galeristas de Hong Kong, e achei que teria tempo de olhar as coisas na Fundação Prada também. Estendi minha mão para o motorista do táxi aquático me ajudar e pisei cuidadosamente dentro do barco, seguida por uma legião de estilistas e fotógrafos que cobriam os eventos para a *Vanity Fair*. Conversei vagamente com o comprador de Mario Testino durante a curta travessia, mas o que eu queria de verdade era aproveitar a vista inebriante.

A festa de Chang era estritamente para convidados; eu trazia meu requintado rolo de pergaminho chinês em minha carteira Saint Laurent. Um par de tetas e outro de turistas estavam pendurados em torno de nós, de bocas abertas. Contornei esse aglomerado e caminhei até as recepcionistas. Enquanto uma delas verificava meu nome na lista de presença, olhei além dela, para o pátio em

mármore do hotel, abrindo-se para a bela e delicada construção bizantina em pedra do terraço. Fileiras de garçons com bandejas de inevitáveis Bellinis estavam em pé entre peças incongruentes de arte de rua de Xangai.

— Você vai entrar?

— Lorenzo! *Ciao, bello.* Eu me perguntava onde eu poderia encontrá-lo.

Lorenzo representava o "Other Place" em Milão. Ele era vêneto, com os cabelos amarelo-acastanhados e os olhos claros dos nascidos nas lagoas. Uma de suas bisavós tinha passado gonorreia para Byron, pelo menos foi isso que ele me contou enquanto transávamos em Kiev.

— Você conhece Rupert, é claro?

Rupert. Mais redondo e mais vermelho do que nunca, o eterno inglês no exterior, em um terno de linho amassado e um despachado panamá. Olhei-o diretamente no rosto.

— Não — disse Rupert —, não acredito que nos conhecemos.

— Elisabeth Teerlinc.

Lorenzo já havia sido levado para dentro. Nós dois ficamos no centro de uma repentina brecha em meio à multidão.

Rupert me ofereceu sua mão, suada, naturalmente. Examinei seus olhos, procurando algum lampejo de reconhecimento, mas não havia nada. Como poderia haver? Esta mulher, em seu vestido de camurça cobalto, seus sapatos de salto impecáveis, ela existia em uma dimensão diferente de Judith Rashleigh. Nunca se notam os servos, não é mesmo? Eu não tinha sequer me preocupado em mudar meu cabelo, no final das contas.

Minha mão ainda estava repousando na dele. Deixei que ficasse lá.

— E você está com... ?

— Eu tenho a minha própria galeria. A Gentileschi. Tenho um espaço em Dorsoduro.

— Ah. Gentileschi. Claro.

Retirei minha mão e procurei na minha bolsa por um cartão de visitas.

— Você deveria vir para nossa abertura amanhã. Estou mostrando um grupo de artistas dos Balcãs. Muito divertido.

— Eu adoraria.

Ele estava olhando de soslaio para mim. Rupert. Como se tivesse alguma esperança.

— Você vai entrar? Lorenzo está lhe esperando?

A pele dele corou em um vermelho ainda mais profundo sob o rosado do clarete.

— Não... ahn... SPC...

"Sem a porra do convite." Oh, Rupert.

— É uma pena.

— Tem muita gente.

— Verdade, todo mundo esmagado. Bem, vejo você amanhã, Rupert.

Ofereci-lhe a minha bochecha, e então virei de costas enquanto a recepcionista erguia para mim o cordão de veludo. Senti seus olhos em mim enquanto eu caminhava entre as pessoas e saía para o crepúsculo em Veneza. A água lápis-lazúli brilhava aos meus pés. Peguei uma taça e fiquei em pé sozinha junto ao parapeito, olhando as ondas do mar enquanto elas animavam o meu coração.

Continua

Título Original
MAESTRA

Copyright © L. S. Hilton, 2016

FÁBRICA 231
O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
ANA ISSA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição digital: Abril, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H55m
Hilton, L. S.
Maestra [recurso eletrônico] / L. S. Hilton; tradução Júlio de Andrade Filho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Fábrica 231, 2016.
recurso digital

Tradução de: Maestra
ISBN 978-85-68432-66-2 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Andrade Filho, Júlio de. II. Título.

16-32410 CDD: 823
CDU: 821.111-3

A Autora

Criar HTML ao final do livro reservado a biografia do autor. A mesma será inserida pela equipe interna da Rocco.